



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

RAPHAEL CUTIS DIAS

**HUMANIZAÇÃO NAS HISTÓRIAS DE VIDA, NA FORMAÇÃO E NA
PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAIEIRAS-SP**

Campinas

2023

RAPHAEL CUTIS DIAS

**HUMANIZAÇÃO NAS HISTÓRIAS DE VIDA, NA FORMAÇÃO E NA
PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAIEIRAS-SP**

*Dissertação apresentada à Faculdade de Educação
da Universidade Estadual de Campinas como parte
dos requisitos exigidos para a obtenção do título de
Mestre em Educação, na Área de Educação.*

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Ayoub.

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO RAPHAEL
CUTIS DIAS E ORIENTADO PELA PROFA. DRA. ELIANA
AYOUB.

Campinas

2023

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

D543h Dias, Raphael Cutis, 1988-
Humanização nas histórias de vida, na formação e na prática docente de professores(as) de educação física da rede municipal de ensino de Caieiras-SP / Raphael Cutis Dias. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Eliana Ayoub.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. História de vida. 2. Educação física. 3. Formação de professores. I. Ayoub, Eliana, 1966-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Humanization in life stories, professional qualification and teaching practice of physical education teachers from the municipal education network of Caieiras-SP

Palavras-chave em inglês:

Life stories

Physical education

Teacher qualification

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Eliana Ayoub [Orientador]

Inês Ferreira de Souza Bragança

Robinson Luiz Franco da Rocha

Data de defesa: 05-06-2023

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-6259-055>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/8782608267090401>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

DISSERTAÇÃO

**HUMANIZAÇÃO NAS HISTÓRIAS DE VIDA, NA FORMAÇÃO E NA PRÁTICA
DOCENTE DE PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE
MUNICIPAL DE ENSINO DE CAIEIRAS-SP**

AUTOR: RAPHAEL CUTIS DIAS

COMISSÃO JULGADORA:

Professora Dra. Eliana Ayoub

Professora. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança

Professor Dr. Robinson Luiz Franco da Rocha

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

2023

Dedico esta produção aos meus filhos: Maria, Henrique, Elisa e Pedro e minha esposa Natalia, porque me ajudam a enxergar o mundo de maneira mais humana! Sem a abdicação da minha esposa e a paciência das minhas filhas e dos meus filhos, eu jamais conseguiria.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua providência, misericórdia e amor que nunca falham!

Ao meu pai Adilson Neves, por ter feito minha inscrição naquele vestibular e por me impulsionar a estudar para chegar em qualquer lugar.

À minha mãe Elizer Cutis, por lutar para garantir a minha educação básica, por estimular meus estudos e interceder nos momentos de dificuldade.

À minha esposa Natalia Cutis, minhas filhas Maria e Elisa e meus filhos Henrique e Pedro, pela paciência nos meus momentos de distância e nervosismo com os estudos! Vosso amor e compreensão foram combustível indispensável para minhas conquistas até aqui.

Ao meu irmão Emanuel Cutis, agradeço todas as palavras de estímulo e encorajamento ao longo dessa caminhada! Sou muito feliz por ser seu irmão.

À minha orientadora Eliana Ayoub (Nana), por seu sorriso sincero, seu olhar de acolhimento, suas palavras verdadeiras que me fizeram acreditar na possibilidade de fazer ciência de maneira humana.

À banca examinadora Inês e Robinson por aceitarem compartilhar comigo suas percepções e me ajudarem a ser um educador melhor e mais humano.

Aos professores Ricardo, Tiago, Wilkerson e Zanatan e à professora Juliana por me ensinarem, com suas histórias de vida, a perceber como minhas ações podem ser mais humanizadas e humanizadoras.

Aos(às) professores(as) que atuaram na minha formação e aos(às) estudantes com quem pude colaborar com minhas experiências, obrigado por fazerem parte da minha história!

Aos(às) amigos(as) que motivam e desmotivam, por me ajudarem a descobrir minhas potencialidades e acreditar em um mundo mais humano.

À educação, por ser ponto de partida e chegada...

RESUMO

Esta pesquisa parte de inquietações que surgiram a partir das minhas experiências vivenciadas durante a graduação em Educação Física (EF), especialmente relacionadas à percepção da atuação docente na universidade. O objetivo consiste em compreender o processo de humanização nas histórias de vida, na formação escolar e profissional, e na prática docente de professores(as) de EF da rede municipal de ensino de Caieiras-SP. Penso que a ação humanizada e dialógica nas histórias de vida e na formação escolar e profissional desses(as) professores(as) de EF, aparece de diferentes formas, com maior ou menor visibilidade, sendo necessária atenção especial aos indícios que constituem esses processos. Espero contribuir para que professores(as) de EF, ao atentarem para suas histórias de vida e formação escolar e profissional, reconheçam indícios e sinais de humanização, reflitam a respeito da sua prática docente e de que maneira promovem (ou não) essa dimensão humanizadora nas suas aulas de EF escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com inspiração na pesquisa narrativa (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014; CLANDININ; CONNELLY, 2011) realizada de maneira dialógica e colaborativa, com quatro (4) professores e uma (1) professora que têm suas histórias de vida e experiências como centro da pesquisa. Eles e ela produziram suas narrativas escritas e orais, por meio de cartas, conversas individuais e roda de conversa para refletirmos sobre humanização. Os dados/achados da pesquisa são fruto desses encontros e das reflexões da minha própria história de vida. O texto está dividido em 14 cartas que dialogam com as produções ao longo da pesquisa e são direcionadas para pessoas, grupos de pesquisa e lacunas superadas que foram essenciais para que esta pesquisa fizesse sentido. Acredito que estas cartas ajudam na compreensão do modo que o(a) professor(a) de EF percebe os indícios de humanização na sua prática docente e como colabora com ações humanizadas e humanizadoras; impulsionam novas reflexões sobre histórias de vida e formação; e nos motivam a encontrar novas possibilidades de atuação a partir das reflexões de outros(as) autores(as) sobre os temas desta investigação.

Palavras-chave: Humanização, Histórias de vida, Educação Física, Formação de professores(as).

ABSTRACT

This research arises from the concern from the lived experiences during the graduation in Physical Education (PE), specially related to perception of the teaching performance at university. The aim is to understand the process of humanization in life stories, in school education and professional qualification, and in the teaching practice of PE teachers from the municipal education network of Caieiras-SP. I think that the humanized and dialogic action in the life stories and in the school education and professional qualification of these PE teachers appears in different ways, with greater or lesser visibility, requiring special attention to the signs that constitute these processes. I hope to contribute so that PE teachers, when paying attention to their life stories and their school education and professional qualification, recognize evidence and signs of humanization, and reflect on their teaching practice and how they promote (or not) this humanizing dimension in the school PE classes. This is a qualitative research inspired by narrative research (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014; CLANDININ; CONNELLY, 2011) carried out in a dialogic and collaborative way, with five (5) teachers who have their own life stories and experiences as the research center. They produced their written and oral narratives by writing letters, individual conversations and talk group to reflect on humanization. The research data/findings are the result of these meetings and reflections on my own life story. The text is divided into fourteen letters that dialogue with the productions throughout the research and are directed to people, research groups and overcome gaps that were essential for this research to make sense. I believe that these letters help to understand the way that the PE teacher realizes the evidence of humanization on their teaching practice and how he collaborates with humanized and humanizing actions; they drive new reflections on the life and qualification stories; and stimulate us to find new acting possibilities based on other authors reflections on the themes of this investigation.

Key words: Humanization, Life stories, Physical Education, Teacher qualification.

SUMÁRIO

Tema gerador: ponto de partida para esperar.....	10
Como planejei e executei o estudo: metodologia da pesquisa	16
Contexto: para compreender as experiências narradas	21
CARTA 1 – Aos(às) meus(minhas) filhos(filhas) - sobre a Educação Física na minha história de vida.....	26
CARTA 2 – À minha orientadora Eliana Ayoub, a Nana - sobre o caminho percorrido e a orientação que humaniza.....	41
CARTA 3 – À Elaine Prodócimo - sobre (re)aproximação, aprendizados e humanização	55
CARTA 4 – À Inês Bragança, Guilherme do Val Toledo Prado, Maria Helena Abrahão, Mairce Araújo, Conceição Leal, Maria Teresa Pereira e Maria Luísa Branco - sobre as memórias narradas e experiências ao longo da vida e com a pesquisa	66
CARTA 5 – Ao Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação (Laborarte) - sobre indícios e aprendizados	78
CARTA 6 – À Josianne Cerasoli - sobre ser um “sobrevivente do futuro”	92
CARTA 7 – À professora Juliana - por me ensinar que só quem ama educa	103
CARTA 8 – Ao professor Ricardo - por me ensinar que humanizar pode ser simples como amarrar o cadarço da criança	115
CARTA 9 – Ao professor Tiago - por me ensinar que para ser bom e humanizar nossas ações, é preciso fazer coisas boas para qualquer pessoa.	133
CARTA 10 – Ao professor Wilkerson - por me ensinar a valorizar as potencialidades da criança e não seus problemas.....	143
CARTA 11 – Ao professor Zanatan - por me ensinar que é possível humanizar quando individualizo, mesmo no caos	154
CARTA 12 – Aos(às) que dedicam sua vida à educação - roda de conversa sobre ações transformadoras e humanizadoras.....	170
CARTA 13 – Ao racismo - sobre a possibilidade de superá-lo.	181
CARTA 14 – Aos(às) investigadores(as) de indícios de humanização em diálogo com a sua prática docente - gestos concretos identificados durante a pesquisa.....	196
Considerações inacabadas.....	211
Referências.....	215
Apêndice 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	219
Apêndice 2 – Questionário enviado aos(às) professores(as).....	224
Apêndice 3 – Questionário da roda de conversa.....	225
Anexo – Parecer consubstanciado do CEP.....	226

TEMA GERADOR: PONTO DE PARTIDA PARA O ESPERANÇAR

“A esperança faz parte da natureza humana”.
(FREIRE, 1996, p. 43).

As experiências vivenciadas durante as duas graduações em Educação Física (EF) que cursei, em dois momentos distintos da minha história de vida, em estados federativos diferentes, ambientes universitários desiguais, em que projetos pedagógicos díspares possibilitaram perceber a minha atuação profissional e de colegas professores(as) de EF, sempre causaram inquietações e reflexões. É dessa inquietação que surge esta pesquisa.

A primeira graduação aconteceu num cenário em que os(as) docentes eram percebidos(as) como “detentores(as) de todo o conhecimento”, cada qual dentro das suas especializações e disciplinas curriculares, cujo meu único desafio, como estudante, era captar o máximo de conhecimento transmitido, somar com aquilo que encontrava nos livros da biblioteca, obter notas suficientes nas avaliações e o esperado diploma.

A relação verticalizada com os(as) docentes distanciava. A maioria deles(as) resumia nosso convívio ao aprendizado daquele determinado conteúdo. Foram poucas as oportunidades de pensar diferente, de dialogar sobre as possíveis discordâncias. Um dos poucos momentos foi no estágio supervisionado. A professora junto com a preceptora (vindas de “fora da bolha da universidade”) conseguiram, mesmo cercadas pelas diretrizes institucionais, impulsionar-nos a fazer daquela prática de estágio algo de relevância para as histórias de vida envolvidas.

A segunda graduação aconteceu cinco anos mais tarde. A EF parecia diferente, acadêmica, da pesquisa, da práxis. Isso servia como incentivo para querer ir além e compreender esses novos e possíveis caminhos dentro da profissão. A instituição privada escolhida via o ensino sob o prisma mercadológico. A presença do(a) estudante no campus parecia significar apenas cifrões a mais. Para os(as) professores(as), eu era apenas mais um dentro da sala cheia de estudantes, para os(as) quais tinham a obrigação de transmitir o conteúdo mínimo, avaliar e designar notas para a aprovação na disciplina. Para a instituição, o mais importante era que a mensalidade estivesse em dia, minha presença não fazia diferença.

Mesmo em meio a essa realidade em que os(as) docentes precisavam seguir a proposta institucional, com ações desumanizadoras e automatizadas, aumentou em mim o desejo de contribuir para que a formação de professores(as) de EF fosse, no seu tempo, mais próxima da realidade dos(as) estudantes, com o devido respeito ao ser humano em movimento, sua história de vida, experiências e sonhos.

Precisamos aprender a nos emocionar de maneira diferente, a solucionar os problemas de maneira compartilhada, revisitar a humanidade colaborativa e solidária. Viver experiências qualificadas! Re(construir) nossa natureza humana. E essa experiência de pesquisa no mestrado, sem dúvida, me ajudou no processo pessoal de ressignificar a vida e humanizar minhas ações.

As reflexões feitas aqui, partem da história de vida, experiências vivenciadas na formação e na prática docente, de quatro professores e uma professora de EF, da rede municipal de ensino de Caieiras-SP: Juliana, Ricardo, Tiago, Wilkerson e Zanatan, que disseram sim para os diálogos e fizeram questão de ter os seus nomes divulgados. Portanto, são eles o centro desta pesquisa, foi a partir das nossas conversas e aprendizados, que produzi este texto.

A primeira vez que pensei e estruturei esta investigação, queria conversar com estudantes de EF que estavam na fase de estágio supervisionado, para entender como estavam as relações dentro do ambiente universitário, se existem gestos horizontalizados, humanizados e se isso interfere nas ações desses(as) estudantes. Porém, a possibilidade de contemplar as histórias de vida, investigar os indícios e sinais de humanização ao longo das experiências e formação, e compreender de que maneira essa dimensão humanizadora é promovida na prática docente de quem já atua na educação, demonstrou ter maior relevância social e trouxe sentido para a pesquisa.

Que evidências e experiências indiciam que a humanização nas histórias de vida, formação e prática docente desses sujeitos expressa melhor entendimento e trato com o(a) estudante? Refletir sobre a própria história e prática contribui para pensar em novas ações?

A esperança é que a ação humanizada e dialógica nas histórias de vida e na formação escolar e profissional (inicial e continuada) do(a) professor(a) de EF, aparece de diferentes formas, com maior ou menor visibilidade, sendo necessária atenção especial aos indícios que constituem esses processos. E, ainda, que essa ação contribui para que as trocas com o(a) estudante, durante as aulas de EF, sejam mais atentas e reflexivas, no sentido de contribuir para a tomada de consciência da humanização, nas relações que nos constituem como seres humanos. A minha esperança com a pesquisa é que ações humanizadoras, que partem de professores(as), contribuam para uma sociedade mais humanizada.

O olhar para os indícios de humanização parte do diálogo com as reflexões de Paulo Freire (1994, p. 19) sobre o tema, quando ele afirma: “Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão”. E é nessa inconclusão que

encontramos “as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana” (FREIRE, 1994, p. 48).

Mesmo em tempos de desânimo, faz-se necessário acreditar e ter esperança de dias “mais humanos”, afinal,

A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabado, primeiro o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar do movimento constante de busca e, segundo se buscasse sem esperança. (FREIRE, 1996, p. 43)

Sempre que toca nesse assunto, Freire o faz como e com resistência a toda forma de desumanização imposta ao ser humano. Essa ação aparece como convite para “superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado” (FREIRE, 1967, p. 42).

Perceber o(a) outro(a) tem sido um exercício cada vez mais delicado, estamos envolvidos(as) por sistemas que reduzem as relações humanas, nos diferentes campos, especialmente no profissional, a relações técnicas e pouco humanas. Desejo provocar a mudança desse cenário, refletir sobre a ação de seres humanos em movimento e construção, de maneira dialógica e não automática ou fria, como seres inacabados que somos.

Freire (1994, p. 60) enfatiza que, “para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das ‘situações-limites’ em que os homens se acham quase coisificados”. Acredito que para superar a ação de coisificar, que de maneira fria homens e mulheres passam, um caminho viável seja olhar para suas histórias de vida, com respeito aos sentidos e significados que cada experiência teve (e tem) na constituição desse sujeito.

Ivor Goodson (2019, p. 148) salienta a relevância de se conhecer as histórias de vida dos(as) professores(as), para ele “os professores são pessoas e profissionais cujas vidas e cujo trabalho são mudados por condições dentro e fora da escola. Diz que suas experiências, nos mais diversos campos da sua história, ajudaram a dar forma às vidas e carreiras”. Considero importante compreender como a vida e a carreira desses professores(as) acontece em um contexto geral.

Maurice Tardif (2014) reforça que o saber dos(as) professores(as) está relacionado com a pessoa e a identidade, com a experiência de vida e com a sua história profissional, com os(as) estudantes em sala de aula e a comunidade escolar: “O que ele(a) sabe depende do que ele(a) não sabe[...] não existe conhecimento sem reconhecimento social[...]porque ensinar é agir com outros seres humanos”(TARDIF, 2014, p.13), é saber que ensino a outros seres humanos que me reconhecem como professor(a) . E ainda, “um saber

ancorado numa tarefa complexa (ensinar), situado num espaço de trabalho (a sala de aula, a escola), enraizado numa instituição e numa sociedade” (TARDIF, 2014, p.15).

Humanização e histórias de vida caminham juntas nesse processo de descobertas e aprendizados. Para me ajudar a tecer os caminhos metodológicos o mais próximo possível da realidade vivenciada, do entendimento e da compreensão dos sinais presentes nas histórias de vida dos(a) professores(a), escolhi a pesquisa narrativa por acreditar ser a metodologia mais apropriada para essa atenção humanizada.

Guilherme Prado, Rosaura Soligo e Vanessa Simas (2014, p. 2) encontraram “na literatura disponível, autores que utilizam a narrativa como fonte de dados, como método de análise e/ou registro do trabalho de pesquisa”. Goodson e Inês Rosa (2020, p. 93-94) asseguram que “no modo de vida contemporâneo, podemos constatar o estabelecimento da narrativa de vidas individualizadas, configurando o que tem sido chamado de a ‘era da narrativa’”.

Percebo que o momento social e a necessidade de escuta, associados às inquietações apresentadas, apontam para as narrativas de histórias de vida como possibilidade de refletir com professores(as) os indícios e sinais de humanização ao longo de sua história de vida, o que contempla importantes experiências e saberes vivenciados, os quais reverberam na sua ação docente. Acredito no potencial das narrativas tal qual Goodson (2019, p. 108) aponta:

Narrativas são vividas e experimentadas assim como são contadas: elas podem ser descobertas, criadas, contadas e recontadas. Narrativas são concretas e de final aberto: requerem flexibilidade, fidelidade e imaginação. São experienciais e, ao contá-las, fornecem uma maneira de descrever e conectar mundos de vida alternativos, de construir sistemas de símbolos e valores, regras e regulações, permissões e estruturas de poder.

Por acreditar que o centro da pesquisa são as histórias de vida narradas pelos sujeitos da pesquisa, optei por me embasar na “narrativa em três dimensões” (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014) como perspectiva metodológica viável para analisar os processos de humanização vivenciados pelos(a) professores(a) de EF.

Por ser professor de EF, escolhi conversar com pessoas que atuam nesse campo de encontro com o outro, com suas histórias de vida e experiências. Na EF, narramos pela fala, pela escrita e, principalmente, pela gestualidade. Como seres únicos, cujas histórias de vida, ao serem narradas, entrecruzam-se com as histórias de vida do(a) outro(a), podemos viabilizar, pela EF, caminhos recíprocos de humanização.

Valter Bracht (2019, p. 237) traz a seguinte indagação: “Mas, afinal o que é Educação Física?” e afirma que, em relação a essa pergunta,

Não é possível defini-la ou respondê-la de uma vez por todas, porque só é definível o que não tem história (se quisermos, ela é indecível, no sentido de uma vez para sempre). Por outro lado, ela precisa ser entendida como resultado da nossa necessidade, individual e coletiva, de nos situar no mundo.

O que o autor está dizendo é que a EF é possibilidade de incertezas, que foi “inventada numa determinada conjuntura histórica” (BRACHT, 2019, p. 240) e segue em constante mudança, transformação, descoberta, assim como o ser humano.

A EF traz na prática corporal, sentidos e significados sociais de maneira expressiva ao longo de sua história, não são todos que percebem sua relevância para a sociedade e tem conhecimento sobre a área. O(a) próprio(a) professor(a) de EF, não consegue compartilhar e defender a importância da EF na escola em momentos de indagação.

Bracht (2019, p. 218) ainda vai dizer que “depende do próprio entendimento da função que se atribui à escola no processo de formação humana” para que a EF escolar dialogue com o campo da educação e tenha sua atuação reconhecida. A formação continuada do(a) professor(a) de EF, tirar o foco do que está institucionalizado e, primordialmente, o respeito à história de vida das pessoas e aos saberes constituídos ao longo das suas experiências são pontos de atenção.

Sobre a formação de professores(as) de EF, Bracht (2019, p. 245-246) diz:

O modelo que orientou a formação nos anos 60-70 e na década de 80 já foi caracterizado na literatura como Tradicional-esportivo (preferimos a denominação Técnico-esportivo). A formação era marcadamente técnica, ou seja, orientada menos no debate sobre os fins e mais focada no “como fazer” tínhamos poucas disciplinas de fundamentação e muito peso nas disciplinas de instrumentação... O que propiciava uma certa segurança no como fazer.

É inevitável, na prática docente atual, que heranças dos diferentes modelos surjam nas aulas de EF escolar. Quando atentos, percebemos que todos(as) vivenciamos momentos de humanização, os sinais e indícios presentes nas narrativas e no cotidiano reforçam isso.

A EF percebeu a necessidade de transformar a formação, em busca de formar professores(as) críticos, que rompam com características apenas técnicas durante suas aulas e assumam um perfil reflexivo (BRACHT, 2019, p. 248).

Acredito que a “EF é educação” (BERTINI JR.; TASSONI¹, 2013, p.470) e articular os conhecimentos humanos, sociais e técnicos para que tenhamos professores(as) qualificados, agentes de transformação social e cada vez mais humanizados pode fazer diferença. Pensar numa EF e em professores(as) de EF “que se sentem tocados(as) com o nome das pessoas, suas identidades sociais, suas histórias, suas presenças no mundo”

¹ Nestor Bertini Junior, Elvira Cristina Martins Tassoni.

(VAGO, 2022, p. 6). Professores(as) são sujeitos de diversas experiências socioculturais, “com seus pertencimentos raciais, étnicos, de gênero e sexualidade, etários, dentre outros” (VAGO, 2022, p.9). A EF não pode ficar indiferente a isso, são eles(as) (professores[as] e estudantes) que importam (VAGO², 2022).

Somos as nossas experiências, o que vivemos, os encontros que tivemos (e temos) ao longo de nossas histórias de vida. Quando chegamos nas instituições de ensino superior, já trazemos nossas experiências e é com elas que produzimos os novos conhecimentos e experiências técnicas e científicas.

Se esse conjunto de interlocuções tiver perfil de competição, discriminação, intolerância, impaciência, soberba, aumenta a probabilidade de ações similares na nossa prática docente. O exercício da humanização passa pelo reconhecimento da nossa liberdade, de como manifestamos nossos valores, percebemos nosso inacabamento e assumimos nosso papel social, como professores(as) de EF (conscientes de que somos educadores[as]).

É necessário, então, pensar nas relações humanas e ofertar possibilidades de que, a partir da convivência, aprendizado pessoal e do olhar para sua história de vida, o(a) professor(a) tenha sensibilidade para perceber as potencialidades e fragilidades daqueles(as) que estão na condição de estudantes em sua ação docente.

Sem a reflexão pessoal, diminuem as chances da formação humanizadora. Essa formação consiste em propiciar a outros seres humanos instrumentos que permitam estruturar a sua experiência, de modo a expandir seus conhecimentos em todos os campos que estiverem inseridos, transitar entre passado, presente e futuro na sua própria história de vida. Compreender e reconhecer nossas experiências nos faz mais humanos!

Espero com essa investigação colaborar com a reflexão acerca de ações humanizadas: atentas à pessoa, não excludentes, respeitosas, de escuta, diversas... E, humanizadoras: ao possibilitar que professores(as), crianças, jovens e adultos(as) reflitam sobre as próprias ações, a maneira como agem e se relacionam com as outras pessoas, dentro e fora da comunidade escolar.

Permeia essa pesquisa o paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989) que, segundo Leandro e Passos (2021, p. 5), propõe que “as pistas permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível”, tendo como exemplo de utilização dessas pistas o personagem Sherlock Holmes, o historiador da arte Morelli e Freud no desenvolvimento da psicanálise. Leandro e Passos (2021, p.10) afirmam ainda que, de acordo com Ginzburg (2004):

² Tarcísio Mauro Vago.

Estar diante de narrativas e analisá-las relaciona-se com a farsa. É passar do conhecido até aquele momento para o desconhecido que se apresenta nas histórias contadas pelos sujeitos, é duvidar das narrativas, é questionar o que está dito ou escrito, em busca da compreensão. Nesse processo, é necessário surgir a consciência aguda da ignorância do pesquisador e a consciência dos limites do seu próprio conhecimento histórico.

Mergulhar nas nossas próprias histórias de vida, sentir nossas experiências, reconhecer os entrecruzamentos que ocorrem e como esses momentos contribuem no nosso processo de formação e desenvolvimento profissional, passar por momentos de dores e alegrias faz parte da realidade humana, da tomada de consciência, do nosso inacabamento.

Tendo em conta o que foi explicitado anteriormente, o meu objetivo geral com esta pesquisa consiste em compreender o processo de humanização nas histórias de vida, na formação escolar e profissional, e na prática docente de professores(as) de Educação Física da rede municipal de ensino de Caieiras-SP. Quanto aos objetivos específicos, tenho esperança de: incentivar os(as) professores(as) de EF de Caieiras-SP a produzir narrativas sobre suas histórias de vida e de formação escolar e profissional, a fim de refletirmos juntos, de maneira dialógica e com o olhar sensível, a respeito dos indícios de humanização na sua prática docente; compreender se o tratamento recebido pelo(a) professor(a) de EF, durante sua formação escolar e profissional, traz para a sua prática docente ações que contribuam com a tomada de consciência da humanização nas relações; dialogar com os(as) professores(as) sobre os indícios e sinais de humanização na sua formação escolar e profissional, para pensarmos conjuntamente em ações que fortaleçam a dimensão humanizadora das relações na prática docente; analisar como as relações fora do cenário escolar contribuem (ou não) para o processo de humanização do(a) professor(a), no sentido de entender se as vivências com a família e amigos influenciam na formação e prática docente; e refletir... refletir sobre o que outros(as) autores(as) escrevem e pensam sobre humanização, histórias de vida, narrativas, EF, educação, formação de professores(as) e outros sinais presentes na prática docente de professores(as) de EF.

Como planejei e executei o estudo: metodologia da pesquisa

A inspiração para que esta pesquisa fosse narrativa veio dos estudos de Prado, Soligo e Simas (2014) e Ayoub (2021). Foi realizada com professores(as) de EF de maneira dialógica e colaborativa.

Compartilho uma pesquisa que classifico como: “humanista; aberta e flexível; culturalmente contextualizada; pautada na análise contínua e progressiva das informações disponíveis para a produção de dados/achados; holística; constituída a partir da experiência

do/s sujeito/s tal como é vivida e sentida por ele/s [...]”, tal como enunciam Prado, Soligo e Simas (2014, p. 2).

Durante uma reunião do grupo de orientandos(as) da professora Eliana Ayoub (Nana), minha orientadora, a colega Kelynn Midori Alves (Midori) relatou sobre sua rotina na função de Secretária de Educação na cidade de Caieiras-SP. Dentre as falas, ela tocou no assunto sobre o Departamento de Educação Física (DEF) que a secretaria tem e dos planos para os(as) professores(as) de EF do município. Ouvir a Midori despertou grande desejo de mudar os(as) sujeitos da minha pesquisa: de estagiários(as) de EF para professores(as) de EF da rede municipal de ensino de Caieiras-SP.

Após troca de mensagens com a Midori, ligações e reunião com as diretoras pedagógicas e o especialista do DEF e orientação da Nana, o projeto de pesquisa foi reformulado para que, a meu ver, fizesse mais sentido social e ampliasse a esperança de compreender o processo de humanização nas histórias de vida, formação e prática docente de professores(as) de EF. Oficializada a autorização da Secretária de Educação de Caieiras-SP e a aprovação do projeto junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp³, demos início à pesquisa de campo, que ocorreu entre fevereiro e junho de 2022.

Importante ressaltar, conforme mencionado no parágrafo anterior, que foi feita uma aproximação com o campo de pesquisa antes de darmos início à realização do estudo, o que foi valioso para o processo investigativo. Fui convidado pelo orientador especialista em EF da secretaria, professor Tiago Modesto, a participar de uma formação continuada durante o segundo semestre de 2021, a qual possibilitou estabelecer diálogos com os(as) professores(as) de EF do município.

Ao final dessa formação, com o apoio do professor Tiago, eu apresentei a proposta da pesquisa e convidei os(as) interessados(as) para preencherem o formulário online (na ferramenta “*google forms*”), manifestando seu interesse na investigação como sujeitos participantes. No formulário (apêndice 2) além de informações pessoais como nome, telefone e e-mail para contato, havia um campo para esclarecimento de dúvidas.

A intenção era constituir o grupo com até dez voluntários(as), preferencialmente em número equânime em relação a gênero (cinco mulheres e cinco homens), e que aceitassem participar da investigação por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

³ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp, por meio do parecer número 5.146.737, CAAE: 53205421.9.0000.8142.

Foram dezessete (17) professores(as) que preencheram o formulário. Desses(as), oito (8) responderam que não poderiam participar por “falta de tempo” e um(a) (1) porque ainda tinha dúvida sobre a pesquisa, mas não se identificou para que tivesse sua dúvida esclarecida. Ainda, oito (8) pessoas disseram sim para a pesquisa (três mulheres e cinco homens) e se colocaram disponíveis para as conversas iniciais. Entretanto, durante os primeiros contatos, uma (1) professora pediu exoneração da rede e um professor e uma professora desistiram no início do processo por perceber que não teriam tempo de atender a demanda da pesquisa. Com isso, cheguei às cinco (5) histórias de vida que compõem essa pesquisa: a da professora Juliana, a do professor Ricardo, a do professor Tiago, a do professor Wilkerson e a do professor Zanatan.

Os dados/achados da pesquisa foram produzidos por meio de encontros com os(as) professores(as) participantes, os quais envolveram narrativas escritas e orais, como a escrita e leitura de cartas que narram suas histórias e experiências, conversas individuais, roda de conversa e registros em diário de campo.

No primeiro encontro com cada participante, eu me apresentei, o(a) participante se apresentou e apresentei a pesquisa. Após o diálogo inicial, falei sobre o TCLE, esclareci as dúvidas e assinamos o documento. Parti então para a seguinte questão disparadora: “Olhando para a sua história de vida e para as experiências ao longo da sua formação escolar e profissional, bem como para a sua prática docente, quais experiências, momentos e encontros contribuíram para que você se tornasse o(a) educador(a) que é hoje?” Essa indagação foi em forma de convite para que o(a) professor(a) participante redigisse uma carta, de forma que julgasse pertinente, sobre sua história de vida, olhando para suas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais, destacando os pontos mais relevantes. Tal carta poderia ser dirigida a um(a) interlocutor(a) de livre escolha e foi inspirada na proposta da Eliana Ayoub (2021). Por fim, combinamos um prazo de quinze (15) dias para que o(a) professor(a) pudesse me enviar a carta, o que foi postergado de acordo com as solicitações do(a) participante.

Após o recebimento de cada carta, leitura atenta e sensível, estruturei um roteiro com questionamentos disparadores com a narrativa escrita. Em seguida, agendei o segundo encontro, conforme disponibilidade e em momento oportuno. A partir do segundo encontro, seguimos com as narrativas orais por meio de conversas individuais, no local escolhido pelo(a) professor(a), à luz da problematização da temática desse projeto, da narrativa escrita na carta e de outras inquietações que surgiram a cada novo encontro. A maioria das conversas aconteceram no campo de atuação dos professores e da professora, com encontros realizados na sede da Secretaria de Educação e em uma praça em frente à secretaria.

Considero importante enfatizar que todos os passos citados atenderam à expectativa inicial da pesquisa, que as conversas foram respeitadas, reflexivas e feitas “com” o(a) professor(a) participante. Duraram o tempo disponibilizado por cada professor(a) (média de 45 minutos), sem comprometer a rotina profissional, tendo sua história de vida e experiências narradas como centro dos diálogos. Fiz questão de não interferir durante as falas, minhas intervenções foram em forma de questionamento e para relatar parte da minha experiência que poderia contribuir com as reflexões do(a) professor(a). Fazer a pesquisa “com” o(a) professor(a) ressalta que juntos(as) buscamos novos sentidos e significados para a nossa prática docente, a partir do que somos como humanos–professores(as), ultrapassando a visão acadêmica da pesquisa.

As conversas permitiram maior proximidade interpessoal, partilha das nossas histórias de vida e de assuntos relacionados ao cotidiano, à formação escolar e profissional, à prática docente nas aulas de EF. Nossas interações e reflexões acerca da temática da humanização foram conversas abertas, dialógicas e presenciais. Diante das incertezas com o contexto social em meio à pandemia do COVID-19, essas conversas poderiam acontecer em ambiente virtual, caso fosse opção do(a) professor(a) ou recomendação das autoridades de saúde.

Os diálogos individuais e a roda de conversa foram gravadas em aplicativo de voz, no celular e computador, transcritas para as análises e disponibilizadas para os(as) participantes para revisão e possíveis alterações. Foram feitos registros pontuais no meu diário de campo, eles ajudaram a entender o contexto e cenário que estava inserido.

Os excertos das cartas, das transcrições das conversas individuais e da roda de conversa citados ao longo do texto passaram por processo de textualização, no qual foram corrigidos erros ortográficos ou gramaticais e retirados os vícios da linguagem falada.

Após as conversas individuais, em momento eleito pelos sujeitos da pesquisa, na Secretaria de Educação de Caieiras-SP, fizemos a roda de conversa. Essa roda caracterizou-se como um espaço para partilha das experiências vividas, das histórias de vida, formação escolar e profissional, prática docente, experiências durante a investigação e diálogos sobre “o processo de humanização nas histórias de vida, na formação escolar e profissional, e prática docente de professores(as) de EF”, tema central da pesquisa. Infelizmente, por conta de compromissos profissionais, dois professores não conseguiram participar desse momento de encerramento. Enviaram suas contribuições para as discussões na roda de conversa a partir da resposta de questões que preparei para o momento e que estavam relacionadas com as inquietações que surgiram durante o estudo (apêndice 3).

Refletir sobre o que cada professor(a) escreveu, me ajudou a compreender a importância da pesquisa para aproximar individualidades e maneiras de pensar a EF da rede, o que foi fundamental para que a roda de conversa fosse um verdadeiro encontro humanizador, repleto de experiências de vida e profissionais que transformaram a sala da secretaria de educação, num caloroso espaço de acolhimento e altruísmo. A sensação foi de que aquele momento serviu especialmente para que os(a) professores(a) percebessem a importância da ação do outro na educação de Caieiras-SP.

Faz parte da pesquisa o diálogo com autores e autoras que escrevem sobre os temas que aqui discuto. A revisão bibliográfica auxilia na compreensão sobre o que acontece em outros e diferentes cenários, bem como as possibilidades de ação para a construção de uma EF mais humanizada em que se manifestem possíveis “inéditos viáveis” (FREIRE, 1994).

A análise dos dados/achados foi feita com base no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). Ao mergulhar nas narrativas entretecidas com os sujeitos da pesquisa, tenho a intenção de encontrar indícios, sinais e vestígios que possibilitem aprofundar o tema central da investigação.

O encerramento da fase de campo aconteceu após a devolutiva das transcrições das conversas individuais e das observações levantadas. Paralelo a isso, elaborei este texto.

Minha esperança com a pesquisa é encontrar indícios que possibilitassem compreender o processo de humanização nas histórias de vida, na formação escolar e profissional, e na prática docente de professores(as) de EF. De que maneira promovem (ou não) essa dimensão humanizadora nas suas aulas de EF escolar? Acredito que os primeiros sinais de humanização (ou desumanização) podem surgir em diferentes contextos das histórias de vida do(a) professor(a), inclusive na sala de aula junto com os(as) estudantes.

Incentivar a produção de narrativas escritas, no formato de cartas, para apresentar as reflexões sobre as histórias de vida e formação de cada professor(a); compreender se o(a) professor(a) de EF, na sua prática docente, contribui com a tomada de consciência da sua humanização e dos(as) estudantes; encontrar novas possibilidades de atuação, a partir das reflexões de outros(as) autores(as) sobre os temas que abordo nesta investigação; divulgar os resultados em eventos e artigos científicos; eram e é, igualmente, pontos de expectativa com a pesquisa.

Acredito na existência de diferentes sinais de humanização para os acontecimentos das nossas vidas. Como pessoas e professores(as) sempre teremos oportunidades de encontrar sentido para o que fazemos e para ajudar mais pessoas no entendimento do papel do outro no nosso desenvolvimento pessoal, social e profissional.

Contexto: para compreender as experiências narradas

Antes de chegar no município de Caieiras-SP para desenvolver minha pesquisa, eu queria conversar com futuros(as) professores(as) de EF que estivessem no estágio supervisionado. Meu desejo era saber se passam por experiências similares às que eu vivi quando fiz o estágio e se suas atitudes eram de maior atenção com os(as) estudantes e suas necessidades. A esperança era que os(as) estudantes de EF estivessem recebendo tratamento diferente do que recebi no ensino superior e que isso estivesse contribuindo para que suas ações, já no estágio, fossem humanizadas e humanizadoras.

Porém, neste estudo, decidi aproximar de uma rede de ensino e entender como isso tem acontecido já na prática docente, para compreender se as histórias de vida e as experiências dos(as) professores(as) interferem na sua prática com os(as) estudantes. Participar desse aprendizado trouxe sentido para minha pesquisa e compartilho os sinais de compreensão, mudança, problematização, reflexão e humanização ao longo do texto.

O despertar para a mudança do foco da minha pesquisa de mestrado surgiu no dia 07 de julho de 2021, durante a fala da Midori (Secretária de Educação de Caieiras-SP durante a pesquisa), conforme mencionei anteriormente. O sim da Midori foi tão sincero que me causou insegurança quanto à minha capacidade de colaborar de maneira concreta. Comecei a me questionar: o que eu posso fazer para ajudar Caieiras-SP? Que tipo de legado sou capaz de deixar? Mesmo com medo, decidi pensar nas estratégias, nas respostas para minhas perguntas, na solução para o meu medo.

No dia 26 de julho de 2021, me reuni de maneira remota com duas diretoras pedagógicas da secretaria, que apontaram a minha presença como um “respiro” para a rede e que poderia contribuir para direcionar a prática dos(as) professores(as) de EF de maneira contínua, reflexiva e concreta. No dia seguinte, me reuni com a Nana, o coração estava ansioso, a opinião dela é sempre importante e saber se meus pensamentos faziam sentido era significativo naquele momento. Nossa conversa serviu para me aproximar dela, que apoiou o projeto e me pediu para esquematizar como estava imaginando contribuir. A sensibilidade da Nana para o que temos para partilhar é fascinante! Humanizador! Ela tem a capacidade de nos acolher na sua orientação, de tornar grande aquilo que nem prestamos atenção. Ao compartilhar com ela meus pensamentos, consegui desenhar os passos que faziam/fazem sentido para a pesquisa, de maneira leve, especial, com clareza do problema que me incomodava/incomoda e desejava/desejo compreender.

No dia 02 de agosto de 2021, passei uma manhã inteira na secretaria de educação, pude ter um panorama da rede, alinhar expectativas, compreender o que vinha

acontecendo e os possíveis desafios. Percebi que ser pesquisador de um curso da Unicamp tem um peso e fiz questão de desconstruir a imagem que estava se formando, coloquei-me na posição de estudante, na condição de quem está aprendendo e desejoso para colaborar com as necessidades dos(as) colegas da EF. Pensava na importância de que todas as pessoas da rede entendessem a importância da comunicação assertiva para que as ações sejam humanizadas e tragam resultados efetivos para a educação.

Aproximei-me do professor Tiago (orientador especialista da EF), que trouxe o panorama do que vinha acontecendo nas formações com os(as) professores(as) de EF e decidimos que eu apoiaria sua atuação e planejamento das ações.

O departamento especializado de EF de Caieiras-SP visa à pesquisa e autonomia dos(as) professores(as) nos seus planejamentos e prática docente. O(a) orientador(a) tem a função de pensar a formação continuada desses(as) professores(as) e colaborar com sua prática. Juntos(as), pensam na quebra de paradigmas em relação as aulas de EF no ambiente escolar, nas estratégias para que a EF cumpra seu papel formador, para que o(a) professor(a) de EF seja respeitado(a) como membro importante do corpo docente da unidade escolar.

Durante as formações, era comum ouvir os lamentos dos(as) professores(as) de EF em relação ao tratamento recebido dos pares e coordenação no ambiente escolar, das exigências descabidas, da falta de material adequado para suas aulas, sobre a constante improvisação nas aulas por falta de estrutura, sinais de desumanização da sua prática. Assim como era comum a manifestação de que é o estudante que motiva a ação docente.

A “marginalização” da EF dentro do ambiente escolar é histórica, esses relatos são retratos de lutas ao longo do tempo. Tem momentos que não passam do ato comum do ser humano de reclamar, todavia, nos pede maior sensibilidade para que a escuta se transforme em ações claras, que impeçam desgastes desnecessários. Em uma experiência com estagiários(as), Nana já relatava sobre “o espaço oferecido para a EF ser o momento de parque das crianças” (AYOUB, 2005, p. 148) e, mesmo assim, para algumas turmas selecionadas, porque não encontraram possibilidades de construção coletiva que envolvessem os(as) professores(as) da escola.

Nas formações continuadas, os(as) professores(as) de EF, discutiam diferentes temáticas relacionadas à EF e às especificidades da rede. Tiveram momentos de análises e reflexões individuais, outros de discussões coletivas moderadas pelo professor especialista, isso no primeiro semestre de 2021. Fiquei na condição de observador desses momentos e auxiliiei o professor Tiago no planejamento das atividades. Percebi que para a EF ser reconhecida na escola, ela precisa fazer sentido para o(a) professor(a) e especialmente para

o(a) estudante, estando tudo bem nessa relação fica mais fácil para a gestão, pares, comunidade escolar compreender o papel da EF na formação dos(as) estudantes.

Articular o conjunto de estratégias que incentivem o(a) professor(a) em suas conquistas, com atividades educativas horizontais, de partilha, respeitosas, inspiradoras, de reconhecimento do trabalho realizado pode favorecer a humanização. Qualquer mudança pode causar desconforto e nos levar a novos lugares. Acredito que superando o desconforto, o(a) professor(a) aumenta a qualidade do seu trabalho sem o peso das responsabilidades que o praticar por praticar pode trazer. Um caminho percorrido em conjunto, compartilhado, reconhecido pode trazer bons resultados!

O caminho de observação foi importante para me aproximar da realidade da rede de ensino de Caieiras-SP e para que os(as) professores(as) de EF me conhecessem durante os encontros da formação continuada. Foi a partir dessa observação que convidei os(as) interessados(as) na pesquisa e cheguei nos sujeitos cuja história de vida, formação e prática docente são narradas.

O texto que segue narra os aprendizados ao longo de todo o processo do mestrado. Inspirado por minha orientadora (AYOUB, 2021) e por considerar uma descoberta essencial para o meu processo de humanização escrevi quatorze (14) cartas. Cada uma delas narra parte deste percurso de aprendizados, por meio de diálogos com diferentes interlocutores(as) e reflexões sobre o que outros(as) autores(as) pensam sobre assuntos específicos e relacionados com a pesquisa. Ao acessar essas cartas, mesmo não sendo uma das pessoas para quem destinei, você terá a oportunidade de se aprofundar nas minhas descobertas sobre humanização, história de vida, EF, educação, saberes docentes, narrativas, história, paradigma indiciário e racismo.

A carta 1 é destinada aos meus filhos: Maria, Henrique, Elisa e Pedro. Escrevo parte da minha história de vida diretamente relacionada com a EF. Convido para os diálogos sobre a EF, a Nana e os autores Tarcísio Mauro Vago e Valter Bracht. A carta 2 é dedicada à minha orientadora. Nela, reflito sobre a importância do “olhar humanizado” (olhar físico, aquele que acolhe e reconhece nossas potencialidades), que mesmo com o cenário de pandemia, fez total diferença para que a pesquisa acontecesse com o devido respeito aos saberes docentes e à história de vida. A carta 3 é destinada à professora Elaine Prodócimo. A disciplina feita com ela me (re)aproximou de Paulo Freire e me ajudou a compreender a visão dele sobre a humanização. A carta 4 dedico às professoras e professor que me ensinaram a me envolver com a narrativa durante a pesquisa. São elas(ele): Inês Bragança, Guilherme do Val Toledo Prado, Maria Helena Abrahão, Mairce Araújo, Conceição Leal, Maria Teresa Pereira e Maria Luísa Branco. A carta 5 dedico ao meu grupo de pesquisa, o Laboratório de Estudo sobre

Arte, Corpo e Educação (Laborarte). Nela, reconheço a importância desse ambiente para minha formação e discuto sobre o “paradigma indiciário” proposto por Carlo Ginzburg, responsável por me ajudar a perceber os indícios e sinais de humanização ao longo da pesquisa. A carta 6 escrevo para a professora Josianne Cerasoli, com quem dialoguei sobre passado, presente e sobre ser “sobrevivente do futuro”. As cartas 7, 8, 9, 10 e 11 são destinadas, respectivamente, à professora Juliana e aos professores Ricardo, Tiago, Wilkerson e Zanatan. Ponto central da pesquisa, traz destaques das nossas conversas e os sinais de humanização, inspiradas nas cartas que me escreveram e em suas falas que foram transcritas, as quais aparecerão em *itálico* nas cartas. A carta 12 escrevo aos(às) que dedicam sua vida à educação e apresento os sinais de humanização a partir da roda de conversa que fizemos. A carta 13 é destinada para o racismo, uma lacuna na minha história de vida. A esperança é que seja uma carta para todos(as) que sentem medo de viver numa sociedade racista, que foram desencorajados a chegar numa pós-graduação pública e se sentiram incapazes de ir além. Junto com Nilma Lino Gomes, quero dizer que SIM, é possível! Pessoas lutaram para que chegássemos ao nível em que estamos e devemos continuar agindo pelo que acreditamos. Concluo esta dissertação com a carta 14, destinada aos(às) investigadores(as) de indícios de humanização em diálogo com a sua prática docente. Nela, destaco sinais de humanização presentes em cada carta e que me ajudaram no meu processo de transformação. Por fim, minhas considerações são “inacabadas”, pois aprendi que somos “seres inconclusos” (FREIRE, 2011). Espero que os encontros e as reflexões compartilhados neste texto nos ajudem a reconhecer nossos processos de humanização, por uma EF humanizada e humanizadora.

Você perceberá que o foco da pesquisa são as histórias de vida e experiências contadas pelos(a) professores(a) de EF. São eles que dão sentido às minhas preocupações e me convidam a explorar minha história de vida, hábitos e percepções.

Passei por um movimento duplo de tomar posse da significativa conquista de ingressar numa pós-graduação pública e de me despir desse papel do pesquisador de mestrado, para me aproximar como um professor-estudante de maneira igual. Encontrei em Tardif (2014, p. 258) a explicitação do que incomoda e impulsiona:

Se os pesquisadores universitários querem estudar os saberes profissionais da área do ensino, devem sair de seus laboratórios, sair de seus gabinetes na universidade, largar seus computadores, largar seus livros e os livros escritos por seus colegas que definem a natureza do ensino, os grandes valores educativos ou as leis da aprendizagem, e ir diretamente aos lugares onde os profissionais do ensino trabalham, para ver como eles pensam e falam, como trabalham na sala de aula, como transformam programas escolares para torná-los efetivos, como interagem com os pais dos alunos, com seus colegas, etc.

Sensibiliza-me o fato de que “os pesquisadores se interessam mais pelo que os professores deveriam ser, fazer e saber do que pelo que eles são, fazem e sabem realmente” (TARDIF, 2014, p.259). Eu não sou esse pesquisador, o que de fato aprendi durante a pesquisa, o que me emocionou e gerou transformações foi o vivenciado com os(a) professores(a) durante nossas narrativas de história de vida escritas e orais. Foi a partir do testemunho deles(a) que encontrei os indícios de humanização, que compreendi como ela acontece.

Reforço que cada carta que constitui este texto parte das nossas conversas e roda de conversa, inspiradas nas cartas que escreveram com suas histórias de vida sobre humanização, e que tudo que foi dito por eles(a) estará em *itálico* e com mesmo tamanho de fonte da minha escrita, afinal suas narrativas escritas e orais contribuem diretamente com minha produção. Os(as) autores(as) que “convido” para cada carta, foram importantes para meus aprendizados ao longo do mestrado e iluminaram minha produção sobre a humanização.

Parto do que nos diz Paulo Freire (2011, p. 113): “Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira”. E ainda: “Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?” (FREIRE, 2011, p. 112) Você, leitor(a), perceberá que esta investigação só fez sentido porque nela apresento as minhas contradições humanas a partir do que foi compartilhado por pessoas, professores(a) sobre o real, o vívido, o sentido. “Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais” (FREIRE, 2011, p. 112).

Boa leitura!

CARTA 1

AOS(ÀS) MEUS(MINHAS) FILHOS(AS) - SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA NA MINHA HISTÓRIA DE VIDA



Esta é uma carta destinada às minhas filhas Maria (de amarelo) e Elisa (de azul), aos meus filhos Henrique (de branco) e Pedro (que nascerá em junho de 2023). Seus olhares e sorrisos trazem sentido para minha vida. Eu não sou capaz de mensurar a grandeza, a honra e o privilégio que é ser pai delas(es). A carta surgiu da escrita de um memorial proposta por minha orientadora, a Nana, e me inspirou a contar um pouco das minhas experiências com a EF aos meus filhos. Nela, faço reflexões em diálogo com os escritos de dois autores: Tarcísio Mauro Vago e Valter Bracht, e com falas dos(a) professores(a) sujeitos da pesquisa.

São Paulo, entre junho de 2021 e abril de 2023.

Filhas e filhos que tanto amo,

A maior alegria do papai é ser família com vocês e a mamãe! É maravilhoso compartilhar minha vida todos os dias convosco! Vocês tornaram a minha vida mais colorida, obrigado! Nesta nova oportunidade, vou partilhar parte das minhas vivências nas aulas de EF, episódios e memórias de quando o papai era criança, adolescente e ia para a escola, e depois, já adulto, como estudante universitário e professor de EF. Além disso, vou escrever o que outros(as) professores pensam sobre a EF e como foram suas vivências.

Esta carta faz sentido para os estudos do papai, porque a EF é um dos pontos que me une aos(à) professores(a) com quem conversei, nossas experiências trazem evidências importantes sobre o papel da EF nas nossas histórias de vida e para nossa prática diante dos(as) estudantes que participam das nossas aulas. Cada um(a) de nós com sua história, no tempo determinado, com as experiências que vivenciamos, com os conhecimentos adquiridos, nos mais diversos contextos, fizemos e conduzimos aulas de EF e essas mobilizaram corpos humanos para a gestualidade e para a reflexão. Hoje, como professores(as) de EF temos “responsabilidades de natureza ética, política e pedagógica” para “contribuir com a formação humana” de centenas de estudantes (VAGO, 2021, p. 12-13).

Papai começou “os estudos” na “creche” Manoel Coutinho Siqueira, no mesmo bairro em que cresci e fui criado pela vovó Elizer e o vovô Adilson. É o mesmo lugar onde eles

ainda vivem, junto com o tio/padrinho Emanuel. A propósito, o papai estudou da creche até o ensino médio em Porto de Santana, na cidade de Cariacica, no estado do Espírito Santo. Minha professora era a Beth, Elizabeth. Foi ela a responsável por me apresentar as letras e os números, sempre com brincadeira e diversão, acompanhadas de lanchinho gostoso.

Não havia espaço na creche, me lembro da sala de aula com uma mesa enorme, do corredor longo e largo e do pequeno parquinho com gira-gira, escorregador, trepa-trepa e um banquinho de concreto. Era nesses ambientes que me movimentava, sempre em forma de brincadeira e como deve ser com crianças pequenas. A “tia Beth” direcionava atividades como as cantigas e danças que fazíamos na sala.

Foi com essas atividades que dei os primeiros passos na EF escolar, sem um(a) professor(a) especialista, com pouco espaço e bastante energia.

Tempos depois, o papai começou estudar na “escola de gente grande”, eu precisava levar muitos cadernos, tinha de estar com o uniforme sempre limpinho, precisava chegar no horário, ficar em fila para cantar o hino nacional e “só correr na hora certa” ... A coordenadora era brava! Essa escola era maior que a creche, tinha cinco salas de aula com um pátio no centro, lugar de merendar e brincar na hora do recreio, tinha um quintal bem grande, de terra batida, com árvores e que usávamos quando não chovia ou o mato não estava alto.

Estudei quatro anos nessa escola (da 1ª à 4ª série, como era organizado na época) e me lembro do nome de três professoras: Rute, Regina e Mônica, nenhuma delas era professora de EF, mas todas elas, dentro da realidade de cada turma, nos colocavam em movimento nas “recreações livres”: momentos do dia em que só uma turma podia usar os pátios para brincar, jogar, dançar ou apenas conversar. Poucas vezes a professora direcionava as atividades, era sempre a turma que criava e decidia do que brincar. Eram momentos legais, de alegria e diversão! Poucas vezes praticamos esporte, teve (acredito) apenas um momento que tivemos uma feira esportiva e o papai fez uma apresentação de karatê junto com outros colegas da escola.

Como a escola General Tibúrcio era apenas para os quatro primeiros anos de estudo, logo precisei mudar para a escola “João Pedro da Silva” com expectativa de estudar da 5ª à 8ª série. Me lembro que antes mesmo de mudar para essa escola, eu estava ansioso e preocupado, porque teria oito professores de disciplinas diferentes, estudar seria mais difícil!

Essa escola era ainda maior, tinha um pátio “gigantesco” e uma quadra improvisada, era nela que as aulas de EF aconteciam. Isso! Nessa escola o papai teve aula de EF com a professora Flora. Senhora preta, que usava óculos, alegre e que ficava brava com a falta de material. Lembro que tinha pouco material para as aulas e, talvez por isso,

sempre tínhamos futebol, queimada e brincadeiras. No recreio, podíamos brincar à vontade e as salas ficavam trancadas. Quando chovia, ficávamos na sala de aula jogando cartas e jogos de tabuleiro. Não me lembro de ter feito atividades para além disso, mesmo porque foi um ano conturbado, os(as) professores(as) precisaram fazer greves para garantir seus direitos.

Com isso, a vovó Elizer resolveu ficar na fila para conseguir uma vaga para mim na escola pública mais concorrida do bairro, a escola estadual “João Crisóstomo Belesa” ou “Colégio da Vale”. Era uma escola famosa pela qualidade de ensino herdada de quando era apenas para os(as) filhos(as) dos(as) trabalhadores(as) da empresa “Vale”. Para conseguir vaga para estudar até terminar o 3º ano do ensino médio, os pais ou responsáveis, passavam dias e noites numa fila, porque a vaga disponível era para quem chegava primeiro na escola... E a vovó conseguiu! Papai foi matriculado no sexto ano e só saí dessa escola quando terminei o ensino médio.

Tem um amigo do papai, o professor Zanatan, que passou por experiência parecida. Durante nossas conversas lá em Caieiras-SP, cidade perto de São Paulo, ele falou assim: *Na minha época não tinha acesso para todos, minha mãe tinha que ir para escola, pegar fila logo cedo para tentar matricular, não era matrícula garantida. Minha mãe batalhava para trabalhar e nos manter na escola, porque era a única forma de sermos alguém. Minha irmã e eu somos os primeiros da família a concluir uma universidade, não era comum na nossa família esse tipo de formação* (Zanatan, conversa em 07/03/22). Ele está falando que, na nossa infância, nem toda criança conseguia estudar e isso é triste, e ainda existem crianças no Brasil e em outros países do mundo que não têm a chance de estudar. Por isso ele fala com orgulho sobre o esforço da mamãe dele.

Essa escola, que a vovó conseguiu matricular o papai era mais bem estruturada: salas de aula em maior quantidade, cantina, pátio coberto e descoberto, árvores, terreno com campinho de terra e quadra de areia (até o ano da minha saída tinha virado uma quadra de cimento).

Durante os seis (6) anos que estudei na “Vale”, tive o mesmo professor de EF, o Zé Luiz. Professor que nos conhecia pelo nome, lembro que as duas aulas semanais eram sempre esperadas, porque nos “libertavam” da sala. Geralmente, quando outro(a) professor(a) faltava, o Zé Luiz nos acolhia na sua aula, a depender do humor da coordenadora. Enquanto ficou afastado por doença, ele foi substituído pelo professor Belorme, recém-formado e filho do diretor. Lembro que todos participavam, porque além dos esportes, o professor Belorme nos ensinou várias coisas sobre o funcionamento do corpo, como ter hábitos saudáveis, como calcular um “tal de IMC” (Índice de Massa Corporal), a verificar a frequência cardíaca no pulso, o porquê de treinar musculação e evitar anabolizante.

Vivências diferentes das tradicionais voltadas para os esportes coletivos, jogos de tabuleiro e cartas, danças e a quadrilha nas festas juninas.

A verdade é que minhas lembranças são de aulas com futebol, vôlei ou queimada, o professor como mediador para não termos conflitos e quem não gostava de esportes assistindo. No dia a dia, eu acabava participando, porém, nos encontros com outras turmas ou nos interclasses promovidos pelo professor, eu costumava ficar excluído por ser considerado sem habilidade pelos colegas, com isso, eu acabava encabeçando os times com as pessoas menos habilidosas da nossa sala para participar dessas atividades, íamos bem!

Ao longo dos anos, fiz diferentes apresentações de karatê, levei informações sobre técnicas de acampamento junto com os meus amigos escoteiros, sempre por iniciativa própria, nos eventos da escola como: “show de talentos” e “feiras culturais”. Na época das olimpíadas de 2000, foi o único momento que me recordo do professor nos ensinar e motivar a aprender questões técnicas de outros esportes, como atletismo e ciclismo e que culminaram em um grande evento esportivo para a comunidade escolar com a participação de outros estudantes das escolas do bairro. Eu me inscrevi em todas as modalidades possíveis, nos esportes coletivos fizemos as equipes alternativas, meio que montei as estratégias e chegamos nas finais do vôlei e da queimada. Foi a primeira vez que senti que levava jeito para ensinar...

Hoje, sendo professor de EF, sei que àqueles(as) professores(as) poderiam ter ensinado coisas sobre o corpo em movimento e suas possibilidades sociais, culturais, físicas. Não posso culpá-los pela ausência de informações, tenho consciência de que ofertaram o que tinham de melhor, com a formação e recursos que possuíam e isso aprendi com a professora Juliana, durante nossas conversas.

Ela disse que chegou para dar aula acreditando que revolucionaria a EF porque quando saiu da faculdade tinha ideias e queria colocar em prática o que tinha aprendido, porém não foi muito real. Na faculdade, ela tinha acesso a material para simular as aulas, quando chegou na escola a realidade não chegava nem perto, as crianças nem sabiam o que era a EF. E, por conta da realidade encontrada, ela reconhece o trabalho dos(as) professores(as) que deram aula para ela, diz que a admiração por eles(as) parte do “choque de realidade”, vejam como ela fala:

Quando você está no lugar da pessoa, você consegue pensar e entender a posição deles, que é o que eles não tinham. Hoje eu os vejo de maneira diferente, depois que cheguei e vi o recurso que a gente tem, as condições de trabalho. A admiração é diferente. Talvez tenha sido aquilo que eles tinham, era a única coisa que poderiam oferecer. (Juliana, conversa em 13/05/22)

Se você passar pelas salas, você vai encontrar pessoas cansadas, pessoas irritadas, pessoas que têm problema na casa delas e acabam trazendo para cá. O que a gente recebe de retorno, não há dinheiro que pague. É claro que precisamos do dinheiro. Hoje até o tratamento que recebemos das famílias é muito diferente. Antigamente, o respeito ao professor era muito maior, o que ele falava era escutado e agora é contestado o tempo todo. (Juliana, conversa em 25/04/22)

Papai também viveu algo próximo da experiência da professora Juliana com a educação básica, mesmo assim, respeitar o(a) professor(a) era primordial quando nós éramos crianças, adolescentes. Quando nós não tínhamos aula porque faltava professor(a), mesmo assim respeitávamos o ambiente da escola. A passagem de cada professor(a) por nossas vidas é significativa e as lembranças permanecem vivas para fortalecer essa importância. Espero que, ao longo das vossas jornadas de estudantes, vocês conheçam e convivam com bons/boas professores(as) e que eles(as) possam contribuir com a sua formação humana.

O papai foi um pouco além das aulas de EF escolar, com o estímulo do vovô e da vovó, resolvi estudar para ser professor de EF. A motivação veio de todas as experiências que papai tinha vivenciado com o karatê, o escotismo e as recreações. Desde o meu ingresso na faculdade, desejei retribuir com o que a sociedade havia me proporcionado por meio das diversas atividades que participei como criança, adolescente e jovem, papai queria trabalhar em lugares parecidos com o bairro onde cresci.

Em uma das primeiras conversas que tive com o professor Ricardo, ele me falou que deseja, como professor, retribuir o que a sociedade fez por ele ao longo dos 27 anos que ele passou estudando. Ele disse que a história de vida dele não permite que ele perca tempo reclamando de coisas simples, de questões que já não são problemas para ele porque já resolveu. E isso me chama atenção, porque o professor Ricardo foi policial e só depois de aposentado foi estudar EF junto com o filho dele e hoje trabalha na educação infantil, vocês acreditam? Vejam o que ele falou sobre fazer a diferença com a EF:

Eu fui estudar EF com meu filho porque ele tinha o sonho de ser jogador de futebol, eu resolvi entrar com ele, contribuir para que as deficiências dele não atrapalhassem. Aí, quando ele terminou a EF, resolveu estudar medicina no Paraguai. Precisou aprender que a vida não tem atalho e que é preciso construir o caminho. (Ricardo, conversa em 28/02/22)

Ele se emociona ao dizer que espera que o filho dele seja um médico humanista, que trabalhe por amor às pessoas, que faça diferença na sociedade tal qual ele se compromete com a escola. Reforça que sempre encarou a educação como transformadora de vidas, como oportunidade de abrir portas para o mundo, para uma vida melhor.

Sabe crianças, o professor Ricardo transmite emoção quando fala, as palavras e atitudes dele tocam no coração do papai de maneira especial. Mesmo com toda a sua experiência de vida, ele fala sobre o desafio de se tornar um professor parecido com os colegas dele. E eu perguntei para ele o que ele enxerga de importante na vida e prática dos(as) seus(suas) colegas professores(as), que ele pode levar para a vida e para a prática docente dele. Ele falou assim:

A ênfase da minha fala está muito mais envolvida com a questão de envolver sua vida pessoal, particularmente no processo. Estou aqui por prazer, não por castigo. Eu já resolvi isso na minha vida! Eu faço a projeção da aula, chego na escola, vejo quantas são as crianças, como elas estão e em cima disso eu decido como a aula será. Eu vejo muito professor sofrendo, porque não consegue conduzir a aula como havia pensado, eu não sofro porque sei que estou lidando com crianças e sei que o adulto sou eu. É a partir deles que a aula será desenvolvida, valorizando tudo aquilo que estamos aprendendo sobre protagonismo. (Ricardo, conversa em 25/04/22)

Então, podemos dizer que desde 2007 o papai estuda a EF e atua com atividades dessa área. Por onde o papai passa, procuro deixar sempre o meu melhor, como pessoa e como professor/educador. Sinto-me realizado por todas as oportunidades que tive, especialmente essa de narrar em cartas parte do que vivi durante meus estudos e que juntas constituem a minha dissertação de mestrado.

Além das coincidências com as histórias de vida dos professores Ricardo, Tiago, Wilkerson e Zanatan e da professora Juliana, que estudaram EF, existem pessoas que estudam e que escrevem sobre ela. Algumas delas trazem considerações importantes, que o papai se identifica pela importância para o que tenho estudado, especialmente relacionadas com a prática dos(a) professores(a) de Caieiras-SP. Papai escolheu refletir sobre o que dois desses autores escrevem: Tarcísio Mauro Vago e Valter Bracht. Não por desconsiderar o que tantos(as) outros(as) já escreveram e sim por acreditar que a junção do que esses dois autores pontuam retrata o que penso e sinto sobre a EF.

Vou escrever aqui na carta, especialmente para que outros(as) professores(as) e pessoas interessadas na EF possam acessar essas considerações e para que vocês compreendam a grandeza de ser professor de EF.

Tarcísio Mauro Vago (2021) escreveu no prefácio do livro “Ensino de educação física e formação humana” várias considerações importantes e potentes sobre a EF. Ele começa falando que a EF na escola é uma potência na vida das pessoas, porque participa ativamente da vida das “pessoas-estudantes que habitam a escola” (VAGO, 2021, p. 5), que a aula de EF enriquece as experiências ao longo das histórias de vida. Veja que profissão

linda o papai escolheu! De acordo com o Tarcísio Mauro Vago (2021, p. 5) ela é “potência na vida das pessoas que habitam a escola” (VAGO, 2021, p. 5). Isso significa que quem participa das aulas de EF da escola tem inúmeras possibilidades de desenvolvimento ao longo da vida e que o(a) estudante é mais do que frequentador(a) da escola, ele(a) habita o território que também é dele(a).

Estamos falando de “pessoas de direitos, direito ao corpo, à Vida em plenitude, às culturas diversas, direito a um mundo em que todas caibam” (VAGO, 2021, p. 5). E que a EF, no espaço escolar em que habitam, tem compromisso com seu processo de humanização e entendimento desses direitos. Pois é, meus filhos, vivemos tempos delicados, desconhecidos, em que a humanidade se encontra fragilizada, pessoas não conhecem seus direitos, a educação sempre será caminho para nosso entendimento e compreensão do mundo que habitamos.

A EF da escola é um campo para problematizar os lugares que ocupamos. A disputa que faz parte da identidade da EF (e da escola) está presente na sociedade, ambas – EF e sociedade – precisam trabalhar de maneira similar pela formação humana, pelo bem comum, pelos direitos e compromissos. A EF apresenta os(as) “estudantes ao real e às suas culturas, refinando sua compreensão sobre as coisas reais para participar do mundo, apropriando-se dele, posicionando-se nele” (VAGO, 2021, p. 7). E a presença do(a) professor(a) durante o processo de descobertas é imprescindível para a EF e para a sociedade.

O autor reforça o seguinte:

Estudantes em posse de suas Histórias, de seus corpos – suas culturas, suas idades, suas identidades, suas orientações, seus vínculos, enfim, suas experiências de existir em reais diversos. Acolher sujeitos encarnados, construir empatia com eles e elas é condição e é também oportunidade de lhes apresentar a uma Educação Física que lhes faça sentido, que lhes provoque, que lhes desestabilize, que lhes possibilite outros olhares, que lhes proporcione conhecer outras possibilidades de estar e de ocupar o mundo, inclusive o “mundo” da cultura corporal. (VAGO, 2021, p. 11)

Diante de uma realidade social tão delicada, complexa e de luta, com atitudes que atingem a educação nos diferentes âmbitos, o Tarcísio defende uma EF

Que não faça a escolha pelo confortável silêncio diante das asperezas e das dores humanas, tão incorporadas em nós, em nossas subjetividades. Uma Educação Física cuja Presença seja também de desobediência, de ensinar a desobedecer a o que oprime, o que rebaixa, tempo de resistência a um “Brasil brutal” que nos fere, lugar de confronto contra todo tipo de opressão que interdite a Vida plena, que é um direito. (VAGO, 2021, p. 12)

Ele acredita que a EF que forma professores(as) não pode estar distante da realidade das escolas, da sociedade. É necessário conectar e entrelaçar esses espaços e realidades, com foco total nas pessoas, nas suas expectativas, visão de mundo e os saberes que são produzidos (VAGO, 2021). Assim, a EF poderá contribuir significativamente para ações mais humanizadas, problematizadoras e transformadoras.

Pelo que tenho aprendido com os relatos dos(as) professores(as) de EF, se a nossa formação superior se tornar mais sensível ao que acontece no mundo e às realidades que constituem a comunidade escolar, será mais fácil que a EF contribua para uma vida em comum mais humana, saudável, ativa, consciente. “Porque é a sociedade, afinal, a destinatária de nossas ações como professores/as de EF. Educar uma pessoa é um modo de educar toda a sociedade” (VAGO, 2021, p. 12).

Como vocês puderam ver na história do papai, nas vivências dos(a) professores(a) e nas concepções de quem já estuda EF há muito tempo, o desafio das aulas de EF vai além do que acontece nas escolas. Passa pelo que aprendemos nas universidades, por nossas experiências pessoais, pelo que acreditamos ser importante para a sociedade. Quando nos tornamos professores(as) temos grande responsabilidade com a educação e ela é importante para ajudar a termos um mundo melhor. E esse será um movimento que sempre acontecerá, independente do tempo em que vivemos:

O tempo presente exige de nós coragem, escolhas, mobilização e trabalho. Porque a Vida não está pronta, nem nunca estará. Porque a Escola não está pronta, nem nunca estará. Porque a Educação Física não está pronta, nem nunca estará. Porque não estamos prontos/as, nem nunca estaremos. Inacabados, incompletos, frágeis, em nossas incertezas, em nossos desejos, sigamos. (VAGO, 2021, p. 13)

Todos os dias nós vamos aprendendo um pouquinho sobre a EF, sobre sua importância para nossa vida e assim elaboramos as melhores maneiras que acreditamos ser importantes para os(as) estudantes que participam das nossas aulas. Por exemplo, a professora Juliana falou que quando ela era estudante os professores davam somente o “quarteto fantástico” (futebol, vôlei, basquete e handebol ou queimada), que as aulas eram divididas entre meninos e meninas, que ela precisava brigar bastante para participar das aulas com os meninos *porque era muito mais legal e animada* (Juliana, conversa em 04/05/22). Ela fala com vontade que se sentia acolhida pelos meninos, que gostava de estar na quadra, de jogar, do ambiente e de sair para participar das competições: *Estar na aula me dava a sensação de êxtase, de prazer mesmo. Era o conjunto! Eu gostava de estar ali, por estar com meus amigos, por estar no meio do esporte, pela professora* (Juliana, conversa em 04/05/22).

As vivências dela como aluna, interferiram na prática como professora, coisas que ela considerava interessante, ela acaba reproduzindo nas aulas e faz bem para quem participa

das suas aulas. A Juliana diz: *Tem dias que as crianças dizem “eu só vim, porque eu sabia que você ia estar aqui, prô!”*. Começo de recesso, dia de reunião com os pais, só vêm os alunos que terão aula de EF, é nítido (Juliana, conversa em 04/05/22). Não tem sentimento melhor para o(a) professor(a) do que sentir que sua aula é valorizada, especialmente pelos(as) estudantes, mesmo quando eles não entendem que a EF é um componente curricular como os outros, que tem conhecimentos específicos e importantes para o desenvolvimento individual e coletivo.

Por fim, a professora Juliana fala sobre a sua postura quando encontra com meninas que não gostam de participar das aulas de EF e conta as estratégias utilizadas. É interessante que ela reconhece que nem todas as meninas serão como ela e, nessa fala, ela dá sinais de que algumas coisas que ela fazia como aluna ainda acontecem na sua prática como professora:

A minha conduta é, quando vejo que estão assim: “tenta! Um pouquinho, vamos descobrir se você gosta. Você já falou que não gosta, mas vale experimentar.” Eu não desisto! Eu vou atrás! Porque eu quero que elas brinquem, que se divirtam. Mas tem crianças que passam pelo alongamento, passam pela escolha, passam pela organização do time, colocam o colete e se sentam. Eu não forço. Porque acho que é uma conduta que eu não gostaria que tivessem comigo. Eu tento pelo convencimento. Mesmo que digam não gostar, fazem pensando em me deixar feliz. Mas existe a resistência. (Juliana conversa em 04/05/22).

Essa manifestação de desejo pela EF feita professora Juliana, me levou para algo que a Nana narra no livro dela:

O meu curso de graduação, como aluna da primeira turma, foi vivido, desfrutado, saboreado, degustado, apreciado com muita intensidade e prazer do começo ao fim! Eu vivia na FEF-Unicamp e vivia a FEF-Unicamp. Nas aulas, nas reuniões, no Centro Acadêmico da Educação Física (CAEF), nas greves, nas festas, nas cantorias ao violão, nas contemplações do pôr-do-sol... Era assim que eu me sentia: intensamente presente e desfrutando prazerosamente o presente de poder estar ali vivenciando uma formação humana ética, crítica, reflexiva e, sobretudo, democrática (AYOUB, 2021, p. 164)

A verdade é que o papai se sente especial pela oportunidade de conhecer as histórias de vida e a prática docente dessas professoras, o que elas vivenciaram me motiva a querer estudar mais, a me capacitar para falar da EF humanizada que defendo, porque são essas experiências que fazem sentido para o que o papai deseja, elas refletem o que tenho contemplado ao longo da minha história de vida e pesquisa. Valter Bracht (2019, p. 219) me ajuda a definir esse sentimento: “O movimentar-se é uma forma de comunicação com o

mundo, uma forma não só de dizer o mundo, mas de promover experiências que o conformam, portanto promover experiências significativas, estéticas”.

O professor Tiago falou das percepções dele sobre a EF, disse que ela pode fazer diferença na vida das crianças, pois ajuda a descobrir o mundo e outras possibilidades desse mesmo mundo. Ele considera a EF espaço para *somar, multiplicar, dividir, socializar, sociabilizar, trocar ideias, experimentar, se situar no mundo* (Tiago, roda de conversa em 06/06/22). Ele ainda reforça que para isso vai depender de como a comunidade escolar enxerga a EF, de como o(a) professor(a) ministra a aula e se posiciona em defesa da EF.

O Tiago é um professor que gosta de projetos de educação e EF que ajudem no desenvolvimento dos(as) estudantes e o último que está colocando em prática chamou de “Vozes”. Vejam que interessante a explicação dele sobre o projeto:

O Vozes olha para o entorno da escola: nós vamos sair pelo bairro, olhar para os espaços, para as dificuldades e potencialidades do bairro. Vamos sentar-nos, discutir, registrar tudo isso e chamar o prefeito aqui na escola. A ideia é que o quinto ano fale sobre sua visão do bairro, exerça seu papel cidadão desde cedo e cultivar esse interesse. As crianças ficaram empolgadas com o projeto e eu vou com eles (Tiago, conversa em 11/04/22). Falamos muito no primeiro semestre do ano passado sobre ter a “escuta da criança”, mas para isso é preciso ter a voz da criança, sem o espaço para que ela possa falar, como a escuta vai acontecer? A vida é uma aprendizagem constante. (Tiago, conversa em 25/04/22)

A Nana (AYOUB, 2005, p. 152) diz que “compreender as crianças inseridas na sociedade e na cultura, significa pensar numa organização do trabalho pedagógico que contemple essas diferentes linguagens em suas múltiplas formas de expressão” e que são os(as) adultos(as) os(as) responsáveis por mediar as diferentes formas de representar o mundo. No mesmo trecho, ela cita Roseli Fontana e Nazaré Cruz (1997 apud AYOUB, 2005, p. 152), que dizem que “é na sua relação com o outro que a criança vai se apropriando das significações socialmente construídas”. Desse modo, faz sentido pensarmos em novas formas de perceber o mundo, o que aumenta a importância do projeto “Vozes” para os(as) estudantes, para o professor Tiago, para a comunidade e escolar e para o bairro em que estão inseridos.

No livro de Valter Bracht, intitulado “A Educação Física Escolar no Brasil, o que ela vem sendo e o que pode ser” (2019), ele abre espaço para o memorial da professora Alessandra Sagredo em que ela destaca pontos importantes sobre as experiências dela e a EF. Ela narra que: “Refletir sobre os caminhos significa reviver uma trajetória de vida pessoal, acadêmica e profissional” (BRACHT, 2019, p. 189).

Resisti em acreditar na aplicabilidade de certas propostas pedagógicas progressistas, por entender que levariam à indisciplina, à perda do controle da aula, ou a posição do professor que tem em suas mãos o poder do conhecimento, usando-o de forma autoritária e arbitrária (impunha regras), não propiciando aos alunos uma ação interativa e comunicativa, impossibilitando decisões em conjunto. Surgiram as dúvidas, as angústias e as insatisfações que provocaram o despertar para uma prática voltada para o aluno e em favor das propostas críticas da educação (BRACHT, 2019, p. 190).

Tive que aceitar algumas exigências da escola, transformando-as, muitas vezes, para não comprometer todo o trabalho. Ia além da prática pela prática. Compreendi a importância do desejo pessoal de comprometer-me com a prática pedagógica, de me colocar como sujeito do processo de construção do saber e da política, para uma ação educativa significativa e transformadora (BRACHT, 2019, p. 191).

O que me chama a atenção é que mesmo inserida em um contexto diferente e em outro momento da história, a narrativa da professora Alessandra se aproxima de grande parte das experiências dos(a) professores(a) da pesquisa com as aulas de EF. Os desafios e a tomada de decisão são similares, passam pela transformação pessoal e pelo novo modo de perceber a própria prática docente em benefício dos(as) estudantes e sua humanização.

Na carta que recebi do professor Ricardo, ele escreveu assim: “não existe criança mal-educada, existe criança a ser educada” e eu questioneei o que essa frase significava para ele como professor. O que ele me disse é importante para compreendermos como se dão as relações nas aulas dele e quero compartilhar com vocês, pode ser que ajude mais pessoas:

O que eu absorvo hoje dessa frase, dentro da minha atuação na educação infantil, é que as crianças não podem ser estigmatizadas, eu não posso colocar rótulos nas crianças, se elas são boas ou ruins, porque elas estão ali em construção. Entender que as crianças são diferentes entre elas, cada uma tem um comportamento, que pode não ser o esperado. Temos que respeitar e mostrar para elas os valores, não a conduta. Eu não posso fazer uma criança ficar sentada, se ela quer ficar em pé, estou interferindo na vontade dela. Às vezes, ela quer ficar em pé e eu quero que ela fique sentada porque é mais cômodo para mim, mais fácil para fazer a atividade que eu planejei. Agora, quando eu preciso do engajamento da criança, preciso mostrar para ela o valor daquele momento, pedir que ela colabore comigo, mostrar que o grupo está sentado e que no primeiro momento ela poderá ficar em pé. Diferente de mandá-la sentar porque eu quero. Isso não desenvolve valores. (Ricardo, conversa em 04/04/22)

Vejam que interessante, para o professor Ricardo é importante que o(a) professor(a) entenda o momento da criança, saiba respeitar as vontades e necessidades individuais e do grupo, sem precisar de imposição verticalizada, só porque o(a) professor(a) é o(a) adulto(a) responsável. Isso, na perspectiva do que o papai espera, é humanização!

O professor Wilkerson, teve a oportunidade de trabalhar no projeto social “Criança feliz”. Experiência próxima das que o papai vivenciou durante anos como professor. Quando conversamos, enquanto o professor Wil falava, papai lembrava de crianças e adolescentes para quem deu aula e me sentia contemplado por saber que com a EF, fomos capazes de contribuir com o desenvolvimento dessas pessoas:

Dava aula para 50 crianças, de idades diferentes e das modalidades que eles gostavam. Era um público muito carente de espaço, de movimento, de atividades, de dinheiro, de atenção, em um bairro muito perigoso. É muito importante porque “tiramos da rua”, damos o alimento para quem precisa, o suporte físico, afetivo, cognitivo, possibilitamos diferentes interações e convivência. Eu já gostava de dar atenção para eles, de aprender nas dificuldades. Quando você vê resultados, por menores que sejam, você se sente muito feliz, seu trabalho faz sentido. (Wilkerson, conversa em 31/03/22)

As aulas de EF, independentemente do espaço que acontecem, nos permitem acolher os(as) estudantes na sua integralidade, com tudo que constitui suas vidas e que fazem parte do seu cotidiano. Ela é apenas mais uma oportunidade de superar as mazelas dos cotidianos. Se os pequenos gestos que realizamos amenizarem parte de tantas carências levantadas pelo professor Wil, já é suficiente para que nossa esperança de dias melhores e mais humanizados se renove e se fortaleça.

O professor Wil ainda falou com o papai que só teve um professor de EF diferente daqueles que tinham o costume de apenas acompanhar até a quadra, dividir a turma e liberar as bolas. Disse que só costumava participar mesmo quando tinha proposta diferente, atrativa, que fugia do futebol ou vôlei e que se preocupava com o(a) estudante durante a aula. Tudo parecido com o que o papai vivenciou durante a educação básica (Wilkerson, conversa em 14/04/22).

Outro aspecto presente nas aulas de EF, é o conflito entre seu caráter educacional, de formação e que permite experienciar diferentes formas de movimentar o corpo e o que chamamos de “esportivização”, que é transformá-las em ambientes para detectar potenciais atletas de modalidades esportivas. O professor Zanatan e eu conversamos sobre isso e a necessidade de pensarmos, estruturarmos os espaços adequados para a prática do esporte, mantendo a EF escolar como deve ser: espaço de múltiplos aprendizados, variáveis e, especialmente, de pessoas únicas.

Na condição de orientador da Secretaria de Educação, o professor Zanatan tem o conhecimento mais diversificado para essa construção e sinaliza pontos pertinentes:

Isso tem que partir de políticas públicas do esporte. Algo que o Tiago vinha estimulando e eu vou continuar: usar os espaços públicos para

a fazer aula.

Aprendi a ter o plano A, B, C, D e E. Porque você chega na escola e descobre que vai ter o evento na quadra, penso em ir para o pátio e sou vetado porque é espaço de passagem das pessoas que estarão no evento, na sala terá uma reunião [...] preciso me adaptar, avisar aos alunos o motivo, para eles, a EF é na quadra. A universidade não faz isso com a gente (ensinar a lidar o cotidiano escolar), ela nos dá atividades e modelos para serem seguidos. Não posso simplesmente pegar o vídeo do youtube ou um livro de “mil atividades” e executar na aula. (Zanatan, conversa em 18/04/22)

O papai concorda com o professor Zanatan, é preciso ocupar os espaços públicos para o que são destinados, entender que a escola está sempre em movimento, que isso não significa que a EF tenha de sempre ser marginalizada e que o(a) professor(a) de EF terá sempre de ter muitos planos. A comunicação de maneira correta pode resolver essa questão.

Por mais que hoje, devido à *internet*, o acesso à informação esteja rápido, se as universidades não contribuírem para que os(as) futuros(as) professores(as) entendam a realidade da dinâmica no ambiente escolar, seguiremos com aulas reproduzidas, sem sentido para a formação das crianças. É preciso humanizar a formação de quem se prepara para a docência. E vejam, o papai não é contra o uso da *internet*, pelo contrário, acredito que seja uma ótima ferramenta, desde que saibamos como utilizá-la.

Valter Bracht (2019, p. 217-218) fala sobre as mudanças de entendimento que tivemos ao longo da história da EF:

Os entendimentos de ciência e de educação também passaram por muitas mudanças ao longo da história da EF escolar no Brasil. Novos olhares (ressignificações) sobre o corpo, o movimento e as práticas corporais, levando ao que chamamos de ‘desnaturalização’ da EF e uma consequente ‘culturalização’.

Ou seja, vida e educação, estarão sempre em processo de transformação, de mudança, de adaptações. É preciso que elas favoreçam ações mais humanizadas, que contribuam no entendimento da pessoa, na superação das desigualdades e injustiças. Eu acredito na educação como parte fundamental desse processo e o posicionamento de Tarcísio Mauro Vago reforçado pela Nana (AYOUB, 2021) no seu livro, mostra a grandeza da escola na vida daqueles(as) que estão nela para produzir conhecimento, para se deslocar nos diferentes sentidos, de diferentes formas, como humanos que somos. Reflita:

Posiciono-me entre os que pensam a escola como lugar de circulação, de crítica, de (re)interpretação, de (re)produção e de (re)invenção de culturas. Nem poderia ser diferente, pois a escola é envolvida diariamente por seres humanos de diferentes experiências de cultura: cultura infantil, cultura juvenil, cultura adulta, incorporada pela condição de classe, pelo pertencimento étnico, pelo gênero, pela escolha de sua sexualidade - marcas de histórias de vida. [...] Ao mesmo tempo, a escola tem como sua a responsabilidade de realizar o humano direito a um patrimônio por todos produzido. Trata-se de

um lugar de circulação, de acesso, de mediação e de fruição dos conhecimentos produzidos pelos humanos. Conhecimentos que vêm das diversas ciências, das artes, além do conhecimento produzido pelos humanos na experiência de seu corpo. (VAGO, 2012, p.59).

Bracht (2019, p. 237) ainda vai dizer: “ela precisa ser entendida como resultado da nossa necessidade, individual e coletiva, de nos situar no mundo”. A escola, durante a infância, nos dá a oportunidade de conviver com pessoas diferentes, de descobrir várias maneiras de observar e vivenciar o mundo, de participar das aulas de EF e propiciar diversas práticas com nossos corpos. É um movimento social, com significados importantes para o corpo, para vida, para o movimento humano. A Nana (AYOUB, 2021, p. 164) diz que a relação dela com a EF (e ginástica) vem da escola, aprofunda na EF como profissão e “foi se constituindo com muita entrega e paixão nos diferentes contextos em que me formei (e me formo) e em que atuei (e atuo)”.

A Nana ainda defende outras características importantes da EF e que conversam bastante com o que o papai acredita, como reconhecer diversas produções humanas a partir do corpo, tendo o(a) professor(a) de EF o papel de colaborar, uma vez que a produção escolar na vida do(a) estudante é compromisso de muitas pessoas que constituem essa comunidade. O diálogo, que tantas vezes falei, pode fazer diferença na vida do(a) estudante, e ela questiona: “Será que temos nos escutado? Será que temos escutado nossas(os) alunas(os)?” (AYOUB, 2021, p. 169). É impossível humanizar, educar, sem escutar.

Outro ponto interessante levantado pela Nana e que relaciona EF e humanização, é sobre ser imprescindível pensar os espaços da educação, porque o ambiente educativo influencia as relações que são estabelecidas. Estamos sempre em ambientes e a escola não é diferente. Humanizar também passa pelas paredes que “nos cercam” e “como cercam. (AYOUB, 2001, p.53)

Por fim, quero deixar ainda duas questões que considero bonitas e importantes para vocês: 1 – Citação da Nana sobre o maravilhoso universo de possibilidades de vivências que podemos desfrutar a partir da linguagem corporal. 2 – Uma constatação social feita pelo professor Tiago e que gostaria que me ajudassem a agir de maneira similar na nossa família.

Vamos lá:

Criança é quase sinônimo de movimento; movimentando-se ela se descobre, descobre o outro, descobre o mundo à sua volta e suas múltiplas linguagens. Criança é quase sinônimo de brincar; brincando ela se descobre, descobre o outro, descobre o mundo à sua volta e suas múltiplas linguagens. Descobrir, descobrir-se. Descobrir, tirar a cobertura, mostrar, mostrar-se, decifrar... Alfabetizar-se nas múltiplas linguagens do mundo e da sua cultura. Brincar com a linguagem corporal significa criar situações nas quais a criança entre em contato com diferentes manifestações da cultura corporal (entendida como as diferentes práticas corporais elaboradas pelos seres humanos ao longo da história, cujos significados foram sendo tecidos nos diversos

contextos socioculturais), sobretudo aquelas relacionadas aos jogos e brincadeiras, às ginásticas, às danças e às atividades circenses, sempre tendo em vista a dimensão lúdica como elemento essencial para a ação educativa na infância. (AYOUB, 2001, p. 57)

Portanto, meus filhos, permitam-se brincar, movimentar, divertir, descobrir, mesmo quando deixarem de ser criança, pois é uma necessidade da natureza humana e o papai sente-se orgulhoso por contribuir, com a minha profissão, para que crianças de todas as idades tenham essas experiências.

Apreendi com o professor Tiago, que pode ser importante passar por dificuldades, como por exemplo: usar o transporte público e entender que faz parte do processo da vida. As experiências que o papai vivenciou me ajudaram a chegar até aqui e tenho certeza de que as experiências que vocês hoje vivenciam têm colaborado para que entendam as mazelas do mundo. Que nunca percamos a nossa sensibilidade pela humanidade que sofre, que sobrevive, que não se alimenta, que não se movimenta. Que estejamos “treinados(as)” para fazer o bem quando preciso for e superar o mal quando ele nos afligir.

Amo vocês e espero que tenham gostado dessa parte da minha história vida.

Com carinho, Papai.

A próxima carta é destinada à minha orientadora, a Nana, nela faço reflexões sobre humanização a partir da sensibilidade da orientação da Nana, que me acolheu na Unicamp e me ajudou a desconstruir todas as impressões negativas que eu tinha sobre o campo acadêmico da pesquisa. Em tempos de tanto sofrimento por conta da pandemia, a orientação da Nana, o mestrado foi como a luz do sol na minha vida após um longo período de isolamento.

CARTA 2

À MINHA ORIENTADORA ELIANA AYOUB, A NANA - SOBRE O CAMINHO PERCORRIDO E A ORIENTAÇÃO QUE HUMANIZA

...
Se por acaso você
deixar de acreditar,
se a própria humanidade
decidir lhe enganar,
Sempre haverá uma alguém
capaz de lhe inspirar.

...
Sempre haverá amor,
sempre haverá o bem,
numa via de mão dupla
com a força de um trem.
Alguém ajuda você
e você ajuda alguém.

...
Já que sempre haverá
alguém pra lhe socorrer,
só é preciso ser justo
e grato pra perceber
que sempre haverá alguém
precisando de você.
(BESSA, 2019, p.16-17)

Esta é uma carta sobre o presente da orientação que inspira, move, faz acreditar, impulsiona, potencializa, humaniza. Quando você acredita nos seus ideais e no bem que eles podem causar, você já se sente forte. Encontrar alguém para te conduzir pelo caminho correto e que acredita junto com você, dá a segurança necessária para que a ação seja de qualidade.

É um agradecimento à minha orientadora, a Nana, que transformou minhas inseguranças com o universo acadêmico em coragem para ir sempre além do que um dia me disseram ser impossível. Pela diferença que fez/faz o olhar humanizado dela como orientadora para meus medos e imaturidades como pesquisador, nosso encontro aconteceu no cenário de pandemia e me ajudou a observar a vida, a profissão, os estudos por novos ângulos. É a resposta a “cartas aos orientandos” (AYOUB, 2021) escrita por ela.

Antes mesmo da pesquisa com os(a) professores(a) começar, a Nana já havia dado a primeira resposta para meu problema de pesquisa, pois ela é evidência viva de que a humanização, o respeito ao outro, está diretamente atrelada com nossas experiências e a maneira como assumimos nosso lugar no mundo. As orientações que recebo me ajudam a ser uma pessoa melhor, a respeitar minha história de vida e me levam a compreender que é sempre possível contribuir para que tenhamos uma sociedade cada vez mais humana.

Te convido a ler o que a Nana nos escreve no seu livro “Memórias da Educação Física na Escola: cartas de Professoras”:

Estarmos juntas(os), comprometidas(os) umas(uns) com as(os) outras(os), faz toda a diferença na construção do processo investigativo. Colocarmo-nos como interlocutoras(es) atentas(os), cuidadosas(os) e disponíveis pode proporcionar múltiplos aprendizados. Nesses tempos tão difíceis para a ciência, a pesquisa e a educação no Brasil, insisto em experimentarmos, mais do que nunca, possibilidades outras de ações colaborativas entre nós. (AYOUB, 2021, p.64-65)

Eu não sei como chega para você, caro(a) leitor(a), eu entendo como um convite para exercermos nossa humanidade, de estar com o(a) outro(a) e juntos(as) colaborarmos para um mundo melhor. Isso dará mais sentido para nossa caminhada: “É na conversa com os outros, mestres e colegas, que se definem e enriquecem os nossos próprios caminhos” (NÓVOA apud AYOUB, 2021, p. 65).

São Paulo, entre agosto de 2021 e abril de 2023.

Querida Nana,

Em 2020, minha família ficou um longo período dentro de casa, com medo das consequências da crise sanitária-política-social. Passamos boa parte do primeiro ano de pandemia com atividades dedicadas às crianças, descobrindo novas formas de acompanhar as atividades escolares e associar com as novas maneiras de trabalhar. Se teve um ponto importante durante a pandemia, foi o fato de termos ficado juntos(as), celebrando nosso amor em meio ao caos, os momentos de desespero, gritarias e choros (verdadeiras manifestações de “socorro, quando isso vai acabar?”), foram inevitáveis. Acredito que tenha sido a realidade de outros lares e famílias pelo mundo.

Num sábado de sol forte e céu azul, em 2020, depois de longos seis meses em casa, durante um desses momentos de desespero junto com as crianças, Natalia e eu nos olhamos e decidimos: “vamos dar uma volta no quarteirão!” Olhamos para as crianças e falamos que sairíamos de casa e orientamos: “temos que ter muito cuidado porque não sabemos como estão as coisas lá fora, não podemos encostar em nada e se encostarmos, precisamos passar álcool em gel rapidamente. Nos lugares que pessoas estiverem perto uma das outras, vamos precisar desviar o caminho, ficaremos de máscara o tempo todo. Vamos sair para aproveitar o sol!!!!”

Maria (então com 4 anos) - *Oba, papai! Eu estava mesmo com muita vontade de sair um pouco. Prometo que vou me comportar!*

Henrique (então com 2 anos) - *Eu também!*

Todos(as) paramentados(as), entramos no elevador e preocupados(as) com a melhor forma de acionar o botão para o térreo, em não encostar nas paredes, com a possível entrada de um(a) vizinho(a), enfim, literalmente um mundo novo surgia.

Já no *hall* do prédio, últimos combinados antes de sair do prédio:

Maria - *Oi sol, que saudade que eu estava de você! Você está bem brilhante, hein!*

Henrique - *Oi sol! Olha papai, que árvore verdinha. Ela cresceu bastante!*

Maria - *Nossa! Um cachorrão, quanto tempo eu não via um cachorro...*

Henrique - *Olha essa pedra na calçada papai, ela não estava aqui “ontem” quando fomos para escola.*

Maria - *Olha mamãe, olha papai, esse moço deitado no chão, todo coberto mesmo estando calor...*

Mamãe - *Esse moço não tem casa, Maria, infelizmente ele mora na rua e a coberta é a única proteção dele.*

Maria - *Nossa mamãe, ainda bem que temos uma casa né?! É por ele que nós rezamos?*

Mamãe - *Sim, minha filha. Ainda bem que temos nossa casa e cama quentinha. Precisamos continuar rezando por esse moço e tantos outros que moram nas ruas, e continuar ajudando quando pudermos.*

Henrique - *Papai, vamos ficar um pouquinho no sol, está bem gostoso!*

Maria - *Mas só depois que atravessarmos a rua, temos que esperar o sinal verde...*

E passamos um tempinho, ali, na calçada, só sentindo os raios do sol tocando nossa pele, algo que na correria do cotidiano, poucas vezes fizemos e percebemos.

A caminhada continuou...

Maria - *Olha mamãe, essa flor tem espinhos, será que é a da música “é preciso saber viver”?*

E cantou... *numa flor que tem espinhos, você pode se arranhar...*

E em pouco mais de meia hora, durante uma volta no quarteirão, mesmo com medo, nossas filhas e nosso filho nos mostraram a alegria e os encantamentos de ressignificar a vida, nos ensinaram que é na simplicidade da vida que se escondem os momentos mais coloridos, puros e verdadeiros.

Por mais oportunidades que tive de expressar minha gratidão ao que tem acontecido durante o mestrado, acho importante registrar para que o momento seja lembrado e assim, termos a oportunidade de revisitar o vivenciado!

Sabe Nana, essa experiência com a minha família me fez pensar na minha relação contigo, em como nossas histórias de vida se cruzaram no momento certo.

Eu, preto, vindo da periferia de Vitória-ES, cujo cotidiano familiar dizia que eu deveria manter o foco em empreender, em correr atrás de "ganhar dinheiro" logo depois do ensino médio e que só me tornei o primeiro - de algumas gerações - a chegar e concluir o ensino superior, graças ao estímulo e perseverança dos meus pais. Depois de tantos desafios pessoais, sociais, raciais ao longo da minha história, encontrei em São Paulo a oportunidade de "crescer academicamente", de superar a enorme lacuna que os(as) "mestres(as) e doutores(as)" da universidade onde me graduei implantaram, numa relação verticalizada e mecânica, onde eles(as) tinham "grandes poderes" por conta dos seus títulos e nós, dificilmente, conseguiríamos alcançar tamanha façanha, mas, não foi tão simples.

As circunstâncias da vida em São Paulo me levaram a superar lacunas, a entender que tudo acontece no momento certo, por mais que os caminhos até o Laborarte tenham sido árduos e cheios de desafios, eu consegui chegar e você tem grande importância na minha vida, sem o seu sim, seria impossível chegar até aqui e sonhar com novos passos.

Esses desafios e todas as lutas pelas quais passei ao longo da vida se assemelham à quarentena imposta durante a pandemia. As barreiras que encontrei durante anos me aprisionaram nos meus receios e nas "incapacidades" que um dia me disseram que eu tinha. A decisão de fazer a seleção para ingressar na Unicamp, na FE, no Laborarte e ser orientado por você, é a mesma decisão que tomei junto com a minha esposa, a Natalia, de irmos encontrar o sol, algo dentro de mim dizia que a hora era aquela e que eu precisava desfrutar desses raios de luz e oportunidade.

E como é bom superar as barreiras que nos impedem de sentir a luz! Seja ela a porta para sair do prédio após meses isolados ou a superação dos medos para escrever e enviar o projeto de pesquisa, dialogar de maneira sincera contigo e o André Luiz C. G. de Oliveira (docente do Laborarte) durante a entrevista de seleção e descobri que sim, existem relações humanas no universo acadêmico. Eu não estou abaixo, não sou pior (nem melhor) que ninguém, sinto-me feliz pelo direito reconhecido e garantido.

Quando a luz da esperança tocou a pele, a esperança foi renovada, tudo se fez novo, assim como a pedra, a árvore, os espinhos, o moço na rua, a travessia, os raios de sol foram para nossas famílias, sinais de vida nova... Nesse novo mundo que se abriu, me percebo bem conduzido e orientado. Minhas limitações se tornaram combustível de superação para deixar o mundo um pouco melhor do que encontrei, graças à maneira como fui acolhido por você e os caminhos que tens me apontado, tal qual aconteceu no meu diálogo com minha filha e meu filho na (re)descoberta do mundo após o isolamento.

Obrigado por me acolher nesse novo mundo e me mostrar as possibilidades mais singelas e complexas, por me levar pelos caminhos de descobertas e aprendizados! Todas as experiências do mestrado e sua orientação são importantes e trazem segurança.

Quero dialogar com sua inspiradora "carta às(aos) minhas(meus) orientandas(os)" (AYOUB, 2021). Ela me inspirou na condução de toda a investigação feita com os(a) professores(a) e ao formato escolhido para minha dissertação.

Antes, preciso relatar minha ansiedade pelo nosso primeiro encontro presencial, diante desse mar de incertezas que vivemos, de tantos altos e baixos, de medos e de vontade de desbravar o "mundo" proporcionados pela pandemia. Foram meses de espera até que a oportunidade aconteceu, que abraço gostoso, inteiro, sincero! Aquele momento de compartilhamento e confraternização na sala do Laborarte foi incrível, sentir a presença de cada uma daquelas pessoas foi especial, porém, ser acolhido por você consolidou todos os sentimentos dos meses de espera, obrigado!

Sinto-me privilegiado de fazer parte do Laborarte, grupo tão plural e sensível, conduzido de maneira tão humana. A cada encontro aumenta a certeza de que não poderia estar em lugar melhor. Ainda não sei o que o futuro nos reserva, espero que possibilite novos encontros afetivos de maneira presencial, para que nossos laços sejam consolidados e que durem por toda vida.

Seguindo, na sua carta, você traz Paulo Freire que diz que "A quietude não pode ser um estado permanente. Só na relação com a inquietude é que a quietude tem sentido" (FREIRE, 2013, p.261), que me fez recordar dos primeiros pontos de reflexão e descobertas que um simples questionamento seu (e posteriormente a indicação para fazer a disciplina com a professora Elaine Prodócimo da Faculdade de Educação Física da Unicamp) me fez pensar, revisitar meu passado e entender os bloqueios que eu tinha em relação aos escritos de Freire. Sua fala trouxe inquietude, desconforto, medo e, ao mesmo tempo, permitiu que eu desconstruísse "certezas" e confiar plenamente na sua perspectiva, sugestão e orientação de qual caminho seguir. Desde então, tenho me esforçado para aprender pesquisar, me vejo constantemente cheio de questionamentos que não necessariamente precisam de respostas imediatas e sim cumprirem o papel de combustível para meus estudos, nesse "movimento constante de busca, de procura" (FREIRE, 2013, p.261).

Ainda refletindo com Freire, quando ele diz "ler o que acabo de escrever me possibilita escrever melhor o já escrito e estimula e anima a escrever o ainda não escrito" (FREIRE, 2013, p.19), lembro-me do Raphael que, na graduação, tinha dificuldade de ficar na biblioteca, que demorava horas (às vezes dias) para ler as apostilas deixadas pelos(as) docentes, o mesmo que até a conclusão do ensino médio era visto com o *nerd* ou "CDF" das

turmas que frequentou, sempre tirava notas boas nas provas, nos trabalhos redigidos à mão nas folhas de almaço e nos seminários apresentados. Como que logo no início do ensino superior ler e escrever se tornou tão complexo, difícil? Levando em consideração que, mesmo com dificuldade, eu seguia tirando notas boas na faculdade, restava a dúvida: poderia eu me pautar pelos números que me foram atribuídos nas avaliações ao longo da minha formação? Com o natural amadurecimento da vida, a leitura e a escrita estão presentes no meu cotidiano. Em alguns momentos, elas surgem naturalmente e refletem aquilo que eu desejava, em outros momentos me parecem confusas e passivas das observações da minha esposa com seu olhar refinado para a gramática.

Hoje, ao ouvir um pouco dos seus relatos e estímulos, depois de ler sua carta e suas indicações de leitura, vejo-me lendo e escrevendo todos os dias e isso me faz bem, me estimula a aperfeiçoar e criar. Obrigado, antes de te conhecer eu considerava algo extremamente distante a aproximação de autores(as) e produção de conhecimento baseado nos meus estudos, investigações e produções!

E aí, preciso reforçar a importância do seu convite, ainda na entrevista, para “reencontrar Paulo Freire”. Na ocasião, o convite era para aprofundar nas considerações do autor a respeito da humanização e, para minha grata surpresa, descobri que Freire escolhe o gênero carta para se comunicar. Segundo Ana Freire (1994, p. 239), ele “optou por esta forma menos habitual por acreditar que os textos assim redigidos são mais comunicadores”. Descoberta que impulsionou meus anseios de humanizar a minha escrita, por acreditar que o gênero carta toca os sentidos que dou para minha pesquisa, acolhe os sujeitos que contribuíram com a minha pesquisa e aproxima nossas histórias das pessoas que refletirão a partir do que escrevi.

No seu livro “Memórias da educação física na escola: cartas de professoras” (AYOUB, 2021), você traz atravessamentos com os quais me identifico, porque, assim como você, tenho as cartas presentes em muitos episódios da minha história de vida, a começar pelas cartinhas que escrevia na infância e adolescência para os(as) amigos(as) escoteiros(as) e caratecas que encontrava a cada evento que participava. Naquela época, as cartas ajudavam a manter as lembranças e esperança do reencontro vivas. Receber uma carta vinda de diferentes lugares despertava sentimentos maravilhosos e indescritíveis.

Na adolescência, também escrevi algumas cartas de amor, às vezes entregue em mãos. Quer coisa mais humana do que o sentimento de “borboletas na barriga” que surge nessas ocasiões?

Por conta da escolha missionária, vivi em alguns lugares longe da família, dos amigos e da namorada/noiva/esposa e foram as cartas a ferramenta mais apropriada para

manifestar meus sentimentos por essas pessoas tão importantes na minha vida. Mesmo com a presença das mídias sociais, já naquela época, a carta me aproximava mais das pessoas, humanizava nossas relações, mesmo que longe fisicamente.

No dia 25 de março de 2023, vivi uma experiência incrível com as cartas: minha família e eu viajamos para Vitória-ES, ficamos na casa dos meus pais e reunimos alguns(algumas) amigos(as) e parentes para celebrarmos os dez anos de matrimônio com a Natalia. Em 2013, durante a minha despedida de solteiro, fizemos uma dinâmica de produzir uma “cápsula do tempo”. Cada pessoa presente teve a oportunidade de escrever uma carta para si mesmo e o combinado é que a cápsula seria aberta apenas em 2023 e aconteceu! Reunimos a maior parte das pessoas presentes no evento de 2013 e a emoção desse reencontro com nossas versões de 2013 foi algo fantástico, tocante e proporcionou bons diálogos e reflexões pessoais. Em tempos de mensagens curtas e de exposições nas mídias sociais, reencontrar com o que de melhor podemos oferecer a nós mesmos, a partir de uma simples carta escrita, pode proporcionar grandes transformações. E isso aconteceu comigo após dez anos!

Antes de decidir pelo gênero carta nesta pesquisa narrativa, acessar histórias de vida inspiradoras em cada carta recebida dos(a) professores(a) de Caieiras-SP, escrevi cartas durante todo processo formativo do mestrado. A carta foi a maneira de me comunicar com os(as) professores(as) das disciplinas cursadas, de registrar sentimentos e memórias do experienciado, de aprender com o que causava dúvida e de me preparar para a produção desse coletivo de cartas que constituem a minha dissertação.

A experiência de escrever cartas para diferentes momentos e personagens da minha vida e do mestrado, reflete sentimentos e pensamentos sinceros e apaixonados, transmitem e registram o que hoje sou como homem, pai, professor e pesquisador. Esses sentimentos foram despertados por sua “carta às(aos) minhas(meus) orientandas(os)” (AYOUB, 2021) e espero que outros(as) orientandos(as) tenham encontrado inspiração no que você escreveu. Encontrei nas cartas a maneira de narrar a vida, as experiências e os aprendizados do mestrado que ressignificaram minhas ações em busca de humanização.

As cartas que recebi dos sujeitos da pesquisa foram fundamentais para direcionar minha aproximação com suas histórias de vida, para pensar as conexões das nossas experiências e para encontrar os indícios de humanização. Antes do olho no olho, foi possível acessar cada um(a) porque se abriram em forma de narrativas escritas. E fiz tudo isso sem medo porque sabia que antes da minha escolha pelas cartas, você (e outros[as] autores[as]) havia passado por experiência similar. Foi maravilhoso revisitar minha história, me despir de rótulos, me abrir inteiramente ao que li, ouvi e compartilhei.

Para cada carta escrita, destaco no título um dos aprendizados sobre humanização que tive com os(as) interlocutores(as) para quem escrevo e, ao mesmo tempo, convido aos(às) demais leitores(as) a ressignificar aquilo que aprendi, pois somos diferentes e isso é o suficiente para entendermos que podemos interpretar o mundo de diversas maneiras.

A escolha pelo gênero carta me trouxe certa liberdade e, assim como você, “ao assumir uma perspectiva narrativa, portanto mais aberta, flexível, atravessada pela experiência” (AYOUB, 2021, p. 20), escrevi as cartas a partir do vivido e daquilo que despertava enquanto me (re)descobria como ser humanizador. Em cada uma delas, apresento parte do que sou e do que aprendi com cada professor(a). E nesse processo de encontros, desencontros, reencontros, escolhas, indecisões, medos e orgulho, me sinto contemplado com o resultado encontrado e apresentado no conjunto de cartas que constituem esta dissertação.

As cartas com seus registros, são instrumentos para “vencer o espaço, vencer a separação, sair da prisão do corpo, ao menos um pouco, ao menos pela linguagem, por esses pequenos traços de tinta sobre o papel” (COMTE-SPONVILLE, 2005a apud AYOUB, 2021, p. 106). Ou ainda como você cita e nos diz, a querida professora Inês Petrucci (AYOUB, 2021, p. 83): “a memória é experiência, afetividade, sensibilidade, subjetividade, esquecimento, entrecruzamento de sujeitos e, principalmente, experiências vividas”. Quando escrevo as cartas, emoções afloram, acredito que só terei a dimensão do que tenho vivido, especialmente na pesquisa em meio a esse cenário pessoal-social, quando revisitar todos esses registros no futuro. Porque hoje, as memórias estão frescas, carregadas de sentimentos recentes, consigo desenhar cada cenário, ouvir as falas e ruídos, recordar as expressões durante as narrativas. Se, no futuro, for possível revisitar todos os momentos com novos significados, estará consolidada minha paixão pelo que as cartas me proporcionaram. Mas, se não acontecer, certamente terei oportunidade de refletir sobre os aspectos que hoje me encantam e motivam meus gestos a favor da humanização.

Além disso, cada carta, cada história contada, está carregada de silêncios, de pausas, de vazios que ficaram durante o processo de escolha e que foram importantes para o processo. Acredito que tenha acontecido contigo, enquanto selecionava as cartas do livro e ao revisitar cada momento narrado, os diálogos feitos, as reflexões expostas. Apresentar nossas vulnerabilidades e fragilidades, medos e anseios, é desafiador! Escolher o que entra e o que fica de fora da nossa escrita, desesperador! É difícil descrever, é um sentimento de dor, que me levou ao choro incontáveis vezes e que, na minha concepção, revela nossa humanidade e nos aproxima de quem ler. Sua carta às(aos) orientandas(os) me revelou esse

sentimento, me aproximou de você e a produção do meu texto gerou o sentimento narrado, porque eu tenho vivido cada um desses momentos muito antes de chegar na leitura do seu livro ou na escrita da dissertação.

Outra imagem que ilustra a grandeza que é ser orientado por você, trata da maneira acolhedora que acontecem nossos encontros de orientação: sempre temos espaço para falarmos das nossas vidas, de escutarmos a história do(a) colega, algo que sempre faz sentido, que aquece a pesquisa, pois tira de cena a visão gelada daquilo que se estuda e escreve, pois vejo a pesquisa como parcela da vida em acontecimento. A simplicidade dos diálogos junto com a proposta do paradigma indiciário me ensina e motiva. Sempre haverá grandes descobertas por trás de todos os gestos, por menor que possa parecer.

Essa vivência me direciona nas ações com a pesquisa, a calcular a dose certa para inserir na minha rotina familiar e a compartilhar os encaminhamentos realizados. Assim, o estudo da humanização fica claro, não instrumentalizado, pois pesquisa e vida caminham juntas e com todos(as) os envolvidos: eu, você, minha família, os(a) professores(a) da pesquisa, o Laborarte e todos(as) que fazem parte delas.

Esse campo da produção, da ciência, da pesquisa, tantas vezes me trouxe o sentimento de incapacidade, de algo tão distante, de ser algo impossível. Por conta do pouco que li e vi você (e seus pares como a Elaine Prodócimo, o Guilherme Prado, a Inês Bragança e a Inês Petrucci) narrando e testemunhando, em poucos meses de mestrado, já fervilhava a ideia de que é possível mergulhar, ir além do superficial e ter ideias para contribuir com outras pessoas nesse processo de desconstrução, pois vocês me mostraram que é possível "fazer ciência" de maneira menos mecânica e mais humana. Muito obrigado!

Sua provocação para darmos mais atenção para autores(as) negros(as) mexeu com minha maneira de olhar para a sociedade, para minha realidade como negro, porque eu nunca tinha cogitado nessas referências como fonte de estudos, só como campo de lamento e sofrimento cotidiano. Você me abriu a mente para pensar nessa realidade de um jeito diferente. São tantas histórias de vida, de negros(as) que fizeram parte da minha história, no Brasil e em Angola. Como será que suas manifestações eram vistas, escutadas? Que tipo de relações estabeleciam? Como a educação agiu para a formação humana dessas pessoas? Quais as contribuições dessas histórias de vida para a sociedade? São questionamentos que quero conectar com as reflexões de autores(as) negros(as), que discutem negritude, educação, sociedade. Seguirei em movimento e compartilho um pouco mais das minhas percepções na carta 13.

Se os meus pequenos deslocamentos contribuírem para que quem eu encontrar veja que é possível acreditar numa sociedade humanizada e humanizadora, a caminhada até

aqui será validada. Eu acredito que a "nova geração" são todos(as) que acordam dispostos(as) a oferecer o seu melhor todos os dias, porque sempre seremos novos ou teremos a oportunidade de fazer diferente.

Como Carlo Ginzburg (1989) nos provoca, ao ouvirmos a voz dos "pequenos" e esquecidos, vamos nos embriagar de experiências, palavras e histórias de vida. Assim como você apresenta a necessidade de nos aproximarmos dos "inúteis", dos "inadaptados" e dos marginalizados, aprender a fazer história como as crianças fazem as suas.

E ainda:

Construir um diálogo profundo com as fontes de pesquisa (neste caso, narrativas), com as autoras e os autores, com as tantas vozes que nos constituem, é certamente o principal chamamento de nossas pesquisas, sejam elas narrativas ou não. Será que vocês concordam comigo? (AYOUB, 2021, p. 111).

Sim, Nana, eu concordo! Vejo-me extremamente encantado e motivado com o caminho percorrido com os(as) professores(as) de Caieiras-SP, empolgado com os aprendizados proporcionados pela pesquisa, realizado com as transformações e desconstruções que tenho passado por conta da experiência da investigação. Sem dúvida são reflexos dos diálogos com os sujeitos da pesquisa e com os(as) autores(as) que vou conhecendo, além de outras "tantas vozes que nos constituem". Obrigado pelo caminho apontado e pela orientação feita!

Começo a ter dimensão do tamanho do desafio da educação, de como as influências que recebemos ao longo da nossa formação reverberam na nossa prática docente, sempre associadas aos valores que recebemos durante nossa história de vida e sua influência nas nossas atitudes. Tenho esperança de que o professor que vem sendo constituído dentro das minhas práticas, contribua para que outros(as) professores(as) percebam o papel essencial que exercemos em favor de uma sociedade mais humana, crítica e reflexiva.

Descobertas e desejos que dificilmente teria se estivesse sozinho nessa jornada de aprendizados que tem sido o mestrado, a pesquisa. Sem dúvida, ser acolhido por você fez total diferença na minha história, na minha formação e quero que essa confiança renda bons frutos.

Por falar em frutos, quero compartilhar contigo descobertas/aprendizados sobre humanização que tive com cada professor(a) da pesquisa. O que eles(ela) narram sobre suas histórias de vida e prática docente me sensibiliza e impulsiona a ser melhor.

Quero começar pelo que o professor Ricardo falou durante a nossa conversa:

É muito comum que algumas alunas peçam ajuda para amarrar o calçado e fazem o carinho na cabeça, um reconhecimento que não

tem dinheiro no mundo que pague essa emoção [choro] de receber o carinho de uma criança, que te chama de “prô Ricardo”. Sendo professor, ser chamado de “prô Ricardo” é uma conquista que realmente trouxe um sentido para minha vida, que jamais imaginei que eu fosse ter essa emoção, esse privilégio e isso é muito legal. Sei que não são todos os professores que têm essa experiência. Se eu pudesse desejar algo para meus amigos, se eu pudesse tornar, eu gostaria de tocar na sensibilidade deles para que eles sentissem o quanto é importante, uma criança que você olha, que aos nossos olhos não é mais bonita, a que não faz todas as atividades, a mais peralta, mas conviver com crianças é ser surpreendido, todos os dias. Elas sempre nos proporcionam algo que não esperamos. (Ricardo, conversa em 04/04/22)

Parece um gesto tão simples e talvez aí esteja o segredo da humanização que eu queria encontrar com a pesquisa: na simplicidade. Quer um gesto mais humano do que um cafuné de agradecimento? E o professor Ricardo ainda nos dá outras pistas de humanização. Emociono-me todas as vezes que lembro desse momento da conversa que tive com ele.

O professor Zanatan, durante a nossa conversa, refletiu sobre especificidades da nossa personalidade, das diferenças que nos constituem como pessoas que se relacionam no cotidiano e que precisam aprender a respeitar essas diferenças. Perguntei: *Como humanizar essas relações no ambiente escolar?* Ele me respondeu:

Escuta. Eu acho que falta pra gente a conversa, de chegar, escutar o que o outro tem para falar. O que acontece na EF é que deixamos explodir e não se conversa, procura os culpados. Muitas vezes, a culpa pode ser nossa, porque não nos damos, não permitimos compreender. Para que as relações sejam mais humanas, acredito que seja necessário entender o outro. Poucas pessoas trabalham nesse processo dentro da escola, eu já fazia com as crianças. É difícil você achar que a culpa foi sua, que o problema foi você. Eu falo que erro, não é fácil assumir. (Zanatan, conversa em 16/05/22)

Aprendi com o Zanatan que a humanização pode ser a capacidade de escutar o que o outro tem para dizer, reconhecer e assumir o erro, no lugar de julgar, dialogar para entender. Novamente, gestos que teoricamente conhecemos e não nos damos conta de que não colocamos em prática.

Durante a roda de conversa, a professora Juliana contribuiu com sua percepção sobre o compromisso por traz da profissão docente. Ela reforça que é preciso gostar do que faz, que não é o dinheiro a razão do trabalho e sim a criança, é ela que faz diferença no cotidiano do(a) professor(a). Ela disse:

A criança traz muita coisa da casa dela. Eu sou a professora que paro e ouço todos, mesmo que eu tenha que tirar o foco do grupo, a criança precisa ser escutada para buscar maneiras de ajudar. Eu sei que eu

sou um porto seguro ali. É um envolvimento emocional, apesar de ser professora e de falarem que não pode, faz parte do meu eu, não posso concordar (Juliana, roda de conversa em 06/06/2022).

Quando escuto a professora Juliana, penso que humanização seja justamente ser a segurança daquela criança com quem convivemos todos os dias na escola, colaborar para que ela seja escutada, compreendida nas suas dificuldades, mesmo que isso signifique renunciar ao grupo por instantes para acolher sua individualidade. Humanizar é lutar todos os dias pelo que acreditamos fazer diferença na vida das pessoas com quem convivemos.

O professor Wilkerson passou por diferentes cenários sociais ao longo da sua caminhada profissional, isso deu a ele o privilégio de vivenciar as diferenças que existem na sociedade em diversos aspectos. Perguntei *o que podemos aprender com as diferenças e como colaborar para tempos melhores*, e ele respondeu:

Eu não posso exigir que uma criança mais carente esteja de tênis ou com a roupa adequada para minha aula, às vezes essa criança não tem nem o que vestir dentro de casa. Nesse sentido, você começa a ter um olhar mais sensível para esse lado social. Na prática, você precisa proporcionar uma boa aula para todos os públicos, o mesmo conteúdo. (Wilkerson, conversa em 14/04/22)

Por fim, o professor Tiago nos ajuda a compreender que a humanização pode ser entender que cada pessoa vive uma realidade e que é necessário perceber como ela acontece nos diferentes ambientes e ocasiões, antes de considerar que os objetivos foram alcançados. Ele disse: *é preciso olhar para as origens, antes de tomar as conclusões. Eu sei que sou um cara cheio de falhas, mas eu acho que as pessoas têm a mania de apenas julgar, sem conhecer, sem estruturar. Dizem que está errado, porque está errado* (Tiago, conversa em 04/05/22).

Eu acredito que podemos contribuir para realidades mais humanizadas e "sinto-me como se estivesse diante do mar com suas ondas vindo e indo, indo e vindo ininterruptamente" (AYOUB, 2021, p. 102). Nunca me sinto sozinho, mesmo que as revoluções que acontecem em mim sejam difíceis de descrever, seja porque são "apenas minhas revoluções", seja porque sendo revoluções, são confusas, misturadas, como as ondas dos oceanos.

Dentre as diversas e importantes indicações de leitura que recebi nas suas orientações, uma delas foi um convite para me (re)aproximar da "abordagem histórico-cultural" (FONTANA; CRUZ⁴, 1997), sobre a qual já havia escutado durante a minha graduação, porém, nunca mais fez parte da minha história de estudante. Na prática, como nossos

⁴ Roseli Fontana e Nazaré Cruz.

comportamentos humanos e nossas individualidades fazem parte das nossas ações, essa abordagem permeia minha vida desde sempre. É como dizem as autoras: “Seus modos de perceber, de representar, de explicar e de atuar sobre o meio, seus sentimentos em relação ao mundo, ao outro e a si mesmo, enfim, seu funcionamento psicológico, vão se constituindo nas suas relações sociais” (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 57). Como humanos, nascemos, vivemos e sentimos o mundo, não tem como dissociar o que faz parte da nossa natureza, que é histórica e cultural.

Para vivermos no mundo criamos signos que constituem nossas relações: “Tudo o que é utilizado pelo homem para representar, evocar ou tornar presente o que está ausente constitui um signo: a palavra, o desenho, os símbolos” (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 59). E refletindo a respeito da minha aproximação com a realidade dos(a) professores(a) de EF, foi essencial pensar nas estratégias e instrumentos que contribuíssem com nosso planejamento e mantivessem a memória do acontecimento viva, presente. Tenho consciência que “a utilização dos instrumentos e dos signos não se limita à experiência pessoal de um indivíduo” (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 60).

Ao mesmo tempo que minha individualidade disparava reflexões e discussões, a individualidade do(a) outro(a) que conversava comigo passava por experiências únicas e essa partilha ajudava na internalização da narrativa, do vivenciado, por mais complexo que fosse. Diferentes pontos conectaram nossas diferenças e complexidades e deram novo sentido para a nossa experiência social. “A abordagem histórico-cultural considera que toda função psicológica se desenvolve em dois planos: primeiro, no da relação entre indivíduos e, depois, no próprio indivíduo” (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 61).

A abordagem histórico-cultural, na minha concepção, aproxima-se dos aprendizados com o paradigma indiciário (discuto sobre ele na carta 5), por exemplo, pede atenção ao modo como participamos da resolução de problemas e às diferentes interações estabelecidas nos diferentes contextos. Signos, sinais, indícios, pistas, caminham juntos para nos ajudar no entendimento, na interpretação, no aprendizado que se tece nas relações humanas em diversos contextos. Tudo vai se incorporando ao nosso ser, transformando nossas atitudes, o que potencializa minha esperança com a humanização nas histórias de vida, formação e prática docente dos(a) professores(a) com quem conversei.

Claro, dentro do ambiente escolar, as relações estão estabelecidas por normas que direcionam nossas ações, podem ser animadoras, desafiadoras e motivantes ou podem gerar bloqueios, desestimular, afastar. Fontana e Cruz (1997, p. 66) reforçam:

Na escola, as condições se modificam. Ali as relações de conhecimento são intencionais e planejadas. A criança sabe que está ali para apropriar-se de determinado tipo de conhecimentos e de modos de pensar e de explicar o

mundo, organizados segundo uma lógica que ela deverá apreender. Nesse sentido, destaca Vygotsky, a educação escolarizada e o professor têm um papel singular no desenvolvimento dos indivíduos. Fazendo junto, demonstrando, fornecendo pistas, instruindo dando assistência, o professor interfere no desenvolvimento proximal de seus alunos, contribuindo para a emergência de processos de elaboração e de desenvolvimento que não ocorreriam espontaneamente.

A escola mediatiza o processo, é preciso que estejamos atentos às necessidades presentes na individualidade dos sujeitos que configuram a comunidade escolar. Temos sinais de que é possível ações humanizadoras na nossa prática docente e que isso pode trazer consequências significativas para o contexto da escola.

Obrigado pelo seu testemunho!

Com carinho, seu orientando,

Raphael Cutis.

Na próxima carta, seguirei aprofundando os aspectos de humanização ao dialogar com Paulo Freire e alguns dos referenciais para humanização, os novos sinais percebidos na minha história de vida depois de fazer uma disciplina com a professora Elaine Prodócimo (a quem destino a carta) e me reaproximar das investigações de Freire. E claro, pensar nas descobertas a partir das conversas que tive com os(a) professores(a) sujeitos da pesquisa, especialmente sobre as pistas para a EF humanizadora e humanizada.

CARTA 3

À ELAINE PRODÓCIMO - SOBRE (RE)APROXIMAÇÃO, APRENDIZADOS E HUMANIZAÇÃO

No encerramento da disciplina sobre Paulo Freire e EF, eu escrevi (e cantei):

Um movimento, a partir de Angicos: Círculo de cultura, a força da escuta, educar é luta, mais que ler e escrever. Ao mesmo tempo estamos em risco: Questionar é pecado, “vê se fica em silêncio”, sujeitos bancários, criticar para quê? Respeitar para quê? Perguntar, por quê? Autonomia e esperança, liberdade e mudança, consciência ao oprimido, é de Freire essa herança. Há algum tempo, ‘estudar é um perigo’. Problematisa e descodifica, então humaniza, para nos conhecer. Exige tempo, ciência e conversa, estética e ética, refletir a prática, à sombra da mangueira, respeitar o saber. No novo tempo, com olhar sensível: temas geradores, situação limite, seres conscientes, com o outro aprender. No novo tempo, me coloco e existo. A gente se encanta, imagina e cria, linguagem dialógica, para transcender.

Esta é uma carta para reconhecer a importância de Paulo Freire e suas discussões sobre humanização para que o entendimento do que cada professor(a) pensa e vivencia sobre o tema fosse completo. E isso só foi possível porque o aprendizado durante as aulas com a professora Elaine (e convidados[as]), foi humanizador, problematizador, acolhedor.

A carta traz evidências em Freire sobre o tema central da minha pesquisa, consolida o objetivo alcançado com as experiências vivenciadas junto dos(a) professores(a), nas nossas histórias de vida e que favoreceram para que nossas práticas docentes sejam repensadas e desempenhadas com maior clareza humanizadora.

É importante saber que esta é uma pesquisa sobre a humanização nas histórias de vida e experiências dos(a) professores(a) de EF de Caieiras-SP e que Paulo Freire é fonte inesgotável para a compreensão desta temática. Eu escolhi amostras de sua ampla obra, consciente de que existem outros campos para explorar.

São Paulo, entre outubro de 2021 e abril de 2023.

Estimada Professora Elaine,

Ao revisitar meus apontamentos das experiências vivenciadas durante a disciplina "Seminários Avançados em Educação Física, Paulo Freire", resolvi narrar nesta carta a importância das nossas discussões para minha pesquisa e história de vida.

Existia um bloqueio em relação ao Freire e seus escritos, provavelmente fruto da maneira como foram apresentados durante minha graduação em EF. Posso afirmar que depois dos nossos encontros e das discussões sobre as obras de Freire, tal espaço foi superado e foi importante para as reflexões sobre "o processo de humanização nas histórias de vida e formação de professores(as) de EF".

Quero te agradecer pela escuta durante as aulas, sua contribuição associada aos diálogos com os(a) professores(a) participantes da pesquisa foi efetiva para meu aprendizado e processo de desconstrução. Minha busca por novos saberes, a partir das minhas experiências e inquietações, tem despertado sentidos importantes e especiais, me permitido admirar cada descoberta, aproximação, aprendizado, e assim, apreciar o processo de conhecimento que se renova a cada novo dia, nova leitura, nova partilha.

No nosso último encontro, fomos estimulados "a dialogar com Freire" a partir de uma pergunta e fiz a seguinte indagação: "Freire, numa realidade de 'saberes soberbos', como seria se cada docente, antes de agir, refletisse um pouco mais 'a sombra da sua própria mangueira', sua vida? Teríamos uma sociedade mais humanizadora?" Descobrir o que Freire responderia foi um desafio para o pequeno grupo com quem discuti.

O questionamento surgiu do meu incômodo com docentes no ensino superior e a forma que tratavam os(as) estudantes. Na ocasião, estava inflamado pelo sentimento de superação dessa forma hierárquica de tratamento. Depois de conversar com os(a) professores(a) da pesquisa e de novas leituras, descobri que minhas vivências têm questões históricas e específicas da história de vida de cada docente, que precisam ser respeitadas para serem compreendidas.

É preciso cuidado com a nossa história de vida e experiências, essa ação nos facilitará o olhar sensível para a história do outro, o respeito às vivências que cada pessoa teve e o reconhecimento das nossas fragilidades e potencialidades, características que nos humanizam. Assim, os títulos se tornam apenas um episódio da nossa história de vida.

Me recordo de um questionamento, feito na aula em que discutimos "educação como ato político" e que mexeu com minhas reflexões: "Como o texto da vida tem sido apresentado para os(as) estudantes?" E eu complementaria: "Como seria se, na condição de estudantes, tivéssemos a oportunidade de partilhar nossas experiências no lugar de apenas absorver o conteúdo que é imposto?"

Freire (1996) reforça que o ensino de saberes instrumentais faz com que o(a) professor(a) limite as possibilidades de aventura do(a) estudante, o domestica. E, de fato, sinto que os diálogos, inquietações, relações, experiências fizeram mais diferença na minha história de vida, me desafiaram a me aventurar, a ir além das folhas de papel. Foram esses

momentos e movimentos que me tornaram mais humano, sujeito e conhecedor da minha própria história. Reconheço os limites que preciso superar e hoje tenho consciência de que sou inacabado, que estou no mundo com o outro, com nossas diferenças e semelhanças, aproximações e distanciamentos, sonhos e frustrações que constituem nossa humanidade.

Sempre que tenho a oportunidade de revisitar minhas anotações sobre Freire e nossas discussões sobre sua obra, fico feliz. Elas me auxiliam na tomada de consciência, na superação das barreiras cotidianas e contribuem com o que acredito, de maneira dialógica e crítica, com "curiosidade epistemológica" e com clareza da minha inconclusão.

O professor Guilherme do Val, no diálogo sobre Freire e Freinet, disse o quão importante são as múltiplas direções, a oportunidade de experimentar o diferente, especialmente no campo da EF, espaço para múltiplos diálogos, movimentos, gestos, expressões, manifestações e que, no meu campo de experiências e visão, tantas vezes é negado. Descobri durante a pesquisa, que mesmo diante da luta diária pela educação pública, as aulas de EF têm sinais de humanização, que professores(as) se esforçam para superar as dificuldades cotidianas, procuram dar atenção para os(as) estudantes, exercitam a escuta e o protagonismo deles(as), fazem a autocrítica das aulas e projetos desenvolvidos, pensando em proporcionar o melhor para os(as) estudantes. O que aumenta a minha esperança de que, seja possível ações humanizadas, durante a prática docente, independentemente do tipo de formação que tivemos, pois elas dependem da nossa iniciativa e desejo de gestos concretos.

Ainda pode ser uma situação limite em muitos espaços de educação. Se não temos espaço para problematizar, como humanizar? Eu vivi a cultura do silêncio, num ambiente autoritário de formação e quando olho para os sinais de humanização nas histórias de vida dos(a) sujeitos da pesquisa, me sinto convocado a olhar para minhas inquietações e ressignificar minhas experiências com os(as) docentes do ensino superior.

Tenho tomado consciência de que é possível novas interpretações para a realidade vivenciada. Como pesquisador, sigo em busca de inéditos viáveis sobre o processo de humanização! Aprendi e desejo colocar luz naquilo que "está oculto" e com o outro chegar à solução, decodificar. "A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a" (Freire, 1967, p. 43).

Acredito que podemos ser professores(as) com ações humanizadas e humanizadoras, que respeitam as histórias de vida dos(as) estudantes e podem colaborar com a prática de liberdade. Sei que ao longo da história outros(as) pesquisadores(as) estudaram a temática da humanização e educação, levando em consideração a minha

(re)aproximação com os escritos de Freire, assumo que minhas análises seguirão tendo os textos dele como referência nesta carta.

Minha educação básica foi em escolas públicas e pouco se via de estímulos para que os(as) estudantes se tornassem agentes de transformação de suas próprias vidas e da comunidade que pertenciam. O aprendizado se resumia, ao que parece, ao processo de escolarização. Parece que as tradições do ambiente de educação formal, quando somadas ao contexto sociocultural, ao ambiente familiar e aos sonhos do(a) estudante da educação básica, podem trazer significativa mudança de paradigma. Eu particularmente, tive a oportunidade de participar de atividades sociais, esportivas, religiosas, de educação não formal, que junto com a minha família e a escola colaboraram com o meu desenvolvimento.

Nas faculdades particulares que cursei EF, encontrei relação verticalizada com os(as) docentes, o que distanciava de vínculos, partilhas, discussões, reflexões. E, talvez, por herança da formação bancária, não me sentia preparado para questionar aquilo que me incomodava. Tive sim encontros horizontalizados, de respeito e que trouxeram a dimensão humanizadora para a formação. Mesmo sendo poucos, fizeram diferença na minha formação e permitiram esperar por novas formas de atuar com a EF. Será que mais professores(as) tiveram vivências parecidas com as minhas? Como suas experiências durante a formação influenciaram sua prática docente? Foram perguntas presentes na minha vida e que me levaram ao objeto de pesquisa do mestrado.

As experiências vividas e os encontros ao longo da minha história de vida, me fazem acreditar que as desigualdades sociais, de estudo, de formação, de condições de trabalho, seguem presentes no nosso cotidiano.

Como seria minha ação docente hoje, se as minhas experiências acadêmico-profissionais tivessem sido mais humanizadoras? Eu não tenho como saber, só tenho certeza do que hoje sou e das transformações que sofro diariamente. Me sinto qualificado para exercer minha profissão, me incomoda o fato de hoje, experiente, perceber a quantidade de lacunas que, a falta de informação ou a falta de questionamentos ao sistema educacional, me ocasionou durante minha trajetória profissional.

Olhar para histórias de vida e formação escolar e profissional de outros(as) professores(as) de EF, tem sido um caminho importante para compreender a diferença que essas experiências trazem para a comunidade escolar. Cada professor(a) me ensinou preciosidades a respeito da humanização nas histórias de vida, na formação e prática docente. Me mostraram que é possível trazer novos sentidos e significados para o que vivenciamos e que nossa ação pode sim ser influenciada pelo processo. Somos nós quem decidimos o que faremos com cada gesto, palavra, estímulo que levaremos para nossas

aulas. Os(as) estudantes, por sua vez, utilizarão todas as informações e experiências de vida para exercer seu papel na sociedade.

Passo a refletir com Paulo Freire e seus escritos sobre humanização (e desumanização) para esclarecer o que tenho compreendido sobre o tema quando escuto as narrativas dos(a) professores(a) sujeitos da pesquisa. São eles(a) o centro da pesquisa, são os indícios apresentados nas narrativas escritas e faladas que direcionam a pesquisa. De acordo com Freire (1994, p.19) “Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão”. E é nessa inconclusão que encontramos “as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana” (FREIRE, 1994, p. 19).

Penso que a educação não pode ser libertadora, diferente da que vivi em diferentes fases da minha vida estudantil, porque se ela simplesmente oprime, domina, aliena em busca de resultados, ela desumaniza. Para ser humanizadora é preciso superar a educação bancária que apenas transfere informações e favorece o conhecimento: de si mesmo, do outro, do que estuda, do espaço, do mundo.

Vivemos tempos de esperança. Freire disse que ela é da natureza humana e que, na condição de ser inacabado, é preciso a busca constante por ela (FREIRE, 1996, p. 43). E ainda que "ninguém é, se proíbe que outros sejam" (FREIRE, 1969, p.124). Ou seja, não é possível na condição de ser inacabado(a), que homens e mulheres sejam reduzidos apenas à espectadores(as) do que acontece no seu cotidiano, muito menos à maneira limitada com que os(as) outros(as) pensam a respeito de suas ações, sem o devido respeito à complexidade, pluralidade, subjetividade humana da pessoa. Se o ser humano se reconhece inconcluso, abre novas possibilidades para se tornar humanizador, romper com as ações que coisifica a pessoa, transformar suas atitudes, problematizar os caminhos e aprendizados, esperar por tempos melhores. Para superar a desumanização que coisifica homens e mulheres é alcançar a meta da humanização.

Sempre que toca nesse assunto, Freire o faz como e com resistência a toda forma de desumanização que é imposta ao ser humano. Essa ação aparece como um convite para “superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado” (FREIRE, 1967, p. 42). Parece que perceber o(a) outro(a) tem sido um exercício cada vez mais delicado, estamos envolvidos(as) por sistemas que reduzem as relações humanas, nos diferentes campos, especialmente no profissional, as relações técnicas e pouco humanas. Vamos pensar a mudança desse cenário, refletir sobre a ação de seres humanos em movimento e construção, de maneira dialógica e não automática ou fria, como seres inacabados que somos.

Freire defende radicalmente a ideia de que, pelo fato de sermos humanos e por nosso compromisso histórico, somos chamados a transformar o mundo. Essa é a razão maior, enquanto ação educativa, na busca do ser mais, que conduz os seres humanos a um processo humanizador. A transformação passa pelo encontro e relações de homens e mulheres com o mundo e suas reais complexidades. "Tão somente em comunhão a busca é autêntica. Essa comunhão, contudo, não pode ocorrer se alguns, ao buscarem, transformam-se em contrários antagônicos dos que proíbem que busquem" (FREIRE, 1969, p.11). Não podemos coisificar de maneira disfarçada, somos todos responsáveis por nossa humanização.

Pude experienciar esse processo de luta por humanização nos diálogos com os(a) professores(a). A cada encontro a abertura ao outro aumentava e com isso nossos sonhos pela educação se uniam intimamente: pelas palavras, gestos, emoções manifestadas, os desejos recíprocos. Reconhecer nossas limitações e potencialidades humanas nos situava em um mesmo lugar, valorizava nossa comunhão relacional com e pelo mundo que vivenciamos e sonhamos. Comunicar nossas experiências e desejos, fortalece nossa transformação e a do mundo na busca por humanização.

No sentido oposto, me recordo das experiências vivenciadas durante a minha formação, onde não me sentia apto a questionar, não era convidado a refletir sobre aquilo que estudava e apenas tinha o "dever" de cumprir os compromissos do cotidiano escolar de receber as informações e conhecimentos disponibilizadas pelos(as) professores(as), para fazer boas avaliações e receber notas satisfatórias, além do tratamento como objeto, número, coisa, cifrão no ensino superior chamadas por Freire de "concepção bancária da educação, pois ela faz do processo educativo um ato permanente de depositar conteúdos" (FREIRE, 1969, p.13-14).

E ainda:

A concepção bancária, por fim, nega a realidade em devenir. Nega o homem como um ser da busca constante. Nega o homem como um ser da busca constante. Nega sua vocação ontológica de ser-mais. Nega a relação homem-mundo, fora das quais não se compreende nem o homem nem o mundo. Nega a criatividade do homem, submetendo-o a esquemas rígidos de pensamento. Nega seu poder de admirar o mundo, de objetivá-lo, do qual resulta se que-fazer transformador. Nega o homem como um ser de práxis. Imobiliza o dinâmico. Transforma o que está sendo no que é, e assim mata a vida. Desse modo, não pode esconder a sua ostensiva marca necrófila (FREIRE, 1969, p.14)

Para Freire (2011, p.116) "o 'educador bancário', na sua antidualogicidade, a pergunta, obviamente, não é a propósito do conteúdo do diálogo, que para ele não existe, mas a respeito do programa sobre o qual dissertará a seus alunos." E que "para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação é a devolução

organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada" (FREIRE, 2011, p. 116), o que podemos perceber como um caminho horizontal, dialógico, de partilha, que pode transformar a coisificação em humanização.

Sinais de uma concepção que Freire (1969, p.15) chamou de:

Humanista e libertadora da educação que reconhece o homem como um ser histórico, desmistifica a realidade, luta pelo homem-pessoa, transformador do mundo, recusa os depósitos, a mera dissertação ou narração dos fragmentos isolados da realidade, realiza-se através de uma constante problematização do homem mundo.

As inquietações que surgem ao longo da minha formação educacional, revelam a expectativa de que é possível fazer da educação espaço de formação humana e que possibilita a transformação de/com/por seres humanos, suas potencialidades, suas fragilidades e todas as experiências ao longo das suas histórias de vida. Não faz sentido pensar no ato pedagógico de educar, a partir de um currículo, do conteúdo planejado ou das imposições institucionais; esse ato deveria partir do ser humano, suas relações e seus processos de desenvolvimento, aprendizado e formação humana. É como afirma Freire (1969, p.16): "O(a) estudante não deveria ser 'domesticado' no seu processo de aprendizagem e reflexão, ele(a) precisa ter consciência, liberdade de agir de maneira ativa, onde é desafiado(a) e responde aos estímulos recebidos".

Enquanto educador, professor em formação, vivenciei no cotidiano da universidade as consequências da "Educação Bancária", inclusive nas discussões sobre Paulo Freire. Os programas estavam centrados no conteúdo exposto pelos(as) docentes, que em muitos casos se sentiam como os(as) únicos(as) "detentores(as)" do conhecimento, logo, tinham a responsabilidade de deixar aqueles(as) futuros(as) professores(as) envolvidos com conteúdo apresentado. Hoje, lendo e me aproximando da proposta pedagógica de Paulo Freire, percebo que talvez se o foco estivesse voltado para àqueles(as) seres humanos, suas histórias de vida, suas experiências ao longo do processo de aprendizagem, superar essas lacunas inerentes a educação bancária teria sido mais fácil. Freire reforça que o(a) professor(a) precisa ir além dos conteúdos e "não apenas deve ensinar bem sua disciplina, mas desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica em que é uma presença" (FREIRE, 2000, p. 43 - 44). Os conhecimentos, que na condição de estudante apreendemos, estão disponíveis de diferentes maneiras e o acesso à informação atual facilita conhecer sobre diferentes assuntos. Talvez seja papel da escola, do(a) professor(a) favorecer que estudantes acessem esses conhecimentos, de maneira humanizadora, com relações verdadeiras, por meio do convívio e das trocas que acontecem ao longo dos encontros, que extrapolam as paredes das instituições de ensino e contribuem com a transformação da sociedade; que hoje se encontra enferma, ansiosa, depressiva, que

desaprendeu a conviver, a dialogar. Que está sempre apressada para resolver questões pessoais, individuais e esquece do coletivo de pessoas com suas necessidades, porque estamos sempre postos a prova, numa competição que nos "obriga a vencer sempre".

Talvez aqui esteja a riqueza do(a) professor(a): ser presença na vida dos(as) estudantes, ser elo entre as vidas que se cruzam durante o processo educacional. São nesses encontros que percebemos nossa humanidade, pois descobrimos que mesmo nas diferenças que nos constituem, somos iguais e que podemos confiar no(a) outro(a) porque a interação faz parte da natureza humana. Como professores(as) temos o privilégio de contribuir com as descobertas das fragilidades e potencialidades de cada pessoa e nesse olhar sensível perceber que educar vai além de expor conteúdo e "transmitir conhecimento".

Freire afirmou:

O que pode e deve variar, em função das condições históricas, em função do nível de percepção da realidade que tenham os oprimidos, é o conteúdo do diálogo. Substituí-lo pelo antidiálogo, pela sloganização, pela verticalidade, pelos comunicados é pretender a libertação dos oprimidos com instrumentos da 'domesticação'. Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra (FREIRE, 2011, p. 72).

O diálogo implica relação horizontal entre duas partes, comunicação, gerar criticidade, nutrir-se de amor, humildade, esperança, fé, confiança. Nessa conexão horizontal, a busca se torna mais forte, reflexiva, leve, o que favorece para que o movimento seja comunicativo, seja humano. O diálogo é oposição a verticalidade, autoritarismo, imposições presentes no antidiálogo, faz da humanização, esperança (FREIRE, 1967).

Os poucos momentos em que professores(as) saíram das exposições durante as aulas para relatar suas experiências e abriram espaço para que os(as) estudantes compartilhassem parte daquilo que já haviam vivenciado dentro e fora do campo de atuação, trouxeram sentido, foram mais calorosas, nos "possibilitaram fazer parte" sem diferenças. É como disse Freire (2011, p.89): "Somente na comunicação tem sentido à vida humana. Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação".

Quando converso com os(a) professores(a) sobre os sinais de humanização nas nossas histórias de vida, formação e prática docente, penso sempre na superação de todas as experiências autoritárias que vivenciamos, na importância de não reproduzirmos aquilo que nos fez mal, de rompermos com questões históricas que estão impregnadas na sociedade e privaram tantas pessoas de manifestarem seus próprios desejos para a vida e para a

sociedade. Acredito que nossos pequenos gestos, quando problematizados, podem transformar nossas ações e instituir novas maneiras de educar.

Quando conversamos sobre educação, falamos de algo exclusivo do ser humano, ou seja, não podemos pensar nessa manifestação de outra forma que não a humanizada. Para isso, pensar no processo, romper as barreiras que nos impedem de perceber a realidade das nossas atitudes pode ser uma alternativa viável. “O diálogo, como encontro dos homens para a ‘pronúncia’ do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização” (FREIRE, 2011, p. 184-185). O sonho da educação (e vida) humanizada, contempla perceber a humanização como exclusividade da pessoa no mundo e a educação como algo primordial nas lutas históricas dos seres humanos por ela.

Cada experiência vivida, junto das experiências narradas por cada pessoa com quem encontrei, tem responsabilidade na produção do saber que hoje tenho. Não posso negar a riqueza de saberes proporcionada por cada encontro, elas foram tão ou mais importantes do que todas as palavras já lidas nos livros, que por sinal, na minha história de vida, demorei para ter acesso (de verdade). As relações humanas, sempre estiveram presentes. E é isso que sinto e aprendo ao ler Paulo Freire e o que escreve sobre humanização em que os pontos mais valiosos estão nos seres humanos, naquilo que ninguém para e escuta, no que torna fundamental a sua existência e dignidade.

Freire (2011, p.95-96) diz que “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”. Me sinto privilegiado de na condição de estudante-pesquisador, dialogar sobre educação e aprender a todo momento com as histórias de vida de outros(as) professores(as). Encontrei um saber plural, coletivo, igual, contribuidor, sonhador, problematizador, transformador, humanizador em cada partilha feita com eles(a).

Antes de tudo, entender a existência humana, seu comportamento, porque se não consideramos isso e partimos para o julgamento, só com nossa visão de mundo, é sinal de que o nosso processo de humanização ainda precisa de ajustes para se tornar aceitável nas relações que estabelecemos. Minha esperança é que a prática docente seja valorizada, o(a) professor(a) possa vivenciar a práxis tendo suas ações e inovações valorizadas, com oportunidade de formação embasada no seu cotidiano educacional, de maneira humanizada, experimentar novas formas de agir, de trocas e compartilhamento do saber. Acredito que a valorização docente contribui para que novas formas de agir surjam e sejam respeitadas.

Sabe professora Elaine, às vezes penso como seria minha ação docente hoje, se minha formação profissional tivesse sido diferente, humanizada. Incomoda-me o fato de hoje, mais experiente, perceber a quantidade de lacunas que, a falta de informação ou a falta de

questionamentos ao sistema educacional, me ocasionou na prática docente. Ainda estamos engessados em tradições, costumes e princípios que nos fazem ser quem somos. Humanizar passa por romper esses paradigmas e talvez uma simples abertura ao diálogo, ao entendimento do(a) outro(a) e sua história de vida, já favoreça ações humanizadoras no coletivo escolar.

Como será para os(as) professores(as) mais experientes, mais velhos(as), receber colegas novos? De que maneira renovam sua motivação a cada novo ano letivo? Qual é o valor da experiência compartilhada? São incômodos que não necessariamente pretendo responder, mas que tenho refletido a partir da minha história como estudante e como professor. Ser visto como “uma classe” e não como indivíduo em sala de aula teve seu peso negativo no contexto do ensino superior. A sensação era de que a maioria dos(as) docentes estavam ligados(as) no “piloto automático” e entravam na turma para reproduzir as discussões que já faziam há muitos anos, apenas depositando conteúdos e desumanizando o ensino.

Nos tempos atuais, passamos por outro aspecto de distanciamento a partir da utilização de tecnologias online nas aulas. Todos os(as) profissionais, até aqueles(as) cujo compromisso é o cuidado do ser humano, sofreram com os tempos devastadores que vivemos nos últimos anos. Sofrimento, medo, crise, preocupação, ansiedade, depressão, incompetência política, se tornaram presentes nas nossas vidas e ao mesmo tempo nos convidaram a ressignificar o que acreditamos. A pandemia trouxe grandes consequências para a vida humana e entre elas, a perda de conhecimentos, habilidades, estudos e experiências que nos constituíram ao longo da vida.

Quantos são os conhecimentos e as experiências pessoais que “morrem” todos os dias? Como mensurar esse bem comum - cultura, educação, criatividade - que não chegará para as novas gerações? No momento em que, para alguns, a vida humana não tem valor e o sofrimento pode ser motivo de chacota, centenas de milhares de pessoas levam com elas um importante e imensurável acervo de conhecimentos, saberes e vivências, capazes de transformar o mundo. De que maneira estamos cuidando do humano que somos?

Nossas relações passam pelos vínculos que, literalmente, permanecem vivos ou pelos novos que surgem. É preciso coragem e motivação para mantermos a sensibilidade, natural do ser humano, para que nossa profissão ajude o outro na sua jornada. Esse vazio dificilmente será preenchido, podemos amenizar suas consequências se mantivermos o que é próprio da vida humana: o coletivo, o querer bem. A educação é essencial para o desenvolvimento humano e precisamos nos unir, como pessoas, como humanos, como professores(as), como aqueles(as) que desejam uma sociedade melhor. Para isso, precisamos de mais ações humanizadoras e que respeitem a diversidade humana.

Obrigado pelo tempo dedicado a essa leitura!

Raphael Cutis

Escrevo a próxima carta para seis professoras e um professor que conduziram uma disciplina sobre “pesquisa narrativa (auto)biográfica. As discussões que tivemos durante o semestre de estudos, foram fundamentais para que eu encontrasse um suporte necessário para a metodologia da pesquisa utilizada ao longo desse texto. Eu me apoiei especialmente na narrativa em três dimensões (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014) e descrevo as conexões que fiz com os resultados da pesquisa.

CARTA 4

À INÊS BRAGANÇA, GUILHERME DO VAL TOLEDO PRADO, MARIA HELENA ABRAHÃO, MAIRCE ARAÚJO, CONCEIÇÃO LEAL, MARIA TERESA PEREIRA E MARIA LUÍSA BRANCO - SOBRE AS MEMÓRIAS NARRADAS, EXPERIÊNCIAS AO LONGO DA VIDA E COM A PESQUISA

Hélio era um menino que adorava encontrar coisas diferentes. Um dia, ele achou uma máquina. Ela não tinha nenhum botão de “liga/desliga” nem fazia bip ou plim! Hélio ficou intrigado. Até que, de repente, fez a máquina funcionar. Aquela máquina fazia Letras. E as letras faziam palavras. Será que Hélio tinha encontrado uma máquina de histórias? Mas ele não era muito bom com as letras. Mesmo se esforçando, as palavras saíam meio atrapalhadas... Foi aí que Hélio viu algo diferente no meio daquelas palavras: um desenho! Então ele começou a desenhar... e não conseguiu mais parar. Fez desenhos grandes e desenhos pequenos, desenhos agitados e desenhos calmos. Apesar de diferentes, eles sempre contavam uma história. Essa tal máquina era mesmo uma máquina de histórias! Mas não passou muito tempo e os problemas começaram a aparecer. De tanto ser usada, a máquina de histórias começou a pifar... Até que pifou de vez! Hélio achou que nunca mais poderia fazer desenhos. E, sem desenhos, nada de histórias! Ele ficou muito triste. Ainda bem que, depois, Hélio acabou encontrando mais uma coisa diferente e percebeu algo importantíssimo: Não era a máquina que fazia as histórias...era ele! E assim Hélio nunca mais parou de inventá-las.

A máquina de histórias (MCLAUGHLIN, 2014, p.1-32).

Como o menino Hélio, descobri com as professoras e o professor que conduziram os aprendizados sobre escrita narrativa, que minha história importa, que é impossível escrever algo sem mergulhar nas histórias de vida que fazem parte dos acontecimentos, descobri que é possível expor nossas inquietações de maneira humana, flexível e próxima da realidade. Que é uma escrita trabalhosa, que quando elaborada estabelece sentidos e significados difíceis de encontrar em outras maneiras de escrita.

Partilhei episódios da minha história de vida em outras cartas e apresento outros momentos importantes, outras experiências que me constituíram quem sou. Sinto como se a descoberta do mundo acadêmico fosse o mesmo sentimento do menino Hélio ao descobrir a máquina de escrever e sua dificuldade com as palavras. O encontro com a pesquisa narrativa sendo o aprendizado de outras possibilidades de utilizar as letras e as palavras para “desenhar” os acontecimentos vivenciados. Conversar com os(a) professores(a) e escrever

minha dissertação em forma de cartas, é igual a descobrir que quem faz a história sou eu e não as “máquinas”, elas limitam e desumanizam.

Tenho total respeito a todos(as) professores(as) que dedicam sua vida as pesquisas narrativas. Muito obrigado pelos caminhos desbravados e conteúdos desenvolvidos, eles me ajudaram a chegar nesse momento da minha vida e pesquisa com tranquilidade para produzir e defender o que acredito. Vocês trouxeram sentido para minha pesquisa e me ajudaram a eliminar o medo das imposições acadêmicas.

São Paulo, outubro de 2021 e abril de 2023.

Estimado(as) Professor(as),

Participar do “Seminário avançado I – Pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação e formação de professores(as)” me instigou a fazer a minha pesquisa de maneira narrativa, os encontros direcionados por vocês mostraram a grandeza dessa maneira de pesquisar, conectou com aquilo que tenho refletido sobre humanização e me trouxe grandes aprendizados. A oportunidade de ouvir histórias de vida e maneiras diferentes de pensar a educação, foi um convite para refletir minha própria história de vida e outras formas de entrecruzar com as experiências, com o que somos e pesquisamos, com a arte, a literatura e as discussões da pesquisa (auto)biográfica.

Indícios da pesquisa narrativa me provocaram a usá-la como metodologia na minha investigação. Escolhi a “pesquisa narrativa em três dimensões” (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014) como principal referência, por considerar a proposta coerente com o que penso, conectada com meu projeto de pesquisa e com a maneira como a história de vida e experiências dos(a) professores(a), com quem conversei sobre a humanização, me sensibilizou:

A abordagem teórico-metodológica que desenvolvemos pressupõe dimensões narrativas produzidas simultaneamente e de forma articulada ao longo da pesquisa e dizem respeito às fontes de dados, ao registro do percurso, que é constitutivo da produção de dados, e ao modo de produzir conhecimento. Isso porque os dados vão sendo produzidos a partir de narrativas escritas pelo/s sujeito/s, o percurso do trabalho é registrado progressivamente em uma narrativa reflexiva e este texto – em construção permanente – não é apenas uma forma final de registro, mas um recurso privilegiado também de produção de dados e de ação-reflexão em busca do conhecimento possível para iluminar a compreensão sobre o que se pesquisa. Trata-se, portanto, de um tipo de pesquisa qualitativa (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014, p. 1).

Quando acessei essas primeiras linhas, já fiquei entusiasmado com a pesquisa que se aproxima de maneira humana dos(a) sujeitos, que se mostra flexível e sensível aos acontecimentos, que respeita a visão de mundo dos(as) envolvidos(as), e ainda é:

Culturalmente contextualizada; pautada na análise contínua e progressiva das informações disponíveis para a produção de dados; holística; constituída a partir da experiência do/s sujeito/s tal como é vivida e sentida por ele/s; interpretativa e focada na compreensão das pessoas dentro de seu próprio âmbito de referência; pautada na convicção de que todos os cenários e perspectivas têm valor e são dignos de estudo; voltada aos indícios, às singularidades; válida pela coerência epistemológica; comprometida ética e esteticamente com a produção de novos conhecimentos; construída a partir de um pensamento metacognitivo do pesquisador; pressupõe um processo de implicação do pesquisador/autor; tomar a si mesmo como fonte importante de dados, pelo exercício de reflexão sobre o percurso da pesquisa (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014, p.2).

Minha escolha por essa pesquisa não está sozinha, eu me apoio em Prado, Soligo e Simas (2014) que trazem outros(as) autores(as) que utilizam a narrativa com fonte da produção: Connelly e Clandinin (1995 e 2011), que “afirmam que a narrativa é o nome dessa qualidade que estrutura a experiência a ser estudada” (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014, p.2), que é uma maneira de contar as “histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas, individual e social” (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014, p.3) e que a temporalidade, o individual, o social e o lugar constituem as três dimensões pelas quais o(a) autor(a) se movimenta “introspectivamente, extrospectivamente, retrospectivamente, prospectivamente e situado em um lugar” (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014, p.3). E em Bolívar, Domingo e Fernández (2001) que dizem que essa é uma metodologia que “consiste em solicitar que os sujeitos contem histórias sobre acontecimentos e ações e, a partir de uma análise conjunta, interpretem e construam novos relatos, onde devem inscrever mudanças e melhoras” (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014, p.3). Eles ainda chamam atenção para a diferença entre: 1- análise de narrativas e 2 – análise narrativa:

A análise de narrativas tende, em geral, a um tratamento paradigmático, taxonômico, categorial dos dados narrativos, em busca de generalizações do grupo estudado, a análise narrativa consiste em estudos baseados em casos particulares, em que a análise produz uma narrativa em diálogo com os dados, procurando evidenciar elementos particulares que configuram uma história, e não produzir generalizações (Bolívar; Domingo; Fernández, 2001, pp. 107 e 109).

Sabe professor(as), desde que decidi pela pesquisa narrativa, por conversar com os(as) professores(as) de EF de Caieiras-SP, tinha claro o desejo de respeitar as histórias de vida de cada um(a), de partir daquilo que me falassem para então desenvolver minhas contribuições com a reflexão de outros(as) professores(as), é esse o movimento que dará sentido para esta investigação. A escolha do gênero carta para o texto de pesquisa foi

inspirada na produção da minha orientadora, Nana (AYOUB, 2021), que traz contribuições da pesquisa narrativa e de autores(as) com quem dialogo nesta investigação. Na carta dedicada à Nana (carta 2,) aprofundi a escolha do gênero carta e a importância da Nana na minha formação.

As inquietações que me levaram até os(a) professores(a), tem relação com minhas experiências e o que aprendi com eles(a), o que consegui captar e produzir a partir dos nossos encontros, se conecta com o que Prado, Soligo e Simas (2014, p. 4) pensam sobre os três lugares da pesquisa narrativa:

Uma ousada aventura de autoria, uma vez que o autor produz narrativamente a pesquisa, de forma progressiva, e produz narrativamente o seu registro por escrito, também ele fonte de dados que se constitui no percurso – em diálogo com as narrativas que são as fontes de dados iniciais. E esta não é uma escolha fácil de administrar ao longo da pesquisa, por várias razões.

Ao longo da minha formação, tive dificuldade de aprender os caminhos da pesquisa, para descobrir como fazer “da maneira certa” (ou seria da maneira que queriam?), enfim, sempre me pareceu mais importante entender o que acontecia com a pessoa do que com os registros, os conteúdos, as teorias. Transgredir as formas de registros bibliográficos e me aproximar da realidade pesquisada, com o que ouvi e vivenciei, me deixou mais realizado. A própria escrita destas cartas já é sinal do rompimento “com as formas canônicas de apresentação do texto final” (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014, p.5). Uma tarefa difícil, até dolorosa, que me deixou realizado.

Chegar a esse modelo de escrita, de registro, de narrativa, foi fortalecido pelo Laborarte com sua defesa da perspectiva autoral nas nossas pesquisas, o que ajuda na coerência com aquilo que produzimos e, nesse caso, com a narrativa em três dimensões. Esse modo me motiva “porque busca verossimilhança, apresenta condições prováveis entre dois eventos, transgredir a consistência podendo ser contraditório, transcende o particular e tenta abstrações” (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014, p.6). Sem deixar de reconhecer as proposições dos conceitos que são fundamentados pela consistência teórica e constante busca “da verdade”.

É complexo pensar e escrever sobre aquilo que vivenciamos e buscamos. Imerso nas experiências, me observo constantemente preocupado com aquilo que pretendo dizer quando escrevo e como isso será compreendido. Prado, Soligo e Simas (2014, p.6-7) afirmam:

Quando é assim, indiscutivelmente aquele que escreve desempenha três papéis de sujeito a um só tempo: autor, escritor e personagem protagonista. É uma escrita de si, datada, contextualizada, nascida de uma experiência pessoal sensível. O personagem, neste caso, protagoniza a cena em relação

à experiência de pesquisador, à autoria do texto e à escrita que produz para reter a narrativa e comunicar um conhecimento que considera válido.

Envolvido pelo paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), tenho notado uma fonte de dados/achados que vão além do que escrevi e ouvi durante todo o mestrado. Isso é algo fantástico, que diante da sensibilidade da temática e da ampliação de informações, deixa as escolhas do que é narrado ainda mais desafiadoras. Minha esperança vem do que Prado, Soligo e Simas (2014, p.7) dizem:

Pluralidade e complexidade que passam a ganhar visibilidade quando os pesquisadores trazem para a pesquisa a voz dos sujeitos; quando depoimentos e textos sobre si e sobre experiências vividas se tornam conjunto de informações de uma pesquisa; quando a singularidade é considerada.

Porque é justamente o que tenho procurado com esta pesquisa, são as histórias de vida e experiências dos(a) professores(a), em diálogo com as minhas experiências que protagonizam as descobertas sobre o processo de humanização, que me ajudam a ressignificar o vivido e a promover novas atitudes. Espero que tenha chegado até você e gerado novas problematizações. O processo é sempre de escolhas, daquilo que toca, que faz sentido e ajuda no entendimento da história que surge das nossas interações e discussões (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014).

Narrar, é uma junção de movimentos que acontecem no decorrer de todo trabalho, que rompe com paradigmas rigorosos, que convida a entrega plena ao que é produzido, ao que é sensível, que pede estética e coerência, que respeita a pluralidade e diversidade. “Para comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos e novos achados é indispensável uma nova maneira de escrever, que remete a mudanças profundas. A esse movimento talvez se pudesse chamar de narrar a vida e literaturizar a ciência” (ALVES, 2001, p. 14-16 apud PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014, p.9).

Antes de produzir, precisei passar por informações, das mais diversas fontes, que respondessem minhas inquietações e ajudassem na compreensão dos(as) leitores(as). Faz sentido para minha pesquisa o entendimento de Prado, Soligo e Simas (2014, p. 9) sobre a obtenção de dados/achados: “não utilizamos a expressão “coleta” e sim “produção” de dados: as informações formam um conjunto no qual o pesquisador mergulha com todos os sentidos para encontrar os dados que contribuem para sua compreensão da questão que se propôs a investigar”.

Para que possam compreender de onde parte minha produção, acho importante compartilhar parte das minhas memórias. A professora Abrahão (2021), durante um dos nossos encontros, comentou que: *“a vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”* e eu considero importante reconhecer as experiências

vividas e os seus sentidos. Narro então, recortes da minha história de vida, dos caminhos percorridos e os sentidos percebidos.

Aprendi com Passeggi (2008, p.37) que “a escrita do memorial democratiza as narrativas de fatos memoráveis, substituindo o personagem ilustre, o notável, pelo narrador-autor que se coloca em cena como herói de sua própria história”, e com Prado, Cunha e Soligo (2008, p.137) que “o memorial é um texto em que o autor relata sua própria vida, apresentando fatos e situações considerados importantes ou interessantes, explicitando as marcas e sinais que contam, explicam e justificam sua trajetória”. É nesse sentido democrático que trago a narrativa das dores e dos andares ao longo da minha história de vida, formação e profissão. Afinal, o que sou foi o que me levou até os(a) professores(a) sujeitos da pesquisa.

Nas escolas públicas que estudei, não era o único preto na sala de aula, mas isso não impedia de sofrer ataques racistas. Não era o único que não tinha “habilidade para esportes coletivos”, porém era constantemente excluído nas aulas de EF. Não era o único que tirava notas boas, o que não impedia de ser chamado de “CDF” de maneira pejorativa. Não era o único que adorava o cheiro de álcool na folha de prova reproduzida no mimeógrafo e que nunca questionava o motivo de todos receberem as mesmas provas, mesmo com seus tempos diferentes no processo de aprendizagem. E isso não quer dizer que, se fosse “o único”, as pessoas teriam direito de me julgar por esses e outros tantos motivos.

Foram as interações com minha família, com os(as) amigos(as) que moravam na mesma rua e com quem eu passava horas brincando junto, com meus(minhas) irmãos(irmãs) de Fé, com as pessoas envolvidas nas diferentes atividades nas quais estava inserido em instituições sociais, esportivas e de formação de jovens, que entendi meu papel no mundo. No meu entendimento, a escola teve seu papel, provavelmente protocolar. Ao conversar com os(a) professores(a) de Caieiras-SP, pude perceber semelhanças na nossa formação básica e outras maneiras de interpretar experiências parecidas, o que me ajudou a repensar concepções que eu tinha sobre essa etapa da minha vida (escrevi sobre esses aprendizados em outras cartas).

Venci um desafio social ao cursar o ensino superior numa realidade que me inibia, me limitava. Não me sentia preparado para questionar aquilo que me incomodava, era como se eu fosse apenas mais um número dentro das instituições, minha dignidade humana não foi respeitada. Isso me fez pensar que poucos daqueles(as) docentes tiveram autonomia na sua prática profissional, ora conduzidos(as) pelas diretrizes governamentais, ora “orientados(as)” pela visão/missão da instituição particular em que estavam empregados(as). Todos(as) estavam condicionados(as) as atribuições para suas aulas. Lutar por mudanças não era uma

possibilidade viável, para estudantes e nem para os(as) docentes no seu ambiente profissional.

Foi um período que sinais de desumanização foram dados: junção de turmas em salas pequenas, cobrança de mensalidade para “ter o direito” de questionar algo com a coordenação, omissão das informações sobre a produção acadêmica, desdém com a capacidade dos(as) estudantes de ir além da proposta, verticalização nos modelos de formação, desigualdades sociais escancaradas dentro do campus.

Mesmo com ações mercadológicas de ensino, foi no ensino superior que me aproximei dos conhecimentos técnicos da EF, mas foram as minhas experiências ao longo da vida que, de fato, me ajudaram a ser o professor que hoje sou, com todas as minhas inquietações, medos e conquistas. Acredito que são as relações e experiências que me impulsionam a ser um humano e professor melhor, tenho me esforçado para isso.

Essas experiências no ensino superior me aproximam dos silêncios que precisam ser superados e foram citados pelas professoras Conceição e Teresa durante nossos encontros: o silêncio das instituições que não se preocupam com o processo formativo e desvincula do(a) estudante tão logo entrega o diploma, o silêncio das políticas educativas que não contribuem com a formação adequada dos(as) futuros(as) professores(as) favorecendo que cheguem no ambiente escolar com medo da atuação e o silêncio dos professores mais experientes que desestimulam quem chega, minam a criatividade e o desejo inovador. A cultura do silêncio esteve presente na minha formação, me acomodaram e colocaram barreiras na minha caminhada acadêmica que até pouco tempo eu nem sabia que existiam como possibilidades. Estar no mestrado, produzir este texto é um exemplo concreto disso.

Nesse caminho de descobertas e aprendizados, em que passado, presente e futuro fazem parte de um mesmo momento, recordo um período de grande importância na minha história de vida, em que ousei dizer ter marcado a mudança do “velho Raphael” para o “novo Raphael”: minha experiência como professor voluntário em uma Escola Normal de EF, na Província de Benguela, Angola. Foi com essa experiência que minha visão de mundo mudou, das coisas mais simples até as mais complexas, tudo passou a ter mais sentido, porque aprendi a primeiro perceber a pessoa na sua humanidade, antes de qualquer atitude.

Morei em Angola no ano de 2012, fui para aquele país como professor voluntário-missionário e pude colaborar em diversas frentes, especialmente com as crianças e jovens. Em meio a terra, poeira e sorrisos curiosos, senti na pele, verdadeiramente, o poder de ser humano e o quanto o conhecimento associado às nossas experiências e histórias de vida, por

mais simples que possam parecer, são importantes para as vidas com que cruzamos e ressignificam ações quando fazemos o caminho de olhar para dentro.

Com menos de três anos de experiência como graduado, estava pronto para reproduzir na escola de formação de professores(as) aquilo que me incomodou durante a graduação. Felizmente, na primeira semana de aula, descobri que antes de qualquer conteúdo, meu dever seria conhecer a história de vida, as necessidades, as expectativas daqueles(as) com quem minha vida seria compartilhada. Pelos estudos, eu já conhecia a realidade social, educacional, política e cultural de Angola, contudo o principal eu desconhecia: as pessoas que sonhavam ser professores(as) de EF. As disciplinas passaram a ser a oportunidade de descobrirem novas formas de perceberem o mundo e suas potencialidades de transformação.

A cada “bom dia” recebido, a cada fala do(a) representante de turma dizendo “estamos prontos para aprender professor”, reconhecia a pequenez dos problemas pelos quais passei ao longo da vida diante da grandeza das verdadeiras trocas humanas. O rigor no ambiente educacional, o respeito a figura do(a) professor(a), a vontade de aprender foi algo que me assustou de início, porque era impossível não comparar com o que encontramos em ambientes escolares no Brasil e que fazia sentido para aquele contexto. Em contrapartida, quando esses(as) mesmos(as) estudantes tinham a oportunidade de encontrar com as crianças e adolescentes nas atividades que desenvolvíamos fora do ambiente educacional, era magnífico, encantador, fascinante. Tamanha beleza me ajudou a desconstruir preconceitos e a compreender a importância do “narrar com”, crescer junto, vivenciar cada momento.

As memórias de Angola são sinônimo de transformação da minha vida, tenho certeza de que esta produção é fruto do que lá vivenciei. Certamente, ao terminar a produção desta dissertação, terei novos e transformadores aprendizados, que me ajudarão a ser um pouco melhor e ter atitudes cada vez mais humanizadoras.

Retorno para o Brasil com casamento marcado e pronto para iniciar uma nova vida em pró da minha família, as pessoas com quem a minha vida mais se encontra e que a cada novo dia me estimulam a superar minhas limitações: Natalia (esposa), Maria (filha), Henrique (filho), Elisa (filha) e Pedro (sendo gestado). Devo a elas(e) toda a gratidão, pela paciência e estímulo com este período de mestrado e pela graça de compartilharmos a vida. Amo ser família!

Todos os passos pessoais, acadêmicos, profissionais que dei nos últimos anos foi pensando no impacto que causaria na nossa história de vida familiar. E hoje, após lutar,

estamos colhendo os frutos dos inúmeros desafios pelos quais passamos. Quando estamos juntos, fica mais fácil a caminhada.

Concordo que:

Toda e qualquer experiência afeta as experiências posteriores, pelas atitudes que condiciona, mas, também, pelo impacto que tem sobre as condições objetivas dessas experiências posteriores. Fazer uma experiência implica “sofrer” as consequências dela. Desse modo, embora a atividade e a mudança estejam implícitas na experiência, necessitam ser refletidas para serem consideradas efetivamente experiências (BRANCO, 2010, p. 603).

O período de isolamento social, de dedicação maior às necessidades da família e do lar, tem possibilitado revisitar, todos os dias, nossas histórias de vida, a dar novo significado para nossas experiências, a valorizar (e desvalorizar) pequenos gestos e a entender a importância de viver intensamente o hoje, o agora, sem perder a esperança de dias melhores e mais humanos.

Reconheço a importância do meu amadurecimento, das minhas escolhas, sem perder o foco daquilo que acredito. As vivências nas graduações, em Angola e as demais experiências pessoais, acadêmicas, profissionais, fizeram com que a constituição do meu objeto de pesquisa fizesse sentido. A oportunidade de pesquisar sobre inquietações a partir do vivido, do sentido na pele, me realiza e transforma a partir do experienciado!

Tenho aprendido desde a entrevista com minha orientadora e durante todo o processo de pesquisa com os(as) professores(as), que as relações dentro do contexto acadêmico podem ser humanas e diferente do que experienciei no passado. O exercício da escrita, do registro daquilo que sinto, vejo, leio, toca a minha história e me ajuda a narrar uma nova história, que é minha e daqueles com quem convivo diariamente no meu lar, no meu trabalho, na universidade, no campo de pesquisa e todos os demais espaços que ocupo. A partir do momento que iniciei a pesquisa, não vi o mundo da mesma forma. “Não tenho certezas, mas tenho muitas dúvidas. Não tenho respostas, mas tenho muitas perguntas” (NÓVOA, 2019, p. 208).

Minhas dúvidas, inquietações sobre o processo de humanização têm encontrado respostas significativas nas narrativas de cada professor(a) com quem conversei, que ao falarem das suas experiências, me ajudam a mergulhar de outras formas nas minhas próprias vivências. Indícios extremamente importantes e narrei nas diferentes cartas que compõe este texto.

Esse processo de narrar com o outro faz diferença porque “os professores desenvolvem-se numa teia relacional, com crianças, pais, pares profissionais, e outros” (SARMENTO; COSTA, 2019, p. 58) e, pelo menos naquilo que vivi, com o devido respeito as histórias de vida, quero colaborar para que ao refletirmos nossas experiências, entendamos

o papel transformador da ação docente humanizada. “Os ‘olhos’ com que ‘revejo’ já não são os ‘olhos’ com que ‘vi’” (FREIRE, 2003 apud ABRAHÃO, 2004, p. 208). É o que a própria professora Abrahão chama de “memória de vida compartilhada”, possibilitar ao(à) leitor(a) reflexões que contribuam com ações transformadoras. Ao entrecruzar com as histórias de vida dos(a) professores(a), a cada nova interação, leitura, escrita, sinto a necessidade de acreditar na modificação do que vivi.

E se eu tivesse a oportunidade de ir além do esperado, do previsto?!

Em um dos encontros da disciplina, uma colega trouxe durante o momento “arte e literatura” sua narrativa em que se destacou, aos meus ouvidos, o processo de “embranquecimento” pelo qual ela precisou passar para ser enxergada e lembrada pelos professores (Rosangela, aula do dia 01/09/2021). A narrativa disparou gatilhos da minha vida como pessoa negra, revisei momentos que narrei neste texto e, estimulado pela Nana, já tenho pensado no próximo passo da minha vida de pesquisador: no doutorado, quero escutar, ouvir a voz, ler autores(as) negros(as) e reconhecer o valor das produções feitas por uma classe tida como minoria, aprofundar em histórias de vidas negras e na sua realidade no cenário social e educacional. Antes do projeto de doutorado, já comecei “enegrecer” minha pesquisa. Convido para que leiam a minha carta 13, presente neste texto. Nela já partilho um pouco do que sinto hoje em relação a superar as mazelas impostas pela cor da pele.

Algumas perguntas moveram nossos encontros: “O que nós queremos narrar? Como narramos? Por que narramos? Como as narrativas cruzam com as experiências?” Talvez a resposta esteja justamente no respeito e entendimento de como o sujeito vive, percebe, dialoga com o outro, com o mundo.

Como escritor/narrador/personagem da minha história, busquei narrar aqui acontecimentos relacionados às experiências de formação, à prática profissional e à vida (SARMENTO; COSTA, 2019). Tenho convicção de que, ao mergulhar na minha história e revisar as suas, você leitor(a) terá muitos questionamentos, e isso é muito bom, sinal do nosso inacabamento e busca por novas maneiras de ver o mundo.

Me encanta revisitar o que já foi vivido, o que está narrado e todas as memórias que se misturam nesse emaranhado de fios e sentimentos que constituem o mesmo eu. Considero importante trazer um pouco das minhas memórias, para ajudar a justificar a importância da minha escolha pela pesquisa narrativa em três dimensões. Afinal, se eu apenas argumentasse baseado no que já foi produzido, parte do que sou e acredito não seria exposto, logo, estaria incompleto.

Seguindo com o texto de Prado, Soligo e Simas (2014, p.10) descobrimos que:

Para escrever, distancia-se do vivido e, de um outro lugar – e, portanto, com outro olhar – consegue enxergar coisas inalcançáveis antes, de onde estava. Possui, assim, um novo olhar, possível a partir dos novos sentidos que se constituem pela experiência de distanciamento, “estranhamento” e resignificação do vivido. E, para atingi-los, modificamos necessariamente o presente, produzindo, assim, conhecimento na/pela experiência não só de narrar e investigar, mas também de inventar e reinventar as ações a partir de tomadas de consciência todo o percurso é construído com o outro, ao tomar a narrativa do outro, e a própria, como fonte de dados.

Me sinto modificado a cada palavra que escuto e escrevo nesta pesquisa, aquilo que compartilhei nas conversas individuais pode ter contribuído com os(a) professores(a) e agora, aquilo que você lê pode contribuir com novas transformações. “O pesquisador, suas experiências – de investigar e escrever – e o contexto da pesquisa modificam ele próprio” (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014, p.11).

Fiz questão de registrar as diferentes etapas da pesquisa, de fazer as transcrições, de escolher os trechos que tocaram de maneira sensível no tema da pesquisa, sempre em constante reflexão, o que “potencializa substancialmente a tomada de consciência, e de decisões,” (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014, p.11) e me faz sentir a cada texto não publicado. “Esse tipo de escolha metodológica pressupõe não rotinizar os acontecimentos, não os naturalizar como óbvios, não atropelar a singularidade” (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014, p.11).

Por fim, é importante reforçar o que dizem Prado, Soligo e Simas (2014, p.12):

A partir da investigação sobre o vivido, a perspectiva é compreender a experiência e, dessa maneira, extrair lições dos acontecimentos, ao invés de buscar somente o que tem de reproduzível e constante a experiência. A pesquisa narrativa, tal como a realizamos, em três dimensões articuladas, implica construir saberes e conhecimentos a partir das interpretações e compreensões possíveis no percurso, a partir das ações que vão acontecendo. Não para propor verdades absolutas, pois não está absolutamente em questão defender uma verdade única, mas para dar sentido às múltiplas verdades existentes.

Foi justamente por não acreditar em “verdades absolutas” que escolhi narrar os aprendizados, valorizar as experiências que cada professor(a) trouxe sobre sua história de vida, entrecruzar com as minhas experiências e gerar reflexões para todos(as) que acessarem as cartas que escrevi.

Tenho consciência de que antes de narrar nossas histórias, outras produções foram publicadas, defendendo que nenhuma dessas produções tratou das subjetividades, fragilidades e potencialidades dos(a) sujeitos da pesquisa, que podem se aproximar de outras histórias, mas que serão únicas. Acredito que possam existir proximidades com outras histórias, assim como encontramos similaridades durante nossas conversas.

O que vivenciamos antes, durante e após essa produção jamais se repetirá e é a partir do que veio antes e durante que surgiu esta investigação. Um percurso muito bonito, cheio de emoções, encontros, interpretações e complexidades que justificam minha/nossa busca por humanização e trouxe sentido para as inquietações que existiam antes de iniciar o processo investigatório.

Agradeço a tessitura que foram nossas aulas e pela oportunidade da escrita.

Com carinho

Raphael Cutis

A carta que segue, destino ao Laborarte, meu grupo de pesquisa. Nela apresento minhas reflexões sobre o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), meus entendimentos, questionamentos e aprendizados, sobre os sinais de humanização que encontrei durante a pesquisa e de que maneira contribuíram para que eu pudesse dialogar com cada professor(a) mantendo o respeito as histórias de vida e experiências narradas.

CARTA 5

AO LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE ARTE, CORPO E EDUCAÇÃO (LABORARTE) - SOBRE INDÍCIOS E APRENDIZADOS

... E volta
como o Sol
Cheio de luz e inspiração
rompendo a escuridão
Quem divide o que tem é
que vive para sempre
E a gente humildemente
lembra no refrão
... Quem tem um amigo
tem tudo
Emicida (AmarElo, 2019)

Esta carta tem como objetivo descrever indícios que me ajudaram ao longo da pesquisa, que contribuíram para que os sinais de humanização presentes nas histórias de vida e experiências dos(a) professores(a) transparecessem em cada palavra e gesto. E chegar nesse entendimento só foi possível porque fui acolhido, de maneira humanizada, no Laborarte.

Tais indícios partem do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) e tem relação direta com a pesquisa narrativa, é um método “necessariamente narrativo, na medida em que é a narrativa que dá sentido aos indícios” (AGUIAR; FERREIRA, 2021, p.18). A cada nova conversa, o que era dito pelo(a) professor(a), as expressões, os movimentos e emoções me convidavam a mergulhar, vivenciar e sentir aquele momento junto com ele(a). Ao mesmo tempo, enquanto observava as manifestações, minha própria história e prática eram repensadas, além das questões próprias da investigação que aproximavam e afastavam, de diferentes formas, da narrativa em acontecimento.

Questões complexas de uma realidade fragmentada, que impulsiona e freia, que exila e aproxima. Nesse sentido, Aguiar e Ferreira (2021, p.19), registram:

As narrativas como forma potente de mobilizar sentimentos, dúvidas e processos reflexivos diferentes dos vividos momentaneamente na ação. Sendo uma experiência de retomada – oral ou escrita – da experiência vivida, narrar é outro acontecimento que toma o professor e permite atualizar momentos passados, lições aprendidas, contextos e perspectivas não contempladas no calor da ação. Esta relação de narrar o vivido e voltar-se à experiência se configura de maneira dialética: se por vezes é a experiência vivida no contexto formativo que reverbera a escrita narrativa, em outras situações é a leitura e contato com narrativas docentes que favorece importantes mudanças de atitude e concepção em relação às práticas cotidianas.

Aguiar e Ferreira (2021, p.19) ainda percebem que existe um “entrecruzamento de tempos que torna as narrativas singulares e potentes” e destacam “três temporalidades da pesquisa: o tempo da história de vida, o tempo da pesquisa e o tempo da escrita”, que podem nos ajudar a entender a importância da atenção aos sinais durante a pesquisa:

O tempo da história de vida é aquele que vivenciamos como realidade e como cultura. Nossa relação com o real é mediada pela cultura. Entrar no tempo da pesquisa é, de certo modo, exilar-se de um tempo cotidiano para, num exercício de estranhamento e distanciamento, problematizarmos esse cotidiano. Mas esse exílio não significa nos afastarmos de nossa história de vida, o que seria tão impossível quanto nos afastarmos da cultura (AGUIAR; FERREIRA, 2021, p.19).

Eu não consigo imaginar todo aprendizado promovido por esta pesquisa sem ter sido atravessado pelas histórias de vida dos(a) professores(a), assim como sem ter contribuído para que resignificassem sua própria história. A pesquisa narrativa me impele a ser pesquisador por inteiro, com tudo que sou e acredito aberto a desconstrução e a cooperar com os diferentes episódios que constituem nossa história de vida. Se não fosse dessa maneira, não faria sentido a busca por sinais de humanização, poderia, simplesmente, pedir que preenchessem um questionário.

Seguindo, Aguiar e Ferreira (2021, p.19), dissertam sobre o tempo da pesquisa:

Se realiza no movimento de imersão e afastamento, a partir de três atos: coletar, observar e decifrar. Ele não é uma etapa específica da pesquisa. A todo momento estamos reunindo diferentes documentos, dados empíricos e/ou bibliográficos, em diferentes escalas de observação. Cada novo material levantado é submetido às (e problematizado por) nossas certezas e dúvidas, seja num processo racional, seja por meio de momentos intuitivos. Essa problematização exige de nós um exercício de entendimento narrativo.

Pensando na pesquisa narrativa, defendo o verbo “produzir” no lugar do coletar, tal qual Prado, Soligo e Simas (2014). Eu falei sobre isso na carta 4, fica o convite para retomar a leitura da carta anterior. Não consigo imaginar a leitura de mundo, a busca dos sinais de humanização sem sentir, vivenciar o momento. Tenho esperança que ao chegar nesta carta, você já tenha compreendido que antes de qualquer afirmação presente na literatura, as histórias de vida e experiências narradas pelos(a) professores(a) é o que direcionam esta pesquisa, que só depois entrará no ciclo proposto pelo tempo da pesquisa, momento em que dialogo com os dados/achados na literatura.

Sobre o tempo da escrita, Aguiar e Ferreira (2021, p.20) escreveram:

Como partimos do pressuposto que toda escrita é autobiográfica, visto que quem escreve deixa marcas de si na escrita, escrevemos o tempo todo, com nossos diários, inventários, esquemas, esboços etc. Mas há um momento em que temos que estruturar uma narrativa, uma escrita final, que contenha o caminho percorrido, a gradação de nossas certezas e nossas conclusões (mesmo que provisórias). Essa escrita final, dado o seu caráter conclusivo,

ocorre, de certa forma, num tempo linear. Linear, porque é necessário pôr um fim ao texto acadêmico. O texto escrito deve terminar e nossa pesquisa se conclui em algum momento.

Tempo da escrita, tempo de escolhas. Sem dúvida, o momento mais delicado de toda pesquisa, porque a cada palavra que escrevo, memórias do que vivi, do que testemunhei retornam, como é algo necessário, fica a esperança de que as escolhas que fiz sensibilizem para o tema central da pesquisa, gere reflexões e inquietações que nos levarão para novas narrativas, novas maneiras de pensar e sentir a humanização, para que juntos(as) possamos colaborar para uma nova maneira de ser no mundo. Se ao terminar de ler esta carta (e todas as outras desta pesquisa), algo novo tiver brotado dentro de você, ficarei realizado. Da minha parte, tenho certeza de que não sou o mesmo Raphael que iniciou a escrita deste texto, vivo um novo tempo da minha história de vida, a partir da escrita desta pesquisa.

São Paulo, entre julho de 2021 e abril de 2023.

Importante e essencial espaço de aprendizagem: Laborarte,

Antes de todo o processo de mestrado e de saber que usaria as cartas na minha pesquisa, quando eu ainda sonhava com meu ingresso na Unicamp, escrevi minha carta de intenções, no desejo de apresentar um pouco do que sou, da minha história de vida e das minhas expectativas com a pesquisa.

O mestrado acadêmico em Educação da Unicamp, na sua linha de formação 7 – “Formação de professores, currículo, trabalho docente e avaliação”, foi o caminho que encontrei para aprofundar no campo de humanização nas histórias de vida, formação e prática docente de professores(as) de EF, para buscar meios de contribuir com a transformação desse cenário encontrado durante minha formação acadêmica na EF.

Quando li que o Laborarte desenvolve estudos cuja dimensão autoral é valorizada, me senti contemplado diante dos meus objetivos e problema de pesquisa, e convidado a participar do processo seletivo. Minha intenção de somar as inquietudes com as interações dentro do grupo, casou-se perfeitamente com o que encontrei quando fui acolhido, já como estudante de mestrado e integrante deste grupo de pesquisa.

Iniciei essa carta no sétimo mês do ano de 2021, em meio a pandemia que não dava sinais de término no Brasil, com cenário político polarizado e desesperador. A prioridade tem sido cuidar da família, das demandas das crianças com atenção e carinho, o que dificultou

minhas ações em outros espaços que estou presente, com outras pessoas que considero e fazem parte da minha vida.

A pandemia mexeu com todos, eu que costumo ser tão dedicado às diferentes demandas do cotidiano, me flagrei procrastinando em diferentes momentos, o que me entristeceu. Mas, eis que meu semestre, depois de muitos anos esperando, foi preenchido com atividades do mestrado acadêmico e me presenteou com a oportunidade de fazer parte desse grupo incrível. Sinal de que mesmo diante do caos, é possível encontrar pontos de esperança e alegria. Tenho convicção de que todos(as) que ingressam no Laborarte compartilham desse sentimento, sabem da importância do grupo nas nossas vidas.

Diante da loucura proporcionada pelo isolamento social, tenho me notado num misto de sentimentos: ora pessimista, indisposto, procrastinador e introvertido; ora inspirado, coerente, organizado, inteligente. A participação nas disciplinas retrata bem isso: participei de todas as aulas, fiz todas as atividades propostas, produzi excelentes trabalhos de conclusão, sei que as interações e trocas que fiz ao longo de cada disciplina poderiam ser melhores. Já com vocês, nos encontros do grupo, eu me sentia muito à vontade, sedento pelas trocas e motivado a colocar em prática as dicas recebidas, os indícios visualizados.

No início, os encontros pela tela do computador me geravam desconforto e o professor Zanatan me ensinou que a tela facilita a compreensão da individualidade de cada pessoa, nos seus gestos, palavras e manifestações. Ao mesmo tempo que me sentia inibido pelas manifestações de colegas em algumas disciplinas, me sentia “íntimo” de vocês, que me acolheram como sou, ouviram minha história, me ajudaram (e ajudam) no desenvolvimento pessoal e acadêmico. Cada relato e testemunho é muito importante para minha formação e o que estudamos juntos me ajuda a direcionar minha pesquisa.

Minhas inseguranças, medos, preocupações reduzem, consideravelmente, quando participo dos encontros do grupo. A forma como são conduzidos, faz com que tenhamos leveza, os exemplos e vivências, especialmente daqueles que estão no grupo a mais tempo, nos faz refletir sobre nosso papel transformador na sociedade, mesmo com nossas fragilidades.

Estou aprendendo a estudar o mestrado, a ser pesquisador, a encontrar a melhor maneira de como contribuir socialmente com minha pesquisa. Além de batalhar internamente para não decepcionar minha orientadora e a confiança que me foi creditada para entrar no grupo e colaborar com nossas pesquisas.

No dia 19 de maio de 2021, durante encontro com os(as) orientandos(as) da Nana, fomos estimulados a pesquisar sobre o “paradigma indiciário” do historiador Carlo Ginzburg e produzir informações para compartilhar com o grupo. No primeiro momento fiquei muito

curioso, pensei: como um historiador poderia contribuir para minha pesquisa? Bom, vindo da Nana, certamente seria um aprendizado potente. Logo depois de nos despedirmos tive contato com o capítulo “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário” do livro “Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história” do Carlo Ginzburg (1989) e com os artigos: “O paradigma indiciário para análise de narrativas” de Everaldo Gomes Leandro e Cármen Lúcia Brancaglion Passos (2021). E “Paradigma indiciário: abordagem da investigação no contexto da formação docente” de Thiago Borges de Aguiar e Luciana Haddad Ferreira (2021), leituras que fizeram muito sentido para esta pesquisa, contribuíram para que minhas reflexões fossem mais sensíveis, para que as conversas com os(a) professores(a) fossem humanizadas, atentas, respeitadas, para que meus julgamentos ganhassem novas perspectivas diante dos novos sinais que surgiram.

Não sei se todos(as) tiveram a oportunidade de aprofundar no conteúdo, de usar nas suas pesquisas. Quero compartilhar minhas percepções e relacionar com as experiências que tivemos juntos(as) e que eu tive no campo de pesquisa.

A começar pelo que o próprio Ginzburg diz no capítulo do seu livro, texto pelo qual passei algumas dezenas de vezes, complexo no primeiro momento e ainda hoje enquanto reviso este parágrafo (fevereiro de 2023). O autor traz exemplos para ilustrar, para nos levar ao entendimento do paradigma indiciário, a partir dos campos que servem como inspiração para seu desenvolvimento. Ginzburg durante o texto reconhece que “deu muitas voltas” e talvez seja isso que tenha dificultado meu entendimento inicial.

Esse modelo epistemológico, emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas no final do século XIX, o paradigma indiciário tem base na semiótica e não se prestou atenção suficiente nas suas contribuições (GINZBURG, 1989, p.143 e 151).

O paradigma indiciário pode ser direcionado para o passado, presente ou futuro, o que pode ser até divergente pensando no fato de adivinhar (futuro) e decifrar (passado), pressupõe reconhecer a realidade, por mais simples que seja, e descobrir pistas dos acontecimentos observados (GINZBURG, 1989).

A história é narrada por uma sucessão de eventos que detalham pontos negligenciados e podem ter papel fundamental para o entendimento da realidade.

O homem, na sua ação de caçador, desenvolveu diferentes formas de identificar os movimentos das presas, aprendeu farejar, registrar, interpretar e classificar as pistas, aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. Com isso, por conta dessa capacidade de leitura, o caçador seria o primeiro a 'narrar uma história' (GINZBURG, 1989, p.151-152).

Quando iniciei a produção desta pesquisa, estava com muitas ideias formadas, inquietações que partiam das minhas experiências. Durante o processo de conversa com

os(a) professores(a) pude desconstruir parte desses pensamentos, observar por novos ângulos os acontecimentos e ressignificar os registros que estavam cristalizados na minha história, vou exemplificar: Sempre tive consciência de que a pesquisa seria muito importante para os meus objetivos. Não saber como ela chegaria para os(as) professores(as) sempre foi motivo de preocupação, eu não tinha como mensurar como as nossas discussões contribuíram com as histórias de vida e prática docente dos(as) professores(as) participantes. Logo no início das conversas com o professor Zanatan, descobri que tal preocupação era desnecessária, porque cada participante daria os significados conforme a sua própria história. O Zanatan falou de uma colega que estava com receio de escrever a carta por não saber como seria a pesquisa (infelizmente é uma realidade conhecida e que gera receio no[a] professor[a] que não deseja ser “usado” na pesquisa) e falou assim para ela: *“você vai amar quando estiver escrevendo a sua carta, pode escrever à mão porque sua letra é bonita”* (Na concepção do Zanatan, escrever à mão seria até melhor) (Zanatan, conversa em 16/03/22). E continuou: *“Você vai ver, que é muito legal reviver coisas importantes da sua história. A gente começa a refletir sobre nós, como seres humanos, a entender algumas das nossas atitudes e os pontos que precisamos melhorar”* (Zanatan, conversa em 16/03/22). Esses sinais revelados pelo professor Zanatan, fizeram diferença e impulsionaram a minha pesquisa.

Na reta final das conversas com o professor Tiago (04/05/22) ele falou: *“Posso fazer uma pergunta também?”* Respondi que sim, que estávamos numa conversa, o que ressoava era a dúvida se meu desejo de escutar os(as) professores(as) havia me impedido de contribuir com as dúvidas que traziam para nossas conversas. Conversamos sobre os motivos que levam o(a) professor(a) de EF a utilizar parte do início das aulas para fazer alongamentos. Eu comentei que seria fruto das reproduções das aulas que tivemos na educação básica e na faculdade. Para o Tiago isso acontece *“porque eu não tenho planejamento para uma hora de aula e preciso ganhar tempo. Daí vem um pouco da minha mágoa com professores de EF, porque leva todo mundo junto”* (Tiago, conversa em 04/05/22).

A fala do professor Tiago deixa claro que ele não se sente bem com as atitudes de professores(as) de EF, porque acaba atingindo a classe, o que inclui aqueles(as) que fazem seus planejamentos e ocupam o tempo das aulas com boas propostas. O que mais estaria oculto nesse desabafo?

É preciso ter paciência para compreender o que cerca a fala do professor, sabedoria para entender o que é comunicado. No paradigma indiciário, o convite é para ir além das “características vistosas e examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados” (GINZBURG, 1989, p. 144). Nesse caso, o entorno do professor, seus sentimentos, suas expressões, a entonação da voz demonstrava ser um momento de tristeza,

de frustração e que, talvez, o problema não seja com o fato das aulas serem ocupadas com alongamentos e sim com outros fatores que aconteciam na vida dele, no momento da faixa.

O professor Ricardo trouxe considerações importantes sobre o papel do(a) professor(a): *Como que não podemos aprender com as crianças? Não podemos nos colocar numa situação de que já aprendemos tudo, que não temos mais nada para aprender porque já vivemos tudo (Ricardo, conversa em 25/04/22).* Vejam que pista interessante o professor Ricardo nos oferece, ele reforça que devemos estar em constante aprendizado, que o fato de termos estudado assuntos específicos, tornado professores(as), não significa que transbordamos nossas possibilidades, que o aprendizado, inclusive, pode ser adquirido no cotidiano com as crianças.

Ainda sobre aprender com os(as) estudantes, o professor Wilkerson diz que não é fácil reconhecer nossos erros e limitações *mas é importante ver o que não deu certo e o aluno deixa isso muito claro quando não acertamos. Tem dias que o que planejei não funciona, não dá certo, tudo é aprendizado (Wilkerson, conversa em 14/04/22).* Ou seja, podemos até buscar na literatura novas formas para “corrigir nossos erros” como professores(as), se estivermos atentos(as) aos sinais que partem dos(as) estudantes, teremos a oportunidade de acertar a rota ainda durante a execução.

Na educação, nossas ações precisam ser atentas como as de um(a) detetive que analisa as pistas deixadas por quem ele(a) investiga. O paradigma indiciário além disso se baseia na perspicácia de Sherlock Holmes, ao interpretar os indícios imperceptíveis das suas investigações (GINZBURG, 1989, p. 145). Como professores(as), podemos ter atenção aos pequenos gestos dos(as) estudantes: suas falas, manifestações, expressões, comportamentos que podem auxiliar no entendimento do que nossas aulas proporcionam de aprendizado. O paradigma indiciário fomenta atenção aos detalhes secundários, ao que parece insignificante, aquilo que passa despercebido. Freud inspira a proposta desse método, sustenta que os dados marginais, os pormenores considerados sem importância, triviais, podem ser reveladores para compreendermos as individualidades presentes no cotidiano da escola, contribuindo na humanização de nossas ações (GINZBURG, 1989, p. 149-150).

O problema da minha pesquisa parte de como me senti diante do olhar mercadológico da instituição de ensino por onde passei. No diálogo com a professora Juliana, quis saber como ela era tratada pela instituição, ela respondeu assim: *Como aluna, eu acho que todos eram iguais, clientes mesmo. Mas todos os professores eram excelentes, todos tinham mestrado, eram professores renomados (Juliana, conversa em 09/05/22).* A maneira como a professora respondeu essa pergunta transmite positividade, ela estava satisfeita com o tratamento, que pelo fato dela está pagando pela formação, ela era sim cliente e que o

padrão dos(as) professores(as) justificava o investimento financeiro, mesmo que a mensalidade fosse maior do que o salário que ela recebia na época. Minha experiência foi diferente, porque o investimento financeiro que fiz foi elevado e não me trouxe conforto no processo de aprendizagem.

Ginzburg (1989, p.150) nos ajuda a compreender a conexão dos três casos que inspiram o paradigma indiciário: “pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli).” O autor ainda reforça o modelo da semiótica médica, “que permite diagnosticar doenças inacessíveis à observação direta na base dos sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos do leigo” (GINZBURG, 1989, p.151).

A descoberta do paradigma indiciário e conexão com os aprendizados produzidos no diálogo com os(a) professores(a) sujeitos da pesquisa, chega como que um convite para sair da superficialidade, em todos os cenários da minha vida, a entender que por trás de qualquer ação existem inúmeras possibilidades que me ajudarão na compreensão do acontecimento. Ir para o campo de pesquisa com essas informações, com esses sinais, me ajudou a ter mais sensibilidade para as narrativas e acontecimentos, contribuiu para que a cada diálogo a atenção ao todo e o respeito às individualidades se ampliasse, tornando os encontros mais humanizados.

Quando cheguei ao Laborarte muitas ideias para a pesquisa passavam na minha cabeça, os diálogos, as orientações, as experiências vivenciadas dentro do grupo me ajudaram a compreender o que de fato traria sentido para a investigação. O convite sempre foi para não limitar as ações, manter clareza quanto ao que me incomodava e o que “quero resolver” com a pesquisa. O foco esteve e está nas histórias de vida dos(a) professores(a) sujeitos da pesquisa, a busca de solução para meu problema de pesquisa parte do diálogo com eles(a). Claro, sempre apoiado por autores(as) que estudam os diferentes assuntos envolvidos e que, na sua maioria, me aproximei a partir dos encontros do grupo, que é chamado de “oásis” por docentes da faculdade de educação, por conta da singularidade do grupo e das pesquisas que surgem.

Foi no Laborarte que aprendi a exercitar a escuta, a ampliar a sensibilidade com o que acontecia. Graças a esse aprendizado, pude me aproximar da rede municipal de educação de Caieiras-SP como campo de pesquisa.

Me lembro que no nosso encontro de 26 de maio de 2021, fizemos um exercício de escuta conduzido pelo professor André Luiz: escolha, eventos sonoros escutados, movimentos corporais, ampliação, compartilhamento... uma verdadeira viagem interior e de

sentidos, que mexeu o corpo e manifestações únicas, vibrantes e comoventes. Um momento importante, que me ajudou a conectar minhas ideias e exercitar o silêncio!

Apenas uma das experiências que impulsionaram minhas ações e contribuíram para o entendimento do paradigma indiciário na ação com os(a) professores(a). Pude entender os sinais do meu corpo, os sons e silêncios, os desconfortos internos e manifestados. Com isso, foi mais fácil respeitar os espaços e tempos durante cada conversa. O que para Ginzburg (1989, p. 167) são formas de saber a viva voz, pelos gestos, pelos olhares que nascem da concretude da experiência. Ir além da escrita, perceber as diferenças e semelhanças da nossa humanidade trouxe mais sentido para os acontecimentos resultantes da pesquisa.

Talvez aí esteja a diferença entre aprender sobre o paradigma indiciário e sentir, viver os diferentes sinais que emergem do que senti durante cada etapa da pesquisa. “Poderíamos comparar os fios que compõem esta pesquisa aos fios de um tapete. A coerência do desenho é verificável percorrendo o tapete com os olhos em várias direções” (GINZBURG, 1989, p.170), pois analisar os sinais deixados nas pegadas, rastros, digitais é diferente de analisar escritas, discursos, movimentos (GINZBURG, 1989, p.171).

Um desses sinais seria o nome, que dentro da complexidade da sociedade, pode ser um ponto de partida para identificar a individualidade da pessoa. Como não se sentir bem quando somos chamados(as) pelo nome? Quantos significados estão por trás do nosso nome? Ele carrega nossa história, nos dá dignidade. É necessário ir além, porque somos seres plurais, com diferenças que nos tornam únicos(as), podem até existir outras pessoas com o mesmo nome que o nosso, jamais existirá alguém igual.

O professor Zanatan, ao narrar parte das ofensas que recebeu numa escola paulistana porque era baiano, disse: *A questão do meu nome também era muito forte, eles falavam que meu nome era estranho e eu falava que não, que ele só não era popular. Eles se assustavam! Falo o meu nome Zanatan, porque é uma afirmação, sou eu, esse é meu nome (Zanatan, conversa em 04/04/22).* Quer exemplo melhor do valor do nosso nome e do peso dele para nossa história? Ele é nosso maior patrimônio, diz muito sobre quem somos!

Pode ser que muitas características do nosso fenótipo sejam fáceis de descrever, de se assemelhar as de outras pessoas, aquilo que trazemos como princípios, valores, será sempre a soma das experiências que vivemos, e mesmo que outras pessoas tenham passado por algo semelhante, o resultado nunca será igual. Temos o dever de reconhecer e respeitar essas diferenças, compreender que o processo de humanização passa por perceber as conexões que nos aproximam daqueles(as) que temos a responsabilidade de contribuir com a educação.

O paradigma indiciário pode nos ajudar nas lutas contra a obscuridade presente na sociedade. “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas — sinais, indícios — que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177), com sensibilidade para entender os sinais e coragem para agir. “Essa ideia, que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico, penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas” (GINZBURG, 1989, p. 177).

Ginzburg (1989, p.179), ainda fala do “rigor flexível do paradigma indiciário”, por se tratar de um conjunto de métodos, cujas regras são variadas e adaptáveis ao acontecimento. “Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes”. É necessário utilizar outros tipos de conhecimento que nos ajudem a “passar imediatamente do conhecido para o desconhecido, na base de indícios”, o que recebe o nome de “*firasa*”.

Durante a pesquisa (e no meu cotidiano), pensar na *firasa* me levou a questionar o que estava sendo narrado pelos(a) professores(a), a conectar o que ele(a) havia escrito na carta, com o que estava narrando durante as conversas e transparecendo no seu semblante, na entonação da voz, nas emoções transbordadas. O desconhecido, a partir do encontro, do diálogo, passou a fazer parte da minha história, permitiu observar o(a) sujeito (e a minha história de vida) por novos ângulos.

São elementos que vão além do que está escrito e chegam no que é vivenciado. Ginzburg (1989, p.179) chama de “elementos imponderáveis: o acaso, os sensações, o faro, o golpe de vista e a intuição”, que nos ajudam diante do que não foi previsto, a agir pelas emoções sentidas, pela curiosidade, identificar os pontos direcionam a pesquisa e como eles contribuem para a sociedade, de maneira que nossas experiências se unem por um só objetivo: humanização!

A riqueza de cada encontro, a paixão que faz os olhos brilharem, a maneira como o(a) professor(a) fala da educação e das suas experiências, indica pistas muito importantes para a compreensão do processo de humanização, pois narram a realidade, os desafios e as facilidades presentes nos atos de viver, habitar e educar.

Não é um movimento fácil, abrir para um desconhecido parte da sua história, discutir sobre os aspectos que envolvem a sua prática docente, seus medos, desejos, encantos, desencantos, responder questionamentos, provocações. Até as pausas antes de responder estão cheias de sinais, os momentos de silêncio importam! Vivemos momentos, eventos, realidades distintas e que constituíram o que nos tornamos, cada uma das nossas experiências foram, de certa forma, importantes para nossa jornada de vida, por isso meu

total respeito aos compartilhamentos e ao que pude expressar nas cartas que formam esse trabalho.

Não foi fácil escolher o que narrar, revisitar as histórias de vida e os compartilhamentos ao longo de toda pesquisa. As escolhas são o ponto mais delicado de toda a pesquisa (você devem saber disso). Só de estar com cada professor(a) minha história ganhou com aprendizados de vida, novas perspectivas para minhas angústias surgiram e passei a ver episódios por novos ângulos. E tenho convicção de que isso parte do entendimento do paradigma indiciário, da maneira como passou a fazer parte da pesquisa. “Ginzburg sinaliza que o olhar do pesquisador precisa ser atravessado por outras formas de ponto de vista, o cronológico, o espacial/geográfico, o cultural, o morfológico-etimológico e o temático” (LEANDRO; PASSOS, 2021, p.17). Aquilo que foi narrado, passa pelas experiências que tive com os outros, por meio das nossas trocas. Sozinho, não faria sentido (LEANDRO; PASSOS, 2021, p.18).

Os “elementos imagéticos” são fontes históricas que nos permitem narrar as histórias de maneira não verbal. Eles nos ajudam a fazer associações entre o dito e o escrito, nos permite sentir as emoções, perceber cada pequeno gesto feito durante os diálogos e o que se esconde no silêncio. Leandro e Passos (2021, p.23) vão dizer que as fotografias “auxiliam a humanizar as pessoas em uma narrativa e acrescentam informações que extrapolam a capacidade da linguagem verbal. As imagens auxiliam a contar uma história de vida e a compreendê-la.” Ações que trouxeram significado para cada palavra dita pelos(a) professores(a), pois quando leio, consigo reconstituir o cenário da conversa, sou capaz de ver suas expressões e as emoções imbricadas nos relatos, o que torna a escolha mais difícil.

O paradigma indiciário nos ajuda a compreender o movimento de proximidade e de distanciamento, a encontrar o ponto de equilíbrio entre a distância que causa “a ausência de empatia como desumanização” e a proximidade que pode “desencadear a paixão ou uma rivalidade aniquiladora” (GINZBURG, 2001, p.13 apud LEANDRO; PASSOS, 2021, p.19). Não é um desafio simples equilibrar a crítica e o que sentimos nas conversas.

Me vejo então como um mediador entre o narrado, o escrito e o que você está lendo. Tenho consciência de que o sentimento não será o mesmo, porque somos diferentes e porque aquilo que está escrito, jamais terá a mesma intensidade do que vivenciado e falado, sempre haverá uma distância.

Ginzburg defende a criação de uma distância justa para utilizar o paradigma indiciário, é um convite para pensar no presente sem esquecer do passado, cada qual no seu tempo e importância. O equilíbrio passa a ser entre um olhar crítico e apaixonado de quem

pesquisa, e eu, na condição de pesquisador, considero esse o ponto mais sensível e necessário da pesquisa.

Paixão e distância caminham juntas para criar estranhamento. O estranhamento é “uma tentativa de apresentar as coisas como se vistas pela primeira vez” (GINZBURG, 2001, p. 37), mas não pode ser utilizado como expediente deslegitimador. Estranhar é para compreender, não para afirmar que o que vejo é diferente do que acredito e discorrer sobre meus juízos de valor (LEANDRO; PASSOS, 2021, p.20).

O paradigma indiciário na análise das narrativas nos remete a questões humanas, necessárias, pois tocam nas histórias de vida, formação e prática docente, pontos subjetivos e extraordinários, especialmente para esta pesquisa, que teve a honra de registrar tantas experiências e aprendizados. “É preciso olhar além da materialidade das palavras e buscar entender também os silêncios, as pausas, as recorrências. Ao narrar, o indivíduo ordena seu pensamento e submete aquilo que viveu concretamente ao próprio julgamento, às representações, memórias e emoções” (AGUIAR; FERREIRA, 2021, p.12).

Nesse sentido, gostaria de compartilhar parte da história de vida do professor Zanatan. Durante nossas conversas ele se permitiu revisitar a própria história de vida, o período da adolescência e enfatizou “*que nada diferente aconteceu*” e por isso se resguardava das relações por conta do *bullying* que sofria. Durante a própria fala, ele percebeu o motivo dos seus silêncios, da falta de interesse pelo que acontecia em volta, ele disse:

Nas escolas, de maneira geral, era uma mesmice: professor escreve na lousa, a gente copia, faz prova e/ou trabalho, tira a nota, aula de EF dividida em futebol e vôlei... Nessa época tinha vergonha de me aproximar de quem eu não conhecia por causa do meu nome. A voz engrossando, bigodinho (Zanatan, conversa em 18/04/22).

Procurei colocar luz sobre essa fala dele, para que ele refletisse sobre os aspectos internos que aconteciam com o adolescente Zanatan e ele reconhece:

Você chama a atenção para isso e eu repenso o meu momento. Talvez seja por isso que eu não prestava atenção em outras coisas, porque naquele momento era algo interno, que me leva a desligar do que estava acontecendo, me faz pensar que era repetitivo, mas talvez não fosse. De repente, nem tudo estava igual do lado de fora, mas eu não enxergava porque naquele momento estava focado na minha individualidade, nas minhas mudanças internas (Zanatan, conversa em 18/04/22).

Quantos sinais, quantos sentimentos perpassam essa fase das nossas histórias de vida? Quando somos adolescentes não temos a dimensão do que acontece na nossa história, se ainda não tivemos a oportunidade de repensar os momentos de “mesmice” como o professor Zanatan fez, fica o convite para que estejamos mais sensíveis aos sinais do

cotidiano, para o que acontece com a nossa própria vida. Reconhecer que vai ter dia que não estamos bem, que nossa prática profissional será horrível e que aconteceu porque estava num dia ruim, algo normal na vida de qualquer ser humano. O professor Zanatan disse que considera importante a autoavaliação, ter a oportunidade de perceber o que nos gera crescimento e destruição, que a autoavaliação permite a busca pelo que acreditamos ser o melhor, o ponto de equilíbrio.

Quero, então, agradecer a acolhida no cotidiano do grupo, a confiança na minha proposta de pesquisa e por me compreender mesmo num cenário tão complexo e delicado que tem sido a pandemia. Graças a essa acolhida, tive a oportunidade de me aproximar do paradigma indiciário e aprender com ele maneiras de que minha pesquisa sobre humanização fosse de fato, humanizada. Vejam o que disseram os(a) professores(a) quando terminamos a roda de conversa e pedi para que avaliassem se o processo da pesquisa tinha feito sentido para eles(a) e meu trato tinha sido humanizado:

A Ju disse: *“Para mim, com certeza! Até para enxergar coisas que estavam apagadinhas, reviver aquilo e pensar sobre”* (Juliana, roda de conversa 06/06/22).

Para mim fez muito sentido, porque sempre fomos refletindo. Quando você fala, os pontos que você traz, de tudo isso que a gente vem sentindo, a gente vem discutindo, isso foi me ajudando muito mesmo a enxergar de forma diferente. E a refletir muito sobre a minha prática, acho importantíssimo cada um dos momentos. A forma como você conversava com a gente, a maneira de tratar, de respeitar os momentos de emoções, se emocionar junto. Eu falei que jamais eu ia negar, porque eu tenho certeza de que ia ajudar muito, até pensei que você ia acompanhar as aulas também, que seria uma oportunidade de troca, de crescer, de somar ideias, uma pena que não teve o acompanhamento das aulas, para mim seria muito importante também. Mas estou à disposição para quando precisar (Zanatan, roda de conversa 06/06/22).

O que eles falaram aí foi a pura verdade, foi realmente uma troca, deu para aprender bastante. Até nossa conversa hoje mostrou esse lado, você teve uma condução bem legal, de todos nós. A fala de uma, refletiu sobre o que o outro pensou durante o processo, acho que você teve muito êxito, conduziu muito bem o trabalho. A gente lamenta agora pelas pessoas que não se dispuseram, porque às vezes ela entende a coisa como um sacrifício. Você precisa vir disposto a aprender alguma coisa, às vezes não é um dia bom para estar aqui, mas vamos dar uma chance para aproveitar e acabar saindo melhor do que chegou. É a oportunidade de conhecer uma pessoa, ouvir uma experiência que pode me ajudar, aprender algo novo. Pode ser que você chegue numa determinada idade e perceba que perdeu muitas oportunidades, que jogou muitas delas fora, não façam isso quando alguém te convidar para alguma coisa! (Ricardo, roda de conversa 06/06/22)

Concluir a pesquisa ouvindo esses retornos me confortou, porque sempre tive a preocupação de como a pesquisa poderia contribuir com eles e ela, mais uma vez, os sinais foram importantes para meu aprendizado.

Fica a expectativa por nossos encontros, partilhas e discussões, que continuem sendo sinais de humanização para todas as pessoas que ingressarem nesse grupo de pesquisa, que todos(as) se sintam acolhidos(as) com fui! Muito obrigado!

Raphael Cutis

A carta que segue é destinada à professora Josianne Cerasoli, historiadora que conduziu a disciplina intitulada: “Tópicos Especiais em História II - Dinâmicas e linguagens políticas” da Pós-graduação em História da Unicamp, no segundo semestre de 2021. São reflexões sobre ser um sobrevivente do futuro, em resposta à “carta de uma historiadora a sobreviventes do futuro” (CERASOLI, 2021). Estudar História foi importante para refletir sobre minha própria história de vida e dos(a) professores sujeitos da pesquisa. Como foi importante para meu desenvolvimento, considero significativo compartilhar diálogos que tive com a professora Josianne e outros(as) historiadores(as) sobre: história, história de vida, humanização, sociedade.

CARTA 6

À JOSIANE CERASOLI - SOBRE SER UM “SOBREVIVENTE DO FUTURO”

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.
(ADICHIE, 2019, p.32)

Esta é uma carta que me ajuda a refletir sobre o que me move no mundo, sobre as inquietações que me angustiam e me levam a pensar na pessoa humana e nas mazelas sociais. Pensando no tema central da pesquisa, as considerações que apresento nesta carta nos convidam a pensar no processo de humanização para além dos muros da escola, para o que acontece no entorno, nos espaços por onde passamos e tantas vezes negligenciamos, afinal, somos seres únicos e se estivermos atentos aos acontecimentos do cotidiano ampliaremos nossa capacidade de humanizar nossas ações.

Em algum (novo) momento no futuro...

Prezada historiadora Josi, antes de mergulhar nas reflexões que fiz durante e após o segundo semestre de 2021 por ocasião da disciplina: “Tópicos Especiais em História II - Dinâmicas e linguagens políticas”, gostaria de contextualizar aos(às) demais leitores(as) sobre o ponto de partida.

Pois bem, esta carta, é fruto de das trocas que fizemos ao longo da disciplina que aconteceu no segundo semestre de 2021, de maneira remota. Ao me apresentar para turma (composta por maioria de historiadores[as]) me reconheci como leigo no assunto, que a possibilidade de estudar história contribuiria com as minhas reflexões sobre humanização e de fato contribuiu. Num gesto de acolhimento e aproximação com o tema, fui apresentado a "Carta de uma historiadora a sobreviventes do futuro" (CERASOLI, 2021) e dela surgiram belas reflexões sobre: história, história de vida, humanização, sociedade. Como foi importante para meu desenvolvimento, considero necessário compartilhar pontos de atenção, como agradecimento nesta nova carta, que empodera e humaniza.

Ler sua carta me trouxe lembranças de diversos momentos da minha história de vida, além de ter aguçado minha percepção do cotidiano. O “futuro” para o qual endereçou sua carta me trouxe a indagação se seria o hoje, o agora. Me recordo de que no primeiro

encontro, à luz dos escritos de Mbembe (2001), discutimos a origem do homem (e da mulher), a diversidade humana, o iluminismo e outros pontos que caracterizam o povo africano. Pessoas que no passado tinham seus corpos negros dissecados para que as "diferenças" pudessem ser encontradas e então fossem entendidos como "humanos".

Observando esse passado, podemos afirmar que o hoje, o agora (portanto, futuro) é diferente? Pouco tempo atrás, foi vinculado na mídia a imagem de mais um homem negro, sendo "descascado" de suas vestes, num ato de desespero, porque seguranças de um mercado suspeitaram que ele havia furtado algo do estabelecimento, quando na verdade ele estava apenas pesquisando preços.

Pouco tempo depois, uma professora negra, foi seguida dentro de um mercado e depois acusada de furto. Como defesa, ela disse que permitiria que o segurança olhasse suas coisas, desde que fosse publicamente e que pudesse filmar. O relato desses dois seres humanos negros, estava repleto de medo, provavelmente por conta de outros recentes casos de agressão a pessoas negras pelo mundo.

Como quem já passou, passa (e infelizmente, passará) por momentos similares, fica o questionamento: seriam essas as "novas formas de dissecar" corpos negros e de escancarar as diferenças sociais que ainda existem? Essas mazelas sociais, fazem parte da "constante relação entre a mudança e a permanência nas sociedades humanas" (CERASOLI, 2021, p.329) que surgem nos seus questionamentos?

Eu concordo que "estamos imersos em fragmentadas visões de curto prazo o tempo todo"(CERASOLI, 2021, p.330) e nessa perspectiva, pode ser que eu esteja observando o mundo de um ângulo diferente, isolado (ou não). As minhas experiências de vida aproximam-se de fatos históricos, vividos pelos meus antepassados mais próximos, e certamente, por muitas gerações anteriores, cuja história de vida não foi narrada por ninguém. Isso me dá certo respaldo para dizer que sim, mudanças estão aceleradas, ações humanas continuam estagnadas ou apenas "adaptadas".

Fui um ótimo aluno na educação básica (ou um estudante bom de memória que tirava boas notas?), mesmo assim não tenho lembranças de debates sobre a cultura africana, me recordo apenas da história contada a partir do colonialismo, descobri que da história da sociedade humana, nada sei. A minha visão de mundo hoje, é reflexo das vivências no passado recente. Reconheço a minha origem e acredito que se eu soubesse que o trabalho com a história é "separar o que se move, o que permanece, o que se projeta, o que desaparece" (CERASOLI, 2021, p.331), compreender e assumir meu lugar no mapa teria sido de maneira mais firme e com outras manifestações.

A vida, a família, o ser humano são bens tão preciosos, que mesmo passando por momentos tão conturbados no cenário político-social atual, preciso ser grato. Sou privilegiado por estar saudável, por ter minha família por perto, por ter um lar e me alimentar diariamente. Sentimento que constantemente me parece egoísta, as desigualdades estão, literalmente, gritando na minha porta. São tantas pessoas vivendo nas ruas da vizinhança, famílias inteiras, com as mais diversas histórias, vivendo em barracas, colchões e/ou cobertores, debaixo de espaço público que traga o mínimo de segurança climática e social.

Quem escuta a história dessas pessoas? Suas dores e angústias? Em que momento de suas jornadas pessoais foram marginalizadas? Seria herança familiar ou reflexos sociais dos tempos de hoje? Eles podem ser considerados "sobreviventes do futuro"?

Esses são aspectos que hoje "agita, perturba, inspira, impele ou impede diante das possibilidades de mudança, de continuidade, de estabilidade ou de ruptura"(CERASOLI, 2021, p.331). Porque fazem parte de uma complexidade que constituem um mesmo "eu", que dentro das minhas limitações, lamentos, agradecimentos e celebrações, tenho me esforçado para viver um dia de cada vez, com momentos em que quero "transformar o mundo" e outros que quero apenas continuar saudável para acompanhar o crescimento das minhas filhas e dos meus filhos.

Vivemos tempos de incertezas e preocupações com o futuro que pode nem existir. Ansiosos, nos perdemos nos sonhos pessoais e que nos afastam do olhar sensível para os outros humanos, suas mazelas e sofrimentos (expostos e ocultos).

Entre idas e vindas no seu texto, me sinto confuso, externando conflitos pessoais e sociais que habitam dentro de mim. É como se, nesse cenário atual, vivêssemos um grande "esconde-esconde", com momentos em que nossas inquietações nos levam a manifestar, de diferentes formas, nossos desejos mais ocultos e outros em que queremos nos esconder nas nossas particularidades.

Em tempo de negacionismo, medos, incertezas, debates fervorosos até com quem amamos, vivemos em busca de verdades. Como passar por isso sem enlouquecer? Será que estamos escutando as experiências daqueles que já passaram por momentos similares ao longo da história? O que ainda nos prende no nosso egoísmo? O que, ainda hoje nos escraviza?

Assumir nossas responsabilidades com aquilo que é micro e com o macro, sem ter vergonha do que vivemos e com desejo de contribuir para um mundo mais humano, são os desafios dos "sobreviventes do futuro". Acredito que temos condições, enquanto sociedade, de colaborar com a igualdade, equidade e justiça. Para isso, dentro dos meus conflitos internos eu sigo vivendo um dia de cada vez.

Suas considerações para as inquietações levantadas na minha carta foram importantes para compreender a história e para pensar minha história de vida de novas formas. Consegui sentir como minhas palavras chegaram até você e o mais interessante foi a maneira como minhas próprias palavras ressoavam no meu interior, a partir da sua escrita.

No agito do nosso cotidiano que parece estar sempre incompleto, as cartas que trocamos me ajudaram a parar, sentir e observar com melhor atenção o caminho que tenho traçado para o futuro. Espero que aqueles(as) que acessarem esta carta e a sua carta para os “sobreviventes do futuro” se juntem às nossas inquietações e reflexões, pensem em gestos concretos para que o futuro seja mais inteiro, compartilhado, humanizado.

Para isso, acho importante compartilhar sua carta resposta e esperar por novos dias:

“Caro Raphael

A esta altura, talvez você acredite que sua carta foi como uma daquelas lançadas ao mar em garrafas, de destinatário incerto, futuro impreciso, destino incógnito. Acho que em certa medida seu pensamento tem razão. Eu a recolhi ainda sem saber muito do remetente, surpreendida pelo tanto que se revelou dele na carta. Responder prontamente pareceu impossível. Não responder, impensável. Precisei de um tempo para ouvir as vozes que vieram da garrafa, afinal.

Terei ouvido atentamente? Terei entendido as dores dos corpos que nela reverberam? Terei entendido tudo que ela anuncia sobre heranças e esperanças?

Acho o registro incômodo latente em sua carta. Ele parece ter relação com a provocação que faço indagando o futuro. Essa indagação se voltou para mim como um espelho quebrado, como uma lente fraturada por uma violência. Se quando escrevo ao futuro preciso inevitavelmente apostar que ele estará lá, por outro lado, as angústias que alimentam a carta no presente não me permitem esperar por ele com otimismo. São fragmentos desses tempos incompletos que me lançam ao futuro. São fraturas desses tempos violentos que reverberam nele, a partir de sua carta. E depois de ouvir as angústias fraturadas, não posso mais olhar do mesmo modo o que eu mesma escrevi.

Só posso agradecer. A carta na garrafa traz à tona duas dimensões fundamentais, que talvez em minha carta aos sobreviventes estivessem submersas, se existentes: uma dimensão coletiva, social, capaz de a um só tempo ultrapassar e arremessar adiante os temores e sonhos mais íntimos, tornando-nos corresponsáveis por eles; outra dimensão é a da necessidade de reconhecermos mutuamente nossas dores e andores.

De início, a carta tinha apenas a intenção de ser uma reflexão capaz de deixar um registro para o futuro do desassossego de nossos dias, da consciência parcial que temos sobre seus motores. No diálogo com sua carta, ganha uma amplitude compartilhada, que chama a reconectar os indivíduos, chama a reconectar os tempos, revisitar sem parar passado, presente, futuro, medos e desejos. Há um parágrafo poderoso em sua carta, uma tomada de consciência do ser no tempo e na vida. Quando completa minha ideia sobre a história e sua função de “separar o que se move, o que permanece, o que projeta, o que desaparece” você aponta com comovente clareza a possibilidade de compreender o lugar de cada um no mundo. Há uma

herança sem testamento, sem destino, que escolhemos tomar nas mãos e nos responsabilizarmos por ela. Essa herança é a história. Ela nos conecta aos futuros do passado, aos passados do presente, aos nossos futuros compartilhados. Não apenas saber das raízes que nos constituem, mas também das forças que nos impulsionam, nos movem. A história está aí, nesse entrecruzamento de tempos. E depende de nosso olhar vê-la como passado condenatório ou como futuro promissor, ou como uma movente corresponsabilidade mutuamente comprometida.

É esse futuro do compromisso que me chamou a escrever a carta. E sua carta me intima a fazer mais, a olhar para o que permanece (não desaparece?) com a mesma comoção com que olho para o que se projeta. Meus olhos nunca poderão desconsiderar o que seus me ensinam a ver. O que fere seu olhar, fere os nossos. Seguimos juntos com essa história. Impossível nos encontrarmos com qualquer futuro sem ela.

Eu me lembrei de uma escultura-memorial, homenagem a um fotógrafo que teve a infeliz sorte (sic) de filmar sua própria morte enquanto cobria a guerra civil da Croácia nos anos 1990. A escultura mostra a paisagem quebrada, para sempre quebrada, depois dessa passagem. Não ousa descrever o monumento. Acho que ele poderia ser um monumento-síntese de uma carta que hoje pudéssemos pensar em escrever ao futuro. Nele, o futuro, o presente, o passado se encontram na dor que nos compõe. Espero que possa se sensibilizar com ele. Depois que o vi, nunca mais entendi a própria história do mesmo modo. <https://www.contemporist.com/the-broken-landscape-memorial-sculpture-in-croatia/>

Obrigada pela carta, Raphael. Obrigada por compartilhar seu olhar.”

Abraços, Josianne

Professora Josi, esta pesquisa sobre humanização nas histórias de vida dos professores e da professora me ensinou bastante. Vivemos tempos em que aprender a apreciar e vivenciar o simples tem sido constante: (re)descobrir espaços do nosso lar, perceber detalhes da nossa personalidade e dos que convivem conosco, experimentar novos sabores e sentidos, esvaziar nossos armários... Sentir saudade da lousa.

Tenho apenas 15 anos de atuação, na maior parte do tempo lidando com promoção de saúde, ou seja, minha proximidade com a lousa é maior na condição de estudante do que como professor. Imagino que para quem se dedica à educação em sala de aula, a obrigação de ir para as telas deve ter mexido com muitos sentimentos e gerado novas interpretações para as cenas cotidianas. Não deve ter sido fácil para você e para tantos(as) outros(as) docentes. Somos seres de relações, de vínculos, não dá para ficar tanto tempo longe daquilo que nos move.

Nesse movimento entre passado e futuro, entre o simples e o complexo, refletia sobre a questão do urbanismo que discutimos durante nossas aulas. Ao mesmo tempo que está distante das minhas experiências e conhecimentos, se aproxima intimamente da minha realidade: sou casado com uma urbanista. Partilhei com ela as inquietações históricas que cercam o urbanismo e ela reforçava o seu papel como um instrumento social, que infelizmente, sofre mau uso por influência do capital e da política.

Será que dividirmos a responsabilidade entre os diagnósticos da história e os projetos urbanísticos traria as respostas para nossas indignações, desconfortos, angústias e esperança em relação às desigualdades sociais?

Nesse sentido, e se entendi corretamente, quando você me disse que “o urbanismo só faz mesmo participar disso, já que tem sido pensado por gente acostumada à diferença, à distância, à desigualdade, ao ‘mérito’, à exclusão”, você está falando dos urbanistas ou de quem está por trás com o capital? Porque se for daqueles(as) que estudam a ciência do urbanismo, eu discordo, porque tenho um bom exemplo, por busca de soluções viáveis, dentro de casa. Claro, trata-se de apenas uma pessoa e dos seus relatos profissionais, contudo, me ajuda a pensar essas questões sociais.

Durante as discussões peguei o livro "Cidades Rebeldes" de David Harvey na prateleira da minha esposa, ele toca nesse ponto da "urbanização do capital e o poder da classe capitalista de dominar o processo urbano" e afirma que a "cidade e o processo urbano que a produz são, portanto, importantes esferas de luta política, social e de classe" (HARVEY, 2014, p.133).

Fato é que história, urbanismo, você, eu, minha esposa e todos mais que pudessem ser tocados, deveríamos seguir atentos a problematização do que é visto como "normal", "natural". E cada um, dentro das suas possibilidades, contribuir para que a dignidade humana fosse algo real, possível para todos(as).

Acredito que se nas nossas diversidades que se misturam, a produção do comum, mesmo com as constantes mudanças, fosse querida por todos(as), teríamos mais igualdade. Nossas qualidades são muito maiores que as desigualdades, acredito ser da natureza humana fazer o bem, que somos moldados pelos contextos que estamos inseridos. A sociedade se constitui pelo diverso e o comum: como fazer dos aspectos existentes e diferentes algo essencial para nossa subsistência?

Enxergar o mundo pela mesma ótica do “autor da história oral”, o Gould, facilitaria nossas atitudes? Ele diz que “destoa do resto da humanidade porque não quer ser proprietário de nada” (MITCHELL, 2003, p.7). Ele se assemelha a uma significativa parcela da população: "Sua vida não é nada fácil; três flagelos o atormentam: falta de teto, fome e ressaca. Gould dorme nos bancos das estações de metrô, no chão do apartamento dos amigos e nos albergues da Bowery" (MITCHELL, 2003, p.6). Realidade que me sensibiliza.

Provavelmente a minha leitura desse texto é diferente da maioria dos historiadores. Vejo a figura do Joe Gould (e tantos outros humanos que se assemelham a ele), especialmente, nos cenários cotidianos das cidades, nas mazelas que são impostas e que podem ser fruto da escolha que fazemos (quando a pessoa tem direito à escolher). Ou

seja, não consigo transpassar a figura do personagem central para a questão urbana de Nova Iorque e sim, para tantos outros "Joe Gould", suas histórias de vida e experiências. Como diz o próprio Gould: o que as pessoas dizem é história! (MITCHELL, 2003)

Minhas inquietações revelam meu interior, me ajudam a refletir, trazem muito do que sou, as experiências que vivi, o que me constituiu, envolvem presente, passado e futuro do mesmo eu, de maneiras até desconhecidas, são repletas de sensibilidade. Acredito que são essas emoções manifestadas, transparecidas que chegaram, através da tela do computador, para a Nana e o André no nosso primeiro diálogo.

A pesquisa me ensinou a ter mais atenção com as experiências vividas, inclusive nas vistas como negativas. Apoiado pelo paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), tenho procurado sinais, indícios de humanização e bondade em todos os pontos da minha história. Tem sido um movimento potente e corajoso, que inspirado pelas narrativas dos(a) professores(a) me ajudou a ressignificar minha história de vida. Ler a carta e dialogar com cada um(a) foi fundamental para compreender o processo de humanização, trouxe sentido para minha pesquisa, renovou a esperança de que é possível colaborar com ações mais humanizadas nas aulas de EF, na educação e na sociedade.

Enquanto escrevo sobre o tema central da minha pesquisa e que tive a honra de compartilhar contigo, me recordo do que você me escreveu em novembro de 2021: você me falou da falta que a lousa faz, que ela seria importante para você responder minha carta. Mesmo sendo algo previsível para uma professora, a simplicidade do seu desejo demonstrou a grandeza da ação docente. Você ainda reforçou que “uma audiência sensível, olhares curiosos, perguntas difíceis – para ouvir, compartilhar e pensar junto” faz a diferença, dá sentido à prática docente e que a lousa se junta a esses importantes pontos para te ajudar a “desenhar conceitos envolvidos, preceitos históricos, valores disseminados, situações narradas, exemplos vivenciados, traçando depois linhas para apontar relações e imbricações entre todos esses elementos” e assim, contribuir para o entendimento do urbanismo e suas conexões com a indecente desigualdade social.

Fato é que desigualdade e injustiças, que naturalizamos de tantas formas, gera indignação e impele a busca por soluções. Você me ensinou que nossa indignação pode trazer felicidade, esperança, mesmo que desassossegada, disse que “a história é muito melhor para diagnosticar do que para prescrever”. E que a “indignação entra na história para desnaturalizar, para problematizar o que parece ‘normal’”.

Dialogar contigo sobre a desigualdade me levou para a experiência do professor Ricardo, que saiu da escola num dia previsto para receber as famílias e foi até a comunidade em que os(as) estudantes moram para levar o lanche que tinha sido preparado na escola e

que nenhuma pessoa apareceu para usufruir. O testemunho dele sobre o impacto que foi visualizar aquele ambiente está diretamente associado a essa desigualdade que busca maneiras de ser “normal, natural, dada em nosso cotidiano”. Ele sentiu na pele a fragilidade daquelas paredes finas dos barracos e que são abrigo para vidas humanas que tiram a sua força da necessidade de sobreviver em busca de dignidade.

Sua história tem aproximação com a história de vida do professor Ricardo no que diz respeito aos 30 anos dedicados a uma profissão: ele na segurança pública de maneira humana e com o devido respeito as pessoas com quem esteve e você com a história para convencer as pessoas de que “é possível, é preciso, é incontornável desmascarar essa desigualdade que pousa de inocente”. A felicidade que sinto de unir suas histórias, conectar com minhas lutas e esperança é imensurável.

Combater a desigualdade e a injustiça é crucial para o que penso sobre a humanização, retirar de cena o capital, que expulsa, repele, atrai, ilude seres humanos que buscam felicidade, dignidade, sucesso, atenção com as lutas e pesadelos que acontecem antes dos sonhos se realizarem, com aquilo que não transparece nos “momentos de glória”. Compreender o mundo, o outro é um desafio gigantesco, nossa visão de mundo dependerá sempre de como ocupamos o nosso espaço no mundo e das relações que desenvolvemos pela transformação que almejamos para o bem comum.

E aí, dentro dessas lutas do cotidiano, considero importante trazer algo que você me escreveu em carta e que convida a refletirmos urbanismo e educação:

Na floresta humana da cidade, somos iludidos a acreditar que vivemos fora dessa comum-unidade, que somos fruto do que pensamos, não do que vivemos, e nos arrastamos ao longo da vida toda lutando por algo irreal que, sem querer, nos coloca todos em disputa, em luta fratricida, inclusive por territórios. O urbanismo? é a tecnologia que nos “ajuda” nessa luta irreal. Ele não é muito diferente de outra tecnologia que tão bem conhecemos, como a educação e todos os seus desdobramentos culturais.

Espero que mais pessoas se juntem à nossa indignação, para que novas estratégias de transformação, de luta contra a desigualdade e pela humanização aconteçam na sociedade, na educação e no mundo.

Sabe professora Josi, “em 2003, foi sancionada a Lei n. 10.639, tornando obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio” (GOMES, 2012a, p.740). Eu nunca havia estudado história como agora no mestrado, como nas nossas trocas de cartas. Seu convite para aproximar da história, mesmo com toda limitação que tenho, foi essencial para entender minha própria história, a história em acontecimento, as histórias com as quais dialoguei durante a

pesquisa e para compreender os motivos para nossa atual leitura de mundo e tudo que ela nos desperta.

Espero que esta carta, nossos incômodos e diálogos sensibilize outras pessoas para essa mudança de olhar, para que o subjetivo se junte com o comum pela superação das angústias do cotidiano.

Sobre as minhas cartas, você me escreve:

Não é fácil ler, confesso. Em cada impressão sensível, ouço um chamado a ouvir, a estar junto, a sentir junto. É o outro lado desse estranho engajamento da profissão docente, eu acredito. Quanto mais nos mobilizamos para sensibilizar, mais somos levadas a abrir olhos e ouvidos, trazendo para nós o sentimento que é compartilhado. Você tem ideia do quanto compartilha? Do quanto sensibiliza?

E eu quero te responder: hoje tenho clareza de que minha produção é fruto das experiências e aprendizados que tive. Faz sentido compartilhar o que me sensibiliza, me impulsiona, me inquieta, entretanto, é difícil saber como chega para cada pessoa. O desejo permanece em jogar sementes e regá-las com a esperança de transformação. Que se tornem árvores cujas raízes estão profundamente presas no sonho do bem comum e que os frutos serão: igualdade, equidade, justiça, felicidade, humanização.

É minha esperança compartilhada, que espero inspirar e provocar outras reflexões. Sigamos trabalhando pelo que acreditamos, produzindo sentidos e significados para cada tempo vívido e experienciado. Espero que quando acessar esta carta (e todas as outras) você esteja bem, animada com os novos passos da docência, da escrita e com os novos tempos da história.

Sigo entusiasmado, aprendendo, produzindo, com esperança de que seja um tempo de ações sensíveis às necessidades humanas.

Obrigado! Abraço fraterno.

Raphael Cutis

As próximas cinco cartas dedico especialmente a cada um(a) desses professores(a) participantes desta pesquisa. Nelas eu trago um pouco das experiências que tivemos juntos durante as narrativas orais, os pontos que me sensibilizaram, que foram importantes para a reflexão sobre o meu problema de pesquisa e para meu aprendizado.

Como fizeram questão de serem identificados, as cartas seguem em ordem alfabética. Seguirei com a formatação em itálico para aquilo que foi dito durante nossas conversas. É importante destacar que o processo de escrita dessas cartas foi doloroso porque implica escolhas. Entretanto, como tive a oportunidade de falar com cada um(a): aquilo que

pude aprender durante as narrativas escritas e orais, espero que contribua para que mais pessoas sintam nossas vivências e reflitam sobre suas próprias vidas, formação e prática docente.

A próxima carta é para a professora Juliana. Professora de EF na mesma escola há mais de 10 anos, tem o privilégio de morar no mesmo bairro da comunidade escolar, o que faz com que suas palavras, gestos e olhar transpirem a educação e o amor pelo que faz. A “prô” Ju sabe o nome e sobrenome das crianças, traz na sua fala desabafo sobre o desafio de ser professora e da importância de transbordarmos nossos saberes com os outros. Ela é mãe de quatro filhos(as), sabe o valor da educação de qualidade. Quase perdi a oportunidade de dialogar com a sua história de vida e suas experiências, mas como foi possível observar ao longo dessa carta, ela tem contribuições valiosas, estou feliz pelo que produzimos juntos!

A carta seguinte é destinada ao professor Ricardo. Professor de EF na educação infantil, militar aposentado que decidiu cursar EF depois de acompanhar os estudos do filho que tinha o sonho de ser jogador de futebol e foi estimulado a fazer o curso superior. A história de vida do professor Ricardo é repleta de experiências valiosas que foram moldando a sua personalidade e contribuíram para que ele enfrentasse o desafio de ser professor com primor. Nossas conversas foram regadas por diálogos sinceros, emoção, discussões importantes sobre educação e (por que não?) de degustação de chocolates, pontos importantes que estreitaram nossos laços e reforçaram o valor de ações humanizadoras nas histórias de vida e prática docente.

Em seguida escrevo para o professor Tiago. Professor orientador especialista de EF junto à Secretaria de Educação da Caieiras-SP no começo da pesquisa e professor de EF da educação básica quando terminamos a pesquisa de campo. As mudanças fazem parte da vida desse professor apaixonado pelo que faz, pelo futebol e pelo(a) filho(a). Poeta, encontrou na poesia o caminho para retornar em momentos que se sente perdido. Sonha em ver uma EF que entenda o processo, que escute a voz dos(as) estudantes e entenda as necessidades de mudança. Durante nossas conversas, compartilha aspectos que constituíram sua maneira de ser. Com ele aprendi que para ser bom, não basta deixar de fazer coisas ruins, é preciso fazer coisas boas!

Logo depois destino a carta para o professor Wilkerson. Professor de EF na educação infantil e pedagogo. Fala mansa, serena e convicta do que deseja: valorizar a criança acima de qualquer questão! Para ele é mais importante pensar nas potencialidades de cada criança do que perder tempo levantando os problemas de cada uma delas. Gosta de se manifestar quando tem clareza, tem na leitura e na escuta características fortes. Identifiquei-me com o professor, porque nos assemelhamos em diversos aspectos. O

professor Wil, levanta considerações sinceras sobre como a palavra e ação docente podem fazer diferença na vida da criança.

As histórias narradas por cada professor(a) são o centro da pesquisa. Encerro esta etapa com a carta para o professor Zanatan. No começo da pesquisa, era professor de EF no ensino fundamental e no final assumiu a função de orientador especialista de EF junto à Secretaria de Educação da Caieiras-SP. Professor bom de papo, perto dele você precisa dialogar, opinar ou então se preparar para ouvir as opiniões que estão sempre na ponta da língua. Não consegue diferenciar o próprio nome do nome “professor”, disse que os dois falam da mesma pessoa, porque é isso que ele ama e sabe fazer: ser professor! É preciso coragem para expor a opinião, mudar a trajetória e assumir nossas novas versões. Que bom que temos estudantes, amigos(as) e companheiros(as) para nos ajudarem ao longo dessas transformações.

São cartas que aportam sinais, pistas, indícios sobre humanização nas nossas histórias de vida, formação e prática docente. Encontramos tudo isso em cada linha escrita, em cada conversa narrada, o que nos impulsiona para novas práticas e novas formas de contemplarmos a vida.

Eu acredito que as histórias de vida e experiências narradas pelos(a) professores(a) nas próximas cartas recordarão episódios vivenciados por você professor(a) a quem dediquei esta carta que concluo. Te convido a revisitar sua história, sua prática a partir do que você encontrar e depois, ressignificar aquilo que você considerar interessante. Como foi bom para meu crescimento, desejo que seja também para o seu.

CARTA 7

À PROFESSORA JULIANA - POR ME ENSINAR QUE SÓ QUEM AMA EDUCA

Se o Brasil começasse a dar valor
a quem nunca se sentiu valorizado
invertendo o que ganha um deputado
pela esmola que ganha um professor.
Pode até me chamar de sonhador
por sonhar que um dia essa nação
passará por uma transformação
e os livros serão a nossa cura.
**Um país desnutrido de leitura
só se salva comendo educação.**
(BESSA, 2019, p. 99)

Antes de mergulhar nas experiências e história da vida da professora Juliana, com as evidências de humanização encontradas e desfrutar dos nossos diálogos, quero trazer reflexões de Maurice Tardif sobre os saberes docentes e que relatam características presentes na fala e na prática da professora Juliana.

Vocês vão perceber que a professora Juliana é uma professora de contato, da pele com pele, da paixão pela educação. Em diferentes momentos, ela questiona os saberes que são apenas técnicos, que desvalorizam as relações. Assim como Tardif (2014), ela defende a pluralidade do saber do(a) professor(a) presente no exercício das suas funções, repleto da diversidade de aprendizados ao longo da sua história de vida. E não é verdade? Somos seres com saberes que se constroem nas relações sociais, passamos por diferentes realidades, encontramos diversas pessoas, recebemos informações em variadas instituições.

Tardif (2014, p. 19) vai dizer: “ao se falar dos saberes dos professores, é necessário levar em consideração o que eles nos dizem a respeito de suas relações sociais com esses grupos, instâncias, organizações, etc”.

Outro aspecto importante defendido pela professora Juliana são as relações com os(as) pares. Ela se colocou como observadora para aprender a dar aula, defende as trocas com os(as) colegas professores(as). E aqui nessa carta, vou apresentar um pouco mais do que ela fala sobre essa realidade (e necessidade) do seu cotidiano, no qual divide a quadra com outros(as) colegas da EF. Parece que partilhar possibilita experiências enriquecedoras, consolidam amizades, ampliam os conhecimentos técnicos e da realidade da comunidade escolar, questões que vão além da prática isolada. “O docente é não apenas um prático, mas também um formador” (TARDIF, 2014, p. 52).

E o autor complementa:

Os professores partilham seus saberes uns com os outros através do material didático, dos “macetes”, dos modos de fazer, dos modos de organizar a sala de aula etc. Além disso, eles também trocam informações sobre os alunos. Em suma, eles dividem uns com os outros um saber prático sobre sua atuação. (TARDIF, 2014, p. 53)

O terceiro aspecto é a conexão com a comunidade escolar e sua realidade. A professora Juliana reside no mesmo bairro da escola onde atua, até esteve em outras para ver como “era a grama do vizinho”, diz que não faz sentido trocar de escola, já que encontrará os mesmos problemas relacionados ao sistema educacional. Sem falar que, deixar a escola, representaria romper com os(as) estudantes.

E para ela foi diferente, porque geralmente as primeiras atribuições de escola acontecem nas que “sobram” e ela teve a oportunidade de já começar na escola que estava perto de casa e com uma estrutura nova. É mais difícil começar do zero a cada novo ano.

Isso posto, vamos à carta!

São Paulo, entre junho e janeiro de 2023.

Prô Ju,

Obrigado por compartilhar parte de sua história comigo! Ler a sua carta e ir até a escola “Luciana Pedroni” para nossas conversas foi uma experiência encantadora. Eu sou extremamente grato por você ter superado a desconfiança e dedicado um tempo da sua vida para participar da pesquisa.

Com você, eu aprendi que todo dia, toda aula, todo encontro com o(a) estudante é oportunidade de pequenas e grandes realizações; que independentemente do tamanho delas, sempre existirá significado para a vida do(a) estudante e do(a) professor(a) envolvido(a), mesmo naquelas ocasiões em que “nada deu certo”.

Sua história de vida descreve a grandeza de ser uma família e das pessoas que nos tornam a melhor versão de nós mesmos. O que você faz por seus(suas) filhos(as) hoje é reflexo de toda a bondade que recebeu de seus pais e, inevitavelmente, entrará na vida dos(as) estudantes que estarão em sua classe nos próximos anos.

Parabéns por sua caminhada até aqui! Obrigado por, mesmo cansada, manter o brilho nos olhos ao falar de suas aulas, de suas lutas, de seus sonhos para a educação! Sei que não preciso dizer, você já sabe como é importante na vida desses(as) estudantes. Que cada olhar, cada sorriso, cada abraço, cada partilha que venha dessas crianças te fortaleça e ajude a relembrar o valor da sua ação docente.

Sua biografia e experiências foram essenciais para minha pesquisa. Você me ajudou a acreditar que atividades humanizadoras são possíveis nas aulas de EF. Por isso quero divulgar esta oportunidade por meio desta carta, para que mais pessoas possam se inspirar em sua história de vida e prática de ensino e pensar em novas formas de avançar no processo humanizador.

Eu realmente pensei que fosse perder a oportunidade de dialogar com você, não tinha mais estratégias para suprir nossos desencontros, que bom que deu certo e que você encontrou coragem para participar da pesquisa! Logo no primeiro encontro, além de toda emoção que tentarei reproduzir nas palavras desta carta, encontrei vida na escola através dos sons das crianças espalhadas por toda escola, quer coisa melhor?

Eu começo te perguntando sobre sua linha da vida, como você se enxerga nos diferentes momentos da sua história. E você já me mostra o quanto que terei para aprender sobre humanização:

Eu tenho certeza de que eu não sou a mesma Ju, de jeito nenhum. Nem como pessoa, nem como filha, nem como professora. Mudei muito. Para melhor, com certeza! Eu acredito que o ser humano deve estar em constante evolução. Eu gosto de evoluir, eu gosto de aprender, eu gosto de saber mais e acredito que como ser humano deve ser a mesma coisa. Eu sei que tenho muita coisa para melhorar, que eu ainda erro, mas eu trabalho para ser melhor, eu sou bastante focada em melhorar a cada dia, em todos os campos. (Juliana, conversa em 25/04/22).

A proposta de entender as relações ao longo da sua vida, se tornou necessidade para que eu pudesse entender a minha história como educador. Como posso agir para ser uma pessoa melhor? Quais influências recebemos ao longo da vida? Começamos então pela professora Renata, sua primeira professora na educação infantil. Lembrar o nome dela é importante e você ainda descreve: *apesar de séria, ela era carinhosa e meiga, se fosse para pensar num exemplo de professora, seria ela. Guardo o nome dela como um tesourinho mesmo, está num espaço muito especial, porque ela era sensacional!* (Juliana, conversa em 25/04/22). E é interessante porque quando digo que você não citou o nome dela na carta você diz: *eu nunca havia parado para pensar na importância dessa professora na minha vida* (Juliana, conversa em 25/04/22).

Quantas são as professoras da educação infantil que apenas “passam” na vida das crianças? Eu vejo que elas têm papel especial para a formação humana, antes delas, geralmente, são as nossas mães que cuidam integralmente da nossa formação. Você mesma reconhece que sua mãe a *obrigava estudar* porque você não gostava, que ela se *esforçava*,

não trabalhava para colocar você e seus irmãos para aprender coisas, além da educação. Ela estava sempre presente! (Juliana, conversa em 25/04/22).

Os valores que herdamos dos nossos pais são imensuráveis. Encontrar professores(as), como a Renata, dispostos(as) a contribuir com nossa formação humana facilita nossa jornada e nos ajuda a compreender o papel da educação na nossa vida. *Sim, de alguma forma essa professora foi me cativando, e fui descobrindo que era bom ficar na escola, interagir com outras crianças* (Juliana, conversa em 25/04/22).

E o outro lado, como fica? Como a Renata, você, eu e tantos(as) professores(as) percebemos as crianças? Conhecê-las, fazer diferença na vida delas com aquilo que somos e acreditamos é o que deve dar sentido para qualquer ação docente. É preciso coragem para superar os desafios cotidianos da educação e você me fala:

Eu ainda não deixei a peteca cair porque eu amo as crianças! Eu conheço cada uma pelo nome, eu sei dos problemas porque a gente conversa, mas os bons professores também cansam. Do que vale ser bom professor e não ser valorizado? A gente tem briga para participar do conselho. A gente tem que lutar para ser visto como professor, porque no geral, a maioria pensa que a gente só brinca. Sempre tivemos que lutar para ter nosso trabalho reconhecido, para provar um monte de coisas. (Juliana, conversa em 25/04/22).

Pessoas passam por nossa história, se tornam amigas e são fundamentais para passarmos por momentos desafiantes como os específicos da educação. Sei que a escola te deu uma amizade que dura desde a educação infantil: a Priscila. Mas, as suas aulas têm oportunizado encontros como esse? Eis mais um ensinamento da sua prática: *eu gosto de ouvir, de trocar figurinhas, propor parcerias entre eles. Eu acho que essas relações humanas, para mim, são muito maiores que a EF e o corpo em si, porque essas relações eles não encontram em outro lugar. A gente tem que parar apenas para escutar* (Juliana, conversa em 25/04/22).

Fiquei emocionado com essa parte da nossa conversa, precisamos ir além do conteúdo programático da EF, escutar as crianças, dar atenção às manifestações e entender suas necessidades para colaborar. Essas crianças têm seus problemas, um pequeno tempo destinado à escuta, ao abraço pode fazer diferença, ou como você me disse: *é como se você reconstruísse o mundinho dela*. Me emociona porque o seu olhar me dizia isso, sua fala tocou meu coração de uma maneira difícil de explicar, porque sabemos os desafios enfrentados e que, mesmo na dificuldade, é possível humanizar nosso atendimento ao acolher as crianças nas suas necessidades. *E a gente aprende todo dia, começa dar valor aos pequenos detalhes, as coisas que muitas vezes nem percebemos* (Juliana, conversa em 25/04/22).

Tarcísio Mauro Vago (2021, p. 6) completa meu sentimento:

Permanece para nós o desafio de pensar a Presença da Educação Física na Escola. Pensar e realizar esta Presença, com sua Potência a repercutir nas Vidas diversas, porque diversos são os sujeitos que a ela têm direito, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, de tantas Histórias por eles e elas trazidas à Presença da Educação Física, de seus/as Professores/as, no acontecimento das aulas. Sujeitos em seus corpos marcados por suas experiências de viver neste tempo-sombrio-tempo-de-esperançar se apresentam para nós, ficam diante de nós, nas aulas de Educação Física.

Suas falas me transportam para a quadra, é possível te sentir dando aula e isso é magnífico! Encanta-me as possibilidades do que podemos fazer pelas relações humanas que ocorrem nas aulas de EF. Quem sou eu para falar das suas dores, dos seus desânimos, contudo, quero te motivar a perceber a grandeza das suas forças para o bem social. Como professores(as) temos grande responsabilidade social e pessoas como você, que dedicam a vida pela educação, podem fazer o mundo melhor e mais humano. Entendo ser algo difícil, desafiador, concordo com o que você diz: *eles estão diferentes, passam por muitos problemas familiares. Muitas vezes a gente é psicólogo, é médico e a educação vem tomando um segundo plano* (Juliana, conversa em 25/04/22).

Concordo que estejam diferentes, precisamos olhar para os pais e as mães dessas crianças, para o histórico deles(as) em relação à educação, talvez eles(as) não tenham tido a oportunidade de aprender o valor da escola. Se eles(as) não tiveram apoio dos seus(suas) familiares, como poderão contribuir com o processo de formação dos(as) seus(suas) filhos(as)? Apenas reproduzem o que consideram “certo”. Acredito que, assim como você me disse, as pessoas não devem parar e pensar por esse ângulo. Espero que faça sentido para eles(as).

Nossos(as) filhos(as) é o que temos de mais sagrado, jamais o(a) professor(a) substituirá o papel de um pai e/ou uma mãe (daqueles que têm). Mas, aquilo que fazemos como professor(a), dentro da especificidade do que acreditamos, tem seu valor e grau de importância na vida das crianças. Você mesma me disse: *eu nunca tinha pensado na postura da professora Renata durante as aulas, eu só recordei a importância dela porque você me perguntou e estava guardadinho lá* (Juliana, conversa em 25/04/22).

Somos professores(as) a partir de todas as relações que tivemos: família, amigos(as), professores(as), alunos(as), enfim, com aqueles(as) que passaram por nossas vidas. Essas relações mudam a nossa história e impulsionam nosso compromisso com a educação. É nisso que acredito quando penso na humanização.

Ju, isso é sensível e nos pede atenção especial com as nossas crianças e você me transmite essa importância, seus valores como professora, quando me diz:

Me incomoda bastante, porque na maioria das vezes essas crianças são vistas como números e não como seres humanos. Como você, sendo ser humano, sabendo que pode dar um conforto, você não vai dar? Me fala, você não vai dar Raphael? Enquanto ser humano, estou aqui para isso. Aqui as famílias, não todas, mas na sua maioria, não dão esse suporte para a criança. Talvez, se eu estivesse numa escola mais de centro, eu seria outra Juliana. Quando eu falo da criança, eu sei quem é o pai e a mãe. Está tudo envolvido. (Juliana, conversa em 25/04/22)

Essa é uma das minhas dores, um dos problemas da pesquisa, senti na pele ser tratado como número, não faz sentido olhar para essa criança como número, é um ser humano, pessoa, cidadã(o), estudante, que tem nome e deseja ser escutada, deseja aprender, que tem suas vontades e que tenho o papel de auxiliar nesse processo de descoberta, de aprendizado. E que pena que *quando você fala com outros professores, fica a sensação de que estou num universo paralelo, é sempre muito técnico. Vamos tentar das melhores maneiras possíveis, mas precisamos formar cidadãos, precisamos formar o ser* (Juliana, conversa em 25/04/22).

As crianças têm o direito de se aproximarem dos conhecimentos da EF, de entender o seu corpo a partir do movimento, foi para isso que estudamos. Porém, não podemos ignorar essa criança como pessoa que tem suas particularidades e necessidades. É preciso pensar na melhor forma de caminhar juntos(as), o ser humano sempre será mais importante do que qualquer conhecimento técnico. Entre cumprir o planejamento e ouvir o que os(as) estudantes precisam dizer, vamos escutar as crianças porque essa é a realidade!

Quando toco no assunto do direito das crianças, recordo-me do que você me falou da sua época de estudante na rede estadual, do respeito que existia pela escola, pelos(as) professores(as), mesmo quando não tinha aula e que essa ausência comprometeu seus aprendizados no ensino superior. Pelo que tenho aprendido com vocês, hoje várias coisas estão mudando na escola, a comunidade escolar tem ditado as regras e comprometem o trabalho de professores(as) que estão presentes, com foco, com desejo de ensinar, participando ativamente do trabalho, cobrados(as) pelas famílias de maneira preocupante.

Infelizmente nem todas as famílias estão constituídas por pais que inspiram, que estimulam a estudar, que falam sobre as coisas do mundo, que não se limitam e nem bloqueiam as possibilidades dos(as) filhos(as), assim como seus pais fizeram com você e seus(suas) irmãos e irmãs.

Por falar em irmãos, sei que seu irmão é parceiro e que faz parte da sua vida de maneira significativa, gostaria de pedir licença para narrar a sua realidade com a sua irmã. Impressionante o que aconteceu na sua família, saiba que seu gesto por mais desafiador que tenha sido é lindo e inspirador. Ver os seus três sobrinhos virarem irmãos, porque foram

adotados por seus pais e depois filhos por saber que sua irmã não teria condições de cuidar deles depois do falecimento dos seus pais, é um gesto de humanidade digno de aplausos. Tenho certeza de que todos os desafios que você enfrenta hoje serão recompensados ao testemunhar a vitória de cada um(a) desses(as) filhos(as). Parabéns pela coragem, abnegação e entrega! Você me disse: *faço isso com meus filhos, “se não gosta de estudar, você vai trabalhar”*. Se a minha influência pesar de alguma forma, eles vão buscar o caminho correto (Juliana, conversa em 04/05/22). Eu acredito que eles(as) chegarão longe, estímulo, testemunho e sabedoria eu sei que terão dentro de casa.

E eu aprendi com os meus pais. Os dois eram exemplos de dignidade, honestidade, respeito, conduta, eu não tenho nem o que falar. Se hoje eu for um adulto 50% do que eles foram, eu já estou feliz, porque esse exemplo eu tive em casa, tanto no trabalho, como nos pontos extras. Era impecável! (Juliana, conversa em 04/05/22)

Seu pai teve grande influência nos seus estudos ao pegar sua mão e levar para o vestibular. Você retrata uma realidade próxima da que eu vivi e de tantos(as) outros(as). Você diz: *meu pai e minha mãe bancavam minha vida – alimentação, casa, vestuário – e eu bancava a faculdade, eu dava muito valor* (Juliana, conversa em 04/05/22). Certamente seus pais tiveram papel fundamental na sua formação como professora, estimularam você a fazer seu melhor, a se dedicar e, por mais difícil que fosse, o esforço de vocês rendeu bons frutos. A seguir, apresento parte do que você me falou sobre o seu período na faculdade, das relações que você estabeleceu, das dificuldades encontradas:

[A Faculdade] era num lugar parecido com uma fazenda, era incrível! Tinha uma estrutura maravilhosa: quadra de basquete, quadra de tênis, quadra coberta, piscina, pista de atletismo, campo, era enorme! Eu fui bem acolhida e me dei bem com todos, decidi ficar no meio dos “nerds” porque tinha certeza de que ali eu ia aprender. Tinha um professor de lutas que era muito rígido. Ele tinha um sistema que contava o tempo para responder essa questão, os professores tinham mestrado, eram renomados. A maioria era acessível, paravam e conversavam, eram bem abertos. Doía ter que pagar, era meu salário inteiro. Era difícil ter que trabalhar e estudar. A informação sobre as universidades públicas não chegava para nós (Juliana, conversa em 09/05/22).

Eu imagino a quantidade de professores(as) que passaram por essa realidade de dedicação e esforço, de encontros e aprendizados, de descobertas e desencantos ao longo da formação docente. Hoje, como professores(as), temos de garantir que a informação sobre o ensino superior chegue para os(as) estudantes, é direito, a oportunidade não pode passar. Podemos começar já no ensino fundamental, para quando chegar o momento de escolherem o que estudarão, saibam os possíveis caminhos.

Depois, durante nossa conversa, você faz contrapontos em relação ao que vivenciou na faculdade e o “choque de realidade” quando começa atuar na rede pública, o que acredito ser a realidade de diversos(as) professores(as). Ponto importante para pensarmos juntos em possibilidades de mudanças e para apresentar a realidade para quem está iniciando a caminhada docente:

No ensino básico, a EF se resumia ao quarteto fantástico. Eu me recordo que na faculdade o professor passava: pega-pega, atividades cooperativas, coordenativas e falei que “eu ainda não sei dar aula”. Ele perguntou: “como assim? E as habilidades básicas? E tudo que a gente fez aqui: correr, saltar, pular, rastejar?” Foi aí que eu entendi como EF, porque antes eu era como as crianças, achava que estávamos só brincando, um novo horizonte se abriu para a EF. Hoje, compreendo a riqueza por trás da atividade, um olhar diferenciado. Eu já não ligo mais, mas antes as professoras faziam piadas dizendo que EF era fácil ensinar. Eu sou pedagoga e a quadra, nossa sala de aula, eu acho muito difícil. A faculdade não me ajudou a ter esse olhar, tinha muito recurso, era outra realidade. Aqui eu tenho: garrafa pet, bolas murchas (todas furadas), cabo de vassoura... é isso que temos. Tem hora que cansa, toda hora ter que dar “um jeitinho”. Eu comprei muito material, hoje eu adapto muita coisa, mas não é justo ser sempre adaptada, não é justo a criança do ensino fundamental 2 não ter visto uma bola de vôlei. É um direito que ela tem privado. Eu peço para as crianças para trazerem materiais, mas acho injusto com a criança, porque eu conheço o material. (Juliana, conversa em 09/05/22)

Eu te entendo e respeito professora. Nunca havia pensado dessa forma a respeito dos materiais, sobre como as crianças percebem esses direitos negados e essa realidade de imprevistos vivenciada. Daqui para frente, terei cuidado ao pensar nas realidades das escolas públicas, nos(as) professores(as) que precisam adaptar espaços, materiais, para proporcionar aulas agradáveis. Gostar da profissão, para que o cansaço não nos leve a desacreditar na educação. Sua maneira de falar, transmite o prazer de educar, de ser professora. Obrigado!

E depois da faculdade, como se deu a vida depois de formada? Eu já sei que você foi a primeira da sua família a concluir a graduação, que você não conseguiu estagiar e considera importante que todos(as) tenham essa oportunidade, que seu primeiro emprego foi na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais(APAE) de Caieiras-SP, que encontrou desafios para atuar, pensou em desistir, não pela especificidade do público-alvo ou pela falta de experiência, mas principalmente pela forma que se davam as relações com os(as) demais educadores(as). Apresento considerações importantes que você disse sobre as relações que te ajudaram no desenvolvimento profissional:

Olha que bacana, quando eu entrei na rede, quase todos os professores que entraram se formaram comigo, acredita? Todos se conheciam e isso deixou nosso grupo muito forte, a gente falava a

mesma língua. Foi quando eu encontrei com o Felipe. Ele dava aulas tão boas, tão ricas, tão leves e eu pensava, “é só isso!” Eu falei que queria aprender, ele me ajudou, me ensinou, permitiu que assistisse às aulas. Apreendi a lidar com as crianças, eu tinha muita teoria e a prática foi o Felipe que me ensinou. Por isso que eu acho essa parte de troca de experiência tão importante, tão prazerosa. (Juliana, conversa em 09/05/22)

Eu, Juliana, sempre vou defender essas relações, porque a gente aprende com todos. Posso falar do Zanatan, do Felipe, da Flávia, professores que são incentivadores mesmo, que são muito importantes para a rede. Tem as professoras de sala, como a Vivi e a Maristela, professores que eu tiro o chapéu, pelo jeito que tratam as coisas, pela postura que ensina muita coisa e une nossos trabalhos. Essa riqueza que a gente constrói juntos me ajuda na prática. Eu acho que é parceria, sinceridade, cumplicidade, companheirismo, coisas que nenhum livro do mundo vai trazer. Esse é o sentimento, é a vida, é o que a gente aprende diariamente um com o outro. (Juliana, conversa em 13/05/22)

É professora, é difícil caminhar sozinho(a), nossa profissão nos pede parcerias como as que você encontrou, pessoas para nos ajudar no caminho, para trocarmos percepções sobre nossas aulas, sobre os(as) estudantes, sobre a vida em acontecimento que você narra tão bem. O pensar junto nos ajuda nos momentos de dificuldade, de cansaço e nos ajuda a superar as barreiras que impedem nosso trabalho de fluir. Você não seria a mesma sem esses encontros, mesmo na APAE – você já parou para pensar na riqueza do encontro com cada pessoa durante suas aulas na APAE? – Somos seres de relações, nossas experiências nos ajudam a crescer e contribuem com o crescimento do outro. Determinação pode fazer o mundo melhor, mais humano, e sozinho(a) é impossível! Outro detalhe importante nas suas reflexões sobre humanização é o reconhecimento do papel e trabalho dos(as) seus/suas professores(as) na escola pública. A admiração e sinceridade que você traz em suas palavras me ensinou, convidou a revisitar minhas aulas na EF escolar e ressignificar aquilo que eu julgava e criticava sobre meus/minhas professores(as) de EF. Nós sabemos quando de fato o(a) estudante está negligenciado(a). Você disse:

O choque de realidade. Quando você está no lugar da pessoa, você consegue passar e entender a posição deles, que é o que eles não tinham. Hoje eu os vejo de maneira diferente, depois que cheguei e vi o recurso que a gente tem, as condições de trabalho. A admiração é diferente. Talvez, aquilo que eles tinham era a única coisa que podiam oferecer, era a base que eles tinham, foi a EF que receberam da faculdade e aprenderam. Eu tiro meu chapéu para eles! A gente fala que não vai ser como determinado professor. Quando você tem o choque de realidade e vê que realmente é difícil e, que a menos que você use seu dinheiro para comprar as coisas, você ficará na mesmice o resto da vida. (Juliana, conversa em 13/05/22)

É tão bom quando o que fazemos é reconhecido, quando nossas limitações não são as responsáveis por caracterizar nosso trabalho, aquilo que entregamos integralmente com o melhor que somos. O reconhecimento, especialmente dos(as) estudantes, nos faz sentir especiais. Como você mesma disse: *criança é sincera!* (Juliana, conversa em 13/05/22).

Vive na minha memória a cena de você falando que a docência é viver pequenos e grandes momentos, como testemunhar a satisfação, a vibração de uma criança com suas conquistas durante a aula, aquele sentimento que aquece o coração e faz sentido. É necessário manter esse reconhecimento das vitórias que acontecem nas nossas aulas, das dificuldades encontradas quando o reconhecimento não acontece ou quando o erro nos leva à autopunição. Ser professor(a) é uma profissão que poucos têm a coragem de enfrentar e que bom que pessoas como você aceitaram o desafio e fazem o melhor pelos(as) estudantes, pela escola e pela educação. As críticas sempre existirão, a maioria das vezes serão feitas por quem não tem a mesma capacidade e coragem de exercer a docência. Você trouxe contribuições importantes a respeito do reconhecimento, da valorização do(a) professor(a), mesmo dizendo que perdeu a esperança, falou que com a valorização do(a) professor(a), a maneira de atuar fica melhor, valorização para além do salário. Você ressaltou: *para mim, a valorização é salarial, profissional, é ter o mínimo de material, encontrar uma gestão que realmente seja interessada, atenta às minhas necessidades, empenhada. A valorização nesses aspectos é o que realmente seria salvar a educação* (Juliana, conversa em 13/05/22).

E aí, ainda pensando no reconhecimento da sua atuação como professora, você sinaliza de maneira bem direta quais são os acertos e os erros que te ajudaram a chegar no nível de ação docente hoje: *eu acho que eu consigo enxergar as coisas antes de acontecer, é uma habilidade que a gente vai desenvolvendo, acho que é um dom, conseguir mudar de última hora. Eu acho que meu erro maior é pagar para ver* (Juliana, conversa em 13/05/22). Você me falou isso com tanta clareza, que, ao mesmo tempo, me parece arriscado “pagar para ver”, sinto uma capacidade enorme de saber de onde partir até os objetivos almejados.

Você tem uma particularidade importante para que a proposta educacional da sua prática docente seja eficiente, próxima da realidade e até íntima da comunidade escolar: o fato de você morar no mesmo bairro onde a escola está situada. E pelo que acompanhei da rede de ensino isso não é algo tão simples de acontecer logo quando o(a) professor(a) chega na rede e você foi contemplada com a oferta. Você contou que

conhecia a maioria das crianças que eram filhos de amigos meus, olha que maravilha!? Paraíso! Daqui eu só sairei se for para outra rede, se for só para mudar de escola, não faz sentido. O sistema será sempre o mesmo. Eu já passei por outras escolas, apenas para matar aquele

desejo de saber se a grama do vizinho era mais verde (Juliana, conversa em 13/05/22).

Essa realidade me causou curiosidades em relação ao seu convívio com a comunidade escolar no seu cotidiano e quando perguntei o que você fazia pela comunidade como cidadã, você respondeu:

cuidar e o ouvir, é isso que eu tenho feito de diferente. Eu me acho diferenciada nesse sentido, porque para muita gente isso é só um emprego, mas para mim não, eu me importo. A escola tem que abrir o portão mesmo e de fato trazer os pais para cá, porque se eles se aproximarem da realidade que a gente vive, eles vão poder compreender um pouco mais o nosso universo e colaborar no processo de educação dos filhos deles. Quando a gente conversa, fala com propriedade, porque a gente conhece quem é aquela pessoa. (Juliana, conversa em 13/05/22)

Cuidar e ouvir, ações tão importantes na educação humanizada que busco. Ju, você transmite tantos sonhos nas suas manifestações sobre a educação, sobre o desejo de proporcionar sempre o melhor para os(as) estudantes, para suas famílias, para escola. Meu desejo é que cada pessoa que acessar esta carta, consiga sentir um pouquinho daquilo que senti durante nossas conversas. Vale registrar o que você me respondeu quando te perguntei *como podemos estimular outras pessoas a lutarem pela educação e a reconhecerem a importância da EF:*

Eu acho que o amor que a gente tem pela profissão, quem está aqui, é por amor. Eu incentivo mesmo! Quem me pergunta eu falo “vai, faz!” Eu ainda sou uma incentivadora da EF, eu ainda acredito na educação. Acho que se dentro da unidade, dentro da rede, já houvesse esse reconhecimento [da EF], naturalmente as boas novas, as boas notícias iam se espalhar e novos resultados viriam, dias melhores, Com certeza! A vida é assim, cheia de história, uma hora estamos firmes, outras nem tanto. (Juliana, conversa em 13/05/22)

Sabe Ju, desde o primeiro encontro, todas as vezes que você falou sobre a educação, sobre a sua prática com a EF, os seus olhos brilharam, mesmo quando você dizia não saber responder. Me recordo de uma conversa com sua colega de quadra, ela me disse que você é exatamente assim: acredita na educação, que por mais dificuldades que encontram, você jamais pensou em deixar a educação e sim assumir outros cargos para lutar por quem estiver na quadra. Que reconhecimento bonito!

Fica meu estímulo para que você continue acreditando na educação, para que a história continue acontecendo nas escolas, nas comunidades escolares, na casa dos(as) estudantes, para que nossos estudos façam diferença na nossa prática e contribuam para a história em acontecimento. Eu sei que você concorda comigo sobre a importância de vivenciar

e estudar, para que nossa prática tenha embasamento e não se limite à reprodução mecanizada de atividades, pois, como você afirmou, *a escola é viva e cada uma tem as suas características* (Juliana, conversa em 13/05/22). E só é viva porque está repleta de pessoas – não coisas – que merecem ser tratadas com o devido respeito à sua humanidade. Que essa produção que fizemos juntos, que sua história de vida, suas experiências, colaborem para que outros(as) professores(as) sintam, repensem e decidam pela humanização nas suas práticas.

Agradeço a oportunidade de te ouvir, por sua sensibilidade e entrega, que nossa luta pela educação permaneça, que tenhamos boas companhias ao longo das nossas histórias e que possamos fazer o mundo melhor, mais leve.

Com carinho, meu abraço fraterno.

Raphael Cutis.

CARTA 8

AO PROFESSOR RICARDO - POR ME ENSINAR QUE HUMANIZAR, PODE SER SIMPLES COMO AMARRAR O CADARÇO DA CRIANÇA

Na faculdade da vida
de tudo pude aprender.
Cada aula, uma lição,
cada lição, um dever.
A provas me machucando,
mas quem aprende apanhando
pode ensinar sem bater
(BESSA, 2019, p.104)

Para compreender o processo de humanização, a partir da história de vida e experiências do professor Ricardo, precisei passar por episódios emocionantes da minha própria vida. Dialogar com o professor Ricardo tocou em particularidades do que vivi antes de ser professor. Gostaria de trazer pontos levantados pelo professor Tarcísio, por Tardif e pela Nana, que justificam a importância do que aprendi com o professor Ricardo em relação aos objetivos desta investigação.

É importante pensarmos em uma EF que se importe com a pessoa, suas identidades, histórias de vida, presença e visão de mundo. Que acolha cada ser humano com seus corpos, suas culturas e experiências. Quando esses(as) sujeitos são afetados(as) a EF da escola é atravessada por suas experiências, seus pertencimentos (VAGO, 2022). “Ora, isso diz respeito aos compromissos sociais da EF: ela não pode ficar alheia e indiferente ao que se passa com seus sujeitos – eles e elas é que importam” (VAGO, 2022, p.9). Esses levantamentos do professor Tarcísio, aparecem nitidamente nas narrativas do professor Ricardo, naquilo que ele acredita ser essencial para as aulas de EF escolar.

É impossível pensarmos nas competências docentes sem passar pelas experiências que tivemos ao longo das nossas histórias de vida, porque a maneira como agimos é a mescla daquilo que aprendemos durante nossa formação, com nossas crenças e costumes. A relação com pessoas sempre conectará com o que fazemos, é possível acreditar que a base, aquilo que temos como valores, o importante vem da família, é no seio familiar que nos constituímos e de acordo com Tardif (2014, p. 73):

As experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores e seu conhecimento prático. Acrescentam-se também a isso experiências marcantes com outros adultos, no âmbito de atividades extraescolares ou outras.

Perceberemos, nas narrativas do professor Ricardo, a importância da sua família e da relação com outras pessoas para que sua prática de ensino fosse estruturada. Essas experiências permitiram melhor compreensão das individualidades dos(as) estudantes, ressignificação de conceitos enraizados e entendimento das melhores estratégias de ensino com o devido respeito aos tempos dos(as) estudantes.

Não é sempre que as coisas funcionam: compreender os(as) estudantes exige tempo, paciência, aprendizados diários. Tardif (2014, p. 87) dirá que “o choque de realidade força a questionar” e traz o seguinte relato:

Quando a gente começa a ensinar, pensa que tem todos os poderes. Estamos persuadidas de que, com a gente, a criança vai aprender tudo direitinho. E que a gente vai ser paciente, gentil... e aí não funciona. A gente vai ficando com menos expectativas. A gente consegue fazer coisas interessantes, mas não faz milagres...

Por sua vez, “os alunos sofrem inúmeras influências que podem afetar seu rendimento escolar e que os professores não podem controlar” (TARDIF, 2014, p. 132-133). Isso amplia a necessidade de humanização no trato com o(a) estudante, realidade constante na vida do(a) professor(a), afinal, lidamos com seres humanos todos os dias.

Tardif salienta a complexidade que envolve as escolhas do cotidiano do(a) professor(a), por se tratar de algo que ocorre durante a ação, com pessoas, sem ter tempo para pensar e recursos limitados. O professor Ricardo apresenta alguns desses cenários, da dificuldade no agir e dos receios do julgamento de quem ver, por exemplo:

Um professor pode ser forçado a exigir o respeito das tradições de um estabelecimento com as quais está em desacordo; pode viver conflitos de valores entre os objetivos escolares (avaliar os alunos) e os seus próprios valores (lutar contra a competição, estimular a partilha e a cooperação); pode também se ver concretamente diante de escolhas difíceis e sem solução lógica, como por exemplo entre fazer a turma avançar rapidamente ou cuidar dos alunos com dificuldades, retirar os alunos perturbadores ou procurar integra-los, etc (TARDIF, 2014, p. 176-177).

E essa mistura de sentidos, que envolve a história de vida e a prática docente, numa relação que desafia e emociona, oferece-nos sinais de que ser professor(a) é mais do que algo frio e mecânico, porque precisa ser vivenciado, sentido por inteiro. Talvez seja por isso que em tantos momentos me emocionei junto com o professor Ricardo.

Diante dos alunos, um professor pode expressar seus sentimentos, sua vivência; pode buscar também um entendimento com um aluno específico ou com a turma por meio de interações linguísticas; pode desencadear um processo de negociação social a respeito de seus papéis respectivos etc. (TARDIF, 2014, p. 177).

O professor Ricardo atua na educação infantil e o que defende e questiona hoje, na relação professor(a) especialista-professor(a) generalista, já aparecia em constatações

feitas pela Nana há mais de 15 anos. Durante nossas conversas, ele falou que as professoras tendem a acreditar que o(a) professor(a) de EF não tem muito para contribuir com a formação da criança e que a função dele(a) seria de recreacionista, enquanto a professora responsável faz seu planejamento. A Nana, em 2005, já dizia que a presença de especialistas na educação infantil é importante, uma vez que a formação profissional das professoras em relação a EF é precária, pouco estudada. Quando os temas são estudados “acabam sendo abordados equivocadamente de forma reducionista: a EF é vista como o ‘momento da brincadeira’ ou como o ‘momento do corpo’” (Bracht, 1999, p. 70 apud AYOUB, 2005, p. 144). Ou seja, o professor Ricardo tem razão nas suas inquietações, comunicar faz diferença. Qual o papel do(a) professor(a) de EF na educação infantil?

É necessário que os(as) professores(as) de EF que atuam com a educação infantil pensem na própria prática, planejem suas aulas, saibam a importância da EF na vida das crianças. O professor Ricardo até traz um exemplo importante (que aprendeu na faculdade), o fato do(a) professor(a) de EF sair de casa torcendo pelos sinais vermelhos do trânsito para pensar as aulas. Se queremos que a EF seja reconhecida e se, de fato, queremos acolher os(as) estudantes com qualidade, de maneira humanizada, não podemos viver de improvisos, o comprometimento é indício de humanização. “O gosto é socialmente construído; gosta-se, em princípio, do que se conhece. Que oportunidades de conhecimento as aulas de Educação Física têm oferecido aos alunos na educação básica?” (AYOUB, 2005, p. 146-147)

Por fim, os saberes desenvolvidos durante as conversas com o professor Ricardo foram importantes para registrar processos educativos que deixam marcas na minha história de vida e na minha ação docente. Certamente, ao discorrer sobre suas práticas e repensá-las o professor Ricardo passou por transformações e ressignificações. Espero que você leitor(a), ao ter contato com a história de vida e experiências do professor Ricardo, consiga repensar suas estratégias em busca de ações humanizadas e humanizadoras.

São Paulo, entre junho 2022 e abril de 2023.

Professor Ricardo,

A oportunidade de conhecer sua história de vida, de me aproximar das suas experiências, proporcionou aprendizados, conexão difícil de descrever. Reforço meu desejo de ser seu amigo e anseio por novas oportunidades de conversas e trocas sobre a educação, a EF, humanização, sempre tão presentes nos nossos encontros.

A humanização é o ponto central da minha pesquisa, sua história e experiências trazem variados e belos exemplos de como ela pode acontecer nas nossas vidas e impulsionar ações pelas pessoas que estão próximas de nós, que esperam que nosso exemplo cause mudanças positivas na sociedade, independente da nossa origem. Os exemplos edificam e constroem. Se tiver dúvida, pergunte para o vereador que foi pedir para o capitão “quebrar o galho” com a multa que havia tomado e saiu de lá com uma lição de retidão, caráter, educação. Aprendi que se queremos uma sociedade melhor, justa e humana, precisamos nos comprometer em honrar nossos valores. O que não significa esperar que “batam palma para o que é nossa obrigação, para aquilo que me propus fazer e que é meu trabalho”, e sim, assumir com responsabilidade nosso dever.

Ricardo, você diz que não sabe se vai se tornar o professor que vê nos seus colegas. E eu concordo: é impossível você se transformar no que vê nos outros, porque você é único, um ser humano especial, professor extraordinário! Obrigado por fazer na vida das crianças!

Dito isso, quero destacar trechos das conversas inspiradas por sua carta. Sua história de vida e com a EF trazem referências importantes para atuais e futuros(as) professores(as) de EF. Afinal, não é qualquer pessoa que decide pela educação depois de 30 anos atuando em outra área do serviço público, você disse: *Em 2019, prestei o concurso aqui na prefeitura, no intuito de devolver para a sociedade o que ela investiu em mim* (Ricardo, conversa em 14/02/22). Eu fiquei feliz e lisonjeado de ter você no grupo que contribuiu com esta produção, ansioso para entender o que move esse desejo de retribuir para a sociedade o que ela te proporcionou.

Quero destacar pontos da sua infância e que geram interesse pelos aspectos que foram mudando ao longo das gerações, por exemplo você diz que a sua infância foi diferente por ter brincado na rua e que sempre foi uma criança dócil. Você traz uma memória importante de quando chegou em São Paulo com sua família:

Nós tivemos que morar na casa de um tio muito rígido em Guarulhos. Eu com quatro anos, naquela chácara cheia de árvores, espaços para correr e brincar, cachorros, tudo para uma criança se divertir, ouvia minha mãe falando: “senta aqui nessa cadeira e só se levanta daí quando eu te chamar!” Eu tinha que ficar sentado. Quando eu tinha nove anos, ganhei a calça de uniforme da minha tia. Eu era uma criança que ia muito bem na escola, se uma criança me batesse eu não. Aconteceu que um dia, um garoto correu atrás de mim na rua para me bater, nisso eu tropecei na guia, cai e rasguei a calça nos dois joelhos. Quando eu vi minha calça rasgada, eu não pensei duas vezes, “Nossa! Agora minha mãe vai me bater, aí eu não aguentei, briguei! Mas eu me libertei. Conte para minha mãe e ela disse nós vamos remendar calça e você vai para a escola com a calça

remendada o resto do ano. Aquele remendo passou a ser motivo de orgulho (Ricardo, conversa em 14/02/22).

Imagino as dores de uma criança impedida de se movimentar pelo quintal, de brincar e se divertir. Esse episódio me levou para minha infância, o brincar no quintal de casa com os coleguinhas, sair para brincar na rua e não ter hora para voltar. O corte na sua calça (e as consequências após aquela queda ao chão) me reportou aos inúmeros hematomas e cicatrizes que adquirimos na infância. Mas pensando na educação, sua expressão quando me fala, *eu tinha que ficar sentado*, foi o que mais me tocou. Pude te ver naquele banco, meu caro amigo, e foi impossível não transferir a imagem para os(as) estudantes, que diariamente são obrigados(as) a ficar sentados nas aulas de EF, e assim como você, são impedidos de se movimentar e aprender com o corpo. O que podemos fazer para que essas cenas não aconteçam nas escolas?

Parece-me que a resposta pode estar na comunicação adequada, no reconhecimento do papel da EF na vida dos(as) estudantes, das informações que trazemos para a prática cotidiana, algo que vai além de cobrir planejamento de professores(as). É como você fala sobre o desafio diário na educação infantil, sobre presença em todas as aulas:

Seja qual atividade for, aquilo tem algum significado para a vida dela. Em cada tempo de uma mesma aula, despertam para outro interesse. Você tem que acompanhar isso e procurar alinhar seu interesse ao interesse dela, não adianta você querer fazer com que a criança permaneça na atividade ali por um longo tempo, criar filas, criar mecanismos que ela não vai cumprir espontaneamente ou com prazer. Eu procuro estar ali de corpo, alma e espírito (Ricardo, conversa em 28/02/22).

Esse reconhecimento é uma forma de humanizar, concordo com a necessidade de entender a criança para atingir os objetivos, que *não posso encarar as crianças como coisa, apenas como aquele que recebe as informações com na educação bancária (Ricardo, conversa em 28/02/22)*. Por mais que seja difícil, elas estão sempre dispostas a nos dar amor e carinho, são elas a razão do nosso trabalho.

Eles precisam experimentar, nessa fase que estão, se deixar, eles sobem de ponta cabeça no escorregador, meu dever é zelar pela segurança dela. Conforme for a maneira que enxergam, as pessoas podem dizer que o professor é irresponsável, mas existe uma intencionalidade por trás do acontecimento (Ricardo, conversa em 21/03/22).

Nossas conversas passaram por aspectos sociais interessantes, como a comparação que você fez da minha pessoa com seu amigo negro, de Paraisópolis, que te ajudou na disciplina de “ciências da natureza” na USP. De fato, nossas origens são parecidas,

nos aproximamos pelo fato de “aprender juntos” (você e eu), da amizade desenvolvida, dos interesses comuns. Assim como ele foi importante na sua caminhada, reforço que você com sua história de vida e experiência é importante para mim. A vida que acontece, a partir do que produzimos durante a investigação é especial!

Recordo-me que essa memória te levou para refletir sobre as questões da defesa da mulher, do(a) negro(a) e de tantas outras questões sociais presentes nos dias de hoje. Você fala que a universidade te ajudou a entender melhor o que vem acontecendo, a querer estudar sobre os assuntos, a fugir das discussões com pessoas ignorantes na temática. Você, policial aposentado, questionou:

Por que a nossa sociedade prioriza que o policial ganhe mais que o professor? É aquilo que tanto eu quanto você repudiamos. Uma sociedade burguesa que quer proteger aquilo que ela tem, quando na verdade o investimento deveria ser naquilo que as pessoas serão. Ser é mais importante! Isso eu aprendi com o meu pai, que era semianalfabeto. Às vezes, só porque tem uma casa um pouco melhor, um salário um pouco maior pensa que é melhor, esqueceu da origem e vem com esse discurso de meritocracia, achando que todos conseguem trilhar caminhos parecidos. (Ricardo, conversa em 28/02/22).

Extrapolar os muros das escolas, pensar na sociedade me deixa entusiasmado. Eu sempre lembrarei do abraço apertado que trocamos ao final da conversa do dia 28/02, ele serviu para consolidar meu sonho de que a pesquisa fosse além das formalidades acadêmicas, só assim faria sentido pensar na humanização. E quer gesto mais simbólico do que um abraço forte, de corpo inteiro? Que mais gestos assim aconteçam no nosso cotidiano!

Seguindo pelas reflexões “fora dos muros da escola”, penso ser importante narrar suas experiências como policial. Elas nos dão perspectivas importantes sobre cidadania, atingem pontos sensíveis da minha história e, certamente, de outros(as) leitores(as).

Começamos pelo ambiente “barra pesada” que você foi liderar e encontrou um tenente (que tinha 20 anos no mesmo lugar) que quis te acolher com feijoada. Após ele entregar o documento para ser assinado por você, destinado ao supermercado vizinho solicitando os ingredientes, aprendeu num gesto simples – dividir a conta entre os colegas – o poder da honestidade. Teve o vereador que ao te visitar pedindo que desse “um jeito” na multa de trânsito que havia levado, aprendeu que o cargo que ocupamos não priva de cumprir com nossos deveres cidadãos, porque viu você tirar da bolsa uma multa pessoal que havia quitado. E o que falar para o vereador que quis te dar dinheiro para consertar as motos da companhia e do delegado que ficou bravo porque você devolveu o dinheiro excedente? Talvez tenham aprendido que o dinheiro só corrompe o homem e a mulher que não tem clareza dos

seus princípios, porque foi isso que seu gesto ensinou. Você me disse: *O universo conspira para o bem. A pessoa que te prejudica, conforme o tratamento que receber, uma hora volta e entende que você fez apenas seu papel* (Ricardo, conversa em 21/03/22).

Infelizmente, acontecimentos comuns na sociedade, diariamente ouvimos sobre os casos de corrupção, fruto da ganância humana e que tanto nos destrói. Talvez, para esse tipo de pessoa, falte o entendimento do contexto familiar e a responsabilidade testemunhados pelo seu pai, que ao falecer deixou a família estabilizada, unida, justa, com a responsabilidade de apenas se preparar para o aluguel do mês seguinte. Isso é bonito, esse é o sentido da vida, reflexo da educação que foge dos muros das escolas.

Sempre encontraremos pessoas que precisam refletir sobre a inconclusão da sua formação humana, sobre o desencanto e desesperança com a humanidade, sobre como sistematizam mecanicamente nossas ações, que dizem fazer justiça, que na verdade só pensam nos próprios benefícios, infelizmente, nem a polícia escapa disso. Daí a importância de termos clareza dos nossos princípios, nossa origem e base familiar reconhecidas, reforçar nossos papéis como professores(as), como servidores(as) da sociedade, lembrar da pergunta daquela garota que encontrou na praia: *“Você quer que batam palma para o que é sua obrigação? Para aquilo que você se propôs a fazer? Esse é seu trabalho!”* (Ricardo, conversa em 21/03/22).

Professor, somos apenas um ponto na vida das pessoas com quem cruzamos, e eu preciso reforçar a importância da sua presença nas histórias de vida de tantas pessoas com quem você encontrou ao longo dos 30 anos como policial. Saber que sente orgulho de ao longo desse período *nunca ter tirado a vida de ninguém, nunca ter agredido ninguém de maneira voluntária*, enche meu coração de esperança e gratidão. Na condição de negro, perdi a conta de quantas vezes apanhei de policial e dos amigos que perderam a vida nessa eterna mazela social periférica. Tenho orgulho de ter conhecido essa parte da sua história. Nas vidas que protegeu, sinto a minha e de tantos(as) outros(as), honrada.

Quero retomar experiências que você teve durante as graduações em EF e em direito, antes, gostaria de destacar a riqueza da sua presença na vida da sua esposa. Seu estímulo para que ela retomasse os estudos, certamente fez diferença na vida dela, na escolha pela culinária e gastronomia. A propósito, obrigado pelos chocolates maravilhosos que adoçaram nossos encontros de maneira simples e humanizadora!

É como você aprendeu lendo Rubens Alves: o conhecimento é mais do que memorizar conceitos técnicos. Antes do que será pesquisado, conhecer quem é o(a) pesquisador(a), o que impulsiona a pesquisa dele(a), humanizar a relação. Vamos então recordar indícios de humanização ao longo da sua formação superior.

A começar pela decisão de ingressar no ensino superior junto com seu filho, *“embarcar nos sonhos dele, ter tempo juntos”*, mesmo ele tendo 19 anos, você 48 e recém aposentado. Você aproveitou o tempo que tinha da maneira mais bela possível: estar é sempre maravilhoso estar com quem amamos! A faculdade permitiu que você e o Mateus tivessem a oportunidade de aprenderem juntos, de se conhecerem mais, de entenderem as exigências da vida que *“é feita de escolhas e cada uma delas vai impactar na nossa vida de alguma forma”* (Ricardo, conversa em 28/03/22).

Podemos pensar no precioso legado que você deixou como responsável pelo diretório acadêmico da instituição, no efeito que sua luta pelos direitos dos(as) estudantes causou na vida de cada pessoa que hoje colhe os frutos e daqueles(as) que disseram que não poderia acontecer o curso de licenciatura pela manhã (para quem está lendo esta carta, o professor Ricardo foi o responsável pela criação do curso de licenciatura em EF, no período da manhã, na instituição onde estudou, graças ao conhecimento dos direitos e por acreditar na equidade). Com a natural falha humana, é claro que sua passagem pela licenciatura deixou aprendizados pessoais, o entendimento da responsabilidade de ser líder, especialmente de uma turma cuja maioria das pessoas tinha a idade do seu filho, mas o que não é aprendizado? Se observarmos com cuidado, os conhecimentos que estudamos na faculdade têm sua importância, os aprendizados durante as trocas em todas as aulas são imensuráveis.

Fico a imaginar sua experiência durante o estágio que fez com a professora Renata. Ser selecionado num processo seletivo em meio aos(as) demais estudantes de licenciatura (mesmo não acreditando ser capaz), desenvolver as atividades em uma escola de educação infantil presente numa comunidade com problemas sociais, cuja crianças tinham a personalidade a florada, ter como parceiro outro estudante mais velho que a maioria da turma, quanto aprendizado!

Acredito que a oportunidade de dialogar com a escola e com a professora sobre as experiências durante as ações tenham colaborado bastante com a sua formação ao longo dos doze meses de bolsa. Vivenciar os diferentes conteúdos destinados à educação infantil e ao ensino fundamental, lidar com os diferentes públicos e ter como compartilhar as dúvidas com alguém mais experiente sempre será uma oportunidade de crescimento para futuros(as) professores(as). Assim como será possível enfrentarmos diferentes desafios tanto com os(as) pares quanto com as crianças e seus diversos comportamentos durante as aulas de EF.

Tive experiência similar à sua com o professor responsável pelas aulas na escola que durante o meu estágio supervisionado deixava a turma sob nossa responsabilidade. Para ele, poderia ser um momento de fuga, para fazer outras tarefas, para descansar e, para nós, era um momento de aprendizado, porém, de grande responsabilidade. Humanizar é nos

colocarmos no lugar daquele(a) professor(a) que sofre para lidar com a turma de estudantes no cotidiano e entender que ele(a) é um ser passível de erros.

Por mais que sejamos inexperientes, sempre existirá uma criança a ser educada e o pouco que pudermos colaborar, fará grande diferença na vida das crianças.

Para uma pessoa que já havia trabalhado durante uma vida, recebendo aposentadoria, estudando, deve ser surpreendente, independentemente do valor monetário, passar por todo processo para receber o auxílio proporcionado pela experiência do estágio deve ter sido uma verdadeira honra. Ao mesmo tempo, temos um assunto relacionado ao etarismo que me chama atenção na sua história, algo presente atualmente e que te obrigava, nas experiências de estágio, a buscar mecanismos para se diferenciar do restante da equipe, explicar que estava ali na mesma condição de estágio. Precisamos refletir sobre o que você me disse:

Como eu não sou jovem, não transpareço isso na pessoa me olhar, eu tenho que durante a convivência mostrar que, talvez, eu sou mais dedicado. Eu não quero entregar algo para as crianças que são insuficientes ou que alguém veja meu trabalho e me chame de preguiçoso, diga que estou enrolando para fazer o que é minha obrigação. O dia que eu perceber que está caindo, que não estou tendo mais alegria de fazer aquele ritual de passar um hidratante (para ir cheiroso para escola), colocar uma camisa limpa, pegar o tênis e limpar, pegar o apito e ir, aí eu não vou mais. Eu tenho que chegar lá para as crianças sendo o melhor que eu puder (Ricardo, conversa em 04/04/22).

Será que existem caminhos para modificar essa visão social? A esperança é que o seu esforço, sua dedicação (e a de outras pessoas) não seja para provar nada para ninguém e sim para que suas atribuições sejam feitas de maneira prazerosa e significativa. O seu desejo de oferecer o melhor para as crianças é encantador, que mais professores(as) se sintam inspirados(as) a pensar sobre isso no seu cotidiano.

Por falar em professor(a), ao longo da sua carta e durante as nossas conversas, você destaca o papel deles(as) na sua formação, da importância de estar próximo de cada um(a) e de aprender com aquilo que eles(as) tinham para oferecer.

Sobre o professor Nestor, você diz:

Ele tem o “dom”, uma metodologia simples, a capacidade de prender a classe naquilo que ele estava fazendo. Não tinha o hábito de pedir para silenciar ou se sentar, ele simplesmente parava, e dizia: “Quando estou aqui e vocês estão aí sentados, já somos professores de EF. O professor de EF, dá a primeira aula às 7h, acorda 6h15 e sai contando que vai encontrar um semáforo vermelho para fazer seu planejamento. No dia que ele encontra os semáforos verdes, ele chega na escola e

não sabe o que fazer porque não planejou a aula” (Ricardo, conversa em 04/04/22).

Você ainda destaca a questão da roda de conversa que o professor Nestor conduzia, a capacidade de falar sobre os acontecimentos da aula, de gerar reflexões, descontentamentos. Recordo que conversamos sobre a capacidade de escuta dele, que não era presente e que de certa forma descaracterizava a roda de conversa. Não por mal, tem ocasião que o(a) professor(a) não se permite escutar o que os(as) estudantes trazem como ensino, como partilha do que foi vivenciado durante a aula. A escuta pode nos trazer grandes aprendizados, independentemente do espaço que ocupamos, além de ser um sinal de humanização, de horizontalidade. Precisamos refletir sobre isso, sobre a participação coletiva desses momentos de roda de conversa. Será que todos(as) se manifestam durante nossas aulas? Escutamos o que estão dizendo?

Vamos ver como seu testemunho pode nos ajudar com essa reflexão:

Eu não posso chamar o que eu faço de roda de conversa, ainda bem que estou trabalhando com crianças e ele com adultos. Acho que a função de mediar é muito mais importante, traz mais contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, do que simplesmente conduzir a conversa, mesmo que você esteja certo e atento às necessidades e correção do grupo. Podemos nos tornar prolixo, porque no grupo, nem sempre, todos precisam ouvir, talvez a troca seja mais interessante. As crianças são professores. Você teve esse papel de me encantar, porque é algo que eu não havia percebido. Eu agora refletindo, lembro que o Nestor foi oficial do exército, então é um cara que estivesse me identificando pela vida regrada que eu tive e, talvez ele fosse o militar que eu queria ter encontrado no quartel, mas não como professor. Minha admiração, respeito por ele, naquele momento é inegável. (Ricardo, conversa em 04/04/22).

Minha intenção é a de refletirmos a escuta, sobre como podemos nos aproximar do(a) estudante a partir do diálogo e como essa ação pode auxiliar no nosso desenvolvimento profissional e humano. De fato, é encantador tocar nos pontos sensíveis, permitir-se encantar pode ser inspirador.

Outros gestos simples de humanização na formação de professores(as) e que fazem diferença são os encontros informais, aqueles que acontecem fora do contexto de aula, como oportunidade de conhecermos o(a) docente e ele(a) conhecer a história de vida dos(as) estudantes. Ou então uma conversa formal e sincera para escolher quem vai orientar nossa produção de trabalho de conclusão de curso (TCC). Os tratamentos mecanizados, verticalizados, na relação professor(a)-estudante sempre me incomodaram e concordo com o que você disse na nossa conversa do dia 04/04/22:

Eu tive contato com professores, que reforçam que todo ser humano deveria ter a oportunidade de passar pela universidade pública: fazer um curso, ter uma experiência, porque você convive com a diversidade, convive com mais respeito. A instituição privada me traz muitos resquícios do autoritarismo, não enxerga o aluno como alguém que precisa ser trabalhado no sentido de ajudar no seu crescimento. A universidade pública traz isso de maneira mais clara. Da participação social, de uma consciência social, há uma discussão de problemas mais importantes. Muitas coisas da minha vida eu só fui discutir agora, depois da universidade, como violência contra a mulher, preconceitos, que fiquei mais atento em função da convivência nesse ambiente acadêmico.

Aqui você comenta sobre o(a) “aluno(a) cliente”, algo que pode ter duplo sentido, porque ao mesmo tempo que esse(a) “cliente” precisa ser bem tratado porque está investindo dinheiro na educação, corre o risco de ter a formação automatizada, como se a pessoa fosse apenas produto. Não são todas as pessoas que encaram a educação como algo transformador, que pode abrir portas e oportunidades para uma vida mais digna.

Considero importante compartilhar seu argumento, para que as pessoas reflitam, junto comigo, sobre as diferentes formas de pensar a educação em ambientes particulares:

Quando fui fazer a EF, o professor às vezes usava esse termo “cliente” já pensando no personal trainer. Fui vendo que a gente também era um cliente da faculdade, que pagava mensalidade e as pessoas eram reticentes com o valor, diziam que a “conta tinha que fechar” para poder pagar o salário dos professores. Particularmente eu acho que o dinheiro investido na educação e na cultura, é um dinheiro bem investido. O problema é quando você lida com a situação e percebe que esse processo de contribuição não é equânime: os que podem contribuir, desfrutam de uma universidade pública, da gratuidade e os que precisariam mais, não tem essa condição (Ricardo, conversa em 11/04/22).

Acredito que sair desse processo, pensar a educação sem reserva e agir conforme a necessidade humana de contribuir socialmente, traz o sentido necessário para a humanização que almejamos.

Sinal importante desse processo de humanização e do diálogo com as necessidades, foram as suas contribuições com a professora de quem você foi monitor. A sua sensibilidade de ajudá-la perceber e reavaliar o método de atuação me parece algo incomum nesse tipo de relação, geralmente, consideramos que as iniciativas do(a) docente estão sempre corretas, não costumamos questionar, mesmo quando sentimos que o caminho pode ser inadequado.

Por falar em sensibilidade, que experiência interessante que você teve durante o trote com os calouros. Fiquei procurando maneiras de que outros(as) leitores(as) sentissem o

que aconteceu durante a sua experiência, decidi transcrever excerto do que você narrou, porque traz pontos sensíveis da nossa realidade social, pessoal, acadêmica, de formação e que gostaria que mais pessoas fizessem suas próprias interpretações de quais os pontos que tocam seus princípios, causam desconfortos, convidam para mudança:

Quando eu cheguei na USP, me convidaram para simular ser professor para os calouros, que não me conheciam. Tinham umas meninas dos direitos humanos, tinha algumas pessoas da mesma sala e uma colega minha que estava acompanhando os bichos e fazendo a integração. Nosso link era que ela seria minha monitora na disciplina. Falei: “Sou o professor, formado em EF pela escola do exército, fiz mestrado e doutorado na USP, me aposentei no exército e migrei para a vida acadêmica. Daqui a pouco eu solto: “Aqui é Corinthians (e eu sou palmeirense) e aqui é Bolsonaro, capitão do exército”. O pessoal dos direitos humanos, levantaram a mão e eu falei: “Vocês aí ficam quietos, já estou respondendo processo por causa de vocês, todo semestre tentam me tirar da USP, o máximo que conseguem é me suspender da disciplina. Pode levar o vídeo para o reitor.” E aí começaram a falar: “Não professor, pega leve aí...” Um aluno fez um comentário homofóbico (talvez querendo ganhar ponto comigo), na hora que ele fez o comentário eu falei: “Ô aluno, você tem que seguir meu caminho, você sabia que já faz alguns anos que eu frequento o coletivo LGBTQIA+ aqui da universidade? E que têm vários outros, que eu participo, que nos ajuda a atender melhor essas questões? Eu frequento porque sou um cara preconceituoso e tenho que aprender a lidar com isso. Aqui na USP a gente respeita a diversidade.” Foi quando eu falei que era uma brincadeira. Depois, eles não acreditavam que eu não era professor, começaram acreditar que era trote quando eu falei que não era o professor (Ricardo, conversa em 11/04/22).

Esse episódio rendeu boas risadas, além disso, está repleto de pontos que nos convidam a pensar melhor nossa maneira de agir e ser. São tantas as questões desumanizantes que encontramos no cenário social: racismo, etarismo, questões de gênero, capacitismo, aporofobia, gordofobia, entre outras. Quais te afetaram? Quais foram as que você testemunhou? O que podemos fazer para mudar esse quadro? Por que tanta diferença? Perguntas que não consigo responder nessa investigação, tenho a esperança de que a autorreflexão impulse novas pesquisas, você disse: “A gente não está atento, sensível a situação do mundo. Dizem que ‘humanizamos os animais’, será que eles fariam as mesmas atrocidades que os seres humanos fazem hoje? Como seria se eles não tivessem sido humanizados?” (Ricardo, conversa em 11/04/22). E eu acrescento: que atitudes individuais podemos modificar para deixar nossas relações humanizadas?

E aí, tem um trecho emocionante em que você reconhece o papel da universidade pública na sua mudança de olhar: *A universidade pública me ensinou, a olhar isso de uma maneira mais sensível, mais crítica. A gente se sente mais humano, se sente fazendo parte*

de algo que vale a pena. Isso marcou a minha vida, ter aberto a mente para tudo que vivencio hoje (Ricardo, conversa em 11/04/22). Quantos(as) são os(as) estudantes que hoje vivenciam o ensino superior público no módulo automático e não percebem a grandeza das experiências que estão vivendo?

Isso me reporta ao fato de você ter falado que resolveu estudar direito para não ser enganado, para poder se defender e que mesmo numa faculdade cuja meta é a justiça, você encontrou casos de corrupção, o que te causou sofrimento. Eu te perguntei: *O que você pensa sobre as pessoas que mesmo com o nível superior, não sabem dos seus direitos de cidadãos e dos caminhos para se defender das injustiças?* E você refletiu sobre as pessoas que terminam o ensino superior apenas em busca do diploma, sobre o fato de que essas mesmas pessoas fazem os concursos e ocupam a função de professores(as) nas escolas públicas do Brasil *“sem o mínimo domínio do que é o conhecimento, por isso que se torna uma pessoa insegura dentro do que ela faz, se transforma em situações em que fica perdida, porque realmente não sabe o que fazer”* (Ricardo, conversa em 11/04/22). Ainda temos, nos tempos atuais, o ensino à distância e pessoas que estão adquirindo diplomas sem ter uma formação acadêmica que possa dar subsídios para atuação profissional de qualidade na graduação escolhida.

Quando pensamos na formação de professores(as) de EF, temos uma especificidade entre o conteúdo posto e o conhecimento alcançado durante as experiências pessoais. A questão é que esse(a) jovem professor(a), conforme as influências recebidas, pode acabar num ciclo vicioso de reprodução a partir das suas experiências, porque a maneira como se apropriou dos conteúdos técnicos da área não incentivou novas formas de ação.

Isso sempre foi algo que me incomodou no ensino superior particular, porque a sensação era a de estarmos no “piloto automático”, sem compreensão da responsabilidade que assumiríamos, sem o preparo necessário para a tomada de decisão exigida pela profissão escolhida. É uma pena que, ainda nos tempos atuais, ouvimos pessoas dizendo que “quando a pessoa não dá certo em nada, ela vai ser professor(a)”. Será essa a razão para que a profissão professor(a) seja desvalorizada? Ao conversar com você, minha percepção mudou, ganhou novo sopro de esperança, porque você testemunhou a possibilidade, mesmo na dificuldade, de batalhar para que a formação seja transformadora. Como a professora Cila, sua amiga, que batalhou para manter a universidade paga e tem na sala de aula o espaço de transformação, porque enxerga na profissão um *status* social, a oportunidade para transformar a realidade ao proporcionar o melhor pelos(as) estudantes. E no caso da professora Cila ainda tem o fato de ter dois empregos e manter o ânimo em dia.

Espero que outras pessoas, que pensam como eu, tenham a oportunidade de desconstruir perspectivas e julgamentos. Eu estou decidido a mudar meus questionamentos, porque sei que existem instituições que formam mal os(as) professores(as), que assumirão aulas sem o preparo adequado e que isso pode afetar o grupo de estudantes e reverberar na sociedade.

Você me recorda que é a pessoa que escolhe fazer o concurso e, a partir da aprovação, atribuir a escola. O que faço a partir do momento que inicio as aulas, também será escolha minha e se eu considero que ser professor(a) é mais significativo, eu vou fazer como essa professora: abraçar e fazer o meu melhor. A partir da sua fala, eu vejo a sociedade com outras possibilidades, com outros indícios. Obrigado!

É exatamente como você reforça:

É preciso estudar, buscar, fazer escolhas. O ser humano deve buscar o que é melhor para ele, mas não pode responsabilizar outras pessoas pelas escolhas que ele fez. Procuramos heróis e muitas vezes eles estão ao nosso lado. A colega contou a história de vida sofrida e nos mostrou que temos de aplaudir o que ela fez na vida dela. Poucos conseguem sair de onde ela saiu até se tornar pedagoga. Ela nos ensinou que o que nos ajuda na educação é o amor, é o que sustenta meu trabalho e mantém a chama acesa para a atuação do dia a dia (Ricardo, conversa em 18/04/22).

Pessoas lutam pelo que acreditam, sofrem para alcançarem seus sonhos e outros procuram formas de “encurtar o caminho” até as suas metas. Isso reforça que a vida é feita de escolhas.

Chego agora no ponto mais lindo que compartilhamos sobre humanização, gestos simples, cheios de verdades inocentes das crianças e que aquecem o coração. Do que vivenciei, talvez esses acontecimentos sejam a maneira mais significativa de compreender humanização. Segue sua narrativa:

É muito comum que algumas alunas peçam ajuda para amarrar o calçado e fazem o carinho na cabeça, um reconhecimento que não tem dinheiro no mundo que pague essa emoção de receber o carinho de uma criança, que te chama de “prô Ricardo”. Sendo professor, ser chamado de “prô Ricardo” é uma conquista que realmente trouxe um sentido para minha vida, que jamais imaginei, é um privilégio! Tem uma aluna refugiada, com trancinhas no cabelo, bem arredia. Quando convido a turma para se sentar, ela diz que não quer sentar-se, que prefere ficar do meu lado, ela gosta de ficar do meu lado e sempre que está do meu lado ela pergunta “que horas nós vamos tomar o café?” e eu respondo que logo tomaremos, mesmo sabendo que a minha aula é logo depois do almoço. Nesses momentos, eu fico imaginando as dificuldades que ela deve passar. A gente faz parte da vida deles e eles fazem da minha. Eu espero que essa memória, por mais que os

anos passem, que ela não se apague, que eu consiga lembrar da minha alegria de estar com essas crianças (Ricardo, conversa em 04/04/22).

Que cenas lindas e sensíveis meu amigo! Todas as vezes que leio, lembro da nossa conversa, do nosso abraço depois do seu testemunho e me emociono. Suas palavras partem do coração, trazem sentido para nossa ação docente e para as inquietações que direcionam minha pesquisa. Minha pesquisa é comprovada naquilo que você vivenciou com essas alunas e na maneira como sua fala tocou nossos corações, para mim, isso é humanização.

Suas experiências me ajudaram a pensar o mundo por novas lentes, recordo da sua visita ao território onde habitam as crianças para quem você dá aula. Não acredito no acaso, nesse sentido, que bom que o “Dia da Família na escola” virou “o Dia do Professor na comunidade”. Mais do que levar os alimentos previstos para o café da manhã das famílias, você teve a oportunidade de se aproximar da realidade dos(as) estudantes, de sentir a riqueza presente naquele convívio em comunidade, de entender como os muros da escola nos impedem de enxergar os(as) estudantes na sua existência. O despertar para falar com a diretora que as crianças precisam da escola mais do que vocês imaginam e da necessidade da escola naquele espaço é um gesto de ressignificação social interessante. Reforço o que você me falou, para que mais pessoas sintam essa experiência:

Cara, foi o mais impactante possível. O que você vê as crianças ali, é uma situação que eu, na minha história de vida, nunca vivi. Um aglomerado de pessoas, você não sabe onde começa uma casa e termina a outra; e me gerou um sentimento de indignação: espaço que poderia ser feito uma praça, pelo menos colocar alguns brinquedos, arborizar, fazer alguma coisa ali pelas crianças, cuidar da casa delas. Acredito que é obrigação da sociedade fazer isso, buscar fazer, buscar mais qualidade de vida para aquelas pessoas, mas nada disso é feito (Ricardo, conversa em 11/04/22).

Experiência impactante, não podemos “mover o mundo”, se cada pessoa fizesse seu papel no território que habita em direção às pessoas que necessitam de apoio, certamente teríamos outra visão de mundo. *Será que as paredes das escolas geram a invisibilidade e fazem com que não percebamos quem de fato é aquela criança que está ali dentro? (Ricardo, conversa em 11/04/22).* Registro seu clamor:

Eu acho que na verdade nos escondemos dentro daquela escola. A sociedade vai criando uma casta, vai naturalizando, fazendo pré-julgamento e relações ou correlações, com coisas que as escolas não têm, na minha visão, que tratar. Tem que modificar, transformar aquela realidade, aquela pessoa. Como escola, a gente pode transformar a vida daquela criança que está naquele cenário. Como ser humano,

não tem sentido, eu sei que existem leis, limitação, mas temos que usar nossa energia, nossa inteligência, nossa força de trabalho, para minimizar isso. A escola deveria ser usada como um marco, como alguém que está lá próximo e que pode levar a política pública até àquela comunidade, mas é claro que tem que surgir iniciativas (Ricardo, conversa em 11/04/22).

Como professores(as) temos diferentes possibilidades de humanização, de problematização, de transformação nas nossas mãos. Se conseguirmos proporcionar situações pedagógicas que orientem os(as) estudantes para vida, mais do que para o conteúdo em si, com possibilidades de escolha, de diversificação, já será diferente. Isso poderá chegar nas casas, nas comunidades e na sociedade como um todo, aliás, o que vivemos hoje pode ser reflexo daquilo que influenciou nossas ações humanas (ou não) ao longo da história. Precisamos partir do respeito, da liberdade de escolhas, porque somos seres plurais e nossas coerências podem ter significado diferente para o(a) outro(a).

Reitero que não é responsabilidade do(a) professor(a) sozinho(a), que é preciso pensar políticas públicas que favoreçam as ações humanizadas, que apoiem as atitudes individuais e coletivas pela humanização dentro e fora da escola, mas que acredito na ação que transforma e essa pode partir de uma pessoa.

É necessário atenção aos sinais do cotidiano, às diferentes manifestações e formas de comunicação. Por exemplo, os habituais gestos de agressão que vivenciamos no contexto escolar, podem nos trazer indícios relevantes do que o(a) estudante tem vivenciado nos diferentes espaços que se faz presente e que nos pedem olhar atento, a romper com o papel de apenas apaziguar o conflito para entendermos como colaborar com o que o(a) estudante está dizendo com suas ações. Essa sensibilidade é indício de humanização.

Como podemos contribuir com a comunidade escolar que fazemos parte e todos os complexos movimentos que nela ocorrem? Você me respondeu assim:

A gente tem que falar pelo exemplo. A partir da nossa fala, da nossa prática, sempre demonstrar que temos uma postura coerente, adequada, em que não nos envolvemos em situações que questionem a educação como algo primordial na vida daquelas crianças. A gente sabe da nossa responsabilidade, do nosso papel. Eu que trabalho em comunidade, preciso entender, porque senão passamos por cima e deixamos de entender as situações em que poderemos crescer como seres humanos. O papel do professor é trazer os alunos para junto, aprender com as crianças, com as nossas vivências e experiências. E muitas vezes nós não nos permitimos trocar em sala de aula e aprender com o aluno, é aí que perdemos nossa essência de professor. Não podemos só ensinar teorias que aprendemos na faculdade, nós estamos formando pessoas (Ricardo, conversa em 18/04/22).

Eu concordo com você caro professor, não podemos perder nosso modo de ser, precisamos batalhar pelo que acreditamos. Vivemos uma sociedade injusta e precisamos assumir nossas responsabilidades pelo bem comum. Como você *acredito que existem pessoas que conseguem fazer a diferença na sociedade, acredito na educação (Ricardo, conversa em 18/04/22)*. E reconheço a importância das pessoas, da educação nas nossas vidas, o desafio é grande e possível, somos provas vivas disso.

Não consigo imaginar a vida sem o acesso à educação, ao conhecimento. E como você, acredito que podemos extrair isso dos lugares simples, das experiências singelas com as crianças no cotidiano escolar. Nossas conversas são reflexo dessas possibilidades, você diz que elas te provocaram e eu digo que elas ampliaram minha capacidade de problematizar, de refletir sobre os valores que direcionam nossa vida.

Se pensarmos especificamente na EF, temos a *oportunidade de incutir o prazer pela prática de atividade física, para a vida (Ricardo, conversa em 25/04/22)*, esquecemos que pequenos gestos educacionais feitos, já na educação infantil, podem trazer grandes resultados no futuro da sociedade. Já pensou se tivéssemos espaços públicos tanto quanto temos farmácias? Seria incrível! Pensar na EF como incentivo para uma vida saudável, rompendo a barreira da obrigação presente nos currículos da educação.

Mais do que isso: *o professor é uma figura que, independente da valorização dele, é alguém que nos marca, é um referencial, existem algumas figuras na sociedade que são ícones e eu acho que o professor é sem dúvida uma delas (Ricardo, conversa em 25/04/22)*.

E novamente eu concordo com você, o(a) professor(a) é figura essencial na sociedade, nesse processo de humanização, precisa estar em constante processo de aprendizado, de transformação pessoal, aberto(a) às novas experiências que surgem e eu agradeço a sua contribuição nesse valioso processo que produzimos juntos. Espero ter agregado com a sua formação e reflexões pessoais.

Caminhando para o final desta carta, faço votos que seus esforços como professor rendam bons frutos para os(as) filhos(as) de outras famílias. Assim como hoje você colhe os bons frutos das ações do seu filho, que mais pessoas possam se realizar ao verem seus(suas) filhos(as) estudando e fazendo aquilo que traz felicidade e sentido para o que almejam. Que seu testemunho pessoal e profissional ajude outras pessoas na tomada de decisão qualificada, com relações afetivas como as que você estabelece com as crianças na educação infantil e que cada vez mais surjam professores(as) que pensem como você:

O dia que eu decidi não ir mais na escola, que não vou mais encontrar a criança, aí pode ser que me mostre que não estou mais preparado, mas que faz parte do processo. Aí a gente pode buscar outros

caminhos, fazer outros trabalhos, tem muitas crianças para serem cuidadas pela sociedade (Ricardo, conversa em 25/04/22).

E aí, pensando nas nossas conversas sobre humanização, fico com esperança de que nossas ações possam contribuir para uma sociedade como você: humana. Como fazer isso acontecer? Você aponta caminhos, especialmente para quem atua na educação infantil:

Me sinto muito pequeno perto dessa pergunta, mas tenho me esforçado. Com as crianças eu acredito que tenho que estar ali de corpo e alma, claro que isso não qualifica minha aula ser melhor em nada, mas talvez mais próximo daquilo que enxergo ser a EF. Tenho procurado ser autêntico, visto a evolução do meu trabalho, sei que é um processo do qual eu participo, mas a própria natureza, o tempo, as coisas vão sendo amadurecidas. Tem hora que você pensa que não vai conseguir dar aula, mas passa o primeiro momento, você cria um vínculo com a criança e as coisas fluem. Se você forçar de imediato, vai ficar o ano todo tendo que se impor. Não adianta você tentar resolver, na primeira semana de aula, todos os problemas, o vínculo é você respeitar a criança, permitir que ela identifique o momento da aula de EF. Pensar que elas precisam sempre começar em silêncio, sentadas, para depois se movimentar (é um equívoco), vale mais permitir que elas façam o que desejam, porque ela vai te ouvir, vai permitir que você faça seu trabalho (Ricardo, conversa em 25/04/22).

Sabe professor Ricardo, já no nosso primeiro dia de conversa, eu tive aprendizados emocionantes sobre humanização, agradeço sua disponibilidade de compartilhar comigo (e os[as] demais leitores[as]) sua história de vida e experiências! Saiba que se hoje, alguém me perguntar o que penso ser humanização, responderei: talvez humanização seja, no meio da correria da aula de EF, na educação infantil, uma menina me pedir para amarrar o cadarço do tênis e, enquanto eu atendo o pedido dela, recebo um carinhoso cafuné. Esse reconhecimento, que extrapola as questões da aula e que faz diferença na vida da criança, pode ser um sinal concreto de humanização.

Obrigado professor! Você, sua história de vida e experiências estão no meu coração.

Raphael Cutis

CARTA 9

AO PROFESSOR TIAGO - POR ME ENSINAR QUE PARA SER BOM E HUMANIZAR NOSSAS AÇÕES, É PRECISO FAZER COISAS BOAS PARA QUALQUER PESSOA

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna
Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do
corpo nascesse)
Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.
(Tereza de Manuel Bandeira, declamado pelo professor Tiago em
um dos nossos encontros)

De acordo com Tardif (2014, p. 114), “as pessoas se interrogam cada vez mais sobre o valor do ensino e seus resultados”. Qual a razão para que isso aconteça? Nos diálogos que tive com o professor Tiago, copiosos pontos relacionados aos processos de ensino-aprendizagem ficaram evidentes e nos ajudam a pensar em outros formatos para o exercício da profissão, relacionando-os com nossas realidades vivenciadas e com nossos objetivos sociais.

Quando penso o processo de humanização, não posso esquecer que “um professor tem uma história de Vida, é um ator social, tem emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo culturas, e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos contextos nos quais se inserem” (TARDIF, 2014, p. 265). E acredito que o(a) professor(a) não pode esquecer que, na sala de aula, não lidamos com coisas, e sim com semelhantes que merecem o mesmo reconhecimento e respeito que almejamos. “Ensinar é entrar numa sala de aula e colocar-se diante de um grupo de alunos, esforçando-se para estabelecer relações e desencadear com eles um processo de formação mediado por uma grande variedade de interações” (TARDIF, 2014, p. 167). Se esse movimento for em sinergia, professores(as) e estudantes se formarão juntos(as), fará sentido para vida, as atitudes serão humanizadas e humanizadoras.

Tardif (2014, p.115) faz uma crítica às pesquisas na área da educação por se basearem na abstração e esquecem de coisas simples que envolvem o cotidiano educacional, da vida dos(as) professores(as) e estudantes, da diferença que fazem no processo pedagógico, que são fundamentais para que as relações aconteçam da melhor maneira e os

objetivos estipulados sejam alcançados. Quando converso com o professor Tiago, percebo preocupações próximas dessa constatação, da importância de fazer o “simples bem-feito” e de respeitar cada etapa dos processos que constituem a educação e (por que não?) nossa formação docente.

É tão difícil um(a) professor(a) encontrar tempo para seu próprio desenvolvimento, as rotinas são agitadas. Se pensarmos que a formação é contínua, que a cada encontro com os(as) estudantes temos diversas possibilidades de aprendizado, assim como nos encontros com os pares, nos conhecimentos que compartilhamos, podemos ampliar as discussões e contribuir para o enfrentamento de problemas cotidianos.

Fato é que as ciências humanas precisam aprimorar as situações humanas de maneira que faça dos seres humanos protagonistas das suas próprias ações, diante de todos os entrecruzamentos sociais, culturais, afetivos, políticos que passamos. “As pessoas - e é o que ocorre com os professores - que trabalham com seres humanos devem habitualmente contar consigo mesmas, com seus recursos e com suas capacidades pessoais, com sua própria experiência e com a de sua categoria para controlar seu ambiente de trabalho” (TARDIF, 2014, p. 265-266).

O desafio é amplo pela busca da humanização, existem caminhos que podem colaborar com a travessia. Na carta que segue, compartilho parte do que conversei com o professor Tiago sobre esses desafios e possibilidades e Tardif (2014, p. 280) nos aponta possibilidades para que os saberes docentes sejam valorizados, autônomos, criativos, felizes pelo que fazem:

Finalmente, fazer com que as escolas se tornem lugares mais favoráveis para o trabalho e a aprendizagem dos professores. Por exemplo, dando muito mais espaço e tempo para que os professores possam inovar e implantar novos métodos de ensino, para que se ponham de acordo e desenvolvam um profissionalismo colegiado etc.

São Paulo, entre junho de 2022 e abril de 2023.

Caro Professor Tiago,

Obrigado pela oportunidade de conhecer parte da sua história de vida, pelas experiências compartilhadas e aprendizados proporcionados! Conversar contigo foi especial e me ajudou a perceber as diferentes possibilidades na “mesma imagem”, descobri que o “estúpido” pode ser precioso, se visto no momento certo e por lentes especiais, assim como descobriu o sujeito do poema do Bandeira.

Espero que essa experiência tenha sido útil, que seu processo de revisitar suas diferentes versões seja fortalecido por esses momentos de escrita da carta e diálogos. É certo que mudamos ao longo dos anos, permanecem nossos valores. Logo, não deixamos de ser o que éramos, apenas demoramos reencontrar, porque nos perdemos. Aprendi contigo, que, nesses momentos em que nos perdemos, é possível recuperar a rota ao “encontrar nossos poemas guardados” (escritos ou não). Desde então, toda vez que me vejo perdido, tenho olhado para “minha caixinha” de poemas: as experiências vivenciadas, os diálogos, os sorrisos, os aprendizados e tudo que possa me ajudar a seguir rumo ao destino traçado.

Aprendi que as lombadas que surgem no nosso caminho podem até nos causar tropeços e serem vistas como desafios para superar. Não tem como seguirmos sozinhos, sempre haverá pessoas para nos impulsionarem na direção dos nossos sonhos e pessoas que podem nos fazer recuar. O mais importante é lembrar que somos seres humanos, que vivemos de relações e que o diferente nos ajuda a perceber o caminho que estamos seguindo.

Você, com sua maneira de olhar para a educação, reforçou minhas reflexões sobre o processo, sobre a precisão de entendermos as necessidades de quem está envolvido com ele e contribuirmos para que o caminho seja feito com coerência.

Ao ler sua carta e partilhar com você, aprendi que humanizar é compreender que o(a) outro(a), independente de sua condição, não é melhor, nem maior, é simplesmente o(a) outro(a). Que ele(a) precisa ser respeitado(a) e respeitar quem eu sou, o que eu penso, o que acredito. Que mais pessoas possam te ouvir e compreender! Que sua ação docente renda bons frutos para a sociedade, pessoas humanas, verdadeiros(as) cidadãos e cidadãs.

Da minha parte, tenho convicção de que nossa produção é rica, nos ajuda a pensar no lado bom dos acontecimentos, mesmo em tempos de sofrimento. Como sua percepção me ajudou, espero que os encontros narrados contribuam com o processo de humanização de quem acessar esta carta. Quero compartilhar subsídios das nossas conversas, pontos que me ajudaram e que podem colaborar com novas reflexões.

Já nas primeiras linhas desta carta, eu escrevi um poema declamado por você, pois penso ser interessante que outras pessoas saibam a importância dos poemas na sua vida, que eles entram na sua vida a partir dos 11 anos justamente com o poema “Tereza” do Manuel Bandeira (publicado no livro “Libertinagem”, em 1930) e que te motivou a escrever. Na nossa conversa do dia 14/03/22, você disse que a carta escrita na pesquisa tem relação com a escrita dos poemas, que te ajudará nos momentos de dificuldade, em que perder o foco dos seus objetivos e esquecer quem foi(é):

Dois anos atrás, eu desenterrei uns trezentos poemas meus que estavam guardados na casa de minha mãe. E entre eles eu encontrei

um poema de quando eu tinha uns 15 anos, era extremamente politizado e que me ajudou a reencontrar momentos em que me perdi. Por que eu não falo mais sobre política? Por que não sou mais quem eu era? Por isso que escrevi na carta que “quando me perdi, os poemas me ajudaram a me reencontrar”, porque os poemas me serviram de memória.

Esse movimento de reencontro é tão necessário, quantos são os momentos que nos perdemos e não sabemos para que lugar voltar? Mais do que aquilo que registramos nas nossas histórias, nossos poemas, considero que as pessoas com quem encontramos têm papel fundamental para nossa vida, como aquelas pessoas que você encontrou na rede social e que te levaram ao autoquestionamento: *Onde ficou esse Tiago? O que aconteceu?* (Tiago, conversa em 14/03/22) Quando elas revelam que você foi uma das melhores pessoas que conheceram, divertido, legal. Fico contente por saber que seus registros ao longo das nossas conversas estão te ajudando a recalcular a rota.

Quando temos a oportunidade de olhar para dentro, refletir sobre o momento que vivemos e o que podemos fazer para deixar a vida leve, qualquer nova ação é capaz de nos transformar, criar hábitos, impulsionar bons atos. Entendemos o valor de ajudar o(a) outro(a) quando precisa, de renovarmos nossas crenças, nos aproximarmos do que nos faz bem. E sei que você teve oportunidades ao longo da sua vida, que não aprofundou como precisava e que sempre existirá o momento para melhorarmos nossas atitudes, mesmo quando somos atacados(as) e não sabemos que direção seguir. Coragem! Eu, por exemplo, aprendi com você que preciso melhorar aspectos da relação com meu pai, minha mãe e meu irmão que estão longe. Sinto que foco nas necessidades da minha esposa e filhas(os) e não me dou conta que poderia contribuir com o desenvolvimento do meu pai e da minha mãe.

E como será que está esse reconhecimento das mudanças necessárias na educação e EF? Você me disse:

Hoje, falar da EF é delicado, as pessoas não querem valorizar e reconhecer o papel dela na formação das crianças. Talvez a EF não seja vista, pelas demais educadoras, como educação e sim como forma de mandar correr, recreação. É muito comum as cenas de alunos que aprontaram na aula serem privados de participar das aulas de EF. Por que não tiram da aula de matemática, português, ciências? (Tiago, conversa em 14/03/22)

Não sei se você vai lembrar que no momento que você compartilhava isso uma orientadora da secretaria nos pediu para sairmos da sala que conversávamos porque precisava fazer uma reunião. Uma cena que aconteceu inúmeras vezes ao longo de todo o processo de investigação e não apenas nas nossas conversas. O que constata seu relato sobre a EF não ser valorizada como educação, para humanizar, respeitar e reconhecer a

importância do(a) outro(a) na formação dos(as) estudantes. Podemos considerar que nossa conversa, minha pesquisa, não era a prioridade para aquele espaço ou momento.

Sobre o fato dos(as) estudantes serem punidos(as) com a exclusão das aulas de EF, tem um episódio que você relatou ter observado durante uma visita escolar, em que duas crianças estavam em conflito e que resultou na não participação de uma delas da aula de EF. Acredito que contribuirá para que professores(as) que têm esse hábito – consciente ou inconsciente – repensem seus gestos:

Quando cheguei na escola, foi a primeira criança que me chamou atenção. Abaixei para falar com ele e comecei a observar as atitudes. Ele estava sentado, tinha um monte de carrinhos e o outro garoto foi lá e puxou o carrinho dele, ele já ficou bravo. Daqui a pouco volta o menino e pega mais três carrinhos dele e ele reclama. E aí eu falei com a professora, “será que o ‘fulano’ apenas reage às atitudes do ‘ciclano’? Porque enquanto eu estava olhando ali, eu vi ‘ciclano’ atazanando-o, pelo menos três vezes. Será que não está só reagindo e que na verdade será necessário entender o que acontece com o ‘ciclano’? Não faz sentido ele levar a culpa, sem antes investigar o outro, já que o ‘fulano’ está reagindo às atitudes do ‘ciclano’.” (Tiago, conversa em 21/03/22).

Tenho consciência de que o cuidado, o olhar sensível em sala de aula, é complexo e delicado. Que as demandas cotidianas nos impedem de apurar os acontecimentos da melhor maneira. Acredito na nossa capacidade de fazermos o melhor, sermos justos(as) e humildes para reconhecer nossas limitações, isso faz parte da condição humana e é importante para exercermos a profissão. É como você mesmo disse: *Tudo aquilo que eu acho que vale a pena lutar, eu vou até o final, até o último segundo, no sentido de lutar por um ideal, pelo que acredito. Aquilo que considero insignificante e que não vale a pena lutar, eu não vou* (Tiago, conversa em 14/03/22). Quais escolhas fazemos pelo que acreditamos?

Que seu sonho de olhar para o processo educacional da EF, de uma EF reconhecida, respeitada, que possibilite discussões se torne realidade nos espaços que ocupar. Junto ao seu sonho eu reforço a minha esperança de uma EF humanizada.

Nas nossas conversas, tivemos a oportunidade de ir e vir por diferentes fases da sua história de vida, afinal, somos um misto de experiências do passado-presente-futuro. Quando falamos de Perú, território em que viveu na sua infância e adolescência, falamos das amizades, que nos parecem mais verdadeiras nesses territórios. Hoje, infelizmente, o que falamos é distorcido e isso causa insegurança nas nossas relações. É importante pensarmos nisso, no papel dessas pessoas do passado no nosso futuro e para nós que somos pais, analisarmos as experiências de relação que proporcionamos aos(às) nossos(as) filhos(as). Quem faz parte da nossa vida hoje? O que fazemos pela vida dessas pessoas? Precisamos

produzir boas lembranças e experiências, isso pode ajudar nosso processo de humanização. *Eu vejo a vida como um desafio diário, às vezes você sente vontade de desistir, mas não posso desistir por causa do outro, o primeiro desafio é comigo mesmo, não é com outro (Tiago, conversa em 21/03/22).*

Nesse lugar das amizades, você sempre esteve com meninos mais velhos, que te levavam a fazer traquinagens, a correr por eles e levar a culpa. Entramos no campo da confiança, e você diz que mesmo depois de adulto segue acreditando nas pessoas e que isso pode ser um erro: *Hoje eu acredito e depois que me decepciona eu me afasto, deixo de acreditar. Acho que deveria ser o contrário: primeiro eu desconfio e a pessoa me prova que posso confiar. Essa inversão faria menos mal para mim, mas eu ainda não consigo (Tiago, conversa em 21/03/22).*

São os aprendizados da vida, vivemos frustrações constantemente, momentos que nos pedem paciência, espera, mas que, na maioria do tempo, só dizem respeito a nós mesmos. Se tivermos maturidade para identificar cada fase que passamos, tornarmo-nos melhores humanos, capazes de compreender o que motiva as atitudes do outro e o que podemos fazer para que não prejudiquem nossa maneira de viver e direcionar nossas ações. É necessário assumirmos nossas responsabilidades, os papéis que nos são confiados e desempenharmos sempre da melhor maneira, por nós mesmos e pelos(as) outros(as). Lidamos com seres humanos, isso deveria ser o suficiente para nossa tomada de decisão.

Cada pessoa que passa por nossa vida, deixa marcas das experiências vividas, positivas ou negativas, ajuda-nos a refletir sobre os sentidos que damos para cada encontro que temos. Na educação, isso vai acontecer todos os dias, de diferentes formas e falamos dessas relações aqui. Lembrarei dessas pessoas que participaram de diferentes momentos da sua história de vida, para ajudar cada leitor(a) nas visitas que farão ao passado pessoal e às pessoas que participaram dos momentos vivenciados até os dias atuais.

Teve o Carlinhos que foi a primeira pessoa que te deu a oportunidade como professor de futebol, aos 14 anos e te ajudou a entender a importância do “não”, algo difícil de ouvir e que só faz sentido depois do acontecimento. Depois vem o professor Lelo, que orientava no coletivo e no individual, caminhos diferentes para render melhor, te ajudou a observar cada estudante de maneira individualizada e a extrair o melhor que cada pessoa pode oferecer dentro da sua subjetividade. Somos seres únicos! E que bom que você teve professores-treinadores, que em meio ao esporte coletivo, ensinaram você a respeitar as individualidades das pessoas. Ações que são humanizadas e humanizadoras.

Você destacou os(as) professores(as) que não usavam livros no cursinho, que te inspiravam com a energia dedicada à educação. Ao tocar nesse ponto, refletimos sobre as

diferentes formas de agir numa escola privada ou pública, os medos causados a partir da instituição. Você disse que existe diferença entre os(as) professores(as) “bem resolvidos” (aqueles[as] que acreditam na profissão) e os que “não estão bem resolvidos” (aqueles[as] que atuam pela oportunidade de emprego), *que somos guiados pelo medo da demissão, que faz com que questione menos o que deve ser questionado (Tiago, conversa em 04/04/22).*

Tem a rigidez do professor M, que levava para a coordenação da escola aqueles(as) que aprontavam e lá todos tinham de assinar o temido livro preto. Mesmo o período em que você conviveu com a professora R que, com atitudes ríspidas, te ensinou a *ter cuidado com as palavras, porque do outro lado tem uma pessoa que é criança (Tiago, conversa em 04/04/22).* Será que paramos para refletir sobre as gerações do passado? Por que será que essa geração de professores(as) que nos deram aulas parece ser “mais rígida” que a geração atual? Você respondeu: *Eu acredito que seja pelas experiências vividas, todo o cenário político daquela época, o qual interferiu no ser deles e na ação como professor (Tiago, conversa em 04/04/22).* O que de certa forma reforça que as histórias de vida e experiências constituem a prática docente, que a tomada de decisão será de cada um(a), porque, na mesma conversa, você falou do professor Rubens, que trazia discussões diferentes, dialogava com os(as) estudantes e era bem próximo da turma. *Não era simplesmente faz aí e acabou, as broncas eram diferentes, conversava sobre os motivos, como um pai mesmo (Tiago, conversa em 04/04/22).*

Teve o professor Marquinhos admirado no começo da faculdade e que foi perdendo o encanto, a emoção na fala, faltando nas aulas, reduziu o espírito transformador. Questões que acontecem com qualquer pessoa e que leva a refletir sobre a importância do cuidado e colaboração com o bem-estar dos(as) professores(as), que a meu ver é responsabilidade de quem faz a gestão das atividades docentes, e pode ser de cada estudante, cada educador(a) presente na comunidade educacional e de todas as pessoas com quem convivemos. Não deveria ser normal essa transformação sofrida pelo professor Marquinhos. Como evitar? Como colaborar?

Ainda tem o professor Luiz e seu perfil de pesquisador e que você me falou assim:

Eu vou falar uma coisa Raphael, ele era muito parecido com você: uma fala mansa, calma, tranquila. Olhava para ele e imaginava “ele não consegue dar aula para crianças, é uma fala muito baixa, serena, os alunos não vão ouvir”. As aulas dele eram muito tranquilas, ele conseguia controlar a turma e manter a calma, o que acaba interferindo diretamente no perfil da turma. Começo a ver com Luiz que o meio interfere no indivíduo, que temos possibilidades diferentes (Tiago, conversa em 04/04/22).

Quem disse que professor(a) de EF tem de ser sempre agitado e falar alto? Na diversidade que nos constitui podemos colaborar de diferentes formas com o desenvolvimento das turmas que encontramos e no nosso próprio desenvolvimento. Prova disso é a professora Ester, que você diz ser séria, que evitava contato com o(a) estudante e se preocupava com a aula que precisava ministrar. Quando te escutei falar sobre a professora Ester, passei pelo misto de preocupação com a verticalização da relação com o(a) estudante e de concordância pelo fato de querer contribuir com o aprendizado da maneira correta.

São diversos exemplos de professores(as) que passaram por sua vida, que na pluralidade te ajudaram na sua formação e a moldar o perfil pessoal-profissional que você exerce hoje. São pessoas que inclusive contribuíram para que seu retorno para sala de aula fosse mais leve, mesmo após ser surpreendido pelo formato da mudança. Com voz suave e semblante sereno você me ensinou: *Eu estou em paz, de verdade mesmo. Chateado é normal. Um ano atrás eu ficaria lamentando e agora, em nenhum momento me lamentei. Cheguei aqui e fui dar as aulas (Tiago, conversa em 11/04/22).*

Mudanças geram desconfortos (Durante a pesquisa, o professor Tiago saiu da função de orientador especialista e voltou para sala) e a partir delas fazemos nossa escolha de reclamar, de acomodar, de lamentar ou de agir. Você não lamentou e agiu! Encanta-me a quantidade de projetos que você pensa e coloca em prática, a maioria deles fugindo das paredes da escola: o projeto “Vozes” que olha para o entorno da escola, que leva os(as) estudantes para analisarem a realidade do território escolar e pensarem em ações; o projeto “4 estações”, que também é político e em parceria com a nutrição, cujo nome parte das estações do ano, sendo que, no verão, são propostas atividades aquáticas, no outono, brincadeiras populares, no inverno, brincadeiras esportivas nos ginásios e, na primavera, algo voltado para a dança, sempre em lugares públicos e com foco nas crianças com peso acima do ideal; o projeto “Praça para todos” que problematizou a falta de equipamentos públicos nos bairros afastados, quando comparado aos bairros centrais do município, mobilizando o prefeito da cidade a ir até a escola para discutir com os(as) estudantes e contribuiu para que entendessem o poder do exercício da cidadania; e ainda tem o projeto “Jogando em família” que me parece tão necessário, com resultados importantes para a comunidade escolar porque fomenta a interação entre familiares e filhos(as) por meio das brincadeiras e dos jogos, resgatando o passado e acrescentando novas possibilidades para o que temos de mais imprescindível: as relações humanas.

Vago (2021, p. 8) relata que:

Tem-se, então, um acervo de criações humanas que é uma histórica, rica e inesgotável fonte para organizar o trabalho da Educação Física. Especialmente aquelas de uma imensa cultura de divertimentos produzidos

pelos humanos com seus usos do corpo – uma cultura corporal, expressão que mereceu reflexões no livro: os jogos, as brincadeiras, os brinquedos, as danças, os esportes, as ginásticas, a capoeira, essas já consagradas na área.

Tenho certeza de que esses projetos, e todos os que já aconteceram e acontecerão, são fundamentais para a sua ação docente, para as escolas por onde você passa e para a sociedade como um todo. Que você tenha sempre força, sabedoria e paciência para criar ações nos diversos campos da EF e que elas rendam ótimos resultados nessa caminhada em favor do mundo melhor.

Seria tão bom se todos(as) que estão envolvidos com a educação tivessem o mesmo foco, caminhassem coletivamente para destino humanizadores, certamente os resultados nos mostrariam maneiras concretas de superarmos indiferenças, injustiças e desigualdades presentes no cotidiano. É como o que você aprendeu trabalhando nos correios: organização efetiva, clareza dos objetivos, trabalho em equipe, mesmos interesses. E olha que estamos falando de uma profissão que precisa de automatização para acontecer. Na profissão docente, estamos lidando com seres humanos e subvertemos essa lógica e, em alguns casos, tratamos as pessoas como objetos.

Tem um momento da sua carta que você diz ter aprendido uma lição na escola estadual em que começou a lecionar, que alguém tentará desencorajar os(as) professores(as) novatos(as), principalmente os(as) que já estão frustrados(as), acomodados(as), mas que podemos romper esse paradigma, saber e defender que a EF tem grande importância social, que a EF é educação. São tantas as dificuldades que passamos durante os aprendizados da docência, faria mais sentido se as experiências fossem compartilhadas e a partir delas cada professor(a) pudesse tomar suas próprias decisões de conduta. Não podemos perder nosso propósito educacional e humano.

Logo depois que você saiu da orientação, houve um episódio diferente na recepção da secretaria de educação. Precisei trocar de sala enquanto estava conversando com um professor, porque outra pessoa utilizaria a sala para uma reunião. Na terceira sala em que nos sentamos, fomos abordados, entraram e começaram a movimentar as carteiras e cadeiras como se ninguém estivesse ali. Falha na comunicação? Necessidades urgentes? Eu não sei, mas quando eu estava saindo da secretaria, vi que tinha mensagem da secretária dizendo que precisava falar comigo, me dirigi até a pessoa que estava na recepção e falei que precisava falar com a Kellyn. Em tom irônico, a moça perguntou: “Quem é você”. Falei que eu era o Raphael da Unicamp. Ela me olhou e perguntou: “Da Unicamp? Han... Você sabe que a Kellyn é a secretária, né?” Respondi que sim e perguntei se poderia falar com ela. A pessoa interfonou na sala da secretária e falou com quem atendeu: “Fulana, tem um tal de Raphael aqui, falou que é da Unicamp, a Kellyn está por aí?” (25/04/22).

Eu não consigo descrever o que esse acontecimento despertou em mim, seria tão importante se as pessoas conseguissem olhar o mundo pela ótica das crianças, a vida seria bem mais leve e simples. Estamos sempre prontos(as) para julgar, tomar nossas conclusões e pouco dispostos(as) a contribuir para que as relações sejam autênticas e respeitosas.

Você inclusive fala sobre o que pensa ser aprendizagem humana, quando traz o relato das ações profissionais na comunidade escolar do “Gino”, situada numa região mais rural da cidade:

É porque você vê as dificuldades da região, tem lugar ali que não tem água encanada, que depende de poço artesiano e fossa. Você vê histórias diferentes do que estamos vivendo, você aprende com as histórias que lá estão. Lá eles vão atrás da história da criança, coisa muito difícil de acontecer na região central. É uma escola que já tem um cotidiano, uma energia de pessoas que se dão bem (Tiago, conversa em 25/04/22).

E destaca a dedicação das professoras, que sabem o que as crianças precisam e que entregam mais do que conteúdos: *Quando eu digo professora, é aquela que vai além de suas atribuições profissionais, aquela que pensa a criança como um todo. Tem professor que tem como compromisso entregar o papel, mas não está preocupado com o que está no papel (Tiago, conversa em 25/04/22).*

Qual será o limite da educação? O que ela pode fazer com qualidade para que os(as) estudantes superem seus limites? *Acho que só existe um caminho: abrir a caixa e experimentar as possibilidades. Se não você vai continuar fazendo sempre a mesma coisa (Tiago, conversa em 25/04/22).*

Finalizando esta carta, recordo que você escreveu que não se considera um professor pronto, que percebe que suas aulas estão mudando, que talvez antes você “só escutasse” e que hoje é diferente, você não renuncia à sua profissão para contribuir com o que acredita e reconhece que tem aspectos que precisa melhorar. E, ainda, que deseja favorecer que os(as) estudantes rompam com aquilo que os torna reprodutores de gestos presentes em suas famílias, casas, escolas e que limitam suas potencialidades.

Que nossas discussões compartilhadas nesta carta renovem a esperança de outros(as) professores(as), assim como a minha foi renovada, que elas tragam frutos para a sociedade, para a educação, para a EF.

Conte comigo sempre que precisar, que tenhamos novas oportunidades de diálogo.

Raphael Cutis.

CARTA 10

AO PROFESSOR WILKERSON - POR ME ENSINAR A VALORIZAR AS POTENCIALIDADES DA CRIANÇA E NÃO SEUS PROBLEMAS

“Todo silêncio fecundo já tem sabor de palavra”
(MELO, 2011, p.65).

Antes da carta destinada ao professor Wilkerson, gostaria de apresentar pontos dos saberes docentes (TARDIF, 2014) que, quando li, me remeteram às conversas que tivemos e à realidade do professor Wilkerson na sua prática. Logo na sua primeira atribuição de escola, escolheu dar aula de ciências, porque não tinha muitas horas destinadas para EF. Depois, passou por momentos de dificuldades na educação infantil diante da falta de experiência com essa etapa da educação. Quanto a isso Tardif (2014, p. 91) afirma:

Observa-se que os jovens professores em situação precária assumem, paralelamente, de modo parcial, carga horária em outras disciplinas, as quais mudam de um ano para outro à medida que eles mudam de escola. O resultado disso é que eles não somente percorrem várias escolas, mas “passam” também por mais de uma área de ensino e por várias disciplinas e matérias. As implicações no trabalho cotidiano são consideráveis: é preciso recomeçar sempre, ou quase sempre, do zero, e, com o tempo, isso se torna fastidioso e difícil de suportar.

O professor Wilkerson defende que a prioridade será sempre o(a) estudante e suas necessidades e que, enquanto estiver sob sua responsabilidade e ele puder contribuir, não perderá o foco, especialmente das potencialidades do(a). Sabemos que eles(as) têm problemas, reclamar não vai adiantar, é necessário agir enquanto estiverem conosco, porque não temos a capacidade de acompanhar todas as suas particularidades, o que está muito próximo do que explica Tardif (2014, p. 129-130):

Os alunos são também seres sociais cujas características socioculturais despertam atitudes e julgamentos de valor nos professores. Por exemplo, o fato de ser um menino ou uma menina, branco ou negro, rico ou pobre etc., pode ocasionar atitudes, reações, intervenções, atuações pedagógicas diferentes por parte dos professores. Por outro lado, enquanto ser social, o aluno também sofre inúmeras influências sobre as quais o professor não exerce nenhum controle. De fato, logo que sai de sua sala de aula, o aluno se furta à ação do professor.

Durante os diálogos sobre humanização, o professor Wilkerson narrou experiências com diversos grupos, em diferentes municípios e regiões. Reconhece suas limitações no trato com cada grupo, suas frustrações e superações para lidar com cada pessoa e sua individualidade. Diz que o segredo pode estar, justamente, em participar

ativamente do cotidiano de cada estudante e se esforçar para compreender o comum para estudante e professor(a). Tardif (2014, p. 130) nos fala sobre isso:

Quando se ensina, certos alunos parecem simpáticos, outros não. Com certos grupos, tudo caminha perfeitamente bem; com outros, tudo fica bloqueado. Uma boa parte do trabalho docente é de cunho afetivo, emocional. Baseia-se em emoções, em afetos, na capacidade não somente de pensar nos alunos, mas igualmente de perceber e de sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios bloqueios afetivos. Eis por que uma das atividades dos professores, talvez a principal, consiste em fazer com que as ações dos alunos se harmonizem com as suas, ao invés de se oporem a elas.

A fala mansa do professor Wilkerson, sua personalidade, suas experiências, seus aprendizados, sua visão de mundo e tantos outros aspectos que foram constituindo a sua prática docente, colaboraram para que ele encontrasse as diferentes maneiras para a resolução de conflitos, para estabelecer a autoridade nas aulas e reconhecer a necessidade de corrigir determinadas ações. Tardif (2014, p. 232), reforça:

A maneira como um professor resolve e assume os conflitos de autoridade na sala de aula com os alunos não pode se reduzir a um saber instrumental, mas envolve inevitavelmente sua própria relação pessoal com a autoridade, relação essa que é necessariamente marcada por suas próprias experiências, seus valores, suas emoções.

E ainda:

Um professor se serve de sua cultura pessoal, que provém de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior; ele também se apoia em certos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, assim como em certos conhecimentos didáticos e pedagógicos oriundos de sua formação profissional; ele se apoia também naquilo que podemos chamar de conhecimentos curriculares veiculados pelos programas, guias e manuais escolares; ele se baseia em seu próprio saber ligado à experiência de trabalho, na experiência de certos professores e em tradições peculiares ao ofício de professor. (TARDIF, 2014, p. 262-263)

Todos os dias aprendemos, lidamos com pessoas heterogêneas que fazem parte da comunidade escolar e que nos auxiliam no processo em busca dos objetivos pessoais e dos que são institucionalizados. Nossos conhecimentos são importantes nesse processo, a prioridade será sempre o ser humano e suas particularidades, desejos, vontades dentro do ambiente escolar. O professor Wilkerson defende que os professores(as) devem compreender a necessidade de respeitar a individualidade dos humanos que estão na condição de estudantes. Tardif (2014, p.267), apoiado por outros autores, defende que:

Esse fenômeno da individualidade está no cerne do trabalho dos professores, pois, embora eles trabalhem com grupos de alunos, devem atingir os indivíduos que os compõem, pois são os indivíduos que aprendem. A disposição do professor para conhecer seus alunos como indivíduos deve estar impregnada de sensibilidade e de discernimento a fim de evitar as generalizações excessivas e de afogar a percepção que ele tem dos

indivíduos num agregado indistinto e pouco fértil para a adaptação de suas ações. Essa disposição para conhecer os alunos como indivíduos parece, aliás, muito pouco desenvolvida nos alunos-professores, que são acusados de não conhecerem suficientemente os alunos (KAGAN, 1992), de não saberem usar de discernimento para com eles (MORINE-DERSHIMER, 1988).

Tendo destacado esses pontos, escrevo então para o professor Wilkerson, à luz das nossas conversas sobre humanização na sua história de vida, formação e prática docente.

São Paulo, entre junho e outubro de 2022.

Professor Wilkerson,

Aproximar da sua história de vida me trouxe serenidade. Nossas conversas confirmaram que para ser professor(a) de EF e fazer diferença na sociedade, assumir nossa personalidade é essencial. Esta carta é um agradecimento às reflexões e aprendizados sobre educação, EF e humanização proporcionados pelas conversas que tivemos. Sua suavidade na fala e sinceridade ensinam que ser professor(as) é um constante processo de questionamentos, de reestruturações, de desafios, de erros e de acertos. Que se estivermos dispostos a fazer a diferença, estudar, respeitar o coletivo, superar rotinas, compreender quem somos será fundamental para ações humanizadoras na EF. Obrigado por me ajudar a ser mais sensível, a desenvolver a escuta e dar atenção para os sinais que me envolvem!

A forma como você se expressa enriquece a possibilidade de encontrar em todos(as) os(as) estudantes sinais para o bem, que só reclamar e falar mal das atitudes deles(as) influenciará negativamente no processo educacional. Sua indignação ampliou a esperança de pensar a educação e nossas atitudes de maneira humanizada e humanizadora.

Ao compartilhar esta carta, desejo que a riqueza das conversas inspire novos passos na educação e EF, no sentido de superar lacunas e agir por uma sociedade humanizadora. Certamente, você já fez diferença na vida de muitas pessoas ao longo dos anos como professor, especialmente na rede pública. Que possamos renovar nosso compromisso com a educação todos os dias, independente da estrutura e recursos que encontrarmos, pois quem de fato fará diferença nas aulas serão as pessoas, a maneira como se relacionam e o conhecimento compartilhado.

Que tenhamos a oportunidade de revisitar nossas memórias, nossos escritos, para que possamos estruturar os novos capítulos que produziremos rumo ao que acreditamos. Foi você mesmo que me falou sobre como reconhecer o que vivemos no passado nos ajuda a chegar nas atitudes que hoje temos. Você disse: *Eu pensei: eu quero*

educação infantil para ver como é, para experimentar atuar com essas crianças. Mas eu não tinha ânimo, não tinha maturidade para lidar com aquele público. Eu tinha que ir para a escola me arrastando (Wilkerson, conversa em 31/03/2021).

Atuar com a educação infantil é transformador, a maneira como as crianças nos tratam e aprendem é diferente, imagino que tenha sido um grande desafio para você. Eu atuei como educador social (com o público de 4 a 6 anos), quando me via perdido no planejamento, principalmente nos dias que aquele(a) fulano(a) estava mais arteiro(a), comecei a olhar para as individualidades deles, que começaram a me ensinar. Como era sua relação com as crianças? Você conta que chegou na educação infantil querendo fazer como no ensino médio e que, ao perceber que não era uma boa estratégia, não conseguiu ir além. *Eu sei que me dói saber que chegou uma hora que eu, como professor, desisti daquelas turmas, deixei de dar atenção para eles, não levava novas propostas, eu sei que foi culpa minha por não estar preparado (Wilkerson, conversa em 31/03/2021).* Seu reconhecimento é legítimo, acredito que acontece com outros(as) professores(as), especialmente com quem está começando. Para exercer a profissão, além das nossas características pessoais, temos desafios relacionados às especificidades e subjetividades de cada grupo que atendemos. Você me ensinou que estamos sempre aprendendo, que essa experiência te levou para pedagogia e mesmo assim *entrava em sala pensando em colocar em ordem, mas depois soltava o material porque acabava não conseguindo. Depois que você perde a concentração, já era! (Wilkerson, conversa em 31/03/2021).*

Daí vem a importância das nossas interações no ambiente escolar, do diálogo com os(as) pares, mesmo que a escola esteja sempre preocupada em solucionar problemas, pensar nas alternativas que beneficiem os(as) estudantes. *Fico refletindo: será que eu prejudiquei ou ajudei de alguma forma? Porque mesmo que a gente faça um trabalho excelente, nós não vamos saber quais foram esses frutos (Wilkerson, conversa em 31/03/2021).* Acredito que os frutos não são para nós, são para a sociedade. É a sociedade que vai olhar para esse futuro adulto e descobrirá de que maneira ele(a) contribuirá.

Claro, como você mesmo afirmou, dependendo do ambiente em que estamos, se atuamos com o ensino médio, por exemplo, pode ser mais fácil perceber os frutos que a sociedade está recebendo.

É uma parte da educação que eu gostava mais, porque são mais independentes, você consegue deixá-los mais à vontade no final das aulas para trocas e diálogos, teve alguns alunos que decidiram cursar o ensino superior depois que a gente conversou na escola (Wilkerson, conversa em 31/03/2021).

São essas experiências que nos constituem professor(a), mas, por que ser professor?

Os pais não estimulam ser professor, o próprio professor não estimula ser professor, vive reclamando. Eu sempre quis ser professor! Eu os vejo como os profissionais mais importantes da sociedade, me sinto bem sendo professor, porque você está formando um cidadão de uma maneira a ajudar a sociedade, e mesmo que a sociedade não veja a gente dessa forma, eu me sinto realizado! (Wilkerson, conversa em 31/03/22).

E aí, entra um aspecto importante na sua escolha de ser professor: sua família! Você me disse: *Meus pais não concluíram os estudos, minha mãe estudou até a quarta série e meu pai até a sexta série. Eles falavam: você pode ser o que você quiser, mas precisa estudar! Com 12 anos, perdi a referência de pai e mãe dentro de casa (Wilkerson, conversa em 31/03/2021).* Você revela a necessidade do seu pai e da sua mãe cuidarem do seu irmão com deficiência. Realidade única e, ao mesmo tempo, tão comum na sociedade em que vivemos, que nos pede sacrifícios diários para que tenhamos nossas famílias estruturadas, para que consigamos colocar o alimento nas nossas mesas. Seu esforço e da sua família te possibilitou ir além, tornar-se professor e contribuir com histórias de vida.

Houve um período em que o respeito à pessoa do(a) professor(a) era maior, tínhamos medo de levar qualquer reclamação ou bilhete para casa. Você contou um episódio em que, de maneira injusta, a professora tomou seus cards: *não quis ouvir a minha história e mandou recado para minha mãe dizendo que eu estava brincando na sala de aula. Quando eu cheguei em casa, eu levei uma surra! (Wilkerson, conversa em 31/03/2021).* Pelo que entendi, esse momento te ajudou a ser atento como professor, a escutar os lados envolvidos, esperar o tempo certo, a calma, porque sabe pelo que passou e considera importante entender a versão de cada pessoa, buscar justiça ao compreender os diferentes sentidos e significados em circulação. Você mostra que os sinais de humanização passam por perceber a própria história e não permitir que os movimentos de injustiça sejam reproduzidos nas nossas práticas docentes.

Chegar ao ensino superior é privilégio de uma pequena parcela da população e nós chegamos! Quando você me fala das suas origens é inevitável querer saber qual o sentimento de chegar e concluir o ensino superior, como foi para seu pai e sua mãe testemunharem esse momento. E você me disse: *Os meus pais são de uma família de oito irmãos e nenhum deles chegou ao ensino superior, eu fui um dos primeiros, somos só três. Então, para minha mãe foi algo grandioso, a moral estava lá em cima (Wilkerson, conversa em 31/03/2021).*

O período que passamos na universidade é especial, você me disse que a licenciatura caracteriza os melhores três anos da sua vida, mesmo sendo intensa, ali você se sentia realizado e um grupo de amigos(as) te ajudou a passar por esse momento. Muitas vezes não nos damos conta da importância dessas pessoas para nossa formação, para passar por cada momento específico e, especialmente, pelas avaliações. Considero importante destacar esse momento da nossa conversa, para homenagear esses(as) amigos(as) e para ajudar outros(as) professores(as) a recordarem dos(as) seus(suas) amigos(as) de faculdade e a contribuição deles para que se tornassem os(as) profissionais de hoje. Você disse:

Tinha o A que era um dos mais velhos, que chamávamos de “nosso pai”. Ele para falar não tinha escrúpulos, não aceitava os problemas e nos defendia nos atritos. O Luís (que é o mais próximo que eu tenho hoje em dia), me ajudava a estudar quando um testava o outro para saber quem acertava mais, errava as perguntas. A gente fazia essa troca, era uma competição saudável. A P que falava a mesma língua que eu, mas de forma diferente. Muitas vezes a gente brigava falando a mesma coisa. O Marciel, trazia muito artigo, trabalho, para que a gente pudesse estudar, ele nos estimulava a estudar. O Edson era um paizão para a gente. O Diogo, que foi o carregado pelo grupo, a gente se sentou com ele num período e falou “ou você muda as atitudes, ou vamos largar você de mão” e então, ele melhorou (Wilkerson, conversa em 31/03/22).

Acredito que essas relações, por mais que não percebamos, são de extrema importância para nossa formação, são elas que nos auxiliam na compreensão dos conhecimentos, nos momentos que precisam descontraír, desabafar, questionar. Assim como as amizades que fazemos com os(as) colegas de turma, existe outro tipo de relação que tem influência direta na nossa formação e, por consequência, no nosso processo de humanização: com os(as) professores(as). Você comenta sobre a importância deles(as) durante a graduação e, em muitos momentos, sua fala me ajudou a repensar a forma como eu julgava as atitudes docentes durante minha graduação. Você disse:

Eu tive uma professora que talvez não estivesse preparada para dar aula no ensino superior, mas que eu tive muito diálogo com ela. Ela estava sempre atenta para saber se a turma estava acompanhando a disciplina, a turma percebia que ela estava sempre preocupada e ela tinha consciência de que ainda estava aprendendo a dar aula. O professor que mais me chamou a atenção foi o professor Ubiratan: Nós passávamos todas as aulas discutindo educação, compartilhando o que nós entendíamos com aquilo que ele trazia e os exemplos que vivenciava. Ele queria saber o que nós sabíamos e de que maneira ele poderia colaborar para o nosso aprendizado. Existia um vínculo. O professor Ricardo falou da história de vida dele, trouxe as informações da luta dele para o mestrado, de tudo o que precisa abrir mão para

poder estudar. Ele usou a palavra “cobaia” para falar que ficou alguns anos como auxiliar, para conseguir ser convidado para fazer o mestrado (Wilkerson, conversa em 31/03/22).

São tantas considerações formidáveis que você apresenta ao falar desses(as) docentes. Chama a minha atenção a capacidade de escuta de cada um(a), a humildade em reconhecer as limitações, o interesse pelas experiências dos(as) estudantes, o compartilhamento de vida como incentivo. Esses pontos, associados ao espaço físico menor e à forma como você narrou, levou-me a concluir que talvez nessas ações horizontalizadas tenhamos bons exemplos do que seria a humanização na formação inicial de professores(as) de EF. Eu, infelizmente, não tive a mesma oportunidade durante toda a graduação, poucos(as) docentes tinham essa perspectiva humanizada no trato com o(a) estudante.

Escuta do aluno. Estamos usando muito esse termo nas escolas, eu tenho que planejar minhas aulas com base naquilo que os alunos estão trazendo, não só no sentido de falar e apresentar o que eu quero que o aluno faça, mas nas suas diferentes manifestações e estímulos. Eu estou gostando de trabalhar, porque eu vejo o aluno mais participativo na minha aula, mais ativo. Desde que eu aprendi a dar aula, falamos sobre a necessidade de que os alunos sejam protagonistas nas aulas, mas isso nunca havia ficado tão claro como está acontecendo agora (Wilkerson, conversa em 31/03/22).

Na carta que você me enviou, existe o relato do primeiro seminário que você apresentou na faculdade. Você narra ter travado na frente da turma, de pedir para ir ao banheiro, passar água no rosto, olhar-se no espelho, respirar e voltar para apresentar o trabalho. Que essa experiência te ajudou a perceber que para ser bom professor(a) não basta apenas o domínio do conteúdo e que essas reflexões te motivaram a seguir nos objetivos de ser bom professor. O que está por trás desse aprendizado, a origem do “travamento”, foi o que mais mexeu com a minha compreensão sobre a diferença dos pequenos detalhes na nossa prática docente:

Isso aí vem de um trauma do ensino médio, uma professora que lembro bem o rosto dela porque ela me traumatizou. Ela passou um seminário para apresentar: eu pesquisei, estudei, preparei o uma apresentação “top” e cheguei para apresentar. Meus amigos estavam assim ó (boquiabertos) para a minha apresentação, todo mundo quieto, prestando atenção no que eu estava falando e eu super empolgado. De repente, a professora olha para mim e diz que a apresentação precisava ser mais rápida. Eu estava preparado para falar, estava confiante, mas eu tinha muita dificuldade de falar em público. Quando ela me pediu para interromper a apresentação, me deixou totalmente desnorteado, acabou comigo. Depois dessa experiência, nunca mais tive facilidade para falar em público. Talvez ela não tivesse se preparado para aquele dia ou não estava num dia

bom, a gente sabe que às vezes acontece isso (Wilkerson, conversa em 31/03/22).

Mesmo diante da dificuldade para falar em público, você se tornou professor e, logo na sua primeira experiência, encarou o desafio de dar aula de ciências na rede estadual, outra prova de que para ser professor(a) é necessário ir além do conteúdo, não acha? Imagino que tenha sido um desafio assumir tamanha responsabilidade, principalmente para quem estava saindo da faculdade. Você até relatou: *Você pensa que vai chegar lá e só dar aula: senta-se, prepara, estuda, vai para a escola e não dá nada certo. Aí começam os questionamentos: será que eu nasci para dar aula? Será que é isso que eu quero? Será que vai dar certo até o final do ano?* (Wilkerson, conversa em 14/04/22)

E eu pergunto para os(as) outros(as) professores(as): quantas vezes na semana nos perguntamos isso? Quantos são os desafios que precisamos superar para exercemos a profissão que escolhemos? É, professor Wilkerson, imagino que você não esteja sozinho nos questionamentos. Mesmo porque, sabemos que na educação são muitas as variáveis que interferem antes, durante e após nossas aulas. É preciso paciência e sabedoria para prestar atenção nas necessidades dos(as) estudantes e estudar as melhores maneiras de contribuir com a sua formação. Você mesmo concluiu que precisa mudar a estratégia e diz: *Comecei a olhar um pouco além da matéria, a trazer um pouco mais do lúdico para chamar a atenção deles. Foi aí que começou a fluir e a funcionar* (Wilkerson, conversa em 14/04/22). Movimento bem semelhante ao ato de “respirar” antes de retornar para o seminário na faculdade e que indica a possibilidade de superarmos nossas limitações para que nossa ação seja qualificada. *Quando você respira, reflete um pouco e tenta reiniciar. Foram eles que me ensinaram a dar aula* (Wilkerson, conversa em 14/04/22).

Eu sempre acreditei na capacidade que os(as) estudantes têm de nos ensinar, nos momentos de dúvidas, perguntar para eles(as) o que pode melhorar, sempre me ajudou a rever meu planejamento e a maneira de atuar. Acredito que são as relações, as experiências compartilhadas, que trazem sentido para aquilo que estudamos, antes e durante a prática docente. Se conectarmos a teoria com a prática, valorizarmos as experiências, certamente promoveremos ações humanizadoras nas nossas aulas (FREIRE, 2011).

Você mesmo trouxe o exemplo da riqueza da especialização em psicomotricidade, que mais do que o conteúdo aprendido, a oportunidade de trocar com as pessoas, de diferentes campos de atuação, fez com que o seu repertório humano e docente aumentasse, o que favoreceu a compreensão de que o desenvolvimento da criança nunca será apenas “motor”, que temos responsabilidade sobre tudo que envolve esse(a) ser humano. Essas relações, junto ao cotidiano com os(as) estudantes, favorecem que nossas ações sejam

próximas da realidade daquela comunidade escolar, mesmo com nossas dificuldades. Sobre isso, você disse: *Eu não sabia pedir ajuda. Toda escola sempre terá alguém que poderá te ajudar. Observando boas ações dos colegas, você começa a repensar possibilidades para o novo ano (Wilkerson, conversa em 14/04/22).*

Por mais que tenhamos essa consciência, seguimos humanos, passivos de decepções e frustrações com nossos atos, porque somos constituídos por aspectos relacionados às nossas experiências, aos nossos sonhos e à nossa visão de mundo. Você reconhece não ter conseguido contribuir com a formação da primeira turma na educação infantil, que sabe os motivos e que isso gerou frustração:

Antes eu era muito passivo, aprendi que dependendo da maneira que você impõe o respeito e eles começam a ter você como referência de professor, fica mais fácil. Se você não consegue pensar nessa questão de respeito logo no começo, depois não tem mais jeito, ninguém te escuta. Como eu sou muito tímido, teve muitos momentos que eu precisei falar o que eu pensava, deixei passar e acabei tendo que aceitar aquilo que eu não concordava por não ter falado (Wilkerson, conversa em 14/04/22).

Não é fácil reconhecer nossas limitações, ainda mais quando nos esforçamos para fazer nosso melhor. Imagino a dificuldade que tenha sido falar sobre isso e para conversar comigo sobre tantos aspectos da sua história de vida, obrigado! No meu caso, precisei aprender a “falar de maneira mansa”, por respeito às minhas filhas e ao meu filho que se assustavam com meu tom de voz e com isso assumi o papel da escuta, o que faz com que eu perca oportunidades de me manifestar. Tenhamos coragem para falar sobre o que nos incomoda, sobre o que acreditamos, sobre o que traz sentido para a nossa história de vida, afinal, somos professores(as). O que falamos, a maneira como nos manifestamos faz diferença na vida das pessoas.

Ainda pensando no que aprendemos ao longo da vida, recordo-me que você falou que gosta da leitura de ficção, que o prazer pela leitura te ajuda a “desligar daquilo que passou durante o dia” e que costuma se envolver com a história lida. E aí, pensando nesse genuíno relato de “mergulhar na história”, eu fiquei pensando: Será que o hábito da leitura pode contribuir para nossa leitura de mundo? A mergulhar nas histórias reais que encontramos? Porque é certo que a sensibilidade existe na leitura de livros, imagino que escutar as histórias de vida tenha outros sentidos e significados, mexa com pontos da nossa própria história, aconteceu comigo ao escutar a sua história de vida e a dos(a) outros(a) professores(a) que fazem parte da pesquisa. Veja o que você sente ao ouvir sua própria história, quando você diz que vai “do céu ao inferno” durante sua prática docente:

Teve escola que eu cheguei e consegui dar aula nesse tom de voz que estamos conversando (baixo, suave), explicava o que estava previsto na aula e conseguia passar as orientações com calma. Tinha escola que eu podia berrar que eles não prestavam atenção, estavam sempre muito agitados. E isso muda muito de região para região. Tive dificuldade para trabalhar naquelas escolas localizadas em zonas de risco, onde eles ficam na escola em tempo integral, para não ficar muito tempo sozinhos na rua. A turminha de primeiro ano se batia o tempo todo, não respeitavam o professor (Wilkerson, conversa em 14/04/22).

Estamos falando do ser humano e suas particularidades, não consigo imaginar uma escola em que todas os(as) estudantes tenham o mesmo comportamento, porque é impossível vivermos uma história única. E sabemos que, por mais que tenhamos dificuldade, teremos de tomar decisões no encontro com o(a) estudante, diante das necessidades apresentadas, do entendimento da realidade, do esforço diário de se reinventar e de superar as frustrações, que, a meu ver, fazem parte da prática docente, do ser humano. Você disse: *Mesmo que não funcione as minhas tentativas, mesmo que eu me frustre, eu terei aprendido novos caminhos para tentar acertar (Wilkerson, conversa em 14/04/22).*

Já no final das nossas conversas, você resume bem o seu processo de transformação, como é possível passar pelas dificuldades para ser um(a) professor(a) de sucesso:

Com o tempo de atuação, você aprende a valorizar sua aula. No início, eu era muito inseguro, concluía minhas aulas e ficava me questionando se havia dado uma boa aula. Hoje em dia eu dou a aula e já converso com a gestão para saber se estou no caminho certo, olhando para os alunos também consigo perceber. Quando recebemos elogios nos sentimos valorizados e motivados. Não é a mesma coisa de estar num ambiente em que as pessoas só reclamam e desmotivam. Você não consegue fazer tudo! (Wilkerson, conversa em 14/04/22)

Ser professor(a) não é tarefa fácil, é regada por sofrimento e grandes realizações. Acredito que o segredo possa estar justamente na maneira como enxergamos as pessoas com quem convivemos no contexto educacional, como nos relacionamos em busca de uma educação de qualidade e humanizada. Reforço então, algo que você mesmo citou: “escuta”. Quando estiver com dúvida quanto aos objetivos alcançados, converse com as crianças para saber como aquela aula contribuiu, o que aprenderam. Certamente dali virão as respostas mais verdadeiras. Nós, adultos, temos o hábito de olhar o mundo muito cinza, muito “preto no branco” e as crianças nos ajudam a ver o mundo mais colorido. Isso nos ajudar a sermos mais humanos, o que sugere respeitar a humanidade de cada criança e seu desenvolvimento.

Que os valores herdados da sua família e os que se constituíram ao longo das suas experiências docentes, te ajudem no processo de formação pessoal e dos(as) estudantes com quem encontrar. Tenho certeza de que teremos cidadãos e cidadãs mais empáticos(as), respeitosos(as), alegres, altruístas, otimistas, sensíveis e mais humanos.

Abraço fraterno,

Raphael Cutis.

CARTA 11

AO PROFESSOR ZANATAN - POR ME ENSINAR QUE É POSSÍVEL HUMANIZAR QUANDO INDIVIDUALIZO, MESMO NO CAOS

“[...] as crianças não conseguem ouvir a minha voz facilmente. Se eu preciso ter a atenção deles (ou delas?) enquanto estou dirigindo, a primeira pergunta que faço antes de dizer qualquer coisa substancial é: ‘Crianças, vocês podem me ouvir?’”

(CUNNION, 2015, p.151)

Esta carta que destino ao professor Zanatan traz reflexões, transcrições, considerações sobre o que conversamos sobre humanização, educação, EF e história de vida ao longo da pesquisa. Você perceberá o quanto o Zanatan se envolve com a profissão docente. Tem um momento que ele diz que não existe diferença, porque faz parte do que ele realmente é. Portanto, você encontrará manifestações sobre a educação e o contexto escolar e as escolhas feitas pelo professor Zanatan nos diferentes momentos da sua história de vida e prática docente. É a confirmação do que nos diz Tardif (2014, p. 128): “O objeto do trabalho dos professores são seres humanos individualizados e socializados ao mesmo tempo. As relações que eles estabelecem com seu objeto de trabalho são, portanto, relações humanas, relações individuais e sociais ao mesmo tempo”.

Outro aspecto importante levantado por Tardif (2014, p. 129), e que você perceberá nos relatos do professor Zanatan, diz respeito à individualidade dos(as) estudantes em sala de aula, sua complexidade e heterogeneidade:

A primeira característica do objeto do trabalho docente é que se trata de indivíduos. Embora ensinem a grupos, os professores não podem deixar de levar em conta as diferenças individuais, pois são os indivíduos que aprendem, e não os grupos. Esse componente individual significa que as situações de trabalho não levam à solução de problemas gerais, universais, globais, mas se referem a situações muitas vezes complexas, marcadas pela instabilidade, pela unicidade, pela particularidade dos alunos, que são obstáculos inerentes a toda generalização, às receitas e às técnicas definidas de forma definitiva.

Eles não possuem as mesmas capacidades pessoais nem as mesmas possibilidades sociais. As suas possibilidades de ação variam, a capacidade de aprenderem também, assim como as possibilidades de se envolverem numa tarefa, entre outras coisas. Ao se massificar, o ensino passou a se deparar cada vez mais com alunos heterogêneos em termos de origem social, cultural, étnica e econômica, sem falar das importantes disparidades cognitivas e afetivas entre os alunos.

Perceba que enquanto escrevo para o professor Zanatan, temas do passado, presente e futuro dele se misturam. Comparações de como foram as experiências do Zanatan

estudante da educação básica com o que ele encontra hoje sendo professor, acontecem em diferentes momentos e nos possibilitam a análise das nossas histórias e experiências.

Como professores(as), lidamos todos os dias com as relações dentro dos grupos que compõem cada turma, não podemos esquecer que cada sujeito, independente das suas atitudes durante as aulas é mais importante que qualquer conhecimento ou proposta de atividade. Cada estudante vai se relacionar com o aprendizado proposto de maneira diferente e é necessário estabelecer estratégias para que se sintam atendidos(as) nas suas particularidades, motivados(as) a seguir, participantes da tomada de decisão em cada aula.

Ensinar é, portanto, fazer escolhas constantemente em plena interação com os alunos. Ora, essas escolhas dependem da experiência dos professores, de seus conhecimentos, convicções e crenças, de seu compromisso com o que fazem, de suas representações a respeito dos alunos e, evidentemente, dos próprios alunos. (TARDIF, 2014, p.132)

O professor Zanatan teve vários momentos de autoavaliação, reconhece que a pesquisa foi importante para que pudesse avaliar os momentos em que cometeu equívocos na docência e para reconhecer os momentos de sucesso. Ele fala das pessoas que influenciaram sua prática, dos deslocamentos que teve ao longo dos anos de experiência e do fato de ter passado dos gritos para o diálogo, do controle impositivo para a compreensão, das reproduções para o compartilhamento. Mudar é uma delicada e importante decisão!

A escola reflete características do que vivemos na sociedade, seus ambientes podem ser agitados e calmos, alegres e tristes, pacatos e violentos. O(a) professor(a) tem grande responsabilidade como mediador(a) e referência na educação. Isso não significa que por conta dos acontecimentos o(a) professor(a) precise agir de maneira severa como nos aponta Tardif (2014, p. 138). Ele enfatiza que existem:

Diversas formas de coerção simbólica, tais como o desprezo, a reticência ou a recusa de considerar determinados alunos como sendo capazes de aprender, a vontade de excluir outros alunos considerados como nocivos, a resignação ou a negligência, voluntária ou não, diante de determinados alunos “lentos”, o racismo.

Importante compreender que a escola faz parte do que acontece no território e que se o(a) professor(a) agir de maneira brusca no trato com o(a) estudante dificilmente conseguirá exercer sua autoridade pelo respeito e sim pelo medo, o que não parece interessante. A autoridade “está ligada ao seu papel e à missão que a escola lhe confere, bem como à sua personalidade, ao seu carisma pessoal” (TARDIF, 2014, p. 139). Dicotomias da docência que o professor Zanatan transparece em diferentes momentos da nossa conversa e que destaco nessa e em outras cartas.

Para humanizar é fundamental dar exemplo do que acreditamos ser humanizador. Isso fica evidente na maneira como o(a) professor(a) é reconhecido(a), apreciado(a) e

respeitado(a) pelos(as) estudantes. Se alcançar esse ponto de ser amado(a) pelos(as) estudantes “já venceu a mais temível e dolorosa experiência de seu ofício, pois é aceito pelos alunos e pode, a partir de então, avançar com a colaboração deles” (TARDIF, 2014, p. 140). E com isso, colaborar para que o espaço da escola seja calmo, alegre, humanizado.

A conquista da autoridade pelo amor nos capacita a conduzir nossas ações significativamente, pois voltamos nossas ações para as necessidades humanas. “Os seres humanos (e em particular as crianças e os adolescentes) são seres de paixão, susceptíveis de serem impressionados, iludidos, dobrados, convencidos por uma palavra dirigida às suas paixões (temor, desejo, inveja, cólera etc.) (TARDIF, 2014, p. 140). E isso nos pede atenção com aquilo que desejamos alcançar a partir das nossas aulas.

Tardif (2014, p. 37) afirma que “é bastante raro ver os teóricos e pesquisadores das ciências da educação atuarem diretamente no meio escolar, em contato com os professores”. E eu reconheço que hoje, como professor, estou longe do ambiente escolar e por isso fiz questão de que essa pesquisa sobre humanização fosse em contato íntimo e intenso com as histórias de vida e experiência dos(a) professores(a) sujeitos da pesquisa.

Reconheço que, como humanos, somos seres complexos e simples ao mesmo tempo, que o trabalho do(a) professor(a) se torna delicado por lidar diretamente com essa realidade, que quando executado com o devido respeito às igualdades e diferenças do ser humano, torna-se instrumento de transformação social.

Espero que o que escrevo para o professor Zanatan e o que transcrevo da sua narrativa nos ajude a compreender nossas complexidades humanas.

São Paulo, entre junho e janeiro de 2023.

Professor Zanatan,

Ter você como participante da minha pesquisa foi extraordinário, alegrou meu coração e proporcionou momentos de reflexão e aprendizados importantíssimos. Com você, eu aprendi que humanizar pode ser: perceber que, ao longo da nossa caminhada, passamos por diferentes situações, que somos afetados pelos encontros que temos e pela maneira como eles influenciam nossa trajetória, que errar faz parte do nosso processo pessoal de formação e reconhecer esses erros são fundamentais para seguir. Aprendi que terão momentos em que, por mais que eu tenha “certezas”, ouvir a versão do outro pode ser fundamental para os meus aprendizados. Que expressar aquilo que pensamos, mesmo quando nos sentimos incomodados, pode auxiliar no processo de descoberta do outro.

A vida é repleta de desafios, reconhecer nossas fragilidades, o que sentimos e ter a quem recorrer é primordial para reestabelecermos nossas forças para seguir rumo ao que sonhamos. Ao dialogar com você, refleti sobre a singularidade e complexidade da vida e como é possível nos encontrarmos em meio aos extremos que elas representam.

Talvez humanizar seja justamente, no mesmo dia em que reconheço a necessidade de respeitar a individualidade de cada criança, esbravejar com uma delas porque não sossegava enquanto eu manifestava os objetivos daquela aula e, ao final do dia, fazer um exame de consciência e descobrir que minhas questões pessoais (do meu lar, meu casamento, meu outro emprego) interferiram naquele instante em que uma criança “gritava” pedindo atenção. Aprendi com você que, quando falamos de educação, precisamos compreender que nossas inquietudes estão inevitavelmente entrelaçadas às inquietações das crianças que participam das nossas aulas e essa confusão faz parte do contexto da aula de EF, de maneira subjetiva e coletiva.

Eu “brinco que”, ops, eu afirmo que suas lutas e conquistas, professor Zanatan, decorrem da sua dedicação como pessoa e que você é capaz de alcançar outros sonhos. Que sejam consequência do caminho que trilhou, sempre de maneira humanizada, pensando na dignidade do outro como ser único.

Nos últimos anos, sofremos com a pandemia, e eu gostaria de destacar o lado positivo dela na sua vida. Mesmo diante dos conflitos de adaptação e aprendizado, você disse que a pandemia te ajudou a perceber melhor o(a) estudante e sua individualidade, que antes só via o todo. Isso porque em cada quadradinho da tela do computador estava uma pessoa que “não aparecia” em meio ao todo na sala de aula. Isso é interessante, porque a maioria dos relatos sobre a pandemia é que fomos isolados(as) das outras pessoas e, nesse contexto, você percebe a importância da individualidade, do respeito ao outro, mesmo longe:

É preciso entender que cada um é único, na sua essência, suas coisas. A gente, mesmo que de forma inconsciente, costuma comparar alunos: aquele que é comportado com o que faz bagunça, o que faz as atividades, o que tem habilidades, o que gosta de participar...Era olhar para o todo e achar que todos tinham que estar da mesma forma.

Olhar para o “aluno bom e aluno ruim” é fácil. E o aluno que não se enquadra em nenhum padrão dentro das aulas? Onde fica? Eles não eram enxergados, mas precisam ser vistos e não deixar passar. A pandemia deixou isso em evidência, ficou gritante que eu só enxergava momentos. Ali, na tela, era ele e eu, era importante. Como dividir quadra com o colega, cada um com 35 alunos, é quase impossível olhar individualmente (Zanatan, conversa em 18/04/22).

A sua história de vida se assemelha a de diversos brasileiros(as) que precisam batalhar por uma vida melhor, em busca de oportunidades de trabalho para ter o que comer. A vinda do seu pai e da sua mãe para São Paulo e os valores construídos a partir das experiências que você vivenciou ao lado deles, certamente contribuíram para que, ao se deparar com a realidade dos(as) estudantes, fosse mais fácil compreender e pensar em estratégias de apoio.

Como sua mãe batalhou para que você pudesse estudar, outras mães que depositam a confiança na educação, mesmo que as experiências dentro da escola tenham sido mínimas, batalham pela educação dos(as) filhos(as). Essas são responsabilidades que temos: contribuir para que os sonhos de centenas de famílias fiquem palpáveis, acolher quem chega, proporcionar educação de qualidade, humanizar as relações. Todos nós, devemos seguir os caminhos desbravados por nossos familiares, enaltecendo as qualidades de cada um(a), superando as falhas que ficaram pelo caminho. Que bom que temos a oportunidade de sermos melhores!

Fui o primeiro a ingressar e concluir o ensino superior, mudei o “curso natural” da vida e celebrei as mudanças proporcionadas por essa conquista. O desafio foi longo e seguirá por toda vida. O segredo talvez esteja em viver um dia de cada vez e batalhar para que as gerações de estudantes de hoje superem esse abismo que existe entre o(a) negro(a), pobre, periférico(a) e o ensino superior, tendo boas referências e testemunhas de que é possível.

Reconhecer a importância da sua mãe, toda luta que ela teve para que você e sua irmã pudessem estudar. Mesmo sem ter concluído os estudos, ela sabia que o caminho da educação seria o melhor que ela poderia oferecer para vocês. Quantas mães têm suas lutas reconhecidas? Precisamos honrar nossas mães e contribuir para que todas tenham suas batalhas reverenciadas.

Você relata as ações machistas do seu pai, que sua mãe cuidava de vocês enquanto seu pai trabalhava para que nada faltasse em casa e depois apenas ela trabalhava, e assim sua família sobrevivia. Quantas são as realidades que encontramos na escola? Será que os muros da escola invisibilizam os(as) estudantes por estarem no mesmo lugar? Você fala que o trabalho da sua mãe era basicamente para não faltar comida e o que fazer com quem só come na escola? De que maneira essas realidades nos sensibilizam? Qual o tamanho desse desafio para o(a) professor(a)? Olha que bonito o que você me falou:

Eu escolhi ser professor, sei que rico eu não vou ficar, mas seria interessante se a gente tivesse uma valorização maior, na profissão professor, nunca pensei em deixar a educação, é onde amo está! Você fica cansado, desanimado, estressado, pensa em desistir. Mas no momento que estou ali com os alunos, é um momento que me dá

prazer. É estranho porque não posso falar que é um momento de lazer, porque estou trabalhando, mas é um momento prazeroso, feliz (Zanatan, conversa em 07/03/22).

Não podemos negar o sofrimento de todos os dias que cada professor(a) passa. No cenário tão delicado, de desvalorização, o(a) professor(a) precisa trabalhar em mais de um lugar para que seu sustento seja garantido e mesmo assim o dinheiro recebido não é suficiente. Como motivar esse(a) professor(a) a se solidarizar com as realidades encontradas na escola? Ele(a) mesmo(a) precisa ser amparado(a) diante das suas necessidades.

É possível enxergar as questões de sobrevivência dos(as) estudantes mesmo quando a nossa situação pessoal não vai bem ou é mais fácil voltar-se apenas para o trabalho? Você apresenta seu reconhecimento e processo de mudança:

Teve uma época que eu fiquei acomodado, basicamente minha preocupação era dar uma boa aula, só que nessa época não estava claro que “dar uma boa aula”, não é simplesmente dar uma boa aula, é conversar e entender o aluno, é o aluno ter abertura para chegar em você, é entender que o aluno bagunceiro pode estar falando algo através daquela atitude, que ele só precisa desabafar e de atenção. Era muito comum nas minhas aulas, gritar com os alunos para dar bronca, para chamar a atenção, para falar alguma coisa. Hoje, é mais comum conversar, procurar entender o que está acontecendo (Zanatan, conversa em 07/03/22).

Seguindo, você ainda fala que isso é reflexo das relações estabelecidas, da ajuda que te deram para esse olhar sensível que favoreceu seu crescimento como ser humano e professor. Reforça que suas atitudes espelhavam o que você havia vivenciado como estudante e ficou registrado como sinônimo de respeito, sendo que na verdade *o aluno reflete em sala de aula, aquilo que o professor é* (Zanatan, conversa em 07/03/22). E você percebeu isso de maneira lúdica, no brincar. Por isso que insisto no papel educativo das crianças na nossa busca pela humanização, com atenção a elas podemos melhorar nossas atitudes.

Quanto mais ouvirmos o que eles(as) trazem, percebermos os pontos de incomodo, permitirmos suas manifestações e questionamentos, como pensam e deixar que expliquem o que percebem, mais humanizadas serão nossas relações na aula. Os(as) estudantes se sentirão valorizados(as) e nossas aulas farão sentido no aprendizado.

Conversamos sobre sua primeira infância e você recordou do espaço verde que tinha na escola de educação infantil que você estudou, da sensação de liberdade para correr e brincar, uma vez que não tinha espaço na sua casa. Exercitamos lembrar do nome da sua primeira professora e você disse que não lembrava do nome, apenas que ela era “muito brava” e que você foi bravo com os(as) estudantes e que aos poucos foi se transformando.

Temos aqui dois pontos interessantes para nossa reflexão: 1 – a importância dos espaços da escola na vida das crianças, especialmente para aquelas que vivem em espaços reduzidos com suas famílias; 2 – a referência da primeira professora na vida da criança. A reclamação por bons espaços é algo comum do(a) professor(a) de EF, que não se dá conta da grandeza daquele ambiente na vida da criança. Talvez o que nos parece pequeno é um território enorme na percepção da criança e pode ajudar a mantermos o foco na qualidade das aulas. Cheguei a refletir com a “prô Ju” sobre o papel da nossa primeira professora. Uso o feminino pois são majoritariamente as mulheres que atuam no âmbito da educação infantil e ensino fundamental I. Ela é a primeira pessoa que começa dividir a responsabilidade do cuidado com os familiares, passa mais tempo com a criança do que os(as) próprios(as) responsáveis e se não estiver preparada para exercer a profissão, pode trazer sequelas significativas na vida da criança. No seu caso, os aspectos de ser bravo te acompanharam mesmo depois de ter recebido a influência de outros(as) ao longo da vida, inclusive no ensino superior. Esse deve ser um ponto de alerta, especialmente com a educação infantil, todos(as) temos grande responsabilidade com a formação humana das crianças.

Outro ponto importante é o fato do peso de ter o nome reconhecido, que inclusive o seu pai te falou. Parece que o nome traz poder, identifica a pessoa, consolida significados. Será que os(as) estudantes lembram do seu nome? Por qual razão? Muitas vezes o(a) professor(a) “perde o nome” e a profissão vem na frente: *Na escola, me chamam de prô, professor, Zanatan ou Zana, eu só não gosto que me chamem de ‘tio’. Mas eu acho que dá na mesma porque Zanatan é o professor, o professor é o Zanatan, sou a mesma pessoa (Zanatan, conversa em 14/03/22).*

Do outro lado desse espaço de liberdade, de áreas verdes e da constante convivência, está a impactante transferência para o ensino fundamental, momento em que a ludicidade reduz consideravelmente, as escolas passam a ser só de cimento com arquitetura que lembra prisões. Você recorda: *Era tudo trancado, escuro, com muros... Quando descia para o pátio, fechavam todas as salas do espaço com cadeado (Zanatan, conversa em 14/03/22).* E me parece ser um costume do ambiente escolar privar e proibir os movimentos dentro da escola: não corre, não sobe, não grita... Você complementa:

O único espaço que eles podem, de fato, correr, é a quadra, os demais são espaços com outros focos. Tem outro aspecto que compromete e inibe a ação dos professores, que é a maneira como os pais olham para as aulas de EF. Se uma criança cai na aula de EF, amanhã está pai e mãe aqui na escola para reclamar do professor, do que aconteceu com o filho deles (Zanatan, conversa em 14/03/22).

É necessário estabelecer parcerias com os(as) responsáveis, melhorar a comunicação com os(as) demais educadores(as) da escola, para que todos(as) saibam o papel da EF na vida das crianças, a importância da gestualidade e da utilização dos espaços da escola de outras formas que não sejam as de imposição, proibição e medo.

A escola é espaço de sociabilização, desse ambiente podem surgir amizades duradouras, capazes de contribuir com descobertas e aprendizados da pessoa, cuja intermediação passará pela pessoa do(a) professor(a) que participará das relações e favorecerá para que todos(as) interajam, convivam, compartilhem os diferentes momentos das histórias de vida, dentro e fora da escola.

São pontos importantes da nossa prática docente e que durante nossas conversas ganharam intensidade, mobilizaram-me e, pelo que entendi, te ajudaram a refletir. Você me disse, no dia 21/03/22:

Estava conversando com a F., que durante a pesquisa a gente vai refletindo e começa a pensar, de onde saímos, aonde chegamos, o professor que nos tornamos, o que a gente pode melhorar. E começa enxergar algumas qualidades dentro desse processo e alguns defeitos que ficavam escondidos, mas que omitimos por não saber o porquê. Agora eu consigo identificar o que preciso melhorar como pessoa, como professor, como ser humano e isso caminha junto.

Me alegra saber que nossos encontros te permitiram refletir a própria prática. É importante lembrar que essa ação reflexiva pode acontecer todos os dias, essa é uma carta para incentivar a percepção das histórias de vida, os estudos, a pesquisa, a mudança de atitudes que desumanizam.

Justamente por sermos pessoas, não máquinas, passamos por diferentes experiências que nos pedem atenção especial com a própria vida e com as vidas que nos são confiadas. Não precisamos nos martirizar pelo que não damos conta, principalmente se tivermos clareza de que fizemos o nosso melhor. Por exemplo, seu relato da experiência de perder o bebê:

Por mais que me esforçasse para dar boas aulas, eu não conseguia me concentrar no que precisava. O que me ajudou muito foi o Lucian que teve muita paciência para me orientar, ajudar, auxiliar. A diretora da minha escola também ajudou bastante. Me acalmou, me trouxe tranquilidade. Não era por falta de interesse ou vontade, é porque eu estava ferido mesmo.

Quando eu converso com você, me ajuda a refletir sobre tudo isso, sobre essas mudanças e possibilidades. Não é por intenção, foi por algum motivo específico. A gente vai conversando aqui, você vai provocando e vou lembrando do que eu fazia quando era criança (Zanatan, conversa em 14/03/22).

Olha a grandeza de ações humanizadas na nossa história: no momento de maior fragilidade, em que cumprir com seu ofício estava aumentando seu sofrimento, pessoas te ajudaram a seguir, a encontrar estratégias de superar a dor e contribuir com o que tinha de melhor para oferecer. A cada testemunho seu, a cada experiência relatada, eu olho cenas da minha própria história de vida e sempre encontro pessoas que estavam presentes ali. Tenho esperança de que outras pessoas passem pelo mesmo movimento.

Retornamos então para o Zanatan do primeiro grau, quando você fala sobre as aulas de EF no contraturno, as roupas brancas obrigatórias, a separação por gênero e o perfil dos(as) professores(as). Chama-me a atenção que mesmo depois de muito tempo, no seu estágio, você encontrou professores com o mesmo modelo de aula, acrescidos dos *quatro pilares: futebol, vôlei, handebol e basquete* (Zanatan, conversa em 28/03/22). Características que reforçam o papel do(a) professor(a) na vida dos(as) estudantes e como nossas ações podem agir diretamente na forma como o(a) estudante que decide ser professor(a) age nas suas aulas. Você mesmo percebe: *Hoje, minha forma de falar, a maneira de conduzir as aulas, o processo de amadurecimento que fui tendo como professor trazem características dessa época também* (Zanatan, conversa em 28/03/22).

A questão de gênero sempre foi presente nas aulas de EF e é um ponto delicado, porque as decisões que tomamos durante as aulas, somadas com atitudes similares por repercutir na sociedade. Por exemplo, provavelmente o que combatemos em relação ao machismo, direta ou indiretamente, poderia ser evitado se desde sempre os(as) estudantes tivessem a oportunidade de discutir sobre o assunto e as atitudes fossem diferentes. É como você disse: *Tende a achar que a mulher é um ser inferior, que você é superior, mais forte, afasta as pessoas das diferentes possibilidades culturais. Muito disso, nasce dentro de casa. São pais que não vivenciaram isso e não estimulam a mudança* (Zanatan, conversa em 28/03/22).

Existe a necessidade de que as aulas de EF extrapolem a questão prática (ou teórica) para colaborar com o entendimento de como o que acontece em aula pode ajudar no cotidiano, na história de vida, para que a criança se sinta motivada a intervir no processo, a colaborar com a transformação como pessoa que conhece o contexto que vive e exerce a cidadania.

Você reconhece que mesmo não sendo ouvido quando era estudante, carregou essa característica para suas aulas porque não tinha paciência de ouvir. *Hoje eu escuto, permito que novas formas sejam apresentadas e vivenciadas por eles* (Zanatan, conversa em 28/03/22) e complementa que isso era *insegurança, necessidade de mostrar domínio, por meio de gritos* (Zanatan, conversa em 28/03/22).

É importante termos consciência que "tudo bem" errar e ter medo de assumir os erros, vulnerabilidades, fraquezas e limitações, transparecer sua humanidade pode ser eficaz para relação professor(a)-estudante. Os choros, os medos, as alegrias, as conquistas, os cotidianos expostos aos(as) estudantes colaboram para o entendimento de que o(a) professor(a) não é apenas um ser que vive na escola e que a docência é apenas etapa da sua história de vida. Que saibam e sintam que vivemos no mundo como eles(as)!

E diante disso, você defende que um dos benefícios de ficar na mesma escola é a possibilidade dos(as) estudantes acompanharem nosso processo de envelhecimento e de transformação como professor(a). Me parece interessante, mas pede cautela, porque podemos nos acomodar, perder a motivação pelo diferente, pela criatividade, além de perder a oportunidade de contribuir com a formação de outras pessoas, em outros territórios.

Como você sabe e critica nossa formação:

Ainda há resistência dos professores em escutar os alunos, muito professor que pensa que só eles sabem de tudo. Precisa melhorar a formação dos professores, pensar melhor nos critérios. Esse processo de avaliação somativa é muito presente, assim como o professor que fala muito e os alunos pouco, de escrever muito, decorar não sei quantos ossos... E como vou dar oportunidade para os alunos falarem quando chegar na escola? Eu não fui preparado para isso, na universidade eu fui massacrado. De modo geral, você não se preocupa com formação, se preocupa com nota. Se você está saindo bem formado para aplicar nas suas aulas o que você precisa não faz diferença. Dentro das universidades, eu não ensino os alunos a serem professores, eu ensino a fazerem exercícios. Não ensino no que eles precisam se atentar como professores, a fazer correções. Ajude o aluno a transformar, entender, praticar, como professor, faça as conexões que o aluno não está conseguindo fazer (Zanatan, conversa em 28/03/22).

Compartilho desse sentimento, ele serve como disparador para o que conversamos e gera questionamentos, me preocupa saber a maneira como somos formados, especialmente quando pensamos nos(as) estudantes que receberão esses(as) professores(as) em sala de aula, que tem os seus problemas e dificuldades dentro de casa, que não temos maturidade profissional para colaborar. Sinto como se fosse um ciclo vicioso, de uma formação mercadológica, não humanizada, de reprodução de atividades e que não se preocupa com as consequências dessas atitudes.

É como você denuncia: *Quanto essa questão mercadológica, da compra de diploma. Está cheio de instituições que, literalmente, vendem o diploma, a pessoa pega, faz o concurso para ser professor e passa (Zanatan, conversa em 28/03/22). É desesperador!*

Acredito que educação de qualidade, ligada aos nossos valores e à alegria de ensinar, pode influenciar a vida das crianças e da sociedade. Não podemos culpar somente a educação que recebemos, foi o que aprendi com o professor Ricardo, pois se fizermos o que queremos com amor, estudo e dedicação tudo é possível. É ilusão pensar que é possível encontrar estruturas e cenários perfeitos na educação pública. Porém, é possível acreditar que podemos causar impacto com o que temos. Quantas são as realidades de enfrentamento social que as escolas passam? Quantos(as) são os(as) professores(as) que trabalham com medo, longe de suas casas, com salários insignificantes? Refletir sobre o que a educação nos proporcionou e o que estamos proporcionando durante nossa prática docente pode ser um caminho viável.

Pensando nesses espaços escolares, tem um ponto tocante e xenofóbico, na sua carta. Você disse que era zombado por colegas e professores pelo fato de ser baiano estudando em São Paulo, que não se calava diante das ofensas: *Quando me ofendiam por conta da minha origem, a resposta já estava pronta. Para alguns eu era arrogante, agressivo, para mim, era defesa.* Por que as pessoas te tratavam assim? *Na época, qualquer coisa que eu fizesse errado eles diziam 'é porque é baiano'. As minhas professoras zoavam meu sotaque, por não falar puxando o R. Na época os professores zoavam minha cabeça e eu nunca fui de aceitar (Zanatan, conversa em 04/04/22).*

O que aconteceu com você me entristece porque é algo inadmissível. A minha esperança surge quando você diz que atualmente não testemunha ações parecidas como as que você passou, nem em relação a cor da pele, isso é importante! Precisamos ter atenção com as questões de gordofobia e aporofobia que você disse já ter presenciado nas escolas por onde passou e nas aulas de EF. São questões que nos pedem cuidado no trato com quem faz e exigem ações para que o respeito a diversidade volte à tona. Não podemos tolerar essas atitudes, precisamos nos manifestar, defender quem é agredido, educar o(a) agressor(a), seja quem for.

É uma ação altruísta, que nos pede diálogo, projetos, reflexões, manifestações pela mudança. Porque a escola corre o risco de se tornar excludente, seletiva e as pessoas reduzirem o interesse pelo aprendizado. Escola deve ser sinônimo de acolhimento, de diversidade, de aprendizado, de humanização. É como convida Vago (2021, p. 9):

É preciso criar interesse, ter vontade de abrangência para abrir a Educação Física da Escola para as práticas corporais das culturas dos povos originários (povos indígenas), para as práticas de matriz africana, culturas negras e quilombolas, para as práticas corporais que estão nas ruas, estão nas quebradas. Tantas criações humanas cujo interesse histórico e cultural obriga ao seu acolhimento e tratamento pela Educação Física, expandindo e enriquecendo seus programas.

E reforça, igualmente, nossa conversa:

Epistemicídio cultural, racismo estrutural, xenofobia, machismo, misoginia, sexismo, homofobia, transfobia, etarismo, tantas opressões nas práticas sociais e, por isso, também na Escola e na Educação Física. Abrir a Educação Física para tratar, pensar e enfrentar essas opressões, fazendo dela tempo de compreensão e superação do que desqualifica nossa experiência de viver é exigência ético-política para seus/suas educadores/as, escolhendo e praticando uma educação antirracista, antimachista, antimisógina, antissexista, anti-homofóbica, antitransfóbica e decolonial (VAGO, 2021, p.11).

Não é um desafio fácil, estamos falando de lutas sociais que já duram bastante tempo, que existem territórios invisibilizadas, silenciadas, ignoradas e infelizmente acontecem a todo momento. O que estamos fazendo para mudar este cenário? Existem caminhos possíveis, como experiências em diferentes campos de atuação como foi o seu caso no voluntariado com equoterapia, *o qual te ajudou a perceber que todos nós temos limitações que podem ser trabalhadas, eliminadas e que não nos impede de fazermos juntos* (Zanatan, conversa em 25/04/22). A questão é favorecer que todos saibam que é possível, é necessário enxergar, porque a criança se trata com igualdade.

Passada essa importante reflexão, quero retornar a questão das influências que recebemos ao longo da nossa formação na educação básica. Você relatou que na Bahia quem dava aula para você era um ex-atleta da comunidade, aulas dívidas por gêneros, *esportivizadas e muito treinamento físico: saltos, corrida, piques, marcação de tempo* (Zanatan, conversa em 18/04/22). E que isso influenciou a sua maneira de fazer o aquecimento nas suas aulas, porque era sua segurança para controlar a turma, criar rotina e chamar atenção de quem olhava de fora.

Sua autorreflexão é sincera, me toca de maneira sensível e faz pensar na maneira que nossas aulas influenciam os(as) estudantes atualmente, como encontrar o ponto de equilíbrio para ajudar as pessoas que estão nas aulas de EF? De maneira direta, você diz que faz diferença pedir ajuda, conviver com outras pessoas, vivenciar as experiências, amadurecer ideias. Inclusive você diz que passou por tratamento psicológico para compreender seus pensamentos, para auxiliar no processo de mudança e de entendimento do que acontecia. Claro, não temos responsabilidade sobre o que as pessoas pensam sobre quem somos e nossas atitudes, somos julgados(as) o tempo todo e a saúde emocional pede cuidado com as acusações recebidas.

Passamos pelo aspecto das competições na EF escolar, que para o(a) estudante parece ser um momento maravilhoso e para o(a) professor(a) (não todos[as]) se torna um momento delicado, porque diz respeito a escolher, selecionar, excluir. Nem todos(as)

vivenciam essa experiência como deveria ser, o foco fica apenas na conquista de vitórias e o caráter educativo, de discussão e entendimento fica em segundo plano ou nem aparece.

Como ex-atleta eu reconheço a importância do esporte e da competição na infância e adolescência. As minhas experiências foram importantes para minha formação humana, a prática acontecia no ambiente adequado. As experiências competitivas no ambiente escolar nunca foram atraentes, sempre me sentia excluído e o sentimento não é bom. Mesmo sabendo que o tempo todo as crianças competem, desde a escolha da carteira na sala de aula, até para saber quem tira as melhores notas.

Na sua carta, sobre ser professor diante dos(as) estudantes, você escreve: “a aprender a ser, viver, conhecer e fazer” e que não é tarefa fácil. Uma cobrança pessoal que você se fazia de ser aquilo que fala, *para que consigam interferir na sociedade e modificar sua comunidade. O fato de o professor não ser valorizado pelo, não impede que a sociedade reconheça seu valor (Zanatan, conversa em 25/04/22)*. O(a) professor tem papel fundamental na sociedade e precisa romper com as imposições presentes na sua realidade, para contribuir com a geração que busca, questiona e tocam nas *feridas que aceitamos calados (Zanatan, conversa em 25/04/22)*. Sem esquecer que estamos propensos ao erro e é normal errar, desde que reconheçamos e saíamos em busca de melhoria. Somos humanos.

Sobre ser professor de EF, você disse na nossa conversa do dia 25/04/22:

No meu crachá está escrito professor, eu assino tudo como professor Zanatan. Professor é a minha essência, é o que sei fazer. E quando falo que sou, é porque faz parte de mim. Fala se não é gostoso. Eu, na condição de ser professor, mesmo não estando no ambiente escolar, me sinto privilegiado de ser professor.

Que a vida nos proporcione a alegria de falar com a boca cheia: Eu sou professor(a)! Que os encontros com outros(as) professores(as) seja sempre um reabastecimento de entusiasmo, coragem, energia para seguir transformando. Que saibamos acolher as novidades que chegam através das pessoas, que saibamos motivar, impulsionar os(as) colegas a saírem da acomodação. Que todos(as) tenham a oportunidade de estudar, de aprofundar nos seus conhecimentos e práticas. Que nos momentos de cansaço e desmotivação, mantenhamos a esperança de dias melhores na educação, com relações verdadeiras e humanas. Eu acredito que assim, poderemos transformar nossa realidade.

Acredite no potencial dos seus relatos, orientações e considerações, eles podem fazer a diferença. Exercite substituir o verbo “brincar” que você traz nas suas falas, pelo verbo “afirmar”, porque se você tiver clareza e segurança do que acredita, não precisará se preocupar com julgamentos alheios. Às vezes temos medo de assumir o que defendemos,

nos escondemos nas próprias falas, mesmo sabendo que as críticas fazem parte do processo e nos ajudam a refletir, você fez isso durante nossas conversas.

Aprendi com as minhas experiências, que somos seres de relação e conforme agimos o(a) outro(a) terá pensamentos e atitudes que podem nos afetar, porém, se meus princípios não foram corrompidos e o respeito ao outro se manteve, não tenho o que temer, preciso reconhecer o momento de mudar. E você sabe disso, quantas mudanças já passou ao longo da sua vida profissional? Quantos foram os cenários políticos que influenciaram diretamente na sua prática? Paciência e tempo para que as nossas expectativas se consolidem (ou não), o segredo pode estar no diálogo com o mundo e com as pessoas que estão presentes na nossa vida. *Ter uma direção é importante e não significa que vamos seguir esse caminho reto. É isso que vai influenciar o caminho: as escolhas. Se eu não souber para onde estou indo eu não chego em lugar algum (Zanatan, conversa em 09/05/22).*

Por exemplo, quando eu te perguntei o papel da sua esposa na sua vida, você me respondeu: *Eu acho que o Zanatan antes da Michele era o cara que sonhava muito e não ia. O Zanatan depois da Michele é o cara que começou correr atrás dos sonhos. Ela é a pessoa que me encoraja a fazer as coisas e para conquistar o que desejo (Zanatan, conversa em 18/04/22).*

Ser professor(a) nos pede dedicação para com a humanidade e isso diz respeito a nós mesmos(as), às nossas histórias de vida e formação. Acredito que um caminho viável seja por meio dos estudos e quando conversamos sobre isso você trouxe considerações pertinentes, que nos pedem atenção:

O tempo não para, as coisas evoluem e eu não vejo professor parando no tempo, é preciso estudar, se atualizar. As pessoas tinham dificuldade de olhar para fora da escola, estavam sempre olhando para dentro. Tem professor que vê a formação como o momento que estão voltando para a universidade e acreditam que não precisam passar por isso. Principalmente para aqueles que só estavam na prática pela prática, a teoria não atrai, eles querem a receita de bolo, apenas o exemplo para reproduzir. Em outros momentos de discussão, eles ficam em silêncio porque não sabem o que falar, não têm conhecimento. Alguns não gostam de ler (Zanatan, conversa em 09/05/22).

Professor, torço para que suas iniciativas e dos(as) seus colegas de rede contribuam com o município de Caieiras-SP, que vocês compartilhem experiências e colaborem com a ação do(a) outro(a), que as crianças ao saírem dos muros da escola entendam que são sujeitos de direitos e responsabilidades, que as famílias entendam o potencial transformador da educação para a formação humana, que nossas aulas sejam

espaços de protagonismo, de problematização, de movimento, de integração, de saúde, de acolhimento, de escuta, de humanização.

A pandemia trouxe diferentes lições para a humanidade, período de sofrimento e de aprendizados. Acho importante compartilhar suas percepções sobre ser professor na pandemia, porque seu testemunho ajudará outros(as) professores(as) numa nova perspectiva ou simplesmente a perceber que não estavam sozinhos(as):

Para mim foi uma doideira, em todos os sentidos. Eu nunca gostei de aparecer em vídeo, então a primeira coisa que pegou. Eu não tinha mais o “voltar para casa”, estava sempre no meu local de trabalho, isso foi muito ruim para mim. Minha casa deixou de ser meu porto seguro, não tinha mais a oportunidade de simplesmente ignorar, incomodava minha esposa com meu trabalho. (No cotidiano) a gente enxerga todos os alunos, mas enxerga o todo. Ali, quando você está dando aula online você acaba enxergando cada um deles. E era necessário estar atento a cada quadradinho e isso me ajuda aproximar dos meus alunos, a respeitar as individualidades. Eu adoeci, quando eu tenho a perda do meu filho (emocionado). Ali naquele momento, eu não consigo dar o meu melhor em nada do que eu estava fazendo. Eu não podia desabar em casa, minha esposa precisava de mim. Eu não me permitia que isso acontecesse em casa, por isso que sou muito grato ao Lucian por todo apoio que ele me deu nesse momento, eu dizia que não podia prejudicar meus alunos, foram meses assim e eles tiveram uma paciência absurda. A coisa ruim é que durante o processo de aula, alguns desligavam o áudio para não ter as interferências, na hora de falar cada um precisava falar na sua vez, isso era ruim. Porque querendo ou não tinha o silêncio, o que eu fazia de diferente era colocar música de fundo. As minhas aulas, são muito barulhentas, as crianças participam, emitem sons, porque estão em movimento, porque brincam (Zanatan, conversa em 16/05/22).

Seu testemunho é vivo, real, sensível e caracteriza a educação durante a pandemia, pois reinventamos nosso agir com os(as) estudantes. Sua superação diante dos acontecimentos da vida pessoal, que se misturam com o trabalho presente no mesmo espaço de refúgio, se relaciona com a importância das pessoas nas nossas vidas e sinaliza que não é possível vivermos sozinhos(as), somos seres de convivência, de relações, seres humanos.

Concluo com a esperança de que nossas experiências contribuam com a reflexão de outras pessoas. Que se emocionem com os acontecimentos, se envolvam com os projetos de transformação, reconheçam as fragilidades e medos, encontrem refúgio no que nos faz bem e se for no abraço caloroso ou na escuta de outra pessoa, melhor ainda. Muito obrigado pela carta que me escreveu com sua história, pela partilha da sua vida e experiências profissionais, ao conversar com você me aproximei da sua realidade com a EF. Espero que nossos diálogos tenham contribuído com suas reflexões pessoais e que você tenha

encontrado maneiras diferentes de agir após a identificação dos erros e acertos. Que sigamos trabalhando por dias melhores, com ações humanizadas e humanizadoras.

Abraço fraterno

Raphael Cutis.

Na próxima carta, apresento recortes da roda de conversa que fizemos, compartilho nossas discussões sobre as temáticas que circundam nossa prática docente, especialmente sobre os sinais de humanização que descobrimos ao longo das conversas e da pesquisa. Espero que nossas considerações cheguem para o máximo de professores(as) e que ajude a pensar nas possibilidades de uma prática humanizada e humanizadora.

CARTA 12

AOS(ÀS) QUE DEDICAM SUA VIDA À EDUCAÇÃO - RODA DE CONVERSA SOBRE AÇÕES TRANSFORMADORAS E HUMANIZADORAS

[...] muita gente só enxerga onde você chegou, e não tem ideia da caminhada até lá. Enxerga-se a chegada muito mais que o caminho.

(BESSA, 2019, p. 110)

Dedico esta carta aos(às) professores(as) que acreditaram na impossibilidade da minha chegada em múltiplos lugares; aos(às) colegas com quem estive nas diversas instituições em que atuei como educador, mesmo os nossos desencontros de formação, atuação, foram importantes para minha caminhada; aos(às) professores(as) que não conseguiram explorar todo o seu potencial durante a minha formação básica; e aos(às) educadores(as) das mais diversas áreas que menosprezam a EF, que inferiorizam nossa atuação, vocês não fazem ideia da importância das suas atitudes no nosso processo de engajamento social, desenvolvimento pessoal e profissional.

Saiba que se o objetivo é nos enfraquecer, isso não acontecerá! Percebo que as conversas com os(as) professores(as) me ajudaram a olhar com maior sensibilidade para as histórias de professores(as) contra os(as) quais “lutei de forma agressiva”, capturadas por ideais únicos e exclusivos da minha experiência. As evidências apresentadas nesta pesquisa mostram o encontro de outros significados para mesma biografia. Peço desculpas a todas as pessoas que sentiram que minha dedicação como educador foi de desvalorização, negligência ou esquecimento, e aos(às) professores(as) com quem trabalhei, porque devo ter tido atitudes que violaram seus valores por apenas olhar para minha experiência. Acredito que com o tempo amadurecemos e ajudamos a formar uma sociedade melhor.

Esta carta aponta indícios de humanização, a partir da roda de conversa que fizemos. Descobri que, mesmo nas experiências ruins, nas referências negativas, existem sinais de ações humanizadas e humanizadoras que partem das diversas frentes de atuação.

Consciente de que posso ampliar meus aprendizados e minhas descobertas a partir do reconhecimento das minhas limitações, espero que as narrativas apresentadas na carta nos ajudem a repensar nossas atitudes e nossos julgamentos a respeito das ações do(a) outro(a). A roda de conversa foi importante para a aproximação dos(a) professores(a) e contribuiu para nosso entendimento a respeito do processo de humanização ocorrido na vida de cada pessoa.

São Paulo, entre agosto 2022 e abril de 2023.

Estimados(as) Professores(as),

Depois de refletir sobre as experiências que vivi durante as minhas graduações, cheguei em Caieiras-SP com desejo de compartilhar minhas experiências e investigações para contribuir com os processos de transformação que ocorrem na rede de ensino e dentro do meu ser, sem perder o foco do cotidiano, do que veio antes da minha decisão, vislumbrando um futuro humanizador para toda a comunidade educacional do município e daqueles(as) que no futuro acessarem esta carta.

Ao longo dessa dissertação, vocês acompanharam parte do que encontrei em Caieiras-SP, especialmente nas formações dos(as) professores(as) de EF e da prática dos sujeitos da pesquisa. Foi possível sentir a rede de ensino, suas demandas, seus anseios e então estruturar os passos que eu daria ao longo da investigação e das conversas individuais. O que apresento nesta carta é a roda de conversa, último passo dos encontros com os(a) professores(a) que dedicam suas vidas à educação dos(as) estudantes de Caieiras-SP e que foram fundamentais para a minha investigação.

A questão de pesquisa está baseada em uma variedade de inquietações que surgiram antes de conhecer cada professor(a) de Caieiras-SP. A roda de conversa foi um espaço de compartilhamento sobre educação, EF e humanização, a partir de experiências passadas e convivência durante a pesquisa, realizada no dia 6 de junho de 2022. A partir de agora, assumirei o diálogo na roda de conversa para cada provocação. Com sensibilidade, é possível reconhecer a riqueza por trás da fala de cada professor(a).

- *Raphael – Como refletir sobre a sua história de vida e sua realidade pessoal/profissional pode contribuir para novas ações na sua prática docente? O que de concreto pode ser feito para que sejam mais humanizadas?*
- *Tiago – Sem sombra de dúvidas, a mistura de vida reflete no que sou hoje como professor, no que sou como pessoa, no que eu sou como pai. Tive bons e maus professores durante a minha trajetória de vida, os maus professores eles me mostram como não ser, os bons professores como ser e como melhorar esse ser.*
- *Ricardo – Eu sou “café com leite” em relação a ser professor. A sua pergunta para mim é fácil responder porque, na minha visão hoje, eu tenho a oportunidade de trabalhar com as crianças e ensinar, para ela gostar de fazer atividade física e chegar na minha idade e fazer o que eu faço com relação à atividade física. Não existe aquele professor que você pode dizer que foi ruim para você, existe aquele professor que, naquele momento que talvez eu não gostasse da matéria, criei uma barreira. Você*

sempre encontra com professores com quem se identifica, todos vão te ajudando a construir aquilo que você é como professor, constituir seu caráter, ajudando a dar base mesmo.

- *Ricardo – Vivemos numa época em que o professor era mais respeitado pela sociedade. Então hoje, o professor faz parte de um sistema social, onde ele é questionado por coisas que a sociedade cobra como se estivesse cobrando um serviço de “fast food”. Como quem compra uma comida estragada e reclama. Só que a criança não é esse produto.*
- *Raphael – Tem um detalhe nas suas palavras Ricardo, que parece que estou ouvindo a professora Juliana falando.*
- *Ricardo – A educação do Brasil tem que resgatar a família para a escola, porque hoje você precisa educar os pais também.*
- *Raphael – Você levanta os pontos que a professora Juliana falou algumas vezes durante nossas conversas individuais e isso é importante para entendermos para qual caminho estamos direcionando nossas ações.*
- *Zanatan – Saiu uma circular proibindo o uso de celular. Foi observado o uso desenfreado do celular. No lugar de estar observando, escutando o aluno, penso que ele está “só brincando”, mas na verdade ele está participando, cooperando, interagindo e o professor perdendo muitas oportunidades de compreender aquele grupo, aquele indivíduo. Ricardo – É uma postura minha, eu não uso. A educação é um processo, nós somos professores. Como você falou, nós estamos formando cidadãos, eles são seres humanos. Se não respeitarmos a criança e ela não se sentir respeitada, isso vira um ciclo vicioso, não virtuoso. Eu estudei 27 anos, olha quantos professores eu tive ao longo da minha história de vida para chegar hoje e dar uma aula, ainda precisamos aprender muito.*
- *Raphael – Três pontos, pensando na educação, ficam como gestos concretos para meu aprendizado: 1 – resgatar o respeito ao(à) professor(a), 2 – a educação das famílias e 3 – estar com os(as) alunos(as) durante nossas aulas de EF. Isso pode fazer diferença na humanização das nossas ações docentes.*
- *Ricardo – A EF é fazer. Minha formação é EF e saúde e o que eu mais estudei na EF foi sobre ter/dar autonomia em relação à saúde. Eu sei que tenho que beber água, sei que preciso me alimentar bem, que tenho que dormir, que não posso exagerar na bebida e acho que é esse tipo de autonomia que as pessoas precisam ter.*

Como professores(as) de EF, qual o testemunho que damos a respeito dessa autonomia relacionada à saúde dita pelo professor Ricardo? Nossas aulas promovem

autonomia? Nossa formação é repleta de saberes diversos, o que fazemos com eles pode fazer diferença na sociedade. Tardif (2014, p. 13) nos alerta:

O que um professor sabe depende também daquilo que ele não sabe, daquilo que se supõe que ele não saiba, daquilo que os outros sabem em seu lugar e em seu nome, dos saberes que os outros lhe opõem ou lhe atribuem... Isso significa que nos ofícios e profissões não existe conhecimento sem reconhecimento social.

Precisamos de atenção com nossos saberes e com o fomento a partir deles, a coerência da nossa prática fará sentido diante do reconhecimento social. Seguindo com a roda de conversa:

- *Raphael – Ju e Zanatan, com o que vocês podem contribuir? Ricardo falou que talvez vocês tenham boas vivências para auxiliar na reflexão...*
- *Zanatan – Talvez eu seja o sucesso de quem pensou onde eu chegaria, o fracasso de quem idealizou um pouco mais do lugar onde cheguei. Eu acho que sou a mistura de tudo que me formou como pessoa. Você lembra que você perguntou uma vez “por que eu sou professor?” Eu respondi porque faz parte de mim, que eu não sei ser outra coisa, é o que eu sei ser: professor. (Esse é apenas um trecho da poética resposta do professor Zanatan. Ela apresenta de maneira muito clara as contradições da nossa humanidade docente. Por ser poesia aos meus ouvidos e por resumir muito do que penso, apresento a resposta completa nas minhas “considerações inacabadas”).*
- *Juliana – Acredito que sou uma professora que foi construída. A partir de um monte de erros, acertos, apontamentos que foram se acumulando no decorrer da vida. Eu acredito que fui me constituindo professora ao acumular experiências. Tem dias que eu não sou uma boa professora, só que eu estudei e sei o que posso fazer, me cobro porque sei que não sou isso. Eu sou uma pessoa que conhece as crianças por nome e sobrenome. Hoje eu não falo que tive maus professores, porque eu acredito que com o que a gente vive hoje, talvez aquilo que tivemos fosse o melhor que aqueles professores poderiam ofertar naquele momento. Eu sou uma professora apaixonada pela educação, sei das lutas que enfrentamos, que não é fácil gostar, mas a gente não desiste.*
- *Ricardo – A fala deles é muito forte, me toca. Eu como professor da educação infantil sinto muito isso, a educação infantil te apaixona, o carinho que você recebe de uma criança é diferente. Eu até fiquei assustado sobre essa questão da aula de EF humanizada, eu não consigo fazer a criança, na aula de EF, ficar parada. Ela vai se expressar, vai brincar, se movimentar.*

- *Juliana – É muito comum eles mandarem a gente deixar as crianças em ordem, quietas.*
- *Wilkerson – Acredito que o que somos atualmente seja reflexo de tudo o que vivemos, de pessoas que passaram pelas nossas vidas. Aprendemos muito com elas, e principalmente com as necessidades delas, seja na questão de desenvolvimento, seja na aprendizagem ou até mesmo na vida extraescolar e é aí que entra nossa prática humanizada/humanizadora, quando não seguimos simplesmente um documento, mas nos preocupamos com as particularidades de cada criança.*
- *Raphael – Você considera suas aulas humanas, acolhedoras, respeitosas? O sistema influencia nessas aulas? Se sim, de que maneira?*
- *Zanatan – Tento fazer da minha teoria a minha prática. Mas o sistema influencia muito, a ponto de quando nós tínhamos as competições, eu sempre queria preparar meus alunos para as competições, eu não queria mais perder, se a gente não ganhasse campeonato era porque “a gente não era bom professor”.*
- *Zanatan – Temos professores do primeiro ano que estão desesperados, porque ainda carregam dentro da cabeça que precisam alfabetizar todos no primeiro ano, que a única forma que tem é enxotando conteúdo. Porque se ele não batia a meta, perdia três, quatro dias de férias, era convocado antes para fazer um curso de reciclagem, porque “não sabia ensinar os seus alunos”.*
- *Zanatan – A gente prepara as crianças para o mundo do trabalho, um mundo competitivo e esquece de humanizar essas crianças. Aí, quando você vê a falta de empatia que há no mundo, o preconceito, o não respeito, você não sabe a origem. Quando se critica o que encontramos na educação, dizem que é um problema de professores e alunos, não um problema de sistema que faz a escola menos humanizadora. Ela faz com que os alunos se tornem cidadãos que farão as mesmas coisas, ao mesmo tempo. Mas, as crianças são iguais? As pessoas são iguais? O contato com o conhecimento é o mesmo?*
- *Tiago – Minhas aulas eu considero que são humanizadas. Eu escuto os alunos, através dessas escutas, eu tento modificar, aprender, instruir algumas coisas, aprendo com eles. Todo mundo tem uma história por trás, tem algo a contar, a ensinar, a aprender. De um tempo para cá, eu tenho visto que meu aluno precisa ser protagonista da minha aula. Eu dou espaço para eles colocarem suas ideias, falarem dos jogos, das atividades, criar possibilidades, modificarem as regras, brincarem da maneira que eles imaginam.*

- *Wilkerson – As pessoas contribuem para sermos quem somos, seja despertando curiosidade, compartilhando conhecimento ou nos fazendo buscar ser melhor. Aprendi demais com os erros e acertos e sei a importância de ouvir, de mostrar para o aluno que ele realmente está sendo ouvido até quando não fala, quando simplesmente demonstra a necessidade de algo, considero sim que minhas aulas são acolhedoras, humanas e respeitadas.*
- *Raphael – Concordamos que existe a influência do sistema. Em que lugar encontramos a esperança para que essas ações humanizadoras não sejam bloqueadas pelo sistema?*
- *Ricardo – A gente não pode se contaminar pelo sistema, temos que ser resistência. Enquanto indivíduo, enquanto professor você pode fazer diferença na vida da sociedade. Como o Zanatan falou: quando você escuta uma criança, quando você conversa, quando não é o cara que só fica reclamando, quando não é o primeiro a dar o mau exemplo: reclama do governo, mas ultrapassa sinal vermelho; não para pra pessoa atravessar; não joga lixo na lixeira; pega o lanche do colega professor na geladeira; e come o queijo da coordenadora. Você deixa uma xícara lá e ela some, mesmo você estando numa escola.*
- *Zanatan – O indivíduo é reflexo da sociedade na qual está inserido. A gente deixou de escutar o outro, só pensa em como eu posso me dar bem em cima do outro. Uma espécie de competição louca, mas que não é todo mundo que parte da mesma linha.*
- *Juliana – A gente também pode semear coisas boas, aquela coisa gostosa que você fala, pode ser multiplicado. As crianças não precisam ser só um número, podem ser crianças que a “prô” conhece, lembra. Eu tive um aluno que por três semanas não foi para escola, quando ele apareceu eu perguntei o motivo e falei: “Eu te espero todos os dias!” De verdade? Eu não espero por ele todos os dias, mas é uma criança que eu gosto e eu falei do meu coração para ele não faltar mais. Desde então, ele vem todos os dias e me dá um abraço.*

O que a professora Juliana fala é importante, o gesto de acolhimento para com o(a) aluno(a) é inspirador e ajuda a tornar o ambiente escolar melhor para o(a) estudante, afinal:

A escola não é escolhida livremente, ela é imposta, e isso, inevitavelmente, suscita resistências importantes em certos alunos. A obrigação relativa à escola deve transformar-se em interesse pela escola; pouco importa que esse interesse seja obtido e mantido por meios extrínsecos (notas) ou intrínsecos (motivação e produção de sentido). (TARDIF, 2014, p. 131)

Seguindo com a roda de conversa e o diálogo sobre estratégias para que o sistema educacional não impeça nossa ação humanizadora:

- *Tiago – Eu vejo que boa parte das crianças está abandonada pela família, pela escola, pela sociedade, pelo sistema público, estão esquecidas! Elas não têm voz, não têm todos os seus direitos respeitados, também não cumprem com seus deveres. Aqueles que se abrem, eu faço a tentativa de mergulhar e tentar compreender sua história. Dá voz, para mim, é um dos caminhos que pode mudar um pouco dessa humanidade. Ouvi, é o primeiro passo. Tentar construir junto, resolver esses problemas ouvidos é um segundo passo, colocar as crianças como protagonistas das suas vidas, das suas histórias é um novo passo e assim vai...*
- *Wilkerson – Não acho que o sistema interfira tanto na relação aluno-professor, costumo ser o tipo de pessoa que coloca as crianças a frente de qualquer outra coisa, entre preencher a papelada, se existe a necessidade de sentar para estudar um caso específico, a papelada fica atrasada, o importante é meu aluno não se sentir deixado de lado. A esperança é encontrada e renovada todos os dias durante as aulas.*
- *Raphael – Como esses problemas do cotidiano são discutidos durante as nossas aulas? Qual a relevância e prestígio da EF para a sociedade? Como professores(as), como colaboramos?*
- *Ricardo – Com equidade. Você precisa tratar os diferentes de forma diferente, você não pode tratar todo mundo igual, pois gera desigualdade. Uma sala de aula, por exemplo, é feita de seres desiguais. Às vezes você precisa dar mais atenção para algumas crianças do que para outras, algumas têm mais autonomia, outras menos.*

Quando o professor Ricardo falou sobre equidade, fiquei pensando no que o Tardif (2014) fala sobre esse papel docente de alcançar cada pessoa que constitui o grupo que participa da aula. Tardif (2014, p.145) esclarece isso:

Os ofícios ou profissões de relações humanas apontam para questões de poder, de maneira intrínseca, mas também para problemas de valor, pois seus próprios objetos são seres humanos capazes de emitir juízos de valor e possuem, como seres humanos, direitos e privilégios. Nesse sentido, a dimensão ética não é um elemento periférico nas ocupações e profissões de relações humanas, mas está no próprio cerne do trabalho.

O trabalho com relações humanas apresenta particularidades significativas, o(a) professor(a) sempre estará rodeado(a) por grupos de estudantes repletos de subjetividades e que necessitam ter suas individualidades respeitadas mesmo que imersos em grandes grupos. E “o fato de trabalhar com grupos levanta um problema ético particular, o da equidade do tratamento” (TARDIF, 2014, p. 145). Como desenvolvemos a equidade nas nossas aulas?

Sigamos com as discussões da roda de conversa:

- *Zanatan – Dentro dos contextos culturais é possível trabalhar muitos desses aspectos, fazendo algumas discussões com eles. Mas quando nós falamos desse currículo emancipatório, humanizador, que busca autonomia e esse protagonismo para o aluno, é justamente para a formação desse cidadão capaz de compreender todo o protagonismo. Aí parte das experiências culturais dele, de compreender a comunidade que ele está e como ele intervém nessa realidade.*
- *Tiago – Os problemas sociais envolvem os alunos como um todo, a EF, o professor polivalente, os demais professores. Porque se o aluno não come em casa, vem para escola e se alimenta, mas sempre vai ficar faltando algo. Geralmente quando a criança reproduz algo é porque ela está vivendo e vivenciando de alguma forma (experiência do “João bobo” relatada por Bandura). Eu deixei, acredito, de ser um professor puramente motor na escola, mas sim um professor ouvindo, que tenta refletir o que acontece, de maneira integral, com aquele aluno.*
- *Tiago – Os alunos gostam quando a EF é apenas o movimento pelo movimento, mas quando esse movimento vem cercado de cultura, passa a ter relevância. Talvez eles não percebam agora, só lá no futuro.*
- *Wilkerson – Na educação infantil, os problemas sociais não são deixados de lado, mas não são debatidos diretamente em aula, acontece normalmente em encontro com professores. O reconhecimento da EF, ainda é algo muito subjetivo e, pelo que estou percebendo na rede, varia de escola para escola e professor para professor.*
- *Raphael – Então, é demérito reduzir nossas aulas para o domínio de conteúdo?*
- *Tiago – A EF não pode ser vista só como conteúdo: jogos, brincadeiras, dança, luta, esporte, enfim, ela tem que ser vista também no contexto social. A gente não fala que as crianças se descobrem ao se posicionar, ao se descobrir, ao brincar? Elas não têm esse tempo na escola, elas são massacradas dentro de um sistema que reduz a EF a apenas um conteúdo obrigatório.*
- *Wilkerson – Atualmente estou lecionando na educação infantil entre 03 e 05 anos, então o olhar para eles é um pouco mais delicado, porque muitas vezes não nos mostram o que precisam com palavras. É daí que vem boa parte do planejamento de aulas. Acho que em relação ao tocar vidas, o profissional ao assumir a turma, tem mais que obrigação de buscar o melhor das crianças. Nossos exemplos contribuem sim na transformação do território educacional.*
- *Zanatan – Muitas vezes as pessoas menosprezam, não reconhecem as manifestações do corpo. Quando se fala que na EF só se brinca, eu sempre falei: “como se aprende quando se brinca”. Eles trazem todas as formas de aprender, na maneira conceitual,*

procedimental, atitudinal e, o principal para mim, nas relações que estabelecem no brincar. Nunca foi uma ofensa quando falavam que na EF só se brinca. A gente quer se divertir, quer interagir, quer brincar, quer brigar, quer discutir, quer ganhar, ficar triste com o perder, queremos brincar sem saber quem perdeu ou quem ganhou.

- *Juliana – Eu já vejo como uma ofensa quando eles dizem que as crianças só brincam na minha aula. Porque vem de uma maneira pejorativa: “eles só brincam”. Quantas vezes já ouviram “essa criança não vai brincar na sua aula porque ela está atrapalhando a aula em sala”?*
- *Zanatan – “A criança não vai para a EF porque fez bagunça na sala”.*
- *Juliana – Eu não aceito. É punitivo. Não recebo tão bem como o Zanatan.*
- *Raphael – E você professor Ricardo, como é para você?*
- *Ricardo – Não tem cabimento admitir esse tipo de comparação, tentando desmerecer a nossa aula. Acredito que os professores que fazem isso é porque tiveram alguma frustração na formação deles. Nossas intervenções precisam ser pontuais. Você faz uma roda de conversa, com crianças de 2 anos e todos escutam, participam, é uma maravilha! Teve um dia que eu não fui e a professora gravou uma criança “dando aula” para outras. Ele falou: “Agora vocês peguem os pneus e coloquem no lugar!” Uma menina falou para ele: “O professor Ricardo não faz isso com a gente, ele ajuda a turma a guardar os brinquedos”. Fiquei feliz por ser um valor que ficou marcado para aquela aluna. Eles vão sempre copiar aquilo que a gente faz, eles são muito atentos, precisamos ensinar o bem.*
- *Raphael – Temos uma geração competitiva, discriminatória e intolerante com o que é diferente?*
- *Wilkerson – Temos uma geração bem diversificada, onde existem os com as descrições acima e os que brigam por causas, que acreditam e que respeitam. Uma das coisas que mais gosto como professor é, ao invés de reparar nos problemas corriqueiros da profissão, dar mais valor e atenção às potencialidades dos discentes.*
- *Tiago – Não é uma geração competitiva, mas discriminatória e intolerante. Como se as pessoas não pudessem errar, tivessem que fazer “certo” pela ótica de quem julga o erro. E com isso, acaba acontecendo a discriminação.*
- *Juliana – Tem criança que é má, mas eu ainda acho que a pureza prevalece, quem tem é construído pelo adulto.*
- *Zanatan – É como ouvimos falar da geração “mi-mi-mi”, que na minha opinião é uma geração forte, que não permite ser xingada, ser chamada de outros nomes, que diz chega e que não vão fazer piada com ela. Que diz que não vão chamar de “traveco” a*

travesti, que fala que não vai tolerar piada com o preto, que não vai fazer piada com o gay, essa é a geração que teve coragem de fazer muitas coisas que nós não tivemos, de levantar e falar que isso machuca, maltrata, magoa.

- *Ricardo – Quando você chega numa criança de 3 anos e ela já sabe escolher entre o azul e o rosa, as ações vão se afirmando pelo lado negativo. A educação deveria ser prioridade. Já teve mãe que deu o nome três vezes para levar doação de cesta básica. A escola, o posto de saúde, tinha que ser um lugar que quando você entrasse, tinha que limpar o pé. A educação tinha que causar um impacto igual quando você está na CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos] e chega no metrô, você percebe a diferença. A criança tinha que ter o mesmo impacto na escola, ter tudo do bom e do melhor.*
- *Raphael – Como a formação continuada, dentro desse processo de humanização e de estudos da nossa realidade, pode nos ajudar a discutir e refletir criticamente sobre tudo que partilhamos até aqui?*
- *Tiago – A formação continuada é essencial para o professor que quer. Se você quer, os horizontes abrem e a construção vira um processo contínuo.*
- *Wilkerson – A prática docente só vai melhorar, se o professor quiser.*
- *Zanatan – É a minha formação como ser humano, é preciso estar aberto, é fundamental que você queira. Eu fui mudando aos poucos. As pessoas que conhecemos também influenciam. Não só de ler isso aqui, de refletir sobre tudo o que acontece no mundo, nas escolas, sobre o que os autores dizem, sobre o que os cientistas estudam, sobre os livros que eu leio, os filmes que assisto...*
- *Juliana – Eu concordo, a formação deve fazer parte da nossa vida, não se resumindo a se formar na teoria, mas compartilhar, abraçar, pedir ajuda, trocar figurinha.*
- *Ricardo – A formação é muito importante, como ser humano você está em construção sempre, então você tem que buscar trocar com os colegas de trabalho e com as crianças, entrar no mundo delas.*

No memorial da professora Alessandra Sagredo, citado anteriormente, ela diz que, quando concluiu a graduação, a acomodação veio em seguida porque “acreditava ter dado um grande salto qualitativo em minha prática pedagógica, podendo, no momento, descansar na proposta” (BRACHT, 2019, p. 192). Ela afirma, ainda que, logo depois, com o surgimento das angústias e dúvidas, começou a questionar a própria prática porque não contemplava suas próprias potencialidades e as dos(as) estudantes.

- *Raphael – A pesquisa fez sentido para vocês, ajudou com suas autorreflexões? Eu tratei vocês de maneira humanizada?*

- *Juliana – Para mim, com certeza. E até a enxergar coisas que estavam apagadinhas, começamos a reviver aquilo e pensar sobre.*
- *Zanatan – Para mim fez muito sentido, foi me ajudando a enxergar de forma diferente. E a refletir muito sobre a minha prática, acho importantíssimo cada um dos momentos. A forma como você conversava com a gente, a maneira de tratar, de respeitar os momentos de emoções, se emocionar junto. Eu fazia essas atividades com o Raphael e depois ficava refletindo sobre um monte de coisa que aconteceu, sobre as minhas atitudes.*
- *Ricardo – O que eles falaram aí foi a pura verdade, foi realmente uma troca, deu para aprender bastante. Tudo na vida é oportunidade!*

A roda de conversa foi um dia esperado e especial. Saber que mesmo diante das rotinas apertadas conseguimos nos encontrar e conversar sobre educação, EF, vida, experiências, me emocionou profundamente, porque sei que o trabalho docente é cansativo. Espero que toda produção junto com os(a) professores(a) renda bons frutos de humanização para a sociedade.

Abraço fraterno

Professor, Raphael Cutis.

A seguir, sigo a pesquisa com uma carta destinada ao racismo, uma das lacunas da minha história de vida. É uma carta que tinha tudo para ser de sofrimento e dores (estão presentes nos escritos), por ser reflexo da nossa sociedade atual. Mas existem três objetivos principais para as reflexões que faço na carta 13: 1 – provar que é possível superar o racismo; 2 – incentivar outras pessoas a encontrarem as possibilidades de lutar e superar suas lacunas; e 3 – introduzir aquilo que pretendo que seja meu objeto de pesquisa durante o doutorado: o diálogo com pessoas negras sobre o papel da educação nas suas histórias de vida.

Se você é uma pessoa negra, certamente se identificará com muito do que escrevi na próxima carta. Se você não é uma pessoa negra, espero, com essa carta, te aproximar um pouco mais da nossa realidade e convidar para a luta antirracista diária.

CARTA 13

AO RACISMO - SOBRE A POSSIBILIDADE DE SUPERÁ-LO

Fitei a nova companheira de infortúnio. Ela olhava a favela, suas lamas e suas crianças paupérrimas. Foi o olhar mais triste que eu já presenciei. [...] Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais (JESUS, 2014, p.46).

Apesar das misérias vivenciadas ao longo da minha história de vida, posso dizer que tenho aprendido a viver o mundo de maneira diferente, especialmente após esta investigação. Ser negro no Brasil, muitas vezes significa não sonhar com o sucesso nos estudos. Ingressar no mestrado potencializou o que acredito, minha maneira de manifestar e hoje sei que posso ir até onde meus sonhos puderem alcançar. Aprendi que a humanização passa pelo entendimento do lugar que ocupamos no mundo.

Enquanto (re)visitava minha história de vida e os desafios superados até chegar o momento da escrita desta dissertação, decidi escrever essa carta pois acredito que a narrativa das experiências vivenciadas ajudará outras pessoas negras a confiarem que é possível superar as barreiras impostas e alcançarem seus objetivos com os estudos, caso seja uma vontade. Apesar de se entrecruzar, considero importante destacar cada caminho.

Ter optado pelas vagas destinadas aos(as) negros(as) por meio das cotas é um disparador importante. Descobri que não foi o fato de ser negro e a opção pelas cotas que contribuiu para minha aprovação, foi a relevância da minha pesquisa e meu desempenho durante o processo de seleção. Essa escolha está carregada de histórias pessoais e de uma sociedade negra que sofre, ainda hoje, com o racismo estrutural e sua herança.

Inspirado por minha orientadora, resolvi “enegrecer minha pesquisa” e refletir sobre algo que tanto influenciou minha história de vida, que faz parte do meu cotidiano e que serve de combustível para pensar no meu projeto de doutorado, para o qual vou me esforçar para ingressar tão logo defenda minhas reflexões no mestrado. A intenção é dialogar com autores(as) negros(as) e com as histórias de vida de negros e negras que fizeram parte da minha vida. Quero entender como foram os diálogos durante o processo educacional, se a educação e as aulas de EF fizeram diferença na vida deles(as) e, especificamente para os(as) que se tornaram professores(as), de que maneira contribuem para que o racismo seja superado e para que negros(as) alcancem seus objetivos educacionais e profissionais.

Para refletir sobre ser negro(a) e racismo, me aproximei dos escritos da professora Nilma Lino Gomes e suas considerações sobre movimento negro, educação e lutas de emancipação.

São Paulo, entre agosto de 2022 e abril de 2023.

Racismo,

São tantas as experiências desagradáveis vivenciadas contigo, das maneiras mais discretas até as que colocaram minha vida em risco, que desde o primeiro momento que decidi escrever esta carta, não param de surgir memórias negativas dessas experiências.

Esta é uma carta de superação, com reflexões sobre as lutas negras ao longo da história e sobre como podemos fazer para que um dia você não exista. Infelizmente, antes de iniciar tais considerações, é importante registrar parte do que já aconteceu e acontece comigo e com os sujeitos desta pesquisa na sociedade. Racismo você não é, não pode ser e não será o protagonista desta carta, minha intenção é provar que você pode ser superado!

Começo falando do meu cabelo. Durante mais de 30 anos alimentei o hábito de ser careca. Em 2019 escolhi deixar meu cabelo crescer, como sinal de reconhecimento da minha negritude e por me sentir mais natural e bonito. Meu *Black Power* é incrível, me representa, está carregado de significados, de história, de ancestralidade, ele é a afirmação da minha negritude! Tal e qual o Black Power de Tayó, no livro “O mundo no Black Power de Tayó” de Kiusam de Olivera.

Infelizmente, como me vejo, não impede ações carregadas pela herança racista da sociedade. Apenas dois exemplos: 1 - em um encontro com amigos e parentes, enquanto todos brincavam na piscina, optei por ficar observando e lendo. Um parente saiu da água para ter a infeliz manifestação “bora para piscina Rapha, está todo mundo apostando para saber se seu cabelo entra água ou não...” Quem são as pessoas que escutam esse tipo de manifestação? Por quê? 2 - No auge da pandemia, uma colega de trabalho, durante o expediente comenta “gente, saiu um estudo dizendo que existe a possibilidade de o vírus ficar um período no cabelo. Raphael, você não vai cortar o seu?” Espantado, só falei que seria importante nos informarmos melhor e que se fosse real, precisaríamos de uma sociedade com pessoas carecas nos dias seguintes. Talvez deveria ter acrescentado a necessidade de estudarmos sobre racismo. Meu sentimento não está sozinho, Gomes (2003, p.173) diz que “no processo de construção da identidade, o corpo pode ser considerado como um suporte da identidade negra e o cabelo crespo como um forte ícone identitário”. “Quantas vezes não ouvimos frases como ‘por que você não penteia esse cabelo pixaim?’” Ela reforça que o cabelo tem importância para como nós, negros(as), nos vemos e somos vistos nos diferentes meios

em que sociabilizamos: “a família, as amizades, as relações afetivo-sexuais, o trabalho e a escola”. O cabelo é uma marca identitária negra (GOMES, 2003, p.173).

Gomes (2003, p.171) ainda considera que a identidade negra geralmente tem seu processo iniciado na família e se desdobra a partir dessas relações, ou seja, é um processo múltiplo e que está intimamente ligado com as relações que estabelecemos com o outro. “A identidade negra é entendida como uma construção social, histórica, cultural e plural”.

Nossa liberdade está cada vez menor, vivemos acelerados, se estamos na rua precisamos de atenção redobrada, o medo nos toma conta. Infelizmente, como homem preto, vivo situações constrangedoras diante dessa realidade. Trabalho no período da noite e meu deslocamento é de bicicleta ou a pé, é muito comum que uma pessoa sozinha que se depara comigo, acelere o passo, mude de direção ou o lado da calçada. Recentemente, no intervalo de trabalho, sai para lanche e atravessei a rua junto com uma mulher branca que ia um pouco à frente, a rua estava escura. Quando ela me viu próximo, saiu da calçada que estávamos e foi para o outro lado, dois quarteirões à frente, a mulher entrou no mesmo estabelecimento que eu estava pedindo meu lanche e me restou falar: “triste vivermos com medo, não é mesmo?” Não cabiam discussões, pelo silêncio e olhar daquela mulher, espero ter ajudado com suas reflexões.

Recentemente foi vinculado nos telejornais de São Paulo o caso de três jovens negros, que foram ao cinema e enquanto passeavam pelas lojas do shopping de classe alta da cidade foram perseguidos por um segurança. Em um vídeo de 2 minutos, feito pelos próprios adolescentes, o segurança aparece 7 vezes em diferentes pontos do estabelecimento, o que caracteriza a perseguição. A mãe de um desses jovens disse que serem pretos foi determinante para o acontecimento, o pai de outro disse que são 51 anos que ele passa por isso e que não deixaria acontecer com o filho, denunciou em julho de 2022.

Ao assistir essa reportagem, chorei, meu coração se entristeceu, (re)vivenciei momentos similares que passei no mesmo local. Em uma dessas ocasiões, fui até uma loja de joias buscar uma encomenda que havíamos feito para minha afilhada, além do constrangimento de ficar quase uma hora no balcão até ser atendido, de ter que justificar uma série de questões para pegar a encomenda feita pela internet, passei todo tempo sendo observado por três seguranças que se colocaram “discretamente” na porta da loja e me “escoltaram” até a saída do shopping. Triste realidade.

Morei em um bairro central, próximo do local onde está o shopping em questão. Já tinha pelo menos um ano que minha família morava ali e em uma ocasião, dividi o elevador com uma elegante senhora com quem nunca tinha me encontrado. Nos poucos segundos até o *hall* do prédio, ouvi as seguintes perguntas: “*quem está de férias da portaria? Teve algum*

problema no terceiro andar?” No primeiro momento eu não entendi e só respondi, “eu não sei o que aconteceu senhora”. Já no *hall* do prédio, essa senhora saudou o porteiro (negro como eu) e o porteiro me saudou dizendo “*boa tarde, seu Raphael!*” Só nesse momento, diante da incredulidade daquela elegante senhora branca, as perguntas fizeram sentido. É racismo, você está presente até nas mais simples perguntas do cotidiano!

Partilhei algumas experiências com a professora Juliana e no primeiro momento ela teve a seguinte reação: *Por quê? Que loucura! Nossa! Para falar a verdade eu nunca tinha vivenciado isso. Pensava ser coisa de filme. Eu não conhecia sobre racismo. Porque assim, eu sempre tive amigos negros, minha filha biológica é de pai negro, os outros três são morenos (mestiços), então isso sempre fez parte do meu cotidiano. O Zanatan certa vez me falou: ‘até parece que não existe racismo. Você acha que não existe porque você não é (negra)’. Ai que eu fui parar e prestar mais atenção. É inacreditável que em pleno século XXI ainda exista algo assim. Essa questão de apanhar deve ser difícil, complicado né?*

Eu falei para a professora Juliana que de fato é delicado, dói literalmente e que acredite nos valores que ela tem proporcionado aos filhos. Que é importante permitir as relações, que eles, por serem negros, vão encarar situações que ela desconhece e que perceberá quando algo diferente estiver acontecendo.

A professora Juliana ainda me falou que a filha dela foi transferida de escola porque implicaram com o cabelo dela, ela falou: *As crianças fizeram um vídeo, filmando-a e falando sobre os cabelos dela de maneira bem pejorativa, mesmo o cabelo dela sendo bem cuidado, estando arrumadinho. Foi muito feio! E conseguimos fazer a transferência dela, mas veja o nível de maldade. Crianças!* Veja em que lugar chegamos, uma criança precisou trocar de escola por conta do seu cabelo crespo. Triste cenário social, precisamos preparar as crianças para não vivenciarem por sofrimentos similares, entendam seu lugar na sociedade, saibam escolher com quem andam e o que defendem socialmente.

Seria tão mais valioso se essas crianças tivessem a oportunidade de discutir sobre os males que você, racismo, causa. A transferência de escola da filha da professora Juliana foi apenas mais um gesto de silêncio e que se faz tão presente no nosso cotidiano. Veja o que Gomes (2012b, p. 104-105) diz sobre o silêncio presente na escola

Na escola, no currículo e na sala de aula, convivem de maneira tensa valores, ideologias, símbolos, interpretações, vivências e preconceitos. Nesse contexto, a discriminação racial se faz presente como fator de seletividade na instituição escolar e o silêncio é um dos rituais pedagógicos por meio do qual ela se expressa. Não se pode confundir esse silêncio com o desconhecimento sobre o assunto ou a sua invisibilidade. É preciso colocá-lo no contexto do racismo ambíguo brasileiro e do mito da democracia racial e sua expressão na realidade social e escolar. O silêncio diz de algo que se sabe, mas não se quer falar ou é impedido de falar. No que se refere à questão racial, há que

se perguntar: por que não se fala? Em que paradigmas curriculares a escola brasileira se pauta a ponto de “não poder falar” sobre a questão racial? E quando se fala? O que, como e quando se fala? O que se omite ao falar?

Supermercado é outro tipo de lugar difícil para um(a) negro(a) circular naturalmente, inclusive com o constante acompanhamento dos seguranças. Teve uma ocasião que uma senhora veio tirar uma dúvida comigo sobre o preço de um produto, falei que não sabia e ouvi este comentário: *“Esse mercado só contrata gente incompetente, como você não sabe o preço do produto?”* Eu falei *“porque é um produto que não estou acostumado a comprar, não sei se a senhora percebeu, mas não trabalho aqui, sou cliente como a senhora”*. É racismo, graças a sua existência, a cor da nossa pele virou uniforme, sinônimo de eterna serventia para uma classe/raça que se diz superior.

Esses são exemplos das diferentes formas que você, racismo, se manifesta na minha vida e de outros(as) negros(as) pelo mundo. Optei por escolher momentos em que você, covardemente, se camuflou, quero contribuir com reflexões antirracistas. Você aparece assim ou em formas agressivas, como com ofensas verbais ou pelas truculentas abordagens policiais. Eu já perdi a conta de quantas vezes fui abordado pela polícia querendo saber de onde venho e para onde vou, em algumas dessas vezes fui agredido, pelo simples fato de ter a pele negra e fazer parte da estatística violência nacional. Estou vivo, porém ao observar o histórico atual relacionado com as abordagens policiais, posso dizer que tive sorte pela quantidade de vezes que fiquei na mira de uma arma policial.

O professor Ricardo é uma pessoa de cor branca, antes de ser professor de EF na educação infantil, foi militar e na nossa conversa do dia 28 de fevereiro ele disse assim:

A gente praticamente não tem como não lidar com a violência. Uma das coisas que me sinto orgulhoso (talvez a palavra “orgulho” não seja a mais apropriada, mais adequada), que mais me dá satisfação, mais me dá uma identidade tremenda, é o fato de ter trabalhado, ter tido uma carreira e nunca ter tirado a vida de ninguém, nunca ter agredido ninguém de forma voluntária.

Eu não consigo mensurar como essa fala me tocou. Enquanto ele falava só passava na minha cabeça as incontáveis vezes que apanhei de um policial. Agradei a decisão dele de, ao longo dos 30 anos de serviço militar, nunca ter batido ou maltratado outra pessoa. Disse para ele que sou privilegiado por estar vivo e que foram muitos os colegas de infância que perderam a vida em decorrência de suas escolhas e conflitos com a polícia. O fato dele enxergar seres humanos antes dos atos que, talvez, nem tenham cometido. Esse simples fato da história de vida do professor Ricardo, já fez valer a minha pesquisa, no sentido de que é possível realizar gestos de humanização independente do lugar que estamos ou da função que exercemos. Gestos como o dele honrou muitas vidas negras.

O professor Ricardo ainda disse:

Assim, você não tem que me agradecer nada. Eu acho que eu fiz a minha obrigação, acho que hoje eu não posso esquecer da minha origem, se a nossa cor é diferente, a nossa origem não é, somos seres humanos. Então não tem como julgar as pessoas pela cor da pele, tenho certeza disso.

O professor Zanatan é negro, em uma das nossas conversas discutíamos sobre o abismo que existe, para nós negros, entre a educação básica e o ensino superior. Eu perguntei para ele se para a pessoa negra, acessar a universidade é algo palpável, se de fato existe um abismo que deixa o acesso mais difícil. Ele respondeu assim:

Existe sim esse abismo. Quando entrei na universidade, não sofri racismo. Na sala nós éramos quatro pretos, mas não tive professor preto durante toda a minha graduação. E aí entra a questão que chamo de referência, de se enxergar no outro. Eu não tinha referência, eu tinha incentivos da minha mãe e da minha esposa, você se sente importante. Na minha família nós não tínhamos ninguém com essa ascensão por meio da educação.

O meu pai falava muito da questão do emprego, da necessidade de trabalhar. Tinha algo que ele fazia, que só depois de muito tempo eu percebi: Quando eu ia sair de casa, ele falava assim “cuidado! Saia com sua carteira de trabalho ou holerite”. Eu nunca tinha parado para pensar até o dia que a polícia me parou e me perguntaram o que eu fazia. Eu disse “eu trabalho” e eles me revistando encontraram a carteira de trabalho. Com um tempo eu fui entendendo que, um cara da minha cor, vai ser parado muitas vezes. Na época, eu só obedecia. E meu pai fazia a mesma coisa, só saia com a carteira e o holerite. Houve um dia que a polícia parou ele e eu, a primeira coisa que meu pai falou foi “eu sou trabalhador, tem holerite na minha carteira”.

Gomes (2012a, p.729-730) sinaliza que “a discussão sobre a raça no Brasil não é isolada, está articulada com questões históricas, sociais, culturais, políticas e econômicas mais amplas”. Os traços fenotípicos estão associados ao processo de dominação social.

Ela reforça que, de acordo com Guimarães (2003, p.96 apud GOMES, 2012a, p.730):

“‘raças’ são efeitos de discursos; fazem parte desses discursos sobre origem” e que “raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo.

Percebe por que não podemos potencializar sua presença nas nossas histórias de vida? Você, racismo, nos maltrata, nos reprime, nos ofende, faz com que tornemos naturais os gestos de opressão da nossa raça, da nossa cor. Eu sofri muito ao longo das minhas

experiências, depois de tudo que vivi, do que superei, sei que é possível valorizar mais as coisas boas que vivi e conquistei, do que as mazelas do cotidiano relacionadas a minha raça.

Hoje eu escrevo para que todos(as) os(as) negros(as) que ainda não sabem do seu potencial, que não sabem se defender das ações preconceituosas que vivem diariamente, nos diferentes espaços sociais, consigam transformar suas memórias negativas vivenciadas com o racismo em força, maturidade e consciência racial, para que juntos possamos gritar mais alto contra toda violência racial que possa existir (GOMES, 2003).

Até pouco tempo atrás, eu vivia lamentando o que sofri por ser negro, o primeiro passo para a mudança de postura foi ter contato com os escritos da professora Nilma Lino Gomes sobre o Movimento Negro educador, pois ele “ressignifica e politiza afirmativamente a ideia de raça, entendendo-a como potência de emancipação e não como uma regulação conservadora” (GOMES, 2012a, p.731). Ao me aproximar dessas indagações, pude observar a história e a minha própria história de vida de maneira diferente, perceber como o racismo brasileiro opera e faz as suas vítimas.

Gomes (2012a, p.731) complementa:

Ao politizar a raça, esse movimento social desvela a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e conhecimentos; retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial.

Junto com Domingues (2007, p.102) e com Silvério (2002), Gomes (2012a, p.733-734) reforça que:

O movimento negro é entendido como a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Alertou a sociedade e o Estado para o fato de que a desigualdade que atinge a população negra brasileira não é somente herança de um passado escravista, mas, sim, um fenômeno mais complexo e multicausal, um produto de uma trama complexa entre o plano econômico, político e cultural.

Sempre estudei em escola pública. Quando terminei o ensino médio, até passava pela minha cabeça a possibilidade de um dia cursar o ensino superior, no primeiro momento eu só queria continuar o ciclo comum para minha família: trabalhar. Na verdade, eu não sabia reconhecer que a educação era minha maior possibilidade de ascensão social, uma maneira de lutar contra toda e qualquer forma de discriminação. Indiretamente eu não me reconhecia como cidadão de direitos iguais, me via como inferior, destinado a trabalhar arduamente para meu sustento e sobrevivência.

Felizmente, graças ao meu pai - Sr. Adilson Neves Dias - a chave mudou, fui em busca do meu direito à educação, fiz o vestibular e ingressei no ensino superior, em Vitória-ES. Estudava no período da noite e durante o dia trabalhava para pagar a faculdade, isso aconteceu durante três semestres, até que consegui uma bolsa e segui o curso com tranquilidade, focado apenas nos estudos sem a preocupação de não ter o dinheiro para a mensalidade. Não interrompi meu trabalho. Assim como o professor Zanatan, eu tive colegas negros(as) nessa primeira faculdade e precisei me esforçar muito para lembrar de professores(as) negros(as).

Em São Paulo, cursei outra graduação, já estava casado e precisei parar com todos os compromissos profissionais para cumprir as exigências da instituição para as adaptações de disciplinas e evitar pagar os valores cobrados para quem fazia fora do prazo estipulado. As reservas financeiras e o trabalho da minha esposa foram a segurança para concluir o curso. Durante essa graduação eu tive contato com poucos(as) colegas negros(as), o acesso parecia ainda mais difícil. Me recordo de apenas dois professores negros, algo diferente e que me motivou a acreditar ser possível ir adiante.

As especializações que fiz me apresentaram novos horizontes no campo acadêmico e profissional. Me recordo de ter encontrado estudantes e professores(as) negros(as), me deparei com uma realidade extremamente difícil, delicada, sensível em uma delas. Estudei metodologias ativas na docência do ensino superior em um curso de medicina, o único profissional de EF presente era eu e, no universo de 40 pessoas, só havia mais uma pessoa negra. Foi um desafio ocupar o mesmo espaço que um grupo de pessoas que estudaram medicina e se consideram “superiores”. Enfim, apesar das barreiras sociais, eu consegui provar minhas capacidades, honrei a minha história e concluí a especialização.

Tentei ingressar em mestrados, tive uma experiência frustrante numa universidade pública, promessas de bolsa em instituições particulares que não se efetivaram. Não perdi a esperança, sabia (e sei) do meu potencial, o triste é que devem existir milhares de jovens negros(as) pelo país, que não sabem desse direito à educação. Precisamos democratizar o acesso ao ensino superior, porque assim termos nos espaços de educação

[...]Sujeitos antes invisibilizados ou desconsiderados como sujeitos de conhecimento. Eles chegam com os seus conhecimentos, demandas políticas, valores, corporeidade, condições de vida, sofrimentos e vitórias. Questionam nossos currículos colonizados e colonizadores e exigem propostas emancipatórias. (GOMES, 2012b, p.99)

Sabe racismo, eu poderia detalhar experiências negativas que vivenciei durante a minha vida de estudante, acontece que esse breve relato é para provar que é possível te superar, afinal, esse homem preto, vindo da periferia conseguiu! Eu não só superei o ciclo

vicioso da minha família após concluir o ensino médio ao ingressar na universidade e concluir o curso superior, eu provei que não é a minha origem, a cor da minha pele que vai me limitar. Não sei se percebeu: duas graduações, três especializações, vou concluir o mestrado numa instituição pública de reconhecimento internacional e posso chegar em qualquer lugar que eu sonho, como estudante e como ser humano!

Ser resistência faz parte da história do(a) negro(a), nossas dores são combustível para superar nosso cotidiano de pobreza, as dificuldades oriundas da educação da escola pública, pois nossos saberes no legitimam nos espaços de conhecimento (GOMES, 2021).

Minha inscrição para o processo seletivo de mestrado como cotista é fruto da Lei 12.711/12 (Lei de Cotas Sociorraciais nas Instituições Federais de Ensino Superior), que está completando 10 anos em 2022. Gomes (2021) esclarece a grandeza dessa conquista para a raça negra superar desigualdades históricas e para sociedade ressignificar muitas concepções relacionadas a educação e ao(a) negro(a).

As desigualdades raciais passam a fazer parte do debate político nacional, surge a necessidade de contemplar a justiça social e a diversidade, algo que “ficará marcado na história do Movimento Negro Brasileiro e na história social, política e educacional do país” (GOMES, 2021, p.85). As cotas raciais se tornaram realidade nas universidades públicas e garantiu igualdade de oportunidades, um caminho promissor para a justiça cognitiva.

Não é possível manter argumentações contrárias às cotas raciais, pois são maneiras “perversas de perpetuar a exclusão histórica de muitos e manter os privilégios de poucos” (GOMES, 2021, p.85). No início diziam que a qualidade das universidades cairia, que com as cotas entraram “estudantes sem competência para compreender o conhecimento científico” (GOMES, 2021, p.86). Me recordo quando falei que havia feito a inscrição pelo sistema de cotas, meu pai (que é negro) falou: “*Por quê? Você é tão inteligente!*” Eu decidi não discutir, simplesmente falei ser direito e reconhecimento histórico. Porque na verdade quando o meu pai (e tantas outras pessoas) diz que sou “inteligente” está dizendo que os cotistas são vistos como “incompetentes, incapazes, sem capacidade cognitiva e emocional”. Sendo que na realidade a sociedade precisa enxergar que somos todos humanos, “sujeitos de direitos e de conhecimento ainda não reconhecidos pelas concepções hegemônicas de humanidade, cidadania e ciência” (GOMES, 2021, p.91).

De acordo com Gomes (2021, p.89):

As pesquisas oficiais e acadêmicas têm comprovado que o desempenho escolar dos estudantes cotistas nas universidades tem sido igual ou melhor do que os não cotistas. Ou seja, negras e negros são produtores de conhecimento e têm o direito de estar nos lugares de conhecimento. [...] Esse é um aprendizado recente da sociedade, do jurídico, da academia e do Estado brasileiro.

Quer indício maior que esse, racismo? Faz sentido os argumentos anti-cotas? E digo mais, negros e negras que são professores(as) e estudantes presentes no ensino superior por direito, estão resgatando nossa história, nossos escritos, estão produzindo conhecimento e batalhando para que sejamos cada vez mais reconhecidos pelo que somos (GOMES, 2021). E eu espero fazer parte desse movimento de transformação. Racismo, nós vamos te superar!

Ainda estou no início da minha jornada de autoconhecimento e de luta, enalteço os que fizeram por nós, negros(as), até chegarmos no ponto atual. Caso da Frente Negra Brasileira que promoveu a educação e o entretenimento de seus membros, criou escolas, cursos para alfabetizar crianças, jovens e adultos, integrou o povo negro na vida social, política e cultural, denunciou as formas de discriminação racial existentes na sociedade brasileira daquele período (GOMES, 2012).

Quero recordar “o Teatro Experimental do Negro (1944-1968) que nasceu para contestar a discriminação racial, formar atores e dramaturgos negros e resgatar a herança africana na sua expressão brasileira” e o Movimento Negro Unificado, que talvez seja o principal responsável pela formação de uma geração de intelectuais negros que se tornaram referência acadêmica na pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil (GOMES, 2012a, p.737-738).

Gomes (2021, p.96) diz que “na escravidão, o corpo era importante, mas como não humano, como força de trabalho e como coisa”. E é muito comum, ainda hoje, que vejamos o(a) negro(a) exercendo funções que exigem maior desempenho físico nas suas profissões, muitas vezes sem a necessidade de estudos formais, apenas do conhecimento prático. “O corpo negro pode nos falar de processos emancipatórios e libertadores, assim como reguladores e opressores” (GOMES, 2021, p.93). Como humanizar os corpos negros?

Na minha infância e adolescência fui catador de alumínio, vendedor de picolé, vendedor/entregador de botijão de gás, auxiliar de pedreiro, entregador de panfleto. Em comum, o corpo em movimento debaixo do sol quente ou da chuva, exercendo força ou velocidade. Depois tive a oportunidade de auxiliar meu pai no escritório de contabilidade dele, nesse espaço aprendi como lidar com pessoas e ajudá-los a solucionar problemas. Em comum com as outras funções: o empreendedorismo e o trabalho como apoio às necessidades pessoais e da família.

Durante anos, nas férias e feriados, fui recreador em um Camping, junto com amigos(as), das 6h às 23h, desenvolvemos atividades com público de todas as idades. Em uma dessas temporadas, no final do dia, meu coordenador veio com o envelopinho que o dono do camping costumava entregar com nosso pagamento, me abraçou chorando e falou

que o dono do camping havia pedido para eu ir embora no dia seguinte. Eu era o único negro da equipe, nunca ficou claro se foi decisão do dono ou se foi algum(a) campista que não queria um negro conduzindo as atividades no camping. Nunca mais voltei naquele lugar, tenho consciência que minhas ações fizeram diferença na vida de muitas pessoas que por lá passaram e que o racismo oculto na decisão não limitou minha travessia até aqui.

Tive a oportunidade de estagiar na Câmara Municipal de Vitória-ES, fui secretário executivo do escritório regional(estadual) dos Escoteiros do Brasil no Espírito Santo, fui subchefe do administrativo da Secretaria Municipal de Assistência Social de Cariacica-ES até me tornar, definitivamente, educador-professor.

Atuei em diferentes instituições sociais e escolas do ES, RJ, SP e em Angola. Contribuí para a promoção de saúde, em atendimentos individuais, dezenas de pessoas de diferentes classes sociais. Tive a oportunidade de ser professor facilitador em um curso de medicina.

Hoje sou gestor de eventos esportivos (depois de ter sido promovido do cargo de educador em atividades físico-esportivas) no SESC São Paulo, neste espaço posso colocar meus conhecimentos à disposição das mais diversas pessoas, de diferentes formas, sempre de maneira respeitosa e humanizada. Tenho muitos(as) colegas negros(as) que atuam na instituição, que pensa a diversidade de maneira muito significativa. No último processo seletivo que fizemos para escolha de estagiários(as) (2020), me chamou a atenção que a maioria dos(as) candidatos(as) negros(as) com quem conversei, se sentiam motivados(as) e representados(as) por visualizarem negros(as) atuando em funções importantes, reforçavam que o simples fato da nossa presença ali, já os(as) encorajava a correr atrás dos sonhos profissionais e isso nos fez muito bem.

Esse retrato da minha história de vida, serve para te provar racismo, que não é por conta das heranças que carregamos nos nossos corpos negros, que não poderemos chegar e atuar em diferentes pontos profissionais e ser referência para quem tem sonhado com dias melhores. É um árduo processo de desconstrução, possível de superar!

Infelizmente no passado “embora libertos, negras e negros livres foram entregues à própria sorte. Naquele contexto, era quase impossível sobreviver sem trabalho” e “muitos libertos tiveram que se submeter a uma situação de vida análoga à escravidão” (GOMES, 2021, p.102). Ainda hoje é comum encontrarmos casos similares de negros(as) que lutam diariamente por sua sobrevivência, que não sabem dos seus direitos e que sentem nos próprios corpos essa desumanização através do trabalho.

O Movimento Negro vem ganhando espaço no debate público sobre as ações afirmativas no mercado de trabalho. Os casos de desigualdades do mercado de trabalho e o

desemprego que atinge o povo brasileiro são pontos de atenção. É necessário se fazer conhecer os direitos básicos de cidadania, o nível de pobreza do povo negro é enorme e “as políticas universais não conseguem contemplar a raça da maneira como esta necessita” (GOMES, 2021, p.112).

Além de todo o processo educacional que tenho passado ao longo da vida e das oportunidades profissionais que o acesso à educação me proporcionou. Minha base familiar, reforçada pela ação das instituições de educação não formal na minha vida: igreja, ONGs, Movimento Escoteiro, esporte, foram pontos fundamentais na minha formação humana. Acredito que essa seja uma possibilidade presente na vida de muitos(as) jovens negros(as) moradores da periferia e que precisa ser mais bem propagada, porque nos impulsiona!

Esses espaços desempenham papel importante, muitas vezes não são percebidos como “significativos por aqueles que a eles não têm acesso” (GOMES, 2003, p.170). A educação é um amplo processo da nossa humanização e se faz “presente nos mais diversos espaços sociais: na família, na comunidade, no trabalho, nas ações coletivas, nos grupos culturais, nos movimentos sociais, na escola” (GOMES, 2003, p.179), eu sou prova viva disso.

Imerso em um cenário social conturbado, de violência presente no cotidiano, tive na minha família o refúgio que me salvou das piores consequências daquele ambiente. Primeiro porque nosso lar era espaço de presença, de segurança, de educação. Depois porque meu pai e minha mãe sempre me estimularam a ter e viver a Fé, a confiar e acreditar em Jesus Cristo. Faz parte desse processo o estímulo constante aos estudos e a inserção, minha e do meu irmão, em espaços sociais que fizeram diferença na nossa história.

Eu frequentei o Centro de Orientação Social, ONG presente no nosso bairro, foi lá que aprendi a fazer picolé para vender e ter uma renda extra, aprendi datilografia e computação, técnicas de teatro, de canto e de oratória. Aprendi a fazer quitutes no curso de culinária e a pintar tecidos. Entre essas e tantas outras oportunidades que esse espaço me proporcionou, nesse ambiente conheci e vivenciei duas atividades que modificaram minha história de vida: Movimento Escoteiro e o karatê. Posso dizer que foi a partir das minhas experiências com essas atividades durante minha juventude que todas as vivências da vida adulta se desencadearam.

O karatê, que no início era apenas “mais uma atividade” na ONG, se tornou coisa séria, me levou para diferentes lugares e competições, ajudou a lapidar minha personalidade, a maneira como vejo o mundo e o respeito ao outro. Disciplina, confiança, paciência e respeito foram valores que desenvolvi ao longo de mais de 28 anos de prática.

Sobre o Movimento Escoteiro eu sou suspeito para falar, antes de testemunhar seus valores, recomendo fortemente, que todas as pessoas tenham a oportunidade de conhecer, seja por meio do site dos Escoteiros no Brasil (escoteiros.org.br), seja descobrindo qual o grupo escoteiro mais próximo para ir até lá sanar dúvidas, conhecer e vivenciar.

O Escotismo é um movimento voluntário de jovens apoiados por adultos, responsável por me ajudar (e milhões de jovens pelo mundo) a assumir meu desenvolvimento por meio de diferentes atividades na comunidade de origem e em tantos outros lugares por onde passei. Ajudou na tomada de decisão por tornar meu entorno melhor e mais humano, com base em seis dimensões de desenvolvimento: social, espiritual, afetiva, físico, intelectual, espiritual e de caráter.

Todo escoteiro no mundo se compromete a fazer a sua parte para uma sociedade melhor. Isso significa que mesmo atuando no meu bairro, sou impulsionado a “transformar o mundo”. O Escotismo contribuiu com a minha educação para a vida, abriu horizontes, rompeu barreiras geográficas, me apresentou um novo universo de possibilidades para exercer autonomia e boas ações.

Muito do que sou como adulto é fruto do que vivenciei no Escotismo. Depois dos 18 anos, assumi responsabilidades em nível local, estadual e nacional dentro do Movimento Escoteiro, graças ao privilégio de viver na própria história de vida as transformações promovidas pelo Escotismo. Como adulto voluntário, passei por inúmeras formações, tive oportunidade de contribuir com formações de outros(as) voluntários(as) e de estudar todos os fundamentos, princípios e o método educativo escoteiro. Assumimos nossas responsabilidades de cidadãos(ãs), dentro e fora das atividades escoteiras.

Por fim, o Escotismo me mostrou a importância do envolvimento comunitário, do respeito à diversidade, de contribuir para que o ambiente onde estou seja sempre o melhor possível, de querer ser sempre a minha melhor versão, sem esperar nada em troca, de maneira voluntária e com autenticidade. Foi esse retorno pessoal proporcionado pelo Escotismo, que despertou o interesse e o desejo de retribuir, de ir além, de colaborar voluntariamente em diversos programas sociais no Brasil e em Angola, de procurar nas minhas ações profissionais, estar junto daqueles que são “invisíveis” para a sociedade.

Gomes (2003, p. 170) escreveu que:

Essa reflexão é importante. Muitas vezes, as práticas educativas que acontecem paralelamente à educação escolar, desenvolvidas por grupos culturais, ONG's, movimentos sociais e grupos juvenis precisam ser consideradas pelos educadores escolares como legítimas e formadoras.

Veja bem racismo, já transitei por tantos lugares, já tive a oportunidade de fazer o bem para tantas pessoas, de provar que para além da minha cor, minha humanidade é

constituída pela subjetividade que me torna único. O bem que eu recebi(o) se multiplica e chega para outras pessoas, que multiplicarão, cada um da sua forma, e farão o bem prevalecer. Sim, você pode ser superado!

Hoje, casado com uma mulher branca, vejo nitidamente as diferentes formas de tratamento que recebemos na sociedade. Chegar sozinho é muito diferente de chegar com a minha família, o ponto aqui é que estamos chegando, que a sociedade está passando pelo processo de mudança e que as “questões pluriétnicas e multirraciais” do Brasil começam a ter avanço em prol da diversidade, da cidadania, da igualdade de oportunidades, da humanização (GOMES, 2012b, p.106).

Racismo, fui provocado, encorajado a escrever esta carta, saiba que é só o começo, pretendo ir mais longe, gritar mais alto, escutar outras pessoas negras, descobrir outras formas de te superar, mergulhar em outras histórias de vida, para que juntos possamos encorajar outros(as) tantos(as) a esse processo de transformação social. Agora que sei que sou capaz, o caminho acadêmico escolhido foi o doutorado e os pequenos e grandes gestos seguirão acontecendo, porque a vida continua e isso é muito significativo!

Algumas dessas provocações surgiram dos questionamentos feitos por Gomes (2003, p.169) sobre conhecermos “os estudos e pesquisas que têm relações raciais como objeto de investigação” e se conseguimos refletir sobre suas possíveis relações com a educação.

Existe união para te superar, tenho esperança de que minhas palavras cheguem a mais pessoas sedentas por isso, tenho consciência de que é um processo dolorido, mas que já passou por muitas superações ao longo da história. Pessoas diversas, nos diferentes contextos e espaços podem dar novo ânimo para essa luta, assim como podem comprometer a caminhada, é preciso olhar sensível, calma, coragem para essa jornada.

Um dos caminhos pode estar na educação, de acordo com Gomes (2003, p.181):

Será preciso que os educadores alterem suas lógicas escolares e conteudistas, dialoguem com outras áreas, valorizem a produção cultural negra constituída em outros espaços sociais e políticos. Será preciso também ouvir e aprender as estratégias, práticas e acúmulos construídos pelo movimento negro e pelos movimentos culturais negros.

O desafio está colocado e eu aceitei. Tenho certeza de que encontrarei outros(as) que estão comprometidos(as) com essa provocação!

Finalizando, você deve saber que:

A denúncia do racismo, a sua inserção como um crime inafiançável e imprescritível sujeito à pena de reclusão garantida na Constituição de 1988, a presença dos negros na mídia, no mercado de trabalho e nas universidades fazem parte desse cenário de lutas. Aos poucos, no Brasil, ter um corpo

negro, expressar a negritude começa a ser percebido socialmente como uma forma positiva de expressão da cultura e da afirmação da identidade (GOMES, 2021, p.94-95).

Estamos na luta por nossos direitos, aos poucos acessamos a educação básica, chegamos nas universidades, nos inserimos em novos postos de trabalho, na política, buscamos a igualdade social, a não violência e juntos, de maneira organizada, seguiremos te superando, porque é possível!

Na esperança do seu fim, despeço-me.

Raphael Cutis

Durante a qualificação do meu texto, fui convidado a expressar um pouco mais minhas “percepções de pesquisador” diante da investigação. O professor Robinson sugeriu que eu pudesse me distanciar das experiências junto aos sujeitos da pesquisa e colocasse luz no que fez sentido para meus aprendizados. A carta 14 apresenta destaques dos indícios de humanização encontrados durante todo o processo e reforço que existem outros sinais ao longo do texto e que somos capazes de ressignificar cada um deles a partir das nossas histórias de vida e experiências.

CARTA 14

AOS(ÀS) INVESTIGADORES(AS) DE INDÍCIOS DE HUMANIZAÇÃO EM DIÁLOGO COM A SUA PRÁTICA DOCENTE - GESTOS CONCRETOS IDENTIFICADOS DURANTE A PESQUISA

“[...] não haveria ação humana se o homem não fosse um 'projeto', uma mais além de si, capaz de captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la.” (FREIRE, 2011, p.55)

Que evidências e experiências indiciam que a humanização nas histórias de vida, formação e prática docente desses sujeitos expressa melhor entendimento e trato com o(a) estudante? Refletir sobre a própria história e prática contribui para pensar em novas ações? Essas perguntas foram respondidas de diferentes formas ao longo de todo o processo de investigação, a partir das experiências narradas pelos(a) professores(a) e das minhas reflexões acerca dos problemas que dispararam a pesquisa.

Esta carta nasceu no dia da qualificação de mestrado, das considerações feitas pela banca, especialmente pelo professor Robinson Luiz Franco da Rocha, que, durante sua arguição, manifestou a importância de que as descobertas sobre humanização fossem apresentadas sob a perspectiva do “pesquisador” Raphael Cutis. A proposta é sair do contexto em que estou imerso aos diálogos com os(a) professores(a) e relatar as contribuições da pesquisa para que a minha prática docente se tornasse humanizada e humanizadora, com o devido respeito às especificidades dos(as) estudantes.

Dedico os destaques do meu aprendizado sobre humanização para o professor Robinson e para todas as pessoas que desejam refletir sobre como suas ações podem ser humanizadas e humanizadoras, especialmente para quem está concluindo sua formação docente e que logo estará nas escolas contribuindo com a formação de diversos(as) estudantes. Com isso, espero contemplar a parcela da população para quem direcionava minha pesquisa antes de chegar em Caieiras-SP.

Tenho esperança de que estudantes que estejam no período de estágio obrigatório, se preparando para chegada ao mercado de trabalho, tenham vivenciado ações humanizadoras durante sua graduação e que essas tenham contribuído para que sua prática docente seja o mais humanizada possível.

Atravessamentos sobre humanização perpassam todas as cartas da dissertação e é importante destacar a grandeza das transformações que surgiram a partir da experiência da pesquisa, os incômodos com docentes das minhas graduações, especificamente com a forma que tratavam os(as) estudantes, deram lugar a reflexões diárias sobre as experiências

proporcionadas pela pesquisa e novas formas de analisar as mesmas atitudes desses(as) docentes. Acredito que esse seja o primeiro indício de humanização e de aprendizado com os(a) professores(a) com quem conversei: descobri que cada pessoa, na condição de docente ou não, tem vivências específicas que constituem suas histórias de vida, que elas precisam ser respeitadas para serem compreendidas e que são primordiais em suas atitudes cotidianas. Marcas históricas, que nos constituem como seres únicos e influenciam nossos gestos de humanização ou desumanização.

Quando nos sensibilizamos com a história de vida e experiências do outro, ampliamos o cuidado com a nossa própria história de vida porque reconhecemos que somos pessoas com fragilidades e potencialidades que caracterizam nossa humanidade. Assim, quando revisito minhas experiências na graduação, percebo que os títulos acadêmicos são apenas mais um episódio de tudo que vivemos e experienciamos ao longo da vida e cada docente dará aos títulos o devido valor a partir da sua maneira de vivenciar o mundo. Compreender isso, me ajudou a perceber ações humanizadoras dos(as) mesmos docentes que eu estava apenas criticando a sua postura de desumanização no trato com os(as) estudantes. Indícios do meu processo de humanização.

De fato, existiam ações docentes verticalizadas que distanciavam e não permitiam reflexões coletivas, o que não significa que era algo específico daqueles(as) docentes porque, assim como eu, eles(as) podem ter herdado resquícios da educação bancária (FREIRE, 1969), sem direito a questionar qualquer discordância em sala de aula. Ao passo que, no mesmo espaço (e hoje posso dizer que com a mesma pessoa), tive encontros horizontalizados, de troca e respeito, que caracterizam a dimensão humanizadora na relação docente-estudante, os quais fizeram diferença na minha formação e permitiram esperar por novas formas de atuar com a EF. Hoje entendo que passamos por diversas vivências e que elas influenciaram(influenciam) no caminho pela humanização.

Quando Freire (1969, p. 13-14) critica a “concepção bancária da educação”, está se referindo justamente às experiências em que o(a) estudante, ao longo do processo educacional, se torna um depósito de conteúdo, sendo tratado como objeto, número, coisa, cifrao.

Na carta para a professora Elaine Prodócimo, eu reconheci que, durante a pesquisa, aprendi que existem sinais de humanização mesmo nas aulas de EF em que tudo parece ter “dado errado”. Professores(as) se esforçam para superar as dificuldades cotidianas, procuram dar atenção para os(as) estudantes, exercitam a escuta e o protagonismo deles(as), fazem a autocrítica das aulas e projetos desenvolvidos, pensando em proporcionar o melhor para os(as) estudantes. A formação que recebemos não

determinará se nossas ações serão humanizadas, ela dependerá da nossa iniciativa e desejo de gestos humanizadores concretos na relação com os contextos profissionais onde atuamos.

Freire (1994, p. 60) enfatiza igualmente que, “para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das ‘situações-limites’ em que os homens se acham quase coisificados”. A superação da desumanização passa pelo respeito às histórias de vida e aos sentidos que a pessoa dá para suas experiências. Humanização, então, é se relacionar com o outro sem reduzi-lo por pré-julgamentos e permitir que conheça quem realmente somos, ou melhor, estamos sendo.

O ato pedagógico humanizado deveria partir do ser humano, suas relações e seus processos de desenvolvimento, aprendizado e formação humana. É como afirma Freire (1969, p.16): “O(a) estudante não deveria ser ‘domesticado’ no seu processo de aprendizagem e reflexão, ele(a) precisa ter consciência, liberdade de agir de maneira ativa, onde é desafiado(a) e responde aos estímulos recebidos”. A investigação nos mostra a possibilidade de fazer da educação espaço humanizado, que contribui com a formação de pessoas e investe na transformação de/com/por seres humanos, suas potencialidades, fragilidades e todas as experiências que constituem sua história de vida.

Reforço que as considerações presentes nesta carta podem ter aparecido de diferentes formas em cartas anteriores, que decidi condensar aqui para melhor entendimento, o que não significa que serão dados/achados concluídos (inclusive estarão soltos em alguns momentos) porque existem outros indícios, singelos e grandiosos, emergindo a cada novo encontro com a produção.

São Paulo, entre fevereiro e abril de 2023.

Estimado(a) investigador(a),

Ao longo desta investigação, aprendi que os indícios de humanização estão presentes em diversos momentos dentro e fora do ambiente escolar. A cada conversa com os sujeitos da pesquisa, novas reflexões surgiam e me apresentavam diferentes maneiras de perceber os processos que vivenciei em minha história da vida.

Começo por pontos levantados durante a roda de conversa, momento esperado, importante e que serviu para aproximar as experiências dos(a) professores(a), suas histórias a partir do encontro. O encontro para conversarmos sobre educação, EF, vida, experiências, já foi sinal do nosso processo de humanização, porque saímos do cenário do cotidiano para

nos emocionar ao nos identificarmos com o que o(a) outro(a) narrava, trouxe leveza ao nos retirar da rotina do trabalho docente.

Deixamos nossas casas (ou espaço de trabalho) para nos reunirmos, ao final do dia, na secretaria de educação, numa das salas dos(as) orientadores(as) no formato de roda. Expressões de ansiedade e descontração se misturavam enquanto aguardávamos o melhor momento para iniciarmos nossa conversa. Esse desprendimento gratuito para a pesquisa acadêmica, a ciência, materializado no tempo que passamos juntos já é sinal de humanização, porque estávamos ali dispostos(a) a pensar em possibilidades para que a educação e a EF sejam cada vez mais humanizadas.

As pessoas que tiveram oportunidade de acessar a educação formal, sabem que durante o processo de formação, bons e maus professores(as) passam por nossas vidas e têm a capacidade de afetar como nossas ações serão mediante aos acontecimentos da nossa história. Antes, eu pensava que o “mau professor” me ensinaria como não agir e o “bom professor” me daria exemplos de como agir, quase numa perspectiva linear e dualista entre o “bem” e o “mal”. Na roda de conversa, ficou evidente que o processo de humanização passa pelas escolhas que faremos, a partir das experiências que tivemos com as mais diversas pessoas, não apenas com professores(as), e que, nesse caminho, tais experiências se misturam, se confundem, se mesclam.

Dentro desse processo de escolhas, gestos simples podem nos ajudar a fazer diferença na vida das pessoas: chamar o(a) estudante pelo nome, reconhecer os erros e acertos, saber quando não estamos num bom dia, exigir menos e compreender mais e no caso dos possíveis “maus professores” que tivemos, lembrar que talvez aquelas atitudes fossem o melhor que tinham para oferecer. Indícios de humanização apontados pela professora Juliana, reforçados pelo professor Ricardo, que disse sobre a importância do carinho que recebe das crianças na educação infantil pelo simples fato de permitir que elas brinquem. Ou seja, se nas nossas aulas privarmos as crianças/estudantes de experimentar possibilidades de interação, de vivenciar experiências do brincar, praticaremos gestos de desumanização.

Assim como tivemos experiências que nos levaram a escolhas, não podemos negar que cada criança traz sua história de vida para o ambiente escolar, que são seres de desejos, de necessidades e que a escola não é o único espaço de desenvolvimento pelo qual passam. Se tivermos a capacidade de extrapolar o rigor de olharmos apenas para os documentos que direcionam nossa ação docente e nos preocuparmos com as particularidades de cada criança, exercitaremos mais práticas humanizadas e humanizadoras. Foi o professor Wilkerson que me apresentou esse indício de humanização. O professor

Zanatan reforça essa concepção ao analisar acontecimentos que podem refletir na sociedade contemporânea: falta de empatia nas relações, preconceito, desrespeito, violência e que poderiam ser evitados se nos preocupássemos mais com as pessoas do que com o sistema que desumaniza o ambiente escolar.

Ainda nesse caminho de nos atentarmos às pessoas, outro indício de humanização importante é a escuta do que é manifestado. Não é possível pensar numa ação humanizada se não nos colocarmos na condição de quem aprende antes de ensinar, que compreende que existe história de vida por trás do que é falado e se faz necessário garantir que a escola seja espaço para pensarmos, modificarmos e (re)criarmos juntos. Se nossas aulas forem espaços de convivência e aprendizados mútuos, ampliamos as ações humanizadoras e isso parte do acolhimento, do respeito, do compartilhamento e da escuta.

O professor Zanatan disse que *deixamos de escutar o(a) outro(a)* porque vivemos uma espécie de *competição louca* e sem sentido, porque não partimos da *mesma linha*, ou seja, pensarmos que igualdade, equidade e justiça precisam caminhar juntas porque somos seres diferentes, o que me leva a reconhecer outro indício de humanização. Porque em meio às diferenças presentes no coletivo, quando reconhecemos e respeitamos a individualidade do sujeito, por mais simples que possa parecer, reconhecemos que cada um(a) é especial pelo fato de ser.

A professora Juliana testemunhou isso de maneira bonita, quando ela disse: *Eu te espero todos os dias!* Ela demonstra que conhece o(a) estudante, se interessa por ele(a) e por sua vida, reconhece a importância para ela, para as aulas de EF, para a escola. Precisamos *semear bons sentimentos e sensações*, o simples fato de a criança saber que a professora a conhece pelo nome e a espera, pode trazer significados que, dificilmente, ser apenas “número” na escola dará. Isso é indício de humanização.

Tem momentos que somos consumidos(as) por demandas com papéis que tomam parte do nosso tempo na escola e precisamos escolher entre resolver as pendências das papeladas ou atender às necessidades que cotidianamente surgem das crianças. O professor Wilkerson diz que coloca a criança sempre à frente, que ela não pode ser colocada de lado. Estudar casos específicos referente às crianças com a atenção necessária é indício de humanização, porque são diferentes, em determinados momentos algumas precisam de mais atenção que outras e todas sempre serão mais importantes que burocracias e papéis.

Claro que esse caminho de reconhecimento das necessidades, de equidade, não acontecerá espontaneamente com todos os(as) estudantes. Existe o movimento de abertura por parte de cada pessoa, de escuta e compreensão dos problemas presentes nessas histórias, para então auxiliarmos de alguma forma para que o(a) estudante seja protagonista

das decisões sobre sua própria vida. Tais ideias revelam indícios de humanização, sem esquecer que a autonomia, o protagonismo surgirá a partir do conjunto de experiências culturais que cada sujeito tem, não apenas na escola, mas em tantos espaços e ambientes que colaboram com a sua formação humana. Daí a necessidade de bons exemplos, do olhar sensível para o que é apresentado até no silêncio. Desafios presentes na profissão docente, que não podem ser negligenciados, considerando sua capacidade humanizadora.

Dentro das especificidades da EF, o professor Tiago relata que o(a) estudante gosta quando a aula é *apenas o movimento pelo movimento*, mas que temos o dever de trazer relevância para nossas aulas, envolver outros aspectos culturais e sociais nas aulas, porque se as aulas se restringirem aos conteúdos específicos, contribuiremos com o sistema que reduz as aulas ao que é “obrigatório”. É necessário permitir que as crianças sejam crianças nas aulas, participem integralmente das ações, se relacionem com as pessoas e com o que lhes faz bem: interação, brincadeiras, discussões, jogos, ganhar, perder... Saber o momento certo de criar limites também é uma ação humanizadora e deve partir do(a) professor(a).

Refletir sobre o que acontece na escola e relacionar com os acontecimentos sociais, pode nos ajudar na compreensão do processo de humanização, pois observamos a pessoa do(a) estudante de maneira ampla, além do aspecto da movimentação corporal. Isso passa por permitir o erro, corrigir quando necessário, incentivar o respeito ao outro, humanizar.

Nossas ações precisam ser pontuais, de maneira segura e direta, não precisam estar carregadas com nossas frustrações, podem ser ressignificadas. O professor Ricardo falou que, por ocasião da sua ausência na escola, uma criança “deu aula” no seu lugar e a professora gravou o seguinte diálogo: aluna 1 - *Agora vocês peguem os pneus e coloquem no lugar!*; aluno 2 - *O professor Ricardo não faz isso com a gente, ele ajuda a turma a guardar os brinquedos*. Ajudar a guardar os brinquedos pode ter muitos significados na formação da criança e é indício de humanização.

Outro caminho de humanização viável é enaltecer a geração que o professor Zanatan classifica como *forte e corajosa, que não permite ser xingada, que diz ‘chega’ para as piadas homofóbicas, racistas, xenofóbicas* e que nos ensina a lutar pelo que acreditamos, pelo respeito aos espaços que ocupamos na nossa existência.

Esses são alguns dos impactos da roda de conversa no nosso modo de pensar na humanização, que nos ajudaram a refletir sobre nossa própria prática docente a partir das experiências narradas pelo outro e isso só foi possível porque, de acordo com os(a) professores(a), tivemos conversas humanizadas, tratadas com respeito, com sentimento e com sinceridade.

Passado esse momento, destaco alguns pontos específicos das cartas destinadas individualmente aos(à) professores(a): Juliana, Ricardo, Tiago, Wilkerson e Zanatan. Em todas elas, temos indícios de humanização, presentes nas diversas manifestações corporais, verbais e nos silêncios que constituíram nossos encontros.

A professora Juliana destaca o ambiente escolar como espaço de encontros entre pessoas que, provavelmente, não teriam a mesma oportunidade em outros espaços. Reforça a necessidade de se esforçar para que as aulas de EF propiciem boas experiências para os(as) estudantes, parcerias, amizades. Ela disse: *eu acho que as relações humanas são maiores que a EF e o corpo em si*, ou seja, ter atenção aos encontros que acontecem durante as aulas pode ser indício da prática humanizadora da EF.

Ter atenção às manifestações das crianças, ir além do conteúdo programático, pode nos ajudar a entender as necessidades e buscar mecanismos de colaboração com os problemas que surgem no cotidiano. O tempo destinado ao(à) estudante, um abraço, faz diferença, reconstrói mundos, humaniza. Todos os dias temos oportunidade de aprender a valorizar os pequenos detalhes que, em alguns momentos, nem percebemos. Entender a individualidade dentro do grupo, dar o suporte que, em alguns casos, é negligenciado pelas famílias, proporcionar acolhimento e conforto, conhecer quem são as pessoas responsáveis por elas, tudo tem envolvimento com a humanização.

Sabemos que a família é fonte crucial para as práticas humanizadas, a professora Juliana sabe do valor das relações dentro do contexto familiar, faz questão de influenciar seus filhos e suas filhas na busca pelo melhor caminho e isso é consequência do aprendizado que teve com seu pai e sua mãe que eram *exemplo de dignidade, honestidade, respeito, conduta*. Talvez por isso ela entenda a importância de valorizar e respeitar as famílias dos(as) estudantes, o que favorece o processo de humanização durante a prática docente.

Outro aspecto que a professora Juliana me ajudou a pensar diferente é a respeito dos materiais utilizados (ou que faltam) nas aulas de EF. Ela reforçou que as crianças sabem dos direitos que são negados por meio do improvisado nas aulas de EF. Aprendi que humanização é, igualmente, lutar todos os dias por condições adequadas de espaço e materiais para as minhas aulas, compartilhar os desafios e conquistas com os(as) pares e acreditar que dias melhores podem ser realidade. Se pararmos para refletir, a realidade das aulas de EF nas escolas públicas é de constante adaptação e para superar essas dificuldades é necessário gostar do que faz e acreditar no potencial da educação. Humanizar é zelar pelo que acreditamos!

Se caminharmos sozinhos(as), o processo de humanização e de luta por direitos será mais árduo e complexo. As ações humanizadoras compartilhadas com outros(as)

professores(as) deixa a profissão mais prazerosa, nos permite conhecer novas maneiras de agir e vivenciar a riqueza da prática compartilhada pelo mesmo objetivo. E destaco a importância do fortalecimento de práticas humanizadoras por parte da gestão das escolas.

Como seres plurais, quando nos colocamos no lugar do outro e percebemos que a vida é diferente, que os desafios surgem a todo momento e que as condições de trabalho podem ser limitadoras, se torna viável julgar menos e ampliar a admiração pelo que já foi realizado e oferecido mesmo com toda limitação. Talvez fosse a única forma que aprenderam de encarar a realidade e buscar soluções para os problemas que aconteciam. Humanizar passa pela compreensão de que nem tudo precisa ser da mesma forma sempre.

Para a professora Juliana *docência é viver pequenos e grandes momentos, como: testemunhar a satisfação, a vibração de uma criança com suas conquistas durante a aula*. Sentimento que aquece o coração e faz sentido. Ser professor(a) é uma profissão que poucos têm a coragem de enfrentar e que bom que pessoas como a professora Juliana aceitaram o desafio e fazem o melhor pelos(as) estudantes, pela escola e pela educação.

E aí, quando converso com o professor Ricardo, outras dimensões da humanização transparecem e contribuem com nossas reflexões. Como as relações familiares: fonte da nossa humanidade, espaço em que os vínculos são constituídos e fortalecidos da maneira mais plena possível, ambiente que pode trazer segurança e aconselhar nos momentos de dúvida. A família do professor Ricardo aparece em diferentes trechos da sua narrativa e ele reforça que são essas relações que ajudam a perceber a melhor maneira de estruturar e humanizar a prática docente.

Perceber a individualidade dos(as) estudantes, ressignificar (pré)conceitos e respeitar os tempos de cada estudante, sabendo que cada pessoa tem uma origem, são ações humanizadoras e que podem ser pensadas a partir da nossa relação com nossas próprias famílias. O professor Ricardo deixa muito claro um conceito de humanização, ele disse: *não posso encarar as crianças como coisa, apenas como aquele que recebe as informações com na educação bancária*.

Outra característica humanizadora levantada pelo professor Ricardo passa pelo espaço-tempo da graduação. Ele esclarece que as relações que aconteceram durante a faculdade, contribuíram para entender o que acontece na sociedade como um todo, a querer estudar sobre diferentes assuntos e ressignificar temas polêmicos que muitas vezes são discutidos sem embasamento ou vivência. Convido você a pensar nas relações estabelecidas durante a graduação e de que maneira elas te ajudaram no processo de humanização.

O professor Ricardo reconhece o papel da universidade pública na sua mudança de paradigma, diz que foi na universidade que se tornou mais sensível, ampliou a criticidade

aos problemas sociais, se sentiu realizado por fazer parte de algo que faz sentido, por não estar no “piloto automático” para as vivências do mundo e para a formação universitária. Compreender o papel da educação nas nossas histórias de vida e formação pode ser um caminho importante no processo de humanização.

Ao longo da nossa história de vida, temos diversos encontros, sendo que a muitos desses não damos o devido significado, não relacionamos com nossas ações docentes. Acredito que até nos encontros informais, nas relações que não demos importância, existem sinais de práticas humanizadas e humanizadoras. Aqueles encontros que acontecem fora do contexto familiar, de aula ou trabalho, aqueles que temos a oportunidade de conhecer a pessoa e sua história de vida. Quanto mais horizontalizado, caloroso, atencioso for o tratamento docente para com o(a) estudante, mais humanizada será a prática e formação.

Recebemos diferentes influências, no decorrer da nossa vida e, de alguma forma, elas contribuem para o exemplo que damos com nossas ações, falas, (in)coerências no processo de formação das crianças e estudantes. A humanização parte da nossa abertura às transformações que são necessárias diante das nossas responsabilidades de professores(as). Se estou atento(a) às situações do cotidiano que me ajudam a crescer como ser humano, fica mais fácil lembrar que contribuo com a formação de pessoas, que, por sua vez, darão a cada acontecimento os sentidos e significados que julgarem importantes para seu processo humanizador.

A EF humanizada e humanizadora pode ser tão simples como o que aprendi com o professor Ricardo: *no meio da correria da aula de EF, na educação infantil, uma menina pede para amarrar o cadarço do tênis e, enquanto atendo o pedido dela, recebo um carinhoso cafuné*. Reconhecimento que extrapola as questões da aula e de alguma forma faz diferença na vida da criança. Ou então, o singelo fato de ser chamado de “prô Ricardo” pela criança arredia, que não gosta de ficar sentada na roda com as demais, porque prefere ficar ao lado do professor para descobrir o horário do lanche. Oportunidades de compreendermos as carências e os afetos de cada criança, registrar na memória que fazemos parte dessas histórias de vida e que elas fazem parte da nossa. Sensibilidades da prática humanizada.

O professor Tiago também nos apresenta diferentes indícios de humanização na sua história de vida, formação e prática docente. Com ele, aprendi que humanizar é compreender que o outro é simplesmente outra pessoa e que precisa ser respeitado(a) e respeitar quem eu sou, o que eu penso e acredito. Cada pessoa, dentro da sua subjetividade, encontrará os caminhos para humanizar suas próprias histórias. O professor Tiago escolheu a escrita de poemas como ferramenta para seu processo de (re)descobertas. Que nossas

ações humanizadoras também possam ser poéticas e que sejam exemplo para outras pessoas!

Na nossa ação docente, é comum os momentos de falta de atenção com o coletivo e em que intermediarmos conflitos entre os(as) estudantes. Somos seres de relação e compreender tais acontecimentos, sem julgamentos e respeitando os sujeitos envolvidos é sinal de humanização. Tiago nos aponta que algumas pessoas foram importantes para ele e ajudaram a entender a importância do “não”, orientaram individualmente no momento adequado, respeitaram o fato de sermos únicos e ensinaram caminhos para a prática docente humanizada e humanizadora. Quem são as suas referências de humanização?

A educação nos pede energia, dedicação, estudo, entrega e quando essas características são observadas na ação docente são capazes de inspirar. O(a) professor(a) que acredita na profissão é capaz de transformar a realidade do(a) estudante, mesmo que o ambiente institucional limite as ações que acreditamos. O processo de humanização passa pela coragem de lutar contra imposições institucionalizadas que coisificam e desumanizam.

Educar de maneira humanizada nos pede atenção ao contexto de vida das crianças e estudantes, entender que as dificuldades presentes no cotidiano do(a) estudante na escola tem relação com seu entorno, com a região onde vive, com as relações que estabelece, com acessos negados. Não pensar na criança de maneira abstrata, generalizada e compreender que ela tem especificidades e subjetividades que constituem sua totalidade, é agir de maneira humanizada na nossa prática docente.

O professor Wilkerson sempre fala da importância da escuta, reforça que, nos momentos de dúvida, conversar com as crianças para entender o ocorrido, saber como a aula contribuiu, pode ser uma estratégia interessante. Compreender o mundo pela perspectiva das crianças nos ajuda no processo de humanização, porque as respeitamos como pessoa, independentemente do nível de desenvolvimento.

A relação com a criança dentro do ambiente escolar deve ser similar ao que acontece com as trocas que fazemos com os(as) demais professores(as), com os colegas durante nossas formações, porque elas são pessoas diversas, com experiências únicas e que contribuem com a ampliação do nosso repertório humano ao nos aproximar da realidade. Reconhecer a importância da história de vida das crianças para nosso desenvolvimento humano e profissional é outro sinal de humanização.

Outro aspecto importante no processo de humanização é que crianças e estudantes entendam a natureza humana do(a) professor(a), saibam que erramos e acertamos, temos dúvidas, arrependimentos, modificamos a direção de nossas ações. O professor Zanatan fala sobre a importância de que os(as) estudantes desmistifiquem a

percepção de que o(a) professor(a) é um ser que só vive *na escola* e entendam que vivemos juntos, muitas vezes no mesmo território social.

E mesmo quando foi necessário nos isolarmos daquilo que nos constitui seres de relação, encontramos indícios de humanização. Zanatan percebeu que durante a pandemia, as aulas *online* ajudaram a perceber melhor a individualidade de cada estudante, olhar para *cada quadradinho* no computador e enxergar a pessoa que em alguns momentos “não aparecia” em meio ao grupo de estudantes. Além de ser sinal humanizador, nos ajuda a refletir sobre o significado que damos para o período de isolamento e desafios encontrados para exercer a profissão. O respeito e cuidado com o outro deve permanecer, mesmo distante fisicamente.

O professor Ricardo nos ajuda a pensar sobre os estigmas colocados nas crianças dentro do ambiente escolar, alerta que *colocar rótulos nas crianças*, classificá-las como boas ou ruins, não respeitar suas diferenças, obrigá-las a fazer a minha vontade por ser mais cômodo para seguir o planejamento, é desumanizador. As crianças são pessoas de direitos e vontades, quando desejamos o engajamento delas com a aula, precisamos esclarecer o valor daquele momento, o que esperamos e qual a necessidade de que colaborem com a proposta de aula.

A prática humanizadora passa por contribuir para que a criança entenda o que está acontecendo, independentemente do ambiente onde ocorre a aula. A relação horizontalizada, de entendimento do que acontece, de interesse pelas necessidades do(a) estudante, sem imposição por ser o(a) professor(a), é humanização.

As aulas de EF nos permitem acolher os(as) estudantes na sua integralidade, com tudo que constitui suas vidas e que faz parte do seu cotidiano. Ela é apenas mais uma oportunidade de superar as mazelas dos cotidianos. Se os pequenos gestos que realizamos amenizarem parte das carências observadas nas nossas aulas, já será suficiente para que nossa esperança de dias melhores e humanizados se renove e se fortaleça.

Ser professor(a) de EF com práticas humanizadas e humanizadoras é reconhecer que cada pessoa traz no próprio corpo, que carrega sua história de vida, experiências capazes de transformar a própria história e as das pessoas com quem se entrecruzam. Podemos colaborar, junto com outras dimensões que constituem as experiências da pessoa, com diálogos sinceros, para que nossa escuta e atitude sejam cada vez mais inteiras, sinceras, presentes. É impossível humanizar, educar, sem escutar.

Essa pessoa, ao colocar seu corpo para vivenciar as diferentes linguagens durante a aula de EF, tem a oportunidade de descobertas. O brincar é um dos caminhos de aprendizado e, em alguns espaços, acaba sendo negligenciado, não tem o seu valor

reconhecido. A humanização nas aulas de EF passa pelo brincar integralmente, por criar situações em que a criança tenha contato com diferentes manifestações da cultura corporal e se relacione com as demais pessoas a partir dessa vivência. E quando o(a) adulto(a) rompe com os bloqueios pessoais e tem a oportunidade de brincar, descobre a grandeza por traz do que é simples e profundo ao mesmo tempo, supera a rigidez advinda da formação que é verticalizada, coisificada e desumanizada.

Humanizar passa pela eficácia da simplicidade, não precisamos de grandes sofisticções para tratar a pessoa com o devido e merecido respeito. Por exemplo, foram as cartas e conversas com os(a) professores(a) que me apresentaram os sinais de humanização, foram esses diálogos que me ajudaram a refletir sobre minhas atitudes e a compreender os processos pelos quais passei ao longo da minha história de vida. Entender o outro a partir de uma conversa, ser franco(a) quando nos incomodamos, buscar soluções respeitadas para os desencontros com pares, são ações simples e humanizadoras, que podem ajudar nossa prática docente.

É como nos ensina a professora Juliana: *humanizar é lutar todos os dias pelo que acreditamos que fará diferença na vida das pessoas com quem convivemos*. Não nos damos conta de que, para algumas pessoas, somos o porto seguro, ponto de segurança. Precisamos ter sensibilidade para acolher as carências que nos são apresentadas e para compreender nossos momentos de fragilidade, se tivermos consciência da nossa humanidade, facilitará nossas ações humanizadoras no cotidiano.

Compreender que vivemos realidades diferentes e ao mesmo tempo estamos num mesmo espaço, fazemos parte de uma mesma comunidade escolar é humanização. Diante disso, precisamos entender que ela acontecerá de diferentes formas, em diversas ocasiões e é necessário estarmos em constante aprendizado. Nossa rotina dentro e fora da escola está repleta de ensinamentos, que podem chegar de diversas maneiras. Ter a humildade de aprender, de saber que nunca transbordamos nossas possibilidades de aprendizado, que as crianças podem nos ensinar muitas coisas sobre a vida é humanização.

Tudo isso passa por reconhecer nossos erros e limitações, perceber quando algo não deu certo e que é possível corrigir, pensar novas formas para agir dentro do planejamento. Descobrir os indícios de aprendizado no diálogo com as crianças e reconhecer que é sinal de humanização é um passo importante para recalcular a rota, você está preparado(a)?

O que compartilhei da minha história de vida foi parte fundamental para que eu chegasse até aqui. Aprender faz parte da minha vida, foi assim que consegui superar barreiras e compreender a importância de estudar na vida de uma pessoa negra. O mestrado tem me ajudado a ressignificar o que acredito e me impulsionado a seguir aprendendo, todos os dias.

Nessa perspectiva, acredito que humanização passa pelo entendimento de como ocupamos nosso lugar no mundo. Quais transformações estamos deixando na vida das pessoas com quem convivemos?

Na carta ao racismo, tenho a oportunidade de exemplificar como estudar o mestrado e dialogar com os(a) professores(a) de Caieiras-SP, me ajudou no processo de pensar ações humanizadas e humanizadoras, a superar lacunas que fizeram parte da minha história de vida, formação e prática docente. Se você é uma pessoa negra, certamente deve ter se identificado com alguns episódios narrados, se você não é uma pessoa negra, espero que a carta 13 tenha ajudado a refletir sobre nossa condição humana nesse mundo, como seres sociais, de direito, de relações que podem transformar vidas.

Tem muitos pontos importantes sobre raça, sociedade, (des)humanização na carta ao racismo, e penso ser importante destacar um indício de humanização que extrapolou a mudança de atitude e demonstrou que é possível gestos humanizados em qualquer contexto de atuação. O fato do professor Ricardo, que como policial, não precisou bater ou tirar a vida de alguém para comprovar sua autoridade. Quando ouvi esse relato da história do professor, minha vida se transformou, senti gratidão pelas vidas que cruzaram com a dele (certas ou erradas diante da lei) e tiveram a oportunidade do julgamento livre de agressões físicas.

Humanizadoras são aquelas atitudes que possibilitam que o outro perceba suas próprias ações, se são ou não humanizadas, no sentido de sermos capazes de perceber a pessoa dentro da sua humanidade. Se em alguns dos trechos narrados nesta e nas demais cartas, você pensou em mudança de atitude, novas formas de agir, todo o processo pelo qual passei será renovado.

No texto, faço muitos questionamentos, a intensão é contribuir com a minha autorreflexão e com a reflexão de quem acessar minha produção. Sei que a temática da humanização não se esgota na resposta para essas perguntas, pelo contrário, espero que o que escrevi gere novos incômodos e questionamentos, nos ajude a pensar novas formas de humanizar. Contudo, quando analisou o meu texto para qualificação, o professor Robinson respondeu duas perguntas que fiz: 1 - como refletir sobre a sua história de vida e sua realidade pessoal/profissional pode contribuir para novas ações na sua prática docente?; 2 - o que de concreto pode ser feito para que sejam mais humanizadas?" Gostaria de compartilhar e agradecer a disponibilidade para o diálogo do professor Robinson, trazendo a transcrição de um trecho da sua fala, a qual foi gravada durante a qualificação:

Para a primeira pergunta, o que as cartas aos professores e o que é descrito sobre a roda de conversa, nos indica que se abrir ao ato de lembrar e refletir sobre a trajetória de vida (relações familiares), trajetórias de formação na escolaridade básica e na graduação e sobre a trajetória na carreira docente

em uma pesquisa sobre humanização das práticas docentes em uma pesquisa humanizada/humanizadora, possibilita aos sujeitos envolvidos na pesquisa, pesquisador e participantes, pensar e apontar diferentes fontes sociais que contribuíram para que uma prática humanizada/humanizadora se constituísse nas ações docentes de todos os envolvidos. Isso não se deu por acaso. Já por terem aceitado participar da pesquisa, por terem se comprometido com o Raphael, nos dão indícios de como a temática da humanização é presente nas ações desses professores. Para a segunda pergunta, eu a modificaria um pouco: o que de concreto podemos dizer de uma prática docente humanizada a partir do que nos é revelado no decorrer das etapas da pesquisa e o grupo de docentes que dele participou? Lendo seu texto de qualificação, Raphael, aprendi que uma prática docente humanizada em educação física passa por...

Busco tecer a temática da humanização com todas as descobertas, aprendizados, dúvidas, inconclusões, realidades encontradas durante a pesquisa. Reconheço que é apenas fragmento do tema e parcela significativa das histórias de vida, formação e prática docente dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Não é possível mensurar (e nem é minha intenção) todo aprendizado promovido pela investigação, mas os atravessamentos que as histórias de vida dos(a) professores(a) fizeram ao longo de todo o processo investigativo contribuíram para além de respostas para o problema de pesquisa, transformaram minha história de vida. Eu não sou o mesmo Raphael Cutis de antes do início da pesquisa, sigo ressignificando minhas ações a partir dos sinais de humanização. Sigo motivado, impelido a ser pessoa-professor-pesquisador por inteiro, com tudo que sou e acredito, aberto a desconstruir sentidos e significados antigos e a cooperar para que novos episódios surjam nas histórias de vida com as quais a minha encontra.

Espero que esta carta tenha colocado luz em pontos que possam ter passado na leitura das demais cartas e reforço o convite para a leitura das outras treze (13) cartas e estarei aberto aos diálogos humanizadores.

Se a pesquisa não tivesse acontecido dessa forma, não faria sentido o processo de humanização pesquisado, poderia pensar em metodologias mais frias e distantes da realidade dos sujeitos da pesquisa.

Obrigado por sua leitura!

Raphael Cutis

Para encerrar esse conjunto de cartas, que marcaram minha história de vida e falam das minhas experiências ao longo do mestrado e de todas as memórias e reflexões por ele causadas, trago minhas “considerações inacabadas”. Nelas, busco tecer em diálogo com todas as etapas do meu aprendizado, com todas as descobertas e dúvidas, reconheço que sou inconcluso e que tenho muito para aprender. Começo com uma fala do professor Zanatan

que, logo na abertura da roda de conversa, proferiu palavras sobre ser professor, que chegaram como poesia aos meus ouvidos. Se você é professor(a), sinta a potência dessas palavras, se você não é, aprecie a riqueza das contradições da profissão em busca de humanização.

CONSIDERAÇÕES INACABADAS

A primeira versão desse texto, junto com as transcrições das conversas que fiz com os(a) professores(a) de Caieiras-SP, se aproximou de mil (1000) páginas e para chegar nessa versão que você leu foi preciso derramar muitas lágrimas pelos aprendizados e pelas escolhas do que faria sentido para minhas expectativas e para que você compreendesse todo o processo de humanização pelo qual passei durante o mestrado.

Por isso minhas considerações são “inacabadas”, pela certeza de que muito do que aprendi não foi explicitado na minha escrita, está comigo, nos meus pensamentos, sentimentos e nas minhas reflexões. Esses aprendizados poderão ser externados de alguma forma no futuro e de alguma forma se fizeram presentes quando passaram por aqui.

Freire (2011, p. 102) nos afirma: “os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes de educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm”. Pois bem, me sinto seguro do eterno papel de aprendiz e te convoco que ao refletir sobre minha produção, pense novas maneiras de agir, refletir e produzir a temática, da humanização na educação, na EF. Acredito que nunca teremos uma definição para esse tema, porque somos seres que se relacionam de infinitas formas e estamos em constante deslocamento.

Talvez por isso eu tenha encontrado tantas respostas para minhas perguntas de pesquisa: “que evidências e experiências indiciam que a humanização nas histórias de vida, formação e prática docente desses sujeitos expressa melhor entendimento e trato com o(a) estudante? Refletir sobre a própria história e prática contribui para pensar em novas ações?” Certamente você deve ter se encontrado com elas (as perguntas) durante a leitura do texto e quando olhou para sua história de vida, formação e prática docente.

Ao terminar essa etapa da minha vida, me sinto contemplado por ter compreendido o processo de humanização nas histórias de vida, na formação e prática dos professores(as) de EF da rede municipal de ensino de Caieiras-SP e extremamente realizado porque pude ressignificar as experiências pelas quais passei. Se antes de iniciar o mestrado minha pesquisa tinha um tom de crítica às ações desumanizadoras pelas quais passei, encerro o processo com a certeza de que todos(as) podemos ser agentes humanizadores(as).

Isso só foi possível porque Juliana, Ricardo, Tiago, Wilkerson e Zanatan aceitaram a proposta e contribuíram de maneira integral e sensível com todo o processo de investigação. Não tiveram receio de manifestar seus descontentamentos e de reconhecer os momentos importantes de sua prática docente. Foram capazes de, durante as conversas, refletir e trazer

novas perspectivas para as próprias experiências, compartilhando os momentos em que a dimensão humanizadora fez parte da sua história de vida, formação e prática docente. Outro fato que indicia a grandeza desses momentos juntos, são os testemunhos dados a respeito das experiências que ultrapassam os muros das escolas e tocam diretamente em pontos das nossas vidas, algo que só uma pesquisa humanizadora seria capaz de proporcionar.

Durante toda a produção, reforcei que são esses(a) professores(a) os(a) protagonistas, os resultados partem daquilo que foi manifestado por eles(a), mas é preciso reconhecer a importância de tantos(as) autores(as) citados(as) nesse texto e que colaboraram com suas pesquisas para o melhor entendimento dos processos aqui investigados.

Descobri ao me aproximar de Freire e concordo que “nossa escrita é sempre inacabada. As novas perguntas só surgem quando continuamos a estranhar as fontes. E para que continuemos a estranhar as fontes, precisamos estranhar a nós mesmos, nossas certezas e nossas narrativas” (AGUIAR, 2012, p. 6579-6580 apud AGUIAR E FERREIRA, 2021, p.8). Esse é o motivo de ter tanto de cada professor(a) com quem conversei ao longo das cartas e consequentemente tanto de mim.

Quero continuar o estranhamento, estimular o questionamento e problematização, valorizar as histórias de vida e experiências, porque elas são fontes de inspiração e me permitem sentir, emocionar-me com esse processo de descoberta sobre humanização.

Em todas as cartas deixei incertezas e descobertas, dúvidas e provocações, esperanças e constatações da realidade, estive presente em cada linha escrita e mesmo assim novas dúvidas foram surgindo, novas possibilidades de pensar e agir. É como Aguiar e Ferreira (2021) escrevem sobre o compromisso que assumimos ao narrar, com as perguntas que fazemos, com as pessoas se dispuseram a partilhar suas histórias de vida.

É um processo muito bonito e doloroso de escolhas de palavras e de fatos, porque esse tipo de pesquisa nos convida a aprofundar cada vivência, sensibiliza-nos e prova emoções em todos(as) envolvidos(as). Não foi tarefa fácil chegar até essas considerações, a sensação é de que ao produzir e fazer escolhas, pedaços importantes do vivenciado ficou pelo caminho, mesmo sabendo que as palavras estão arquivadas em pastas e os acontecimentos guardados no campo das emoções.

A verdade é que seguiremos inconclusos, pesquisando, estudando, praticando maneiras de que a EF seja cada vez mais humanizada e reconhecida por seus significados, mesmo nos espaços em que é menosprezada, julgada, reduzida, excluída. Eu acredito no potencial transformador das aulas de EF e depois de conversar com cada professor(a), de todas as experiências que vivi com esta pesquisa, ficou ainda mais evidente que precisamos dos(as) outros(as) para educar e contribuir com o mundo melhor. É a concepção libertadora

de Freire (1994), que reconhece a pessoa e sua história como agentes de transformação do mundo, convida a uma realidade que problematiza os acontecimentos e recusa as imposições, afinal, somos parte do todo, o que não significa desrespeitar nossa individualidade.

Cada etapa da nossa história de vida foi fundamental para chegarmos ao ponto que estamos hoje e a educação faz parte disso. Como professor(a) temos papel importante na formação humana e social, conscientes de que não somos os(as) únicos(as) a exercer esse papel, o ser humano jamais caminhará sozinho.

Certo do meu inacabamento, quero apresentar a transcrição do que o professor Zanatan respondeu durante a roda de conversas (06/06/22). As contradições da complexidade de ser professor(a) ditas por ele, resumem bem o desafio desse caminho de reconhecimento das nossas potencialidades e fragilidades na busca por ações humanizadoras nas nossas histórias de vida, formação e prática docente:

Eu acho que eu sou, sei lá, o sucesso de quem pensou onde eu chegaria, o fracasso de quem idealizou um pouco mais do lugar onde cheguei. Eu sou aquele professor ruim que eu tive, que gritava, que dava bronca, que não tinha paciência e sou aquele professor bom, que abraçava, que escutava os alunos, que entendia os alunos. Eu sou professor que às vezes é carinhoso e que às vezes não é carinhoso. Sou o professor que tem paciência para sentar-se, amarrar o cadarço da criança e sou aquele que não tem paciência e ainda fala “como você ainda não sabe amarrar seu cadarço?” Eu sou o professor que escuta o aluno falando de como foi o final de semana, as férias, dos problemas de casa, do cachorrinho doente e sou o professor que estou ali, mas com a cabeça em outro mundo. Eu sou aquele professor que chora e que ri com os alunos, que dá bronca e chama atenção e às vezes tem atenção chamada pelos alunos, leva bronca e tem que pedir desculpas. Eu sou o professor que se preocupa, muitas vezes de forma demasiada, a ponto de adoecer por conta disso. De ficar triste por reprovar alunos meus e que de alguma forma eu não enxerguei aqueles alunos. Eu sou o professor que no outro ano tem que fazer um projeto para ajudar os alunos, mas na verdade foi ali que passei a enxergá-los. Sou aquele professor que não enxerga os alunos, que deixa passar. Eu sou aquele professor que as vezes os deixa falarem demais, eles conversam, eles falam, a gente brinca, eles pedem para ir ao parque e eu digo: “Vamos! Hoje nós vamos ao parque!” Sou aquele professor que fala que parque na EF não deveria acontecer sempre, que se for o caso é melhor usar a sala para fazer outra atividade. Sou o professor que chega com aquela atividade pronta, linda e maravilhosa, mas que as crianças não abrem a boca, só seguem aquilo que eu falei, todo mundo passa e olha aquela turma linda e organizada, mas por dentro você sabe o caos e que só está fazendo aquilo para não ser criticado, porque se tiver barulho e bagunça, “o professor não sabe controlar a turma”, mas ninguém sabe o que acontece naquele momento, que aquele momento é vida. É

naquele momento que eles estão mostrando o que estão aprendendo e o quanto eles gostam daquela aula, daquela atividade. Sou aquele professor que, de vez em quando, não faz uma aula boa, porque não está bem com seus problemas, tristezas, perdas e os alunos percebem que você não está bem para dar aquela aula e aí vem aquele abraço. De vez em quando você não quer e no lugar da tristeza vem a raiva, a falta de vontade de ministrar as aulas e acaba atingindo pessoas que não tem nada a ver com aquilo: seus amigos, companheiros. Eu acho que sou a mistura de tudo isso! Tudo isso me formou como pessoa.

Que as reflexões do professor Zanatan, nos ajudem a reconhecer que nossas ações humanizadoras passam pelo que vivemos e acreditamos.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (Auto)Biográfica – Tempo, Memória e Narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *A Aventura (Auto)Biográfica: teoria & empiria*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2004. p. 201-224.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- AGUIAR, Thiago Borges de; FERREIRA, Luciana Haddad. Paradigma Indiciário: abordagem narrativa de investigação. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, p. 1- 22, e74451, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/74451/43496> . Acesso em: 19 jun.2023.
- AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a Educação Física na educação infantil. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, v.20, n.4, p.53-60, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139594/134898>. Acesso em: 19 jun.2023.
- AYOUB, Eliana. Narrando experiências com a educação física na educação infantil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 26, n. 3, p. 143-158, 2005. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/165/174> . Acesso em: 19 jun.2023.
- AYOUB, Eliana. *Memórias da Educação Física na Escola: cartas de professoras*. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- BERTINI JR. Nestor; TASSONI, Elvira Cristina Martins. A Educação Física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v.27, n.3, p.467-483, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/63117/65908>. Acesso em: 19 jun.2023.
- BESSA, Bráulio. *Um carinho na alma*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- BOLÍVAR, Antonio Botia; DOMINGO, Jesús ; FERNÁNDEZ, Manuel. *La investigación biográfico-narrativa en educación – enfoque y metodología*. Madrid: La Muralla, 2001.
- BRACHT, Valter. *A Educação Física Escolar no Brasil, o que ela vem sendo e o que pode ser*. Ijuí: Unijui, 2019.
- BRANCO, Maria Luísa. O sentido da educação democrática: revisitando o conceito de experiência educativa em John Dewey. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 36, n.2, p. 599-610, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/qxbPqHT7wxWvrw4QLJkChdQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 jun.2023.
- CERASOLI, Josianne Francia. Carta de uma historiadora a sobreviventes do futuro. In *Os direitos humanos e as profissões: diálogos fundamentais*. ALMEIDA, N. A (org). BCCL/UNICAMP. *Coleção Jurema*. Campinas, v.4, n. 2, p.327-337. 2021. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/omp/index.php/ebooks/catalog/view/146/153/557>. Acesso em: 19 jun.2023.

CLANDININ, D. Jean.; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa Narrativa – Experiência e História em Pesquisa Qualitativa*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CONNELLY, F. Michael; CLANDININ, D. Jean. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: LARROSA, Jorge Bondia. *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Laertes, 1995.

COMTE-SPONVILLE, André. *Bom Dia, Angústia!* São Paulo: Martins Fontes, 3ª Ed, 2005.

CUNNION, Jeannie. *Pais amorosos, filhos felizes: a educação pelo amor é o legado mais precioso*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazare. *Psicologia e trabalho pedagógico*. São Paulo: Atual, 1997.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Notas; introdução. In: *Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 237-242.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização. Resumo de palestras realizadas em 05/1967, Santiago. *Revista Paz e Terra*. São Paulo, n.9, p.123-132, 1969. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/1128>. Acesso em: 19 jun.2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 62ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-

182, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 19 jun.2023.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e Educação: Ressignificando e politizando a raça. *Educação e sociedade*. Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, 2012a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wQQ8dbKRR3MNZDJKp5cfZ4M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jun.2023.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, Belo Horizonte, v.12, n.1, p. 98-109, 2012b. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/5298127/mod_resource/content/1/%C3%89tnico-racial%202.pdf. Acesso em: 19 jun.2023.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

GOODSON, Ivor F. *Currículo, narrativa pessoal e futuro social*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

GOODSON, Ivor Frederick; ROSA, Maria Inês Petrucci. “Oi Iv, como vai? Boa sorte na escola!” Notas (auto)biográficas constitutivas da história de vida de um educador. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 05, n. 13, p. 91-104, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7506/pdf>. Acesso em: 19 jun.2023.

HARVEY, David. *Cidades Rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

LEANDRO, Everaldo Gomes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglion. O paradigma indiciário para análise de narrativas. *Educar em Revista*. Curitiba, v. 37, p.1-28 e74611, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hk9sxtYY6BCfcHxwYm3Q8zB/>. Acesso em: 19 jun.2023.

MBEMBE, Achille. As formas Africanas de Auto Inscrição. *Estudos Afro-Asiáticos*, v.23, n.1, p. 171-209. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ddR69Y7Ptm6KDvv4tmHSvbF/abstract/?lang=pt> Acesso em: 19 jun.2023.

MCLAUGHLIN, Tom. *A máquina de histórias*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.

MELO, Fabio de. *Tempo de esperas: o itinerário de um florescer humano*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

MITCHELL, Joseph. *O segredo de Joe Gould*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NÓVOA, António. Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. *Currículo sem Fronteiras*, v. 19, n. 1, p. 198-208, 2019. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/144721612-Entre-a-formacao-e-a-profissao-ensaio-sobre-o-modo-como-nos-tornamos-professores.html>. Acesso em: 19 jun.2023.

PASSEGGI, Maria Conceição. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública em si. In *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 27-41.

PRADO, Guilherme Do Val Toledo; CUNHA, Renata Cristina Oliveira Barrichelo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: uma narrativa pedagógica de profissionais de educação. In *Memórias, memoriais: pesquisa e formação*. São Paulo: Paulus, 2008. P.135-151.

PRADO, Guilherme Do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura; SIMAS, Vanessa França. Pesquisa narrativa em três dimensões. In: *VI CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica – Modos de Viver, Narrar e Guardar*, Rio de Janeiro, v.6, p.1-13, 2014.

SARMENTO, Teresa; COSTA, Conceição Leal da. O que fazemos com o que fazem conosco... trilhar caminhos em interação. *Revista @mbienteeducação*. São Paulo: v. 12, n. 2, p. 58-71, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/62976>. Acesso em: 19 jun.2023.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação física na escola: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

VAGO, Tarcísio Mauro. Prefácio - Presença da Educação Física na escola. In: MARCASSA, L.P; JÚNIOR, A.S.A; NASCIMENTO, C.P. *Ensino de educação física e formação humana*. Curitiba: Appris, 2021. p. 7-15.

VAGO, Tarcísio Mauro. Uma polifonia da educação física para o dia que nascerá: sonhar mais, crer no improvável, desejar coisas bonitas que não existem e alargar fronteiras.

Revista Pensar a Prática. Goiânia, v.25, p.1-26, e70754. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/70754/38040>. Acesso em: 19 jun.2023.

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “Humanização nas histórias de vida, na formação e na prática docente de professores(as) de Educação Física da rede municipal de ensino de Caieiras-SP”

Pesquisador responsável: Raphael Cutis Dias

Pesquisadora Orientadora: Prof^a Dr^a Eliana Ayoub

Número do CAAE: 53205421.9.0000.8142

Prezado(a) professor(a),

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa. Este documento, chamado **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, objetiva assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador responsável.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, você pode consultar pessoas de confiança antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos: Nós, Raphael Cutis Dias, mestrando da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, e Eliana Ayoub, docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, responsáveis por este projeto de pesquisa, solicitamos sua permissão para participação nesta investigação que tem como principal objetivo “compreender o processo de humanização nas histórias de vida, na formação escolar e profissional, e na prática docente de professores(as) de Educação Física da rede municipal de ensino de Caieiras-SP”, a partir da escrita de uma carta e de conversas com o pesquisador e os(as) demais professores(as) de EF participantes. Esperamos, ao refletir com as histórias de vida e com a formação escolar e profissional dos(as) professores(as) de EF participantes, dialogar para encontrar indícios e sinais de humanização, reconhecendo momentos em que fomos bem tratados como seres humanos e que podem ter feito diferença na nossa história de vida e na maneira como agimos na nossa prática docente.

Procedimentos: Participando do estudo, você está sendo convidado(a) a narrar a sua história de vida, sua formação escolar e profissional, e suas experiências docentes, por meio da escrita de uma carta e de diálogos com o pesquisador responsável, em conversas

individuais e rodas de conversa com os(as) demais professores(as) participantes da investigação.

A carta que será redigida por você, partirá de um diálogo e uma questão disparadora sobre humanização, em que olhando para suas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais, você traga os pontos que considera relevantes. Você terá liberdade de escrever a carta da forma que julgar pertinente e poderá direcionar a um(a) interlocutor(a) de livre escolha. Será por meio da carta que o pesquisador analisará os indícios do processo de humanização que conduzirão as conversas individuais e rodas de conversa.

A conversa será gravada em aplicativo gravador de voz de aparelho celular, será transcrita para fins de análise e poderá retornar a você, caso tenha interesse, para que possa revisá-la e indicar alterações que julgar necessárias. A proposta é que a conversa aconteça no ambiente escolar onde você atua ou em ambiente que se sinta confortável, sem comprometer sua rotina profissional, com duração de aproximadamente uma (1) hora dentro da sua carga horária, dependendo do desenvolvimento do assunto e intervenções feitas pelas partes. Podendo, inclusive, ser marcada uma nova conversa para continuidade do diálogo. Os excertos da carta e da conversa que serão citados na pesquisa passarão por um processo de textualização, no qual serão corrigidos erros ortográficos ou gramaticais.

As rodas de conversa acontecerão após todas as conversas individuais, no momento oportuno para os(as) participantes da pesquisa, em ambiente comum e confortável para todos(as), de preferência uma escola ou a sede da Secretaria de Educação de Caieiras-SP. Os diálogos terão relação com as experiências vividas, as histórias de vida, formação escolar e profissional, prática docente e os indícios de humanização nesses campos. Elas também serão gravadas, transcritas e os excertos passarão por processo de textualização.

Temos o compromisso de só iniciar essas etapas da investigação após aprovação do **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)**.

Os dados desta pesquisa (cartas, áudios, transcrições) serão armazenados em ambiente de “nuvem” online (google drive), vinculada a conta de e-mail do pesquisador, pelo período de 5 anos e poderá ser compartilhada com você, caso tenha interesse.

Desconfortos e riscos: Por se tratar de um período de incertezas diante do quadro de pandemia, caso tenhamos encontros presenciais, será necessário o uso de máscara e demais procedimentos recomendados pelas autoridades de saúde, para evitar o risco de contaminação com o COVID-19. Para além disso, o presente estudo não representará riscos físicos ou psicológicos e não causará desconfortos previsíveis aos participantes. A qualquer momento você é livre, se assim desejar, de abster-se na continuidade da pesquisa, sem que isto acarrete algum prejuízo ou represália.

Benefícios: Este estudo não trará benefícios econômicos diretos aos participantes envolvidos na pesquisa e os benefícios indiretos obtidos serão de ordem pedagógico-científica, o que pode contribuir com ações futuras em torno da sua história de vida e na sua prática profissional junto com os(as) estudantes.

Sigilo e privacidade: Como você participará de uma roda de conversa com os(as) demais participantes, não é possível garantir o sigilo absoluto de sua identidade e das informações que serão dadas durante essa discussão. As informações da sua carta e das conversas individuais serão mantidas em sigilo pelo pesquisador e sua orientadora. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome só será citado caso seja do seu interesse.

() NÃO desejo que meu nome seja citado nessa pesquisa.

() Gostaria de ter meu nome citado nessa pesquisa.

Ressarcimento e indenização: Pela participação, você não receberá qualquer valor em dinheiro e terá a garantia de que todas as despesas necessárias à realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Acompanhamento e assistência: A qualquer momento você poderá entrar em contato com o pesquisador que ficará à disposição para esclarecimento e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa por meio dos contatos abaixo. Você receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Contatos: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, se precisar consultar esse registro de consentimento ou quaisquer outras questões, você poderá entrar em contato com a Equipe de Pesquisadores pelas vias abaixo listadas:

Raphael Cutis Dias (Pesquisador Responsável)

Mestrando em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp.

Avenida Bertrand Russell, 801. Cidade Universitária “Zeferino Vaz” CEP: 13083-865 - Campinas/SP.

Telefone: (11) 96814-3115

E-mail: raphaelcutis@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8782608267090401>

Profa. Dra. Eliana Ayoub (Pesquisadora Orientadora)

Professora da Faculdade de Educação da Unicamp

Avenida Bertrand Russell, 801. Cidade Universitária “Zeferino Vaz” CEP: 13083-865 - Campinas/SP.

Telefone: (19) 3521-5578

E-mail: ayoub@unicamp.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2470414774023261>

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da Unicamp das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br. Havendo a necessidade de intermediação da comunicação em Libras você pode fazer contato com a Central TILS da Unicamp no site <https://www.prg.unicamp.br/tils/>.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Consentimento livre e esclarecido: Após ter sido esclarecido(a) sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar. Se desejar, posso abster-me da participação no estudo sem quaisquer prejuízos. Declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo Pesquisador Responsável e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do(a) participante:

Assinatura da participante:

Data: ____ / ____ / ____

Responsabilidade do Pesquisador Responsável: Asseguro ter cumprido as exigências da resolução CNS/MS 510/2016 e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar os

dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo(a) participante.

Assinatura do Pesquisador Responsável:

Data: ____/____/____

APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO DE INTERESSE ENVIADO AOS(ÀS) PROFESSORES(AS)

Olá professor e professora! Sou o professor Raphael Cutis, mestrando em Educação, da Faculdade de Educação da UNICAMP. Desde julho de 2021 estou acompanhando as ações nas vossas formações semanais e meu desejo é seguir colaborando! No próximo semestre, além das formações, precisarei aprofundar um pouco mais no meu objeto de pesquisa, que trata do "processo de humanização na formação de professores(as) de Educação Física". Para isso pretendo dialogar com aqueles e aquelas que se voluntariarem.

Serão diálogos sobre nossa visão de mundo, educação física, sociedade, o papel do/da professor(a), troca de experiências e inquietações sobre o que envolveu nossa graduação e envolve nossa prática docente. Além, é claro, dos temas que surgirem nos nossos diálogos.

Como preciso cumprir alguns prazos para a pesquisa e entender qual a melhor forma de desenvolver os diálogos, gostaria de saber quem tem interesse de colaborar com a pesquisa e então planejar os próximos passos.

Agradeço a disponibilidade de responder esse questionário! É bem rápido!

1. Você tem interesse em colaborar com a pesquisa? Sim () Não ()
2. Qual seu nome completo? Como gosta de ser chamado/a?
3. Qual o email que você mais usa?
4. Você se considera?
 - a. Branco(a)
 - b. Preto(a)
 - c. Pardo(a)
 - d. Indígena
5. O que melhor te representa?
 - a. Homem
 - b. Mulher
 - c. Lgbtqia+
6. Em que ano você se graduou?
7. Qual seu campo de atuação?
8. Quais são suas dúvidas sobre a pesquisa?
9. Comentários adicionais
10. Se tiver respondido “não”, sinalize suas dúvidas e deixe seu email que te responderei

APÊNDICE 3

QUESTIONÁRIO DA RODA DE CONVERSA

Se pensarmos desde a sua infância até suas aulas nos dias de hoje, como as pessoas suas relações influenciaram na sua prática docente? Você considera suas aulas humanas, acolhedoras, respeitosas? Elas proporcionam encontros com o outro e com as histórias de vida? Quais são os exemplos desses acontecimentos?

Como você avalia sua relação com os(as) estudantes? Como o sistema interfere nessas relações? De que maneira podemos melhorar esses encontros? Onde encontramos a esperança de ações mais humanas?

Como você percebe o(a) estudante nas suas aulas? Ele(a) tem espaço para ajudar no desenvolvimento das aulas? Como as experiências de vida que trazem para a aula se articulam com o conhecimento técnico e específico da EF?

Como os problemas sociais são discutidos nas aulas de EF? Qual o prestígio da EF para buscar soluções? Somos reconhecidos? Por quê?

Qual a relevância das aulas de educação física para a comunidade educacional?

É demérito reduzir a educação física apenas ao domínio de conteúdo?

Por que existe diferença da formação profissional na universidade pública e na privada? Como ela pode tocar na vida dos(as) estudantes da educação básica? É possível que nossos exemplos contribuam na transformação do território educacional por meio dos(as) estudantes? Se sim, de que maneira?

Podemos afirmar que temos uma geração competitiva, discriminatória e intolerante com o que é “diferente”? Por quê?

Como reforçar a importância da humanização no trato com a pessoa humana, num cenário social excludente?

Como os estudos da formação continuada nos ajudam a refletir criticamente a realidade e a vida dos(as) estudantes e a nossa própria vida e prática docente?

ANEXO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: HUMANIZAÇÃO NAS HISTÓRIAS DE VIDA, NA FORMAÇÃO E NA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAIEIRAS-SP Pesquisador: RAPHAEL CUTIS DIAS Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 53205421.9.0000.8142

Instituição Proponente: Faculdade de Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.146.737

Apresentação do Projeto:

- Resumo

Esta pesquisa surge da inquietação a partir das experiências vivenciadas durante dois momentos da história de vida do pesquisador, especificamente em ambientes universitários distintos, em que projetos pedagógicos díspares possibilitaram perceber a atuação profissional particular e de colegas professores(as) de Educação Física (EF). O objetivo desta investigação consiste em “compreender” o processo de humanização nas histórias de vida, na formação escolar e profissional, e na prática docente de professores(as) de Educação Física da rede municipal de ensino de Caieiras-SP. A hipótese é que a ação humanizada e dialógica nas histórias de vida e na formação escolar e profissional (inicial e continuada) desses(as) professores(as) de EF, aparece de diferentes formas, com maior ou menor visibilidade, sendo necessária uma atenção especial aos indícios que constituem esses processos. Se faz necessário voltar a atenção para o ser humano que busca na sua formação e na sua prática docente refletir de que maneira suas ações têm contribuído e mobilizado para o encontro com outro ser humano, seu corpo, sua história de vida e suas experiências.

Esse estudo favorecerá que professores(as) de EF, ao atentarem para suas histórias de vida e formação escolar e profissional, reconheçam os indícios e sinais de humanização, reflitam a respeito da sua prática docente e de que maneira promovem (ou não) essa dimensão humanizadora nas suas aulas de EF escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com inspiração na pesquisa narrativa, a qual será realizada de maneira dialógica e

colaborativa. A escolha dos sujeitos se dará, após autorização da secretária de educação, por intermédio do(a) orientador(a) especialista em EF da Secretaria Municipal de Educação de Caieiras-SP. A proposta é que seja um grupo que não ultrapasse o número de dez voluntários(as), que aceitem participar e assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 1). Os dados/achados da pesquisa serão produzidos por meio de encontros com os(as) professores(as) participantes, os quais envolverão diálogos por meio de conversas individuais, rodas de conversa coletivas, escrita de cartas e registros em diário de campo. Espera-se, igualmente, incentivar a produção de narrativas escritas, no formato de cartas, em que os(as) professores(as) de EF de Caieiras-SP tragam reflexões sobre as suas histórias de vida e formação; compreender se o(a) professor(a) de EF traz na sua prática docente ações libertadoras que contribuam com a tomada de consciência da sua humanização e dos(as) estudantes; encontrar novas possibilidades de atuação a partir das reflexões de outros(as) autores(as) sobre os temas dessa investigação (humanização, histórias de vida, formação de professores(as) e EF).

- Hipótese

A hipótese é que a ação humanizada e dialógica nas histórias de vida e na formação escolar e profissional (inicial e continuada) do(a) professor(a) de EF, aparece de diferentes formas, com maior ou menor visibilidade, sendo necessária uma atenção especial aos indícios que constituem esses processos. E, ainda, que essa ação contribui para que as trocas com o(a) estudante, durante as aulas de EF, seja mais atento e reflexivo no sentido de contribuir para a tomada de consciência da humanização nas relações que nos constituem como seres humanos.

- Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com inspiração na pesquisa narrativa (PRADO, SOLIGO e SIMAS, 2014; GOODSON, 2019; GOODSON e ROSA, 2020) que tem como relevância social a possibilidade do(a) participante, ao observar sua prática docente e refletir sobre suas ações, desenvolver interações mais humanas, sensíveis e reflexivas com e na comunidade escolar e sociedade, com o devido respeito às suas histórias de vida e experiências, rompendo com ações automáticas do cotidiano das aulas de EF escolar, para que de maneira dialógica e colaborativa, a resolução de problemas e transformação pessoal e social possam ocorrer.

Os(as) potenciais voluntários(as) participantes da pesquisa serão os(as) professores(as) de educação física escolar da rede municipal de ensino de Caieiras-SP, pelo fato de atuarem no campo de formação profissional do pesquisador e pela possibilidade de proximidade com as experiências vividas ao longo da formação escolar e profissional, o que

favorecerá o diálogo entre as partes. Serão escolhidos a partir de um contato prévio e pessoal com o pesquisador, intermediado pelo(a) orientador(a) especialista da Secretaria Municipal de Educação de Caieiras-SP, durante o momento de formação pedagógica dos(as) professores(as) de EF, onde o pesquisador falará sobre o projeto de pesquisa e convidará os(as) interessados(as) em participar para um novo encontro, individual, em que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 1) será apresentado detalhadamente e as possíveis dúvidas esclarecidas pelo próprio pesquisador responsável, de maneira dialógica e colaborativa. Os dados/achados da pesquisa serão produzidos por meio de encontros com os(as) professores(as) participantes, os quais envolverão diálogos por meio de conversas individuais, rodas de conversa coletivas, escrita de cartas e registros em diário de campo.

As conversas serão realizadas de maneira aberta, numa perspectiva dialógica e, preferencialmente, de forma presencial. Tanto as conversas individuais como as rodas de conversa serão gravadas em aplicativo de gravação de voz de celular, as quais serão transcritas para fins de análise e disponibilizadas para os(as) participantes para possível revisão e alterações que julgarem necessárias. E serão feitos registros no meu diário de campo. Os excertos da carta e da conversa que serão citados na pesquisa passarão por um processo de textualização, no qual serão corrigidos erros ortográficos ou gramaticais.

No primeiro encontro com cada docente, será feita a apresentação do pesquisador, do(a) participante e da pesquisa. Em seguida, será apresentada a seguinte questão: “Olhando para a sua história de vida e para as experiências ao longo da sua formação escolar e profissional, bem como para a sua prática docente, quais experiências, momentos e encontros contribuíram para que você se tornasse o(a) educador(a) que hoje é?” A partir dessa indagação, o(a) professor(a) participante será convidado(a) a redigir uma carta, de forma que julgar pertinente, sobre sua história de vida, olhando para suas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais, destacando os pontos que considera mais relevantes. Essa carta poderá ser dirigida a um(a) interlocutor(a) de livre escolha, que o(a) acompanhará em sua aventura narrativa (AYOUB, 2021). A carta será enviada posteriormente ao pesquisador num prazo de até 15 dias.

Após o recebimento da carta, em momento oportuno e conforme disponibilidade, será agendado um segundo encontro com cada participante, no qual continuaremos os diálogos, à luz da problematização da temática desse projeto, da narrativa escrita na carta e de outras inquietações que surjam.

Importante enfatizar que a expectativa é que as conversas sejam respeitadas, reflexivas e feitas “com” o(a) professor(a) participante, no ambiente escolar de atuação ou ambiente em que se sinta confortável, com duração de aproximadamente uma (1) hora dentro

da sua carga horária, sem comprometer a rotina profissional, no desejo de que ele(a) participe do processo e juntos possamos trazer novos sentidos e significados para a prática docente, a partir do que somos como humanos–professores(as), ultrapassando a visão acadêmica da pesquisa.

Ainda, após todas as conversas individuais e em momento viável eleito pelo grupo de sujeitos da pesquisa, em ambiente comum para todos(as), faremos algumas rodas de conversa, para partilha das experiências vividas, as histórias de vida, formação escolar e profissional, prática docente, experiências durante a investigação e diálogos sobre o tema central dessa pesquisa: “o processo de humanização nas histórias de vida, na formação escolar e profissional, e prática docente de professores(as) de EF”. Elas também serão gravadas, transcritas e os excertos passarão por processo de textualização.

Paralelo às narrativas, conversas individuais e rodas de conversa, a partir de uma revisão bibliográfica, o diálogo com autores e autoras que escrevem sobre a temática do projeto, auxiliará na compreensão sobre o que acontece em outros e diferentes cenários, bem como as possibilidades de ação para a construção de uma EF mais humanizada em que se manifestem possíveis “inéditos viáveis” (FREIRE, 1994).

A análise dos dados/achados será feita com base no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). Ao mergulhar nas narrativas entretecidas com os sujeitos da pesquisa, temos a intenção de encontrar indícios, sinais, vestígios que nos possibilitem aprofundar o tema central da investigação: o processo de humanização.

- Critérios de Inclusão quando houver.

O contato para a escolha dos sujeitos se dará, após autorização da secretária de educação (apêndice 3) e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética. A proposta é constituir um grupo com até dez voluntários(as), que aceitem participar da investigação por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 1). Pelo foco da investigação estar nas diferentes histórias de vida e experiências com a formação escolar e profissional, pretendemos aceitar até dez participantes que se voluntariarem, número que consideramos apropriado para uma pesquisa qualitativa na qual pretendemos conhecer e aprofundar as histórias peculiares de cada sujeito.

Objetivo da Pesquisa:

objetivo primário

Compreender o processo de humanização nas histórias de vida, na formação escolar e profissional, e na prática docente de professores(as) de Educação Física da rede municipal de ensino de Caieiras-SP.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

riscos

Conforme informado, “os riscos ou desconfortos serão minimizados”, já que a pesquisa ocorrerá “no ambiente de atuação profissional do(a) participante ou em local de sua escolha”.

benefícios

Considera-se como benefício os de “de ordem pedagógico-científica”, pois a pesquisa poderá “contribuir com ações futuras em torno da história de vida do(a) participante e na sua prática profissional”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de Mestrado de Raphael Cutis Dias, sob orientação de Eliana Ayoub e sediada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

A pesquisa prevê a abordagem a 10 participantes para diálogos sobre as experiências vividas ao longo das histórias de vida, formação escolar e profissional e prática docente, que serão gravados em aplicativo de gravação de voz de celular, as quais serão transcritos para fins de análise e disponibilizadas para os(as) participantes para possível revisão e alterações que julgarem necessárias, e ocorrerão a partir do primeiro semestre de 2022. Os participantes serão os(as) professores(as) de educação física escolar da rede municipal de ensino de Caieiras-SP.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A Folha de Rosto Para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos foi devidamente preenchida e assinada pelo pesquisador. Não há patrocinadores previstos para este projeto.

As informações preenchidas pelo pesquisador na Plataforma Brasil indicam que este projeto é de responsabilidade da Faculdade de Educação da Unicamp, enquadrado na grande área das Ciências Humanas.

O orçamento informado é de R\$450,00, relacionados a despesas de deslocamento aos locais das conversas e roda de conversa e com papéis e impressões.

O cronograma prevê a coleta de dados no período entre 01/02/2022 e 30/06/2022.

Há também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em formato PDF com as devidas descrições e garantias ao participante, apresentação do currículo lattes e o comprovante de vínculo do pesquisador com a Unicamp.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

1) O TCLE:

1a) garante de modo taxativo o sigilo, mas a pesquisa usa critérios de inclusão muito restritos (professores(as) de educação física escolar da rede municipal de ensino de

Caieiras-SP). Ademais, considerando que se trata de roda de conversa com os demais participantes, não há sigilo dentro deste grupo.

1b) Deve apresentar compromisso explícito de que a pesquisa só se iniciará após aprovação.

1c) No item “Sigilo e privacidade” do TCLE recomendamos adequação da redação, uma vez que não há como garantir, dentro dos termos da pesquisa, que a identidade do participante será mantida em sigilo.

1d) Inserir o CAAE no TCLe, agora que está disponível.

Considerações Finais a critério do CEP:

As adequações citadas acima, assim como quaisquer eventuais alterações na atual versão do protocolo, devem ser respondidas em carta resposta. Esta carta deve ser numerada conforme a numeração das pendências apontadas (ex. 1, 2, 3a..). Cada tópico deve conter a resposta à pendência seguido das alterações realizadas para saná-la. Ademais, os documentos modificados devem ter as alterações destacadas (ex. tarja amarela sobre o texto alterado).

Cartas não numeradas, cartas que não contenham resposta + solução clara para cada um dos questionamentos e a submissão de documentos sem destaque das alterações

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor		Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1852228.pdf	10/11/2021 20:39:45			Aceito
Parecer Anterior	CartaResposta_RaphaelCutis_CEP.pdf	10/11/2021 19:59:57	RAPHAEL CUTIS DIAS		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodepesquisa_RaphaelCutis_CEP_101121.pdf	10/11/2021 19:58:43	RAPHAEL CUTIS DIAS		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_RaphaelCutis_CEP.pdf	10/11/2021 19:56:44	RAPHAEL CUTIS DIAS		Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_RaphaelCutisDias_1571064.pdf	04/11/2021 09:20:54	RAPHAEL CUTIS DIAS		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaracaodaSMEdeCaieirasSP.pdf	01/11/2021 17:17:56	RAPHAEL CUTIS DIAS		Aceito
Declaração de Pesquisadores	relatorioMatricula2SEM2021.pdf	01/11/2021 16:50:36	RAPHAEL CUTIS DIAS		Aceito

podem atrasar a relatoria ou mesmo retornar com as mesmas pendências em razão da não resposta e da dificuldade de localização dos trechos alterados.

Quaisquer alterações além das sugestões e das soluções das pendências apontadas também devem ser indicadas em carta resposta e destacadas nos documentos. Alterações encobertas (não ressaltadas pelos pesquisadores) entre as diferentes versões do protocolo serão consideradas inválidas em eventuais auditorias pelo sistema CEP-CONEP.

Ao responder a esta pendência eliminar todos os documentos não adequados, substituindo-os pelas versões atualizadas. Do contrário, mesmo que todas as pendências sejam solucionadas, o

Página 06 de

protocolo seguirá em pendência por conter documentação irregular.

OBS.: Neste momento o protocolo já possui um CAAE. É indispensável a inserção do CAAE ou do Número do Parecer no TCLE antes de iniciar a pesquisa. Do contrário, o pesquisador não terá informado dados suficientes para que os participantes possam conferir o status deste protocolo junto à Plataforma Brasil.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Página 07 de

CAMPINAS, 05 de dezembro de 2021

Assinado por:

Thiago Motta Sampaio

(Coordenador(a))